

NA COMPANHIA DOS IMORTAIS

Armando Negreiros

SUMÁRIO

Apresentação

Foto

Agradecimento

História da Academia

Da Fundação.....	4
Aumento do quadro de 25 para 30.....	5
Aumento do quadro de 30 para 40.....	6
Características de algumas cadeiras.....	6
Das Revistas da Academia.....	7
Da construção da sede.....	21
Patronos e acadêmicos	22
O quadro atual da ANL.....	28
Presidentes da ANL.....	29

O dia-a-dia na ANRL, resumo de atas

Atas das primeiras sessões preparatórias, 1936 a 1937.....	30
A ANRL em 1938.....	34
A ANRL em 1939.....	36
A ANRL em 1941.....	39
A ANRL em 1943.....	40
A ANRL em 1944.....	45
A ANRL em 1946.....	46
A ANRL em 1947.....	52
A ANRL em 1949.....	52
A ANRL em 1950.....	57
A ANRL em 1951.....	58
A ANRL em 1954.....	59
A ANRL em 1955.....	60
A ANRL em 1956.....	62
A ANRL em 1957.....	62
A ANRL em 1958.....	63
A ANRL em 1960.....	63
A ANRL em 1963.....	64
A ANRL em 1964.....	65
A ANRL em 1967.....	65
A ANRL em 1968.....	
A ANRL em 1969.....	
A ANRL em 1970.....	67
A ANRL em 1971.....	68
A ANRL em 1998.....	
A ANRL em 1999.....	
A ANRL em 2000.....	
A ANRL em 2001.....	
A ANRL em 2002.....	89
A ANRL em 2003.....	92

Posses e Saudações93

Regimento Interno e Estatutos da ANRL.....93

Discurso de Posse na cadeira 14 (por Armando Negreiros)106

O Patrono, Joaquim Fagundes	
O Fundador, Antonio Fagundes.....	
Raul Fernandes, o último ocupante.....	
Resumo biográfico	
Da Alemanha ao Brasil no maior dirigível	
Vesúvio, o vulcão traíçoeiro	
Na Alemanha.....	
Entrevista ao Dois Pontos.....	
Homenagem à Família (por Armando Negreiros).....	

Discurso de Recepção (por Sanderson Negreiros)124**Anexos**

1. A propósito de Raul Fernandes (por Jurandir Navarro)	128
2. Primeira entrevista de Raul à TV Universitária	131
3. Segunda entrevista de Raul à TV Universitária	153
4. A propósito de seu Rafael	
Uma chama que não se apaga - (Armando Negreiros)	181
O velho Rafa Negreiros – (Antonio Maia)	188
Uma breve biografia – (Armando Negreiros).....	189

APRESENTAÇÃO

A imortalidade reside na lembrança, sempre renovada, daqueles que já se foram. Paradoxalmente, ou por pura ironia, imortal mesmo é aquele que já morreu. Os que estamos vivos apenas garantimos uma promessa de sermos lembrados pelos que irão nos suceder.

Até quando?

A lista dos ocupantes de uma mesma cadeira vai crescendo, de tal forma que, em algum tempo, se tornará impossível ao novo sucessor homenagear a todos. O patrono, este sim, será sempre lembrado, embora jamais tenha sonhado com a imortalidade, pois nunca ocupou a cadeira que tem o seu nome.

O presente trabalho não pretende contar toda a história da Academia Nortério-grandense de Letras - ANRL. Apenas alguns momentos que julgamos mais importantes, como a fundação; o aumento do quadro de vinte e cinco para trinta e, posteriormente, para quarenta cadeiras; a *prodigalidade* de algumas destas cadeiras; o conteúdo dos principais números da Revista da ANRL; a construção da sede; a relação dos patronos e acadêmicos; o regimento interno e os estatutos da ANRL.¹

Há também a reprodução e o resumo de algumas atas de momentos importantes da ANRL.

Numa segunda parte reproduzimos o nosso discurso de posse; a saudação feita por Sanderson Negreiros; o necrológio de Raul Fernandes por Jurandyr Navarro; a reprodução de duas entrevistas de Raul, uma em 1980 – Memória Viva - e a outra em 1990 – Espaço Cultural, ambas na TV Universitária.

Finalmente prestamos uma homenagem a Rafael Negreiros, com quem dividimos, *in memoriam*, a ilusão da imortalidade.

¹ Dentro em breve será lançado o terceiro volume do livro **Patronos e Acadêmicos**, o qual fomos incumbidos de organizar, contendo biografia e um texto escolhido de quarenta e sete acadêmicos. Será uma atualização a respeito dos integrantes - vivos ou não - da instituição. No primeiro volume, como se sabe, estão os quarenta Patronos, no segundo, sessenta e um Acadêmicos, ambos organizados por Veríssimo de Melo.

DA FUNDAÇÃO

No dia 14 de novembro de 2003 a Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANRL) completa 67 anos. Os dados disponíveis até a data em que concluímos este trabalho, nos permitem constatar que já se tornaram imortais 108 escritores, além dos 40 patronos, escolhidos em homenagem póstuma pelos primeiros ocupantes das cadeiras, ou seja, os fundadores. A numeração das cadeiras, de um a quarenta, é feita pela ordem cronológica dos patronos. O estatuto e o regimento interno procuram seguir os da Academia Francesa de Letras.

A ANL foi fundada por um grupo liderado por Luís da Câmara Cascudo. Apesar de Cascudo referir a data de 15 de maio de 1937 como estando a Academia regularmente instalada, no Instituto de Música, a data da sua fundação é considerada, de fato, 14 de novembro de 1936, ocasião em que foi lavrada a primeira ata.

Em 28 de novembro desse último ano o mesmo Câmara Cascudo submete ao julgamento da Academia quatro propostas de lema, organizados pelo padre Luiz Monte, sendo o primeiro: **Ad lucem versus**; o segundo: **Dúctor in altum**; o terceiro: **Viteus lumi, sidera corpe**; o quarto: **Tellus premat artus, tráhant sidera vérticem**. Depois de discutidos, é aceito o primeiro, que significa **em direção à luz (rumo à luz, em busca da luz)**.

Somente na sessão de 27 de abril de 1938, após algumas modificações, foi determinada a relação dos 25 fundadores que escolheram os seus respectivos patronos e assim ficou a mesma constituída, relacionados igualmente os fundadores:

PATRONOS

1. Frei Miguelinho (1768 – 1817)
2. Nísia Floresta (1804 – 1885)
3. Brito Guerra (1818 – 1896)
4. Lourival Açucena (1827 – 1907)
5. Moreira Brandão (1828 – 1895)
6. Luis Carlos Wanderley (1831 – 1890)
7. Ferreira Nobre (1833 – 1889)
8. Isabel Gondim (1839 – 1933)
9. Almino Alves Afonso (1840 – 1893)
10. Elias Souto (1848 – 1906)
11. João Maria (1848 – 1905)
12. Amaro Cavalcanti (1849 – 1922)
13. Luiz Fernandes (1856 – 1935)

14. Joaquim Fagundes (1856 – 1877)
15. Pedro Velho (1856 – 1907)
16. Segundo Wanderley (1860 – 1909)
17. Ribeiro Dantas (1862 – 1931)
18. Augusto Severo (1864 – 1902)

19. Ferreira Itajubá (1876 – 1912)
20. Auta de Souza (1876 – 1901)
21. Antonio Marinho (1878 – 1902)
22. Leão Fernandes (1881 – 1920)

FUNDADORES

- Adauto Câmara (1898 – 1952)
 Henrique Castriciano (1874 – 1947)
 Otto Guerra (1912 - 1996)
 Virgílio Trindade (1887 - 1969)
 Edgar Barbosa (1909 - 1976)
 Carolina Wanderley (1891 - 1975)
 Antonio Soares (1879 -1973)
 Matias Maciel Filho (1879 – 1965)
 Nestor Lima (1887 – 1959)
 Bruno Pereira (1896 - 1979)
 Januário Cicco (1881 – 1952)
 Juvenal Lamartine (1874 – 1956)
 Luís da Câmara Cascudo (1898-1986)
 Antonio Fagundes (1896 - 1982)
 Sebastião Fernandes(1880 – 1941)
 Francisco Palma (1875 – 1952)
 Dioclécio D. Duarte (1894 - 1975)
 Waldemar de Almeida (1904 - 1975)
 Clementino Câmara (1888 – 1954)
 Palmira Wanderley (1894 - 1978)
 Floriano Cavalcanti (1895 - 1973)
 Padre Luiz Monte (1905 – 1944)

23. Antonio Glicério (1881 – 1921)

24. Gothardo Neto (1881 – 1911)

25. Ponciano Barbosa - 1889 – 1919

Bezerra Júnior (1897 – 1957)

Francisco Ivo Cavalcanti (1886 -
1969)

Aderbal de França (1895 - 1974)

Observação: todos os 25 Acadêmicos listados na coluna da direita foram os fundadores da ANRL no dia 14 de novembro de 1936.

AUMENTO DO QUADRO DE 25 PARA 30

O quadro da Academia seria aumentado para 30 membros em 22 de julho de 1943. Foi objeto da ordem do dia a eleição dos cinco novos acadêmicos para as cadeiras recém-criadas, ficando com a seguinte composição:

PATRONOS

26 – Manoel Dantas (1867 – 1924)

27 - Aurélio Pinheiro (1882 – 1938)

28 - Padre João Manoel (1841 – 1899)

29 - Armando Seabra (1892 – 1920)

30 – Mons. Augusto Franklin (1842 – 1906)

FUNDADORES

José Augusto Bezerra de Medeiros
(1844-1971)

Américo de Oliveira Costa (1910 -
1996)

Paulo de Viveiros (1908 - 1979)

Esmeraldo Siqueira (1908 - 1987)

Manoel Rodrigues de Melo (1912 -
1996)

AUMENTO DO QUADRO DE 30 PARA 40

A nova mudança de estatutos ocorreria em 16 de março de 1957, no seu artigo segundo, que dispõe que a Academia ficará composta de 40 patronos, havendo assim um aumento de 10 cadeiras. Na reunião de 31 de março de 1957, foram votados os patronos, após breve discussão, se poderiam ser escolhidos nomes que já constavam da Academia Potiguar de Letras (APL). Após votação ficou definido que os eleitos seriam nomes que não figurassem na APL.

Os nomes escolhidos são os seguintes: José da Penha, José Leão Ferreira Souto, João Carlos Wanderley, Francisco Fausto, Tarquínio de Souza Amarante, Abner de Brito, Padre Brito Guerra, Comendador Joaquim Guilherme, Galdino Lima e João Lindolfo Câmara.

A primeira cadeira a ser preenchida, das 10 novas criadas, foi a que hoje leva o número 32, no dia 26 de agosto de 1960, cujo patrono é Francisco Fausto. Para ocupá-la foi eleito Tércio Rosado Maia. Nesse mesmo dia foi eleito o coronel Umberto Peregrino para a vaga deixada por Eloy de Souza na cadeira 15.

Para a segunda cadeira, de número 31, foi eleito José Melquíades, cujo patrono é Padre Brito Guerra. Em assembléia extraordinária no dia 8 de outubro de 1964, sendo candidato único Alvamar Furtado de Mendonça foi o mesmo eleito para a cadeira 34, cujo patrono escolhido foi José da Penha. Só tomaria posse em 14 de novembro de 1969.

Apenas em 13 de abril de 1967, houve Assembléia Geral para o preenchimento das demais cadeiras. Estavam presentes os acadêmicos Manoel Rodrigues de Melo, Francisco Ivo Cavalcanti, Bruno Pereira, Edgar Barbosa, Esmeraldo Siqueira, Rômulo Wanderley, Otto Guerra, Veríssimo de Melo e Câmara Cascudo. Sobre a mesa encontravam-se quinze sobrecartas em envelopes lacrados, remetidos pelos acadêmicos Onofre Lopes da Silva, Hélio Galvão, Antonio Soares de Araújo, Palmira Wanderley, Virgílio Trindade, Carolina Wanderley, Américo de Oliveira Costa, Antonio Fagundes, Nilo Pereira, Umberto Peregrino, José Augusto Bezerra de Medeiros, Dioclécio Duarte, Raimundo Nonato da Silva, Dom José Adelino Dantas e Waldemar de Almeida, perfazendo assim, um total de 24 votos. Não foi apurado o voto do acadêmico Antonio Fagundes, pelo fato de o mesmo haver remetido a sobrecarta sem a cédula de votação. Concluídos os trabalhos verificou-se o seguinte resultado:

Edinor Avelino e Sanderson Negreiros, 19 votos cada um; Com 18 sufrágios João Medeiros Filho e Raimundo Nonato Fernandes; João Batista Cascudo Rodrigues e Newton Navarro, 17 votos, cada; José Tavares da Silva, 15 votos e Oswaldo de Souza 14 votos, sendo, portanto, os oito eleitos por maioria absoluta.

Foram ainda votados: Zila Mamede, 10; João Carlos de Vasconcelos e Oswaldo Lamartine, 8 votos, cada; Dom Nivaldo Monte, 5; Vingt-un Rosado, 3; Ney Leandro de Castro, 2 e, com 1 voto, Jaime dos Guimarães Wanderley, Augusto Severo Neto, Mariano Coelho, Cosme Lemos, Cônego Luis Wanderley, Berilo Wanderley, Deífilo Gurgel, Aluisio Alves, Manoel Onofre Júnior e Antídio de Azevedo.

Em reunião realizada em 27 de abril de 1967, o presidente Manoel Rodrigues de Melo enfatizou que, “de acordo com o Regimento Interno da Academia, os candidatos eleitos tinham liberdade de escolher os seus patronos, motivo por que concedia a palavra a qualquer dos presentes para a indicação do nome do seu patrono.” Assim foram preenchidas as dez vagas, (completadas com os nomes dos acadêmicos José Melquíades e Tércio Rosado Maia, escolhidos em anos anteriores) como se pode ver na coluna da direita :

31 – Padre Brito Guerra (1777 – 1845)
 32 – Francisco Fausto (1861 – 1931)
 33 – Tonheca Dantas (1872 – 1940)
 34 – José da Penha (1875 – 1914)
 35 – Juvenal Antunes (1883 – 1941)
 36 – Benício Filho (1886 – 1949)
 37 – Jorge Fernandes (1887 – 1953)
 38 – Luis Antonio (1890 – 1961)
 39 – Damasceno Bezerra (1902 – 1947)
 40 – Afonso Bezerra (1907 – 1930)

José Melquíades
 Tércio Rosado Maia
 Oswaldo de Souza
 Alvamar Furtado
 Edinor Avelino
 João Medeiros Filho
 Newton Navarro
 José Tavares
 Raimundo Nonato Fernandes
 Sanderson Negreiros

CARACTERÍSTICAS DE ALGUMAS CADEIRAS

Na nossa ANRL existem cadeiras pródigas em número de ocupantes:

Com cinco acadêmicos, temos duas: a nove, cujo patrono é Almino Afonso, já acomodou: Nestor Lima, Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Júnior e tem como ocupante atual Dorian Gray Caldas. Empatada com ela temos a onze, do Padre João Maria, que teve como Fundador Januário Cicco e sucessores, Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, João Fagundes de Menezes e Paulo de Tarso Correia de Melo, que em tom jocoso declarou-se temeroso em tomar posse.

Com quatro acadêmicos, temos cinco: a número um, que teve como Patrono Padre Miguelinho e fundador Adauto Câmara. Os sucessores: Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza e o atual, Cláudio Emerenciano; a quinze – Pedro Velho, (Patrono), Sebastião Fernandes, Antonio Pinto, Eloy de Souza e Umberto Peregrino (****) -; a vinte e dois – Leão Fernandes, (Patrono), padre Luis Monte, Dom José Adelino, padre Jorge O’Grady de Paiva e o atual ocupante padre José Mário -; a vinte e três – Antonio Glicério, (Patrono), Bezerra Júnior, Othoniel Menezes, Jaime dos Guimarães Wanderley e, atualmente, Iaperi Araújo -; a vinte e quatro – Gothardo Neto, (Patrono), Francisco Ivo Cavalcante, Antídio Azevedo, Antonio Soares Filho e o atual Tarcisio Medeiros.

As demais têm três acadêmicos (14 cadeiras) ou dois (17 cadeiras). Permanecem com os fundadores apenas as duas últimas cadeiras: a trinta e nove, fundada por Raimundo Nonato Fernandes, que escolheu como patrono Damasceno Bezerra e a quarenta, fundada por Sanderson Negreiros e cujo patrono é Afonso Bezerra.

DAS REVISTAS DA ACADEMIA NORTE - RIO - GRANDENSE DE LETRAS

A primeira revista da ANRL foi editada no ano de 1951 por Nestor Lima que, no editorial “Cumprimento de um voto”, afirmou: “A ANRL apresenta hoje ao povo do Estado o primeiro número da sua Revista, que é o órgão de imprensa destinado a afirmar a sua existência nos domínios das letras potiguares”.

Nela estão contidos os discursos feitos por Edgar Barbosa a Moreira Brandão; Juvenal Lamartine a Amaro Cavalcanti; Januário Cicco a Padre João Maria (elogio aos Patronos); Luis da Câmara Cascudo a Januário Cicco (recepção a Acadêmico); Nestor Lima a Almino Álvares Afonso; Clementino Câmara a Ferreira Itajubá; Virgílio Trindade a Clementino Câmara (recepção a acadêmico); Antonio Fagundes a Joaquim Fagundes, também o elogio ao Patrono.

Encontram-se vários artigos dos acadêmicos, o novo estatuto e o novo regimento interno.

Há ainda o registro “Mortos da Academia”:

“Temos infelizmente que registrar, nas páginas da nossa Revista o desaparecimento de três dos nossos confrades fundadores: Sebastião Fernandes, Cônego Luis Monte e Henrique Castriciano.

Não há necessidade de alongarmos comentários ou impressões acerca dos acadêmicos desaparecidos tal é a alta soma de serviços e méritos dos ilustres confrades, que abriram vagas e deixaram grande saudade, no seio da instituição.

Para eles o tributo de veneração da Revista.”

O Número 2 foi editado em 1954, tendo como diretor Câmara Cascudo e a Comissão de Revista composta por Esmeraldo Siqueira, Palmyra e Carolina Wanderley. Nela Edgar Barbosa faz a recepção a Esmeraldo Siqueira, que, por sua vez, evoca Armando Seabra; Cascudo faz a saudação a Manoel Rodrigues, entre vários outros artigos dos acadêmicos.

No setor “Mortos da Academia” figuram quatro nomes: Francisco Palma, Januário Cicco, Aduino da Câmara, Clementino Câmara.

O Número 3 veio em 1955, o diretor continua sendo Câmara Cascudo e a comissão é agora composta por Paulo Pinheiro de Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Edgar Ferreira Barbosa. Edgar Barbosa saúda Ivo Filho e este faz o elogio do Patrono Gothardo Neto, Aderbal de França recebe Bezerra Junior, que fala sobre Antonio Glicério; Américo de Oliveira Costa saúda Câmara Cascudo, que fala sobre Luis Manuel Fernandes Sobrinho, seu Patrono; Clementino Câmara recebe Paulo Viveiros, que fala sobre padre João Manuel de Carvalho; Edgar Barbosa recebe Aderbal de França que fala sobre Ponciano Barbosa; Hélio Galvão saúda Otto Guerra, que fala sobre Luiz Gonzaga de Brito Guerra; Nestor Lima recebe Carolina Wanderley, que fala sobre Luís Carlos Wanderley; Hélio Galvão saúda Antonio Soares, que discorre sobre Ferreira Nobre; Câmara Cascudo saúda Floriano Cavalcanti, que fala sobre Antonio Marinho; o mesmo Cascudo saúda Dioclécio Duarte, que fala sobre Francisco de Souza Ribeiro Dantas, dentre muitos outros artigos.

Há uma nota sobre o livro de Raimundo Nonato, *Lampião em Mossoró*; um artigo de Cascudo “Há treze anos...” lembrando a criação da ANRL, idéia de Afonso Costa, seu amigo no Rio de Janeiro; uma nota sobre “Os Presidentes da Academia”, onde é relatada as freqüentes negativas de Cascudo para assumir a Presidência e refere a seqüência dos que dirigiram a ANRL: Henrique Castriciano de Souza, Antonio Soares de Araújo, Juvenal Lamartine de Faria, Edgar Barbosa, Paulo Pinheiro de Viveiros, duas vezes, e Américo de Oliveira Costa, cinco dias.

O quarto Número é de 1956, aniversário dos vinte anos da instituição. Manifestação de inúmeras pessoas e órgãos da imprensa a respeito da data. O diretor é Cascudo e a comissão é composta por Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Edgar Barbosa. Há o elogio de Auda de Souza por Palmyra Wanderley; o discurso de posse de Onofre Lopes, que é saudado por Ivo Filho; Eloy de Souza evoca Pedro Velho.

O quinto só viria em 1959, o diretor, agora, é Aderbal de França e a comissão é composta por Edgar Barbosa, Oto Guerra e Esmeraldo Siqueira. Artigos de Aduino da Câmara sobre Henrique Castriciano; Virgílio Trindade sobre Lourival Açucena; Manuel Rodrigues de Melo sobre Bezerra Júnior e Juvenal Lamartine; Jorge O’Grady de Paiva sobre Aduino da Câmara; Veríssimo de Melo

sobre Bruno de Meneses; saudação ao Governador Sylvio Pedroza por Otto Guerra, etc.

Em “notas avulsas” Nilo Pereira refere que o presidente Manoel Rodrigues de Melo está construindo o prédio da ANRL a golpes de tenacidade e de obstinação. Há a notícia da morte do acadêmico Nestor Lima, que ocupava a cadeira patrocinada por Almino Afonso, no dia 26 de fevereiro de 1959. Fundador da ANRL, era figura de grande destaque, como advogado, homem de letras e educador.

Uma notícia sobre a fundação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com as faculdades de Farmácia, Odontologia, Direito, Serviço Social, Medicina, Filosofia, Ciências Econômicas e Engenharia.

O sexto Número é de 1960, o diretor e a comissão são os mesmos. É comemorado o centenário de nascimento de Manuel Segundo Wanderley, com artigos de Rômulo Wanderley, Esmeraldo Siqueira, Palmyra Wanderley, Ivo Filho, Manoel Rodrigues de Melo, Jaime Wanderley, Maria de Lourdes Trindade, Câmara Cascudo e o agradecimento de Maria José Bittencourt Wanderley.

O sétimo só viria em 1967, com a comissão composta por Aderbal de França, Edgar Barbosa e Veríssimo de Melo. Logo no início há uma foto da fachada da sede própria da ANRL. Na apresentação diz que “este número da Revista da Academia resume e documenta o trabalho mental dos seus associados, de 1949 a 1967”. Fala dos doze anos de labor intenso na construção da sede própria. Saudação a Veríssimo de Melo, Nilo Pereira, Rômulo Wanderley e José Tavares. Artigo de Aderbal de França intitulado “Treze anos da Academia”.

Entre muitos outros artigos um discurso pronunciado por Manoel Rodrigues de Melo, “Notas para a história da Academia”, em 5 de setembro de 1964, por ocasião da instalação de parte do prédio da ANRL, em solenidade presidida pelo Magnífico Reitor Professor Onofre Lopes da Silva. Fala da sugestão de Afonso Costa no Rio de Janeiro a Câmara Cascudo; da liderança de Henrique Castriciano sobre os homens de letras; Sebastião Fernandes, estimulador dos tímidos; Luiz Gonzaga do Monte sugeria o lema da Academia, *ad lucem versus*, voltada para a luz, rumando para a luz.

A instalação no Instituto de Música, cedido por Waldemar de Almeida, foi no dia 14 de novembro de 1936. “O local da instalação parecia um privilégio. Ali vivera a sua adolescência e terminara os seus dias de vida, o mais vibrante polemista da Questão Religiosa, inimigo de Dom Vital e de Pedro II: Joaquim Fagundes, poeta, dramaturgo e polemista. Ali morara o vigário velho da cidade, Bartolomeu da Rocha Fagundes, político liberal, maçom compadre e padrinho de toda a Paróquia de Nossa Senhora da Apresentação. Ali se fundara em 1924, o mais alto paladino da imprensa católica norte-rio-grandense, Diário de Natal, cujo primeiro diretor seria, mais tarde, membro destacado desta casa, Antonio Soares de Araújo. Henrique Castriciano, feita a primeira eleição, saía presidente, renunciando, mais tarde, por motivo de doença.”

A renúncia de Henrique não foi só por motivo de doença, como está escrito. Houve um motivo secreto que o próprio presidente resignatário fez transparecer ao Secretário Geral da Academia, Luís da Câmara Cascudo, em bilhete que lhe

escreveu e que transcrevo a seguir: Caro Cascudo, como vê v., esquivei-me a declarar o motivo porque não quero de modo nenhum continuar na Presidência. Peço-lhe que faça o possível para que eu não continue. Se a Academia não concordar é o mesmo, porque não voltarei mesmo à Presidência, nem ela perde com isto. Saudades, Henrique.

Cascudo, Secretário Geral, assumia interinamente e promovia nova eleição, entregando o cargo a Antonio Soares de Araújo. Um artigo de Aderbal de França, publicado n'A República, provoca a renúncia de Antonio Soares que é substituído por Luís da Câmara Cascudo.

Cascudo foi eleito presidente na sessão de 27 de maio de 1943, renunciando imediatamente e sendo eleito em seu lugar o acadêmico Juvenal Lamartine.

Assume em seguida Paulo de Viveiros, em 24 de março de 1949, em cuja presidência se movimenta a Academia, realizando sessões, celebrando centenários, agitando o ambiente literário de província. Deixando Paulo Viveiros há um período de prostração na Academia. Nestor Lima, Secretário Geral, tenta reerguê-la, em companhia de alguns poucos, passando a presidência a Américo de Oliveira Costa, então chefe de gabinete do governo Sylvio Pedroza. Américo foi eleito em 26 de dezembro de 1949, renunciando à presidência no dia 31 de dezembro do mesmo ano.

Em seguida vem Edgar Barbosa, eleito no dia 9 de março de 1950, mais tarde substituído por Januário Cicco, eleito a 21 de dezembro de 1950, que também renuncia.

Depois deste, vem novamente Paulo de Viveiros, 22 de fevereiro de 1951, que realiza um vasto programa de ação, adquirindo os primeiros donativos em dinheiro, publicando os dois primeiros números da revista, dando posse a inúmeros acadêmicos, trasladando os restos mortais de Nísia Floresta para o Rio Grande do Norte, adquirindo um terreno, por doação da Prefeitura, que por fim retorna ao patrimônio municipal, por falta de recursos para a construção."

Em 1955 assume Manoel Rodrigues de Melo que construiu o Mausoléu de Nísia Floresta e reconstruiu o seu monumento na atual cidade do mesmo nome. Sylvio Pedroza assumindo o governo por morte de Dix-sept Rosado faz doação de um terreno à Academia. Eleito Dinarte Mariz, traz para a Prefeitura Djalma Maranhão, que revalida a doação do terreno anterior e permite a sua venda para a construção da sede em outro local. Dinarte concede subvenção de Cr\$ 210.000,00, mas a Assembléia Legislativa reduziu para Cr\$ 110.000,00. Algumas poucas contribuições particulares, verba federal, estadual e municipal foram colocadas no orçamento. É importante salientar o nome de alguns políticos como Georgino Avelino, João Batista de Medeiros Galvão, Aluísio Alves, Dix-Huit Rosado, Sérgio Marinho, Tarcisio Maia, Manoel de Medeiros Brito, Jessé Freire, Clovis Mota, Aluisio Bezerra, Djalma Marinho, Vingt Rosado, Aristófanes Fernandes, Ribeiro Coutinho e Walfredo Gurgel.

Agradecimentos e reconhecimento ao engenheiro-arquiteto, responsável pelo projeto, Manuel de Souza Lelis, ao engenheiro da obra, Wilson de Oliveira Miranda, ao mestre de obras Antonio Soares da Silva e seus auxiliares Aristides Pereira da Silva, Antonio Freire de Melo, Francisco Rodrigues da Silveira, os três últimos, pedreiro, servente e vigia, respectivamente. Gratos aos banqueiros

Ulisses Celestino de Góis e Aldo Fernandes Raposo de Melo; aos comerciantes Luis de Barros, Amaro Mesquita, Leonel Leite, José Dias Fernandes, Paulo Paulino Mesquita; o industrial Luis Veiga e tantos outros. Entre os acadêmicos, Rômulo Chaves Wanderley, Virgílio Trindade e Carolina Wanderley. Citados ainda o Diretor de Faculdade de Medicina, João da Costa Machado e da Faculdade de Direito, Otto de Brito Guerra.

Há o necrológio de Nestor Lima, em 26 de fevereiro de 1959, e do seu sucessor, Cristóvão Bezerra Dantas, no dia 17 de outubro de 1954, além de Matias Carlos de Araújo Maciel Filho, fundador da cadeira oito, que tem como patrono Isabel Gondim.

O Número 8 foi editado em maio de 1970, diretor Aderbal de França e comissão composta por Edgar Barbosa, Alvarado Furtado de Mendonça e José Tavares da Silva.

Escrevem Otoniel Meneses, Hélio Galvão, Rômulo Wanderley, Américo de Oliveira Costa, Edgar Barbosa, P. de A. Pessoa de Melo, Padre Jorge O'Grady de Paiva, Manoel Rodrigues de Melo, José Melquíades, Veríssimo de Melo e Antonio Soares.

Na seção "Nossos Mortos", encontram-se Francisco Ivo Cavalcanti, em 11 de março de 1969; Virgílio Galvão Bezerra Trindade; Otoniel Meneses, em 19 de abril de 1969.

O Número 9 saiu em 1971, com a mesma diretoria da revista, havendo saudações a Umberto Peregrino, Newton Navarro, Oswaldo de Souza, Antídio Azevedo, Alvarado Furtado de Mendonça, Walter Wanderley e Jaime dos Guimarães Wanderley. Um artigo – “Uma posse que não se realizou” – trata de Humberto Bezerra Dantas que, eleito para a cadeira 9, por falecimento do seu irmão Cristóvão Bezerra Dantas, não chegou a tomar posse, surpreendido pela morte. Deixou escrito parte do seu discurso que foi publicado.

Algumas notas: no discurso de posse de Henrique Castriciano, em 15 de maio de 1937, ele abordou “sobre a história da literatura no Rio Grande do Norte”; o acadêmico Bruno Pereira, apesar de constantemente solicitado, não tomou posse na sua cadeira; o acadêmico Sebastião Fernandes de Oliveira já estava elaborando o seu discurso de posse, quando foi surpreendido pela morte; o acadêmico Francisco Palma não chegou a escrever o seu discurso de posse. Gravemente enfermo, a Academia, em sessão de 9.3.50, por proposta do acadêmico Hélio Galvão, resolveu considerá-lo empossado, em face do seu estado de saúde; o acadêmico Luiz Gonzaga do Monte, ornamento do clero nortero-grandense, faleceu sem tomar posse na sua cadeira; o acadêmico Tércio Rosado Maia, **eleito para a cadeira 32, faleceu logo** depois, não podendo, por isso, tomar posse na sua cadeira; o acadêmico Antonio Pinto de Medeiros, eleito para a Academia, renunciou no dia...; o acadêmico Otoniel Meneses não chegou a tomar posse na sua cadeira, em face do seu estado de saúde.

A revista Número 10 foi editada em 1972, sem alteração na diretoria da revista. Um editorial traça a comparação entre os 100 anos da independência do Brasil em 1922, o sesquicentenário no presente ano de 1972, e o que se espera

para o bicentenário: “Precisamos continuar trabalhando a fim de que o segundo centenário nos apresente ao mundo como uma nação que em nada deixe a desejar perante as demais nações do mundo.

Na parte que toca à ANRL, este é o seu destino e a sua glória: trabalhar pelo desenvolvimento das letras e das artes, pelo apuro da forma e do estilo do idioma, estimulando e protegendo o trabalho de criação literária e artística do nosso povo.

Este número da Revista se faz em comemoração ao Sesquicentenário da Independência do Brasil, sem deixar de reconhecer que do esforço conjugado de todas as províncias dependem o futuro e a grandeza do Brasil em 2002.”

Escrevem Floriano Cavalcanti, Josué Silva, Hélio Galvão, Francisco Menezes, Antídio de Azevedo, Esmeraldo Siqueira, Nilo Pereira, Peregrino Júnior, Paulo Viveiros, João Batista Cascudo Rodrigues, Raimundo Nonato, Jorge O’Grady de Paiva, João Medeiros Filho, Veríssimo de Melo, Jaime dos G. Wanderley, Edgar Barbosa, M. Rodrigues de Melo, Arthur César Ferreira Reis, Otto de Brito Guerra, Irmão José Otão, Maria Eugenia Maceira Montenegro e Waldemar de Almeida Barbosa.

Há um relatório do presidente da ANRL, Manoel Rodrigues de Melo, do dia 13 de janeiro de 1955, quando recebeu a Academia do confrade Paulo Viveiros até o dia 31 de dezembro de 1971. Refere-se à inauguração do Mausoléu de Nísia Floresta Brasileira Augusta e a reinauguração do monumento no dia 3 de abril de 1955.

Descreve a mudança de estatutos para viabilizar a construção da sede, bem como da doação, por parte do governador Sylvio Pedrosa de um terreno em Petrópolis medindo 20 por 40 metros.

Aborda a nomeação de Djalma Maranhão para a Prefeitura, pelo governador Dinarte Mariz, e a reintegração de terreno, perdido por *fideicomisso*, por falta de construção no prazo legal. Aprovado pela Câmara Municipal, Djalma sancionou a lei.

Novo problema surgia, pois agora a ANRL era detentora de dois terrenos e precisava vender um para construir no outro. Nova luta para aprovar na Câmara e ser sancionado pelo prefeito.

Refere-se ao competente arquiteto baiano Manuel de Souza Lelis e à luta quixotesca que travou para vencer os empecilhos, com o apoio de uns e o pessimismo derrotista de outros.

Por intermédio de Raimundo Nonato da Silva, o presidente da Federação Nacional do Comércio, Jessé Pinto Freire, comprou o terreno por Cr\$ 300.000,00, valor que somando-se a outros Cr\$ 300.000,00 de venda de livros, receitas recebidas do Estado e da União, possibilitaram o início das obras em 23 de junho de 1958 e sua finalização em 21 de maio de 1970.

No mesmo artigo Manoel Rodrigues de Melo refere-se a outras obras feitas pelo esforço filantrópico de homens dedicados: Henrique Castriciano, fundando a Escola Doméstica; Januário Cicco, ampliando o Hospital Miguel Couto (atual Onofre Lopes) e construindo a Maternidade de Natal (atual Januário Cicco); Varela Santiago, o Leprosário São Francisco de Assis; Luiz Soares, mantendo até morrer, os Escoteiros do Alecrim; Ulisses de Góis, empenhado na educação da juventude, construindo escolas e estabelecimentos de crédito.

A revista dá notícia que no exercício de 1955 foram eleitos, respectivamente, nas vagas de Clementino Câmara e Januário Cicco, os acadêmicos Nilo Pereira e Onofre Lopes. Neste mesmo período tomaram posse os acadêmicos Raimundo Nonato da Silva, Nilo Pereira e Onofre Lopes, faltando apenas o acadêmico Bruno Pereira que por motivos superiores não foi possível preparar o discurso sobre o seu patrono.

O Número 11 surge em 1974 e traz uma foto de Henrique Castriciano, primeiro presidente da Academia, nascido em 15 de março de 1874, portanto comemoração do seu centenário. A comissão da revista continua com Edgar Barbosa, Alvamar Furtado e José Tavares da Silva. No seu editorial há uma crítica à inversão de valores que ocorre nas homenagens, muitas vezes por pura bajulação. “Retrato, mausoléu, estátua, nome de rua, qualquer que fosse a sua inspiração, só se davam a pessoas eminentes, e mesmo assim, só depois de mortas.”... “E o pior é que as homenagens são feitas de preferência aos *vivos-mortos*, excluindo-se os *mortos-vivos*, numa espécie de concorrência desleal e interesseira aos grandes nomes da história nacional, sejam eles militares ou civis, sejam eles poetas, cientistas, escritores ou guerreiros.”... “A Academia dá, assim, o primeiro passo na valorização e na reabilitação do seu patrimônio literário e artístico, fazendo ressurgir das cinzas do esquecimento o nome daquele que foi tudo no Rio Grande do Norte e morreu com as mãos limpas e vazias: poeta, ensaísta, historiador, dramaturgo, romancista, político, educador, comerciante, administrador e, sobretudo, uma grande pessoa humana. Esta é a primeira denúncia.”

Onofre Lopes saúda Diógenes da Cunha Lima no dia 19 de outubro de 1972 que passa a ocupar a cadeira 26, que tem como patrono Manoel Dantas e fundador José Augusto Bezerra de Medeiros: “O seu físico foi sempre muito pouco e, na minha terapêutica, sempre deu-me trabalho arranjar espaço para acomodar o seu grande espírito”.

Jaime dos G. Wanderley faz palestra sobre o centenário de Ezequiel Wanderley e Otto Guerra sobre o centenário de Eloi de Souza. Edgar Barbosa faz o necrológio de Antonio Soares. Enélio Petrovich é saudado por Câmara Cascudo e relembra Virgílio Trindade. Berilo Wanderley agradece às palavras em homenagem ao seu pai, Rômulo Wanderley, pronunciadas por Jayme Wanderley.

José Tavares saúda Mariano Coelho que exalta Antonio Soares de Araújo, fundador da cadeira sete, que tem Ferreira Nobre como patrono.

Veríssimo de Melo é homenageado por Onofre Lopes pelo lançamento do *Patrono e Acadêmicos II*, na Livraria Universitária no dia 7 de junho de 1974. Foram ainda oradores Walter Pereira, Manoel Rodrigues de Melo e o próprio Veríssimo.

O Número 12 é editado em 1976, em comemoração aos 40 anos da ANRL. A comissão da Revista é composta por João Medeiros Filho, Mariano Coelho e José Melquíades. Editorial do agora presidente Onofre Lopes lembrando a fundação da ANRL. Discurso de Manoel Rodrigues pronunciado no dia 23 de janeiro de 1976, por ocasião da inauguração da sede da ANRL.

Edgar Barbosa exalta a memória de Aderbal França (6 de fevereiro de 1975). **Onofre Lopes faz o necrológio de Waldemar de Almeida, no que é agradecido por Raimundo de Almeida.**

José Melquíades fala sobre “Macaíba há um século – 12 de setembro de 1876 – nascimento de Auta de Souza”. Nilo Pereira exalta a memória de Edgar Barbosa: “um dos mais completos humanistas brasileiros de todos os tempos”, no que é agradecido por sua filha, Elione Barbosa. Otto de Brito Guerra discorre sobre Dioclécio Duarte, no que é agradecido por Moacyr Duarte. Nilo Pereira saúda Meira Pires, que exalta Aderbal de França, fundador da cadeira 25, que tem como patrono Ponciano Barbosa.

Diógenes da Cunha Lima escreve sobre Albimar Marinho, enquanto Otto Guerra, Luiz Rabelo, Jaime Wanderley falam sobre Floriano Cavalcanti, com agradecimento de Manoel Cavalcanti de Albuquerque.

Veríssimo de Melo saúda Raimundo Nonato Fernandes (30 de junho de 1976), que por sua vez elogia o seu patrono Damasceno Bezerra, cadeira 39. Veríssimo saúda Edinor Avelino (22 de maio de 1975) que elogia o seu patrono Juvenal Antunes, cadeira 35. Nilo Pereira exalta Juvenal Lamartine, no que é agradecido por seu filho Oswaldo Lamartine.

Em “Nossos Mortos” há o registro do desaparecimento de 29 confrades em 40 anos de Academia. Refere os mais recentes desaparecimentos: Waldemar de Almeida, Aderbal de França, Dioclécio Duarte, Edgar Barbosa, Carolina Wanderley e Antonio Antídio de Azevedo.

A Revista Número 13, viria no ano seguinte, em 1977. A comissão da revista é a mesma. Entre vários artigos, são saudados Ascendino Almeida (José Melquíades), Dom Nivaldo Monte (Hélio Galvão), Antonio Soares Filho (Veríssimo de Melo); homenagem à memória de Carolina Wanderley (Maria Eugênia), Edgar Barbosa (Ascendino Almeida), Antídio de Azevedo (Antonio Soares Filho), Edinor Avelino (Diógenes da Cunha Lima).

Discurso de posse de Dom Nivaldo Monte na cadeira 18, patrono Augusto Severo, fundador, Waldemar de Almeida. Ao final uma biografia de Raimundo Nonato da Silva que festejou no Rio de Janeiro os seus 70 anos de idade, no dia 18 de agosto de 1977.

O Número 14 veio em 1978. Artigo sobre os 80 anos de Cascudo. Veríssimo de Melo saúda Gilberto Avelino que elogia Edinor Avelino, fundador da cadeira 35, patrono Juvenal Antunes; Paulo Viveiros saúda Gumercindo Saraiva que faz o seu discurso de posse na cadeira 6 que teve como fundadora Carolina Wanderley e o patrono é Luís Carlos Wanderley; Sanderson Negreiros faz a sua “Saudação a Navarro”; Meira Pires escreve a história do Teatro Alberto Maranhão. Transcrição de uma palestra de Raimundo Nonato Fernandes, no Lions Clube de Natal, em 6 de dezembro de 1963, sobre *Justiça e Ideologia*, entre vários outros artigos.

O 15 é de 1979/80, iniciando-se um lançamento a cada dois anos, o que vem dando uma certa regularidade à Revista. Artigos de Nilo Pereira, João Wilson Mendes de Melo, Esmeraldo Siqueira, Umberto Peregrino, Ascendino Almeida,

João Batista Pinheiro Cabral, Gumercindo Saraiva, Luiz Rabelo, Alberto Furtado de Mendonça, Túlio Bezerra de Melo, Veríssimo de Melo, D Jason Cunha, Luci Soares.

João Medeiros escreve sobre Bruno Pereira, sobre quem Alvamar Furtado faz brilhante discurso de improviso, que é agradecido por Dhélia Pereira de Souza. Hélio Galvão discorre sobre o centenário de Antonio Soares de Araújo, sendo seqüenciado pelos agradecimentos de Antonio Soares Filho. Nilo Pereira exalta Paulo de Viveiros.

O Número 16 é de 1980/81. O presidente Onofre Lopes, em editorial, diz que “aqui, o ensaio, a ficção, a história e a biografia têm a imagem e o sabor da terra, na fidelidade à paisagem e ao sopro de vida.” Onofre Lopes faz um discurso em homenagem ao centenário de Januário Cicco, nascido em 30 de abril de 1881.

Saudação de Nilo Pereira e discurso de posse de Mário Moacyr Porto; Discurso de posse de Jurandyr Navarro; Necrológio de Walter Wanderley por padre Jorge O’Grady de Paiva; Antonio Soares exalta Paulo de Viveiros. Escrevem ainda: Américo de Oliveira Costa, Oswaldo de Souza, Esmeraldo Siqueira, Otto Guerra, Nilo Pereira, Maria Eugênia Montenegro, Veríssimo de Melo, José Melquíades de Macedo, Gaspar de Menezes e Ascendino de Almeida.

Em “Nossos Mortos” estão Carolina, Palmyra e Walter Wanderley, Bruno Pereira e Paulo Pinheiro de Viveiros. É feito um breve relato sobre cada um.

O 17 é de 1982. O Diretor da Revista é Antonio Soares e a comissão é composta por Juvenal Lamartine e Floriano Cavalcanti. Vitória dos Santos Costa agradece a condecoração das “Palmas Acadêmicas” que lhe foi outorgada pelo governo francês.

Antonio Soares Filho escreve sobre Hélio Galvão, o poeta; José Arno Galvão escreve o depoimento de um filho; há o discurso de posse de Paulo Macedo; artigos de Nilo Pereira, Arnaldo Arsênio de Azevedo; Ascendino Almeida, Esmeraldo Siqueira Guarino Alves, José Melquíades, Itamar de Souza, poemas de Luiz Rabelo, Franco Jasielo, Minervino W. de Siqueira e Otto de Brito Guerra.

Enélio Petrovich faz homenagem póstuma a Walter Wanderley que encantara-se a 4 de setembro de 1980 em Belo Horizonte, próximo de completar 66 anos; Protásio de Melo escreve sobre Hemingway; Jacira Galvão Gondim Safieh discorre sobre *ideologia*; há um artigo, não assinado, sobre Euclides da Cunha.

Há notícia de exposição de Newton Navarro em São Paulo e novo livro – *Os Pontos Cardeais* – do poeta Gilberto Avelino.

Em “Nossos Mortos”, há notícia do falecimento de Hélio Mamede de Freitas Galvão, que sucedeu a Henrique Castriciano na cadeira dois, cujo patrono é Nísia Floresta, em 20 de outubro de 1981; e de Antonio Gomes da Rocha Fagundes em 10 de outubro de 1982. Foi fundador da cadeira catorze, que tinha como patrono Joaquim Fagundes.

O Número 18 é de 1983 e tem como diretor Antonio Soares Filho e editor Veríssimo de Melo. Editorial de Onofre Lopes, Presidente da ANRL, e artigo saudando o senador Jarbas Passarinho.

"Relembrando Meira Pires", por Veríssimo de Melo e "Meu Pai", por Marcos Meira Pires; discurso de posse de Raul Fernandes e a saudação por Veríssimo de Melo; discurso de posse de Nilson Patriota que foi saudado por Nilo Pereira.

Homenagem póstuma a Antonio Fagundes por José Melquiades e artigo de José Waldenício de Sá Leitão – *Exemplo de verdadeiro patriarca* -; escritos de João Medeiros Filho, padre Jorge O'Grady de Paiva, Ascendino Almeida, Esmeraldo Siqueira, Guarino Alves, Gumercindo Saraiva, João Medeiros Filho, Luiz Rabelo, Minervino Siqueira, Mariano Coelho, José de Anchieta Ferreira e Diógenes da Cunha Lima.

O Número 19 é de 1987. Notamos aí um interstício de quatro anos sem publicação. O presidente é Diógenes da Cunha Lima e o diretor da revista é João Wilson Mendes Melo. É uma edição comemorativa do cinquentenário da ANRL e, sobre o assunto, há um artigo de Nilo Pereira. Américo de Oliveira Costa faz a evocação de Edgar Barbosa e mais artigos de Nilo Pereira, Dom Nivaldo Monte, Jurandyr Navarro, Mário Moacyr Porto, Maria Eugênia, Luiz Rabelo, Nilson Patriota, José Melquiades, Veríssimo de Melo, Umberto Peregrino. Necrológio de Dom José Adelino Dantas em 18 de agosto de 1983, pronunciado pelo acadêmico Otto Guerra. Discurso do ex-governador Sylvio Pedroza.

Em 1988 sai o Número 20. O presidente e o diretor da revista continuam os mesmos. É um número eminentemente de chegadas – saudações – e partidas – necrológios. Iremos enumerar os que chegam, seguidos por quem os saúdam. João Wilson Mendes de Melo, cadeira 25, discurso de posse em 15.03.1984, por Otto de Brito Guerra; Jorge O'Grady de Paiva (30.08.1984), cadeira 22, por Jurandyr Navarro; Grácio Barbalho, cadeira 2, por Ascendino Almeida; Doryan Gray (26.09.1986) por Diógenes da Cunha Lima.

Necrológio de Mariano Coelho por Otto de Brito Guerra. Necrológio de Peregrino Júnior pronunciado por Raul Fernandes em 15 de fevereiro de 1984. Contos de Maria Eugênia, poesias de Luiz Rabelo.

O Número 21 é de 1990. Continuam o diretor da revista e o presidente da ANRL. Otto Guerra escreve artigo com o título "Meio século de Academia". Refere que foi a terceira tentativa para fundar a Academia a que deu certo. A primeira foi do Centro Polimático, que desapareceu em plena crise. No ano do Centenário da Independência do Brasil, Heráclio Vilar procurou Câmara Cascudo para, juntos, traçarem planos, mas tudo se frustrou. Finalmente Luis da Câmara Cascudo, por um fiel compromisso assumido junto a Afonso Costa, da Academia Carioca de Letras, fundou a ANRL em 14 de novembro de 1936.

Um primeiro encontro entre Cascudo e Aderbal de França, numa tarde de domingo, em 14 de agosto de 1936, levou Aderbal a escrever: "E quando as sombras da noite nos advertiram do tempo consumido na primeira conversa, a instituição virtualmente estava lançada sobre a base dos vinte e cinco nomes".

Felipe Guerra, com 70 anos e deputado estadual recusou o convite, pelo seu espírito arredoio, mas Otto de Brito Guerra, o autor desse artigo, com 24 anos, foi o fundador da cadeira 3, que tem como patrono o Conselheiro Brito Guerra. As reuniões eram na casa de Cascudo na Av. Junqueira Aires, 394, depois ele tendo

se fixado no número 377 da mesma avenida. As reuniões seguintes foram no Instituto de Música do Rio Grande do Norte, à rua Vigário Bartolomeu, 630, onde funcionara o “Diário de Natal” da diocese, gentilmente cedido por Waldemar de Almeida, seu diretor.

Na reprodução das atas, em outra parte desse trabalho, encontra-se o detalhamento dessas reuniões.

Cascudo assumiria a presidência no espaço compreendido entre a renúncia de Henrique Castriciano (09.04.1938) e a eleição de Antonio Soares de Araújo (07.05.1938). Cascudo seria eleito presidente em 27 de maio de 1943, mas como era uma condição sua, desde a fundação da ANRL, de jamais ser o seu presidente, renunciou, sendo eleito, na mesma sessão, Juvenal Lamartine de Faria.

Em 21 de dezembro de 1950, Januário Cicco foi eleito presidente, mas renunciou antes de assumir. Américo de Oliveira Costa foi presidente por 5 dias, eleito em 26 de dezembro de 1949, renunciou coletivamente no dia 31 do mesmo mês, por uma interpretação dúbia nos estatutos, Paulo Pinheiros também considerou o seu mandato extinto, assumindo o acadêmico mais idoso, Juvenal Lamartine de farias. Em 9 de março de 1950 foi eleito Edgar Ferreira Barbosa.

Embora fundada a 14 de novembro de 1936, a sessão solene de instalação da ANRL somente se realizou no sábado, 15 de maio de 1937, no salão Waldemar de Almeida do Instituto de Música, sua primeira sede provisória. Passaria depois para a sede do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, à Rua da Conceição, 622, por gentileza do acadêmico Nestor dos Santos Lima, um dos fundadores.

A ANRL jamais foi preconceituosa, admitindo logo na sua fundação Carolina e Palmira Wanderley. Esta renunciou, mas acabou aceitando dela participar, posteriormente.

O outro episódio de renúncia foi o de Antonio Pinto de Medeiros, da cadeira 15, fundada por Sebastião Fernandes de Oliveira, sendo o patrono Pedro Velho. Assim relata Otto Guerra:

- Disputara a vaga com Luiz Patriota. Numa das nossas reuniões ordinárias, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, então sede da Academia, a partir de 18 de março de 1939, chegou, ligeiramente retardado, Antonio Pinto de Medeiros. Estava sem paletó, vestindo camisa de meia com listras finas de azul e vermelho, calçando alpercatas abertas. Traje, aliás, com que se apresentava para suas aulas no Ateneu, segundo informa Veríssimo de Melo. Inopinadamente, fez-me uma pergunta, em voz baixa:

- Você acha que posso renunciar à minha qualidade de membro da Academia?

- Creio que sim. Mas faça o pedido.

Ato contínuo, manifestou ele, verbalmente, o seu desejo ao plenário, para surpresa geral. O acadêmico Nestor dos Santos Lima entendeu que se tratava de título irrenunciável. Entretanto, em votação, a maioria, sentindo as disposições do peticionário, achou por bem deferir-lhe a solicitação. Consta do quadro geral de Patronos e Acadêmicos a observação – resignatário.

Continua Otto Guerra:

- Antonio Pinto de Medeiros, pessoa irrequieta, inteligência viva, brilhante, mas um tanto ou quanto desabusado, contestador e terrivelmente irônico, era pouco adaptado ao ambiente acadêmico. Curioso é que no livro de Atas nada consta a respeito, apenas se tratando, tempos adiante, da eleição para a vaga, que foi preenchida pelo jornalista Eloy de Souza, realizando-se a eleição em 13 de outubro de 1949.

Há o discurso de posse de Nestor dos Santos Lima e a saudação feita por Raimundo Nonato Fernandes, em 23 de abril de 1987; artigos e/ou poesias de Dorian Gray Caldas, Luiz Rabelo, Manoel Rodrigues de Melo, Américo de Oliveira Costa, Alvarado Furtado de Mendonça, Murilo Melo Filho, Nilson Patriota.

Saudações a Dom Nivaldo Monte, por Jurandyr Navarro, Otto de Brito Guerra (09.06.1988), João Wilson Mendes de Melo.

Raul Fernandes faz o necrológio de José Tavares em 12 de março de 1987, no que é agradecido pelo advogado Ciro José Tavares da Silva, enquanto Veríssimo de Melo e Newton Navarro fazem o de João Medeiros Filho, agradecendo em nome da família o seu filho Jomar Fernandes de Medeiros (06.05.1988).

Em 20 de maio de 1988 homenagem póstuma ao acadêmico Esmeraldo Siqueira por Jurandyr Navarro, o doutor Justiniano Siqueira agradeceu.

O número 22 é de 1990. Sem alteração na presidência e na editoria. Pensamentos acadêmicos sobre vários temas - de Veríssimo de Melo, Otto de Brito Guerra, Maria Eugênia, Nestor dos Santos Lima; acadêmicos falam sobre personalidades das letras e da política – Sanderson Negreiros, João Wilson Mendes Melo, Grácio Barbalho, Manoel Rodrigues de Melo; sonetos de Luiz Rabelo; discurso de posse de Miguel Seabra; saudação de Mário Moacyr Porto na posse de João Seabra Fagundes; discurso de posse de Olavo de Medeiros Filho, que é saudado por Enélio Lima Petrovich.

Necrológio de Esmeraldo Siqueira por Jurandyr Navarro. Artigo de João Batista Pinheiro Cabral.

De 1991 é o número 23. O pensamento acadêmico sobre vários temas: Mário Moacyr Porto, Veríssimo de Melo, João Wilson Mendes Melo, Alvarado Furtado de Mendonça, Dorian Gray Caldas, Nestor dos Santos Lima, Olavo de Medeiros Filho, Raul Fernandes, Maria Eugênia Montenegro, Padre Jorge O'Grady de Paiva; artigos de José Nazareno Moreira de Aguiar, Jomar Medeiros e Marcos Antonio de Moraes.

Discurso de posse de Sanderson Negreiros em 11 de dezembro de 1977 e a saudação de Nilo Pereira que haviam sido publicados sob a forma de plaqueta; discurso do acadêmico Grácio Barbalho no necrológio de Ascendino de Almeida; discurso de José Melquíades em 11 de abril de 1991 – Ascendino, Grácio e a Oração Fúnebre.

O número 24 sai em 1993. É abordado o tema do movimento modernista de 1922, que fizera setenta anos em 1992, por Veríssimo de Melo.

Artigos de Nestor dos Santos Lima, Raul Fernandes; Enélio Lima Petrovich relembando Hélio Galvão; Umberto Peregrino sobre Antonio de Souza e Grácio

Barbalho sobre o doutor Luiz Antonio. Artigos / poesias de João Wilson Mendes Melo, Olavo de Medeiros Filho, Nilson Patriota, Diógenes da Cunha Lima, Gilberto Avelino, José Melquíades, Maria Eugênia, Dom Nivaldo Monte, Dorian Gray Caldas, Mário Moacyr Porto, Otto Guerra, Américo de Oliveira Costa, Potiguar Matos, Frei Gabriel Távora e Murilo Melo Filho.

O Número 25 é de 1996. Dois anos (1994 e 1995) haviam se passado sem revista. Artigos / poesias de Nestor dos Santos Lima, Enélio Lima Petrovich, Jarandyr Navro, Grácio Barbalho, Olavo de Medeiros Filho, Veríssimo de Melo, Diógenes da Cunha Lima, João Wilson Mendes de Melo, Vingt-un Rosado, Gilberto Avelino, Maria Eugênia, Luiz Rabelo, Manoel Onofre Júnior, Ministro José Dantas, Iapery de Brito Guerra e Manoel Benício de Melo Sobrinho.

Na seqüência colocamos o autor do discurso de posse e a saudação ao novo acadêmico: Itamar de Souza, por Enélio Petrovich (06.08.1992); Manoel Onofre Júnior, por Veríssimo de Melo; Murilo Melo Filho, por Alvamar Furtado; Aluísio Alves, por Mário Moacyr Porto; João Batista Pinheiro Cabral, por José Melquíades.

Há o elogio de Nilo Pereira, falecido em 23 de janeiro de 1992, por Otto de Brito Guerra; nota da OAB – De luto a cultura jurídica do Estado: faleceu Miguel Seabra Fagundes (30.06.1910 a 24.04.1993); João Batista Cascudo Rodrigues evoca Raimundo Nonato da Silva e Jaime Hipólito Dantas; Padre Jorge O’Grady de Paiva evoca Raimundo Nonato da Silva e Dom Nivaldo, Padre Monte.

Em 1997 é lançado o número 26. O editor lembra em julho de 1997 a proximidade de três centenários importantes: 1998, quarto centenário da construção do Forte dos Reis Magos e o centenário de nascimento de Câmara Cascudo; em 1999 o quarto centenário da fundação da cidade do (ou de?) Natal.

Entre os novos acadêmicos temos os discursos de posse de Sylvio Pedroza (outubro de 1996) que é saudado por Alvamar Furtado; e em 12 de setembro de 1996, Oriano de Almeida, recepcionado por Enélio Lima Petrovich.

Os necrológicos são: de Oswaldo de Souza, por Olavo de Medeiros Filho e de Otto Guerra por Jurandir Navarro.

Artigos / poesias de Jorge O’Grady de Paiva, Nestor dos Santos Lima, Sanderson Negreiros, João Batista Cascudo Rodrigues, Dorian Gray Caldas, Murilo Melo Filho, João Wilson Mendes Melo, Mário Moacyr Porto, Raul Fernandes, Nilson Patriota, José Melquíades, Raimundo Nonato Fernandes, Diógenes da Cunha Lima, Luis Rabelo, Gilberto Avelino, Luis Carlos Guimarães, Múcio Vilar Ribeiro Dantas (homenagem póstuma a Otto Guerra), Geraldo Guedes de Moura, Hildeberto Barbosa Filho.

O Número 27 é de julho de 1998. O editor da Revista lembra que é o ano do centenário de Cascudo (30.12.1898 a 30.07.1986).

Entre os novos acadêmicos temos os discursos de posse de Luís Carlos Guimarães, que é saudado por Sanderson Negreiros; Aluísio Azevedo (20.11.1997) por Diógenes da Cunha Lima (ao abrir a sessão) e Enélio Petrovich.

O necrológio é de Américo de Oliveira Costa, por Alvamar Furtado de Mendonça e agradecimento de Vitória dos Santos Costa.

Os artigos / poesias são de Padre Jorge O'Grady de Paiva, Dom Nivaldo Monte, Diógenes da Cunha Lima, José Melquíades, Grácio Barbalho, Olavo de Medeiros Filho, Aluísio Azevedo, João Batista Pinheiro Cabral (sobre Djalma Marinho), Nilson Patriota, Manoel Onofre Júnior (sobre Homero Homem), João Wilson Mendes Melo, Maria Eugênia Montenegro, Gilberto Avelino, Denise Rocha de Azevedo, Betty Costa e Jorge Fontoura.

No mês de dezembro desse mesmo 1998 sai o número 28 – duas revistas em um ano! – e é todo dedicado a Luís da Câmara Cascudo. A revista continua com João Wilson Mendes Melo e o presidente é Diógenes da Cunha Lima.

Artigos de Murilo Melo Filho, Nestor dos Santos Lima, Nilson Patriota, Olavo de Medeiros Filho, Alvamar Furtado de Mendonça, Diógenes da Cunha Lima, Grácio Barbalho, Jurandyr Navarro, Luís Carlos Guimarães, Paulo Macedo, Valério Alfredo Mesquita, Aluísio Azevedo, Manoel Onofre Júnior e João Wilson Mendes Melo. Dos amigos da Academia está publicado um discurso do deputado federal João Faustino, uma carta de Maria Emília de Rodat Wanderley, artigos de Hamilton de Sá Dantas e Cláudio Emerenciano.

Contém ainda a bibliografia de Cascudo com 145 publicações e 11 livros inéditos.

O Número 29 é de dezembro de 1999. As crônicas da cidade, no aniversário dos 400 anos, são de Oriano de Almeida, Dom Nivaldo Monte, Pery Lamartine, Diógenes da Cunha Lima, Nilson Patriota, Manoel Onofre Júnior, Jurandyr Navarro, Aluísio Azevedo, Grácio Barbalho, Fagundes de Menezes, João Wilson Mendes de Melo. Sobre a história da cidade tem um artigo sobre a fundação e nomes da cidade do natal, de Cascudo e artigos de Olavo de Medeiros Filho e Murilo Melo Filho. Artigos gerais de José Melquíades e José de Anchieta Ferreira; um conto de Oriano de Almeida; poesias de Gilberto Avelino, João Batista Pinheiro Cabral e Maria Eugênia Montenegro.

Elogio fúnebre, proferido por João Batista Pinheiro Cabral, em 30 de setembro de 1998, em memória de Veríssimo Pinheiro de Melo. Raimundo Nonato Fernandes reverenciou a memória de Mário Moacyr Porto, na mesma data.

Entre os colaboradores da ANRL estão Carlos Henrique Nogueira de Lucena, Marlene da Silva Mariz, Tarcisio Medeiros, Leda Batista Gurgel de Melo, Nathalie Câmara e Branca Coelho Macauense.

Contém ainda o Regimento Interno e Estatutos da Academia.

De setembro de 2000 é o número 30. É a seguinte a relação dos Diretores da Revista (publicada nesse número):

Nestor dos Santos Lima – nº 1

Luís da Câmara Cascudo - números 2, 3 e 4

Aderbal de França – do número 5 ao 10

Comissão: Edgar Barbosa, Alvamar Furtado e José Tavares – nº 11

Comissão: João Medeiros Filho, Mariano Coelho e José Melquíades – nº 12

Não consta o nome do diretor – nº 14

Antonio Soares Filho - nº 15

Não consta nome do diretor – nº 16

Antonio Soares Filho – números 17 e 18

João Wilson Mendes Melo – do número 19 até esse número 30.

Artigos / contos / poesias de Murilo Melo Filho, Alvamar Furtado, Nestor dos Santos Lima, João Wilson Mendes Melo, Maria Eugênia Montenegro, Pery Lamartine, Jurandyr Navarro, Olavo de Medeiros Filho, Nilson Patriota, Oriano de Almeida, Gilberto Avelino. Artigos de amigos da ANRL, Pedro Lucena e Iberê Ferreira.

Discursos de posse e saudações: Hipérides Lamartine, José Melquíades; Valério Mesquita, Alvamar Furtado; José de Anchieta Ferreira da Silva, Enélio Petrovich.

Necrológio de João Fagundes de Menezes por Murilo Melo Filho.

Contém a produção literária dos acadêmicos.

O Número 31 é de Janeiro / Junho de 2001. O diretor da revista passa a ser Manoel Onofre Júnior. Comemoração dos 50 anos da arte de Dorian Gray Caldas, com artigos de Valério Mesquita, Luís Carlos Guimarães, Marcos Silva, Manoel Onofre Júnior, Jurandyr Navarro, Aluísio Azevedo, Getúlio Araújo, João Batista Cascudo Rodrigues, Paulo Macedo, Maria Eugênia Montenegro, Vingt-un Rosado, Alice Spíndola, Jorge Tufic, Paulo de Tarso Correia de Melo.

Artigos diversos de Diógenes da Cunha Lima, João Batista Pinheiro Cabral, Paulo de Tarso Correia de Melo, Pedro Vicente Costa Sobrinho e Jarbas Martins.

No centenário do nascimento de José Tavares, artigo de José de Anchieta Ferreira e discurso de Ciro Tavares.

No centenário do falecimento de Auta de Souza, escreveram Rejane Cardoso e Nilson Patriota.

Discurso de posse de Vicente Serejo e saudação de Sanderson Negreiros em 19 de dezembro de 2000.

Contém a continuação da bibliografia dos acadêmicos.

O Número 33 é de Janeiro / junho de 2002. Mantém-se o diretor da Revista. Artigos de Murilo Melo Filho, Diógenes da Cunha Lima, Nestor dos Santos Lima, João Wilson Mendes Melo, Maria Eugênia, Aluísio Azevedo, Grácio Barbalho, José de Anchieta Ferreira, Vingt-un Rosado, Olavo de Medeiros Filho, Enéas Athanázio, Mário Cavalcanti, Aricy Curvello, Nilson Patriota e Paulo de Tarso Correia de Melo.

Um depoimento inédito de Newton Navarro concedido ao Museu da Imagem e do Som de São Paulo em 25 de junho de 1982, com apresentação de Marcos Silva.

Discurso de posse de Tarcísio Medeiros (cadeira 24) e de Oswaldo Lamartine de Farias (cadeira 12), que é saudado por Vicente Serejo em 14 de novembro de 2001.

Jurandyr Navarro, em 20 de dezembro de 2001, discorre sobre o Cônego Jorge O'Grady de Paiva; na mesma data, Jurandyr Navarro faz o necrológio de Raul Fernandes; Murilo Melo Filho faz os necrológios de Sylvio Pedroza e Alvamar Furtado de Mendonça.

DA CONSTRUÇÃO DA SEDE

Em reunião no dia 23 de janeiro de 1958, é comunicado que o prefeito Djalma Maranhão e a Câmara de Vereadores revalidaram a doação de terreno da praça Tomás de Araújo, ao mesmo tempo em que autorizaram a venda do referido imóvel para iniciar a construção da sua sede própria. O presidente, Manoel Rodrigues de Melo, comunicou que havia feito proposta à Federação do Comércio do Rio Grande do Norte no valor de Cr\$ 500.000,00 e havia recebido contra-proposta do seu presidente, Jessé Pinto Freire, no valor de Cr\$ 300.000,00, a qual, após algumas discussões, foi aprovada.

Reeleito presidente em 30 de janeiro de 1958, o acadêmico Manoel Rodrigues de Melo iniciou a construção, na rua Mipibu, 443, do prédio da Academia, com o apoio do Governador do Estado, Dinarte Mariz.

Em 27 de julho de 1963, sob a presidência de Manoel Rodrigues de Melo, os acadêmicos reuniram-se na Biblioteca do novo prédio. O presidente relatou sobre a construção. “O edifício de dois pavimentos está assim dividido: Térreo – biblioteca; museu de arte; auditório, compreendendo esse, por sua vez, teatro escola, cinema educativo, conferências, etc.; secretaria, tesouraria, contadoria, discoteca e bar. Pavimento Superior – sala da presidência, sala dos acadêmicos e salão nobre, destinado esse exclusivamente às sessões públicas da Academia.”

Informou ainda “que havia recebido 50% da subvenção de cinco milhões de cruzeiros, referentes ao exercício de 1962, colocados no orçamento pelo deputado Tarcísio Maia, tendo com esse dinheiro construído a grande placa de cimento armado do primeiro andar, levantando com o restante as paredes do mesmo.”

Lembrou ainda “que a receita anual da Academia está limitada a Cr\$170.000,00 do estado do Rio Grande do Norte, Cr\$ 4.000,00 do município de Natal e o restante do governo federal, graças à boa vontade da nossa bancada na Câmara e no Senado, destacando, especialmente os deputados Tarcísio Maia e Múrcio Bezerra.”

Informou “que para o exercício de 1963 possuímos no orçamento da República Cr\$ 3.800.000,00 destinados à Biblioteca e Cr\$ 1.800.000,00 destinados à construção, que somados aos 50% que faltam receber do exercício de 1962 perfaz um total de Cr\$ 6.300.000,00.” Ao final convidou os acadêmicos para visitarem a obra.

Nos dias 5 e 6 de setembro de 1964, em solenidades oficiais, foi instalada a maior parte da Academia. As obras foram concluídas no governo de Aluizio Alves, que prestou todo o apoio necessário.

PATRONOS E ACADÊMICOS

Faltam ser biografados 47 acadêmicos - dos quais 14 já deixaram o nosso convívio. Por sugestão da secretária, da instituição, senhora Sônia Cavalcanti, fomos convidados pelo presidente, acadêmico Diógenes da Cunha Lima, para executar essa honrosa e difícil tarefa, escrever o *Patronos e Acadêmicos – Volume III*.

O trabalho mais difícil coube a Veríssimo de Melo, principalmente no Volume I. Nele, encontramos os perfis dos quarenta patronos, acompanhados de páginas antológicas de cada um. No segundo volume temos mais sessenta e um acadêmicos. Os livros foram editados em 1972 e 1974, respectivamente, pela Editora Pongetti, no Rio de Janeiro. Dizia o autor na abertura do segundo volume:

“Nestes trinta e sete anos de existência da Academia (1936 – 1973), vinte e três acadêmicos, incluindo fundadores e sucessores, já foram ceifados pela Iniludível.”

Pois, nestes sessenta e sete anos já se foram sessenta e nove acadêmicos. Em trinta anos, (1973 - 2003) quarenta e seis óbitos. No momento em que escrevemos falta preencher apenas a cadeira número dois, até pouco tempo ocupada pelo Professor Grácio Barbalho, faltando apenas algumas posses, já com datas marcadas.

Dentre os cento e oito fundadores e sucessores, sessenta e um constam do segundo volume.

Dos quarenta fundadores apenas dois estão entre nós: Raimundo Nonato Fernandes e Sanderson Negreiros, cadeiras 39 e 40, respectivamente. Dos biografados por Veríssimo de Melo, no segundo volume, além desses dois, temos Enélio Petrovich, Umberto Peregrino, Maria Eugênia Montenegro, Diógenes da Cunha Lima e João Batista Cascudo Rodrigues.

A seguir a relação dos quarenta e sete:

Acadêmicos que serão biografados no volume III do Patronos e Acadêmicos:

Acadêmico	Cadeira
1. Sílvio Pedroza	1
2. Cláudio Emerenciano	
3. Grácio Barbalho (14.10.1982)	2
4. José de Anchieta	3
5. Ascendino de Almeida (08.12.1976)	5
6. Manoel Onofre Júnior	
7. Gumercindo Saraiva (08.12.1976)	6
8. João Batista Pinheiro Cabral	
9. Mariano Coelho (31.01.1974)	7
10. Nestor dos Santos Lima	
11. Nilson Patriota (12.03.1981)	8
12. Dorian Gray Caldas (26.09.1986)	9
13. Paulo Macedo (13.09.1979)	10

14. Miguel Seabra Fagundes	11
15. Fagundes de Menezes	
16. Paulo de Tarso C. de Melo	
17. Oswaldo Lamartine	12
18. Oriano de Almeida	13
19. Raul Fernandes	14
20. Armando Negreiros	
21. Aluizio Alves (24.09.1977)	17
22. Dom Nivaldo Monte (15.10.1975)	18
23. Murilo Melo Filho	19
24. Mário Moacir Porto (15.05.1977)	20
25. Dorian Jorge Freire	
26. Luís Rabelo (24.04.1975)	21
27. Valério Mesquita	
28. Padre Jorge O'grady (30.08.1984)	22
29. Padre José Mário	
30. Iaperi Araújo	23
31. Antonio Soares Filho (17.08.1976)	24
32. Tarcísio Medeiros	
33. Inácio Meira Pires (24.04.1975)	25
34. João Wilson M. de Melo (15.03.1984)	
35. Vicente Serejo	27
36. Jurandyr Navarro (07.08.1980)	28
37. Itamar de Souza	29
38. Aluísio Azevedo	30
39. Pedro Vicente Costa	31
40. Hypérides Lamartine	33

41. Lenine Pinto	34
42. Gilberto Avelino (16.09.1977)	35
43. Ticiano Duarte	
44. Olavo de Medeiros Filho	36
45. Luís Carlos Guimarães	37
46. Hélder Heronildes	
47. Vingt-un Rosado	38

Relação dos 61 biografados por Veríssimo de Melo, no Volume II

Acadêmico	Cadeira
1. Adauto Câmara	1
2. Raimundo Nonato da Silva (19.05.1955)	
3. Henrique Castriciano	2
4. Hélio Galvão (26.05.1949)	
5. Oto de Brito Guerra	3
6. Virgílio Trindade	4
7. Enélio Lima Petrovich (28.05.1970)	
8. Edgar Barbosa	5
9. Carolina Wanderley	6
10. Antonio Soares	7
11. Matias Maciel Filho	8
12. Walter Wanderley (31.01.1969)	
13. Nestor dos Santos Lima	9
14. Cristóvão Dantas (11.02.1960)	
15. Humberto Dantas (28.05.1970)	
16. Peregrino Júnior (23.10.1970)	
17. Bruno Pereira	10
18. Januário Cicco	11
19. Onofre Lopes da Silva (03.02.1955)	
20. Juvenal Lamartine	12

21. Veríssimo de Melo (23.08.1956)	
22. Luis da Câmara Cascudo	13
23. Antonio Fagundes	14
24. Sebastião Fernandes	15
25. Antonio Pinto de Medeiros (06.06.1946)	
26. Eloy de Souza (13.10.1949)	
27. Umberto Peregrino (26.08.1960)	
28. Francisco Palma	16
29. Rômulo Chaves Wanderley (09.08.1954)	
30. Maria Eugênia Montenegro (29.12.1971)	
31. Dioclécio Duarte	17
32. Waldemar de Almeida	18
33. Clementino Câmara	19
34. Nilo Pereira (26.05.1955)	
35. Palmira Wanderley	20
36. Floriano Cavalcanti de Albuquerque	21
37. Cônego Luis Gonzaga do Monte	22
38. Dom José Adelino Dantas (06.06.1946)	
39. Bezerra Júnior	23
40. Otoniel Meneses (01.05.1958)	
41. Jaime dos Guimarães Wanderley(28.05.1970)	
42. Francisco Ivo Cavalcanti	24
43. Antonio Antídio de Azevedo (28.08.1969)	
44. Aderbal de França	25
45. José Augusto Bezerra de Medeiros	26
46. Diógenes da Cunha Lima (29.12.1971)	
47. Américo de Oliveira Costa	27
48. Paulo Pinheiro de Viveiros	28
49. Esmeraldo Siqueira	29

50. Manoel Rodrigues de Melo	30
51. José Melquíades de Macedo	31
52. Tércio Rosado Maia	32
53. João Batista C. Rodrigues (13.04.1967)	
54. Oswaldo de Souza	33
55. Alvamar Furtado de Mendonça	34
56. Edinor Avelino	35
57. João Medeiros Filho	36
58. Newton Navarro	37
59. José Tavares da Silva	38
60. Raimundo Nonato Fernandes	39
61. Sanderson Negreiros	40

QUADRO GERAL DOS ACADÊMICOS

Patrono	Fundador	Sucessores	Ocupante atual
1. Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva Sylvio Pedroza	Cláudio Emerenciano
2. Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho	Vaga em 2003
3. Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	-----	José de Anchieta Ferreira
4. Lourival Açucena	Virgílio Trindade	-----	Enélio Lima Petrovich
5. Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida	Manoel Onofre Júnior
6. Luis Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva	João B. Pinheiro Cabral
7. Ferreira Nobre	Antonio Soares	Mariano Coelho	Nestor dos Santos Lima
8. Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley	Nilson Patriota
9. Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas Humberto Dantas Peregrino Júnior	Dorian Gray Caldas
10. Elias Souto	Bruno Pereira	-----	Paulo Macedo
11. Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva Miguel Seabra Fagundes João Fagundes de Menezes	Paulo de Tarso C. de Melo
12. Amaro Cavalcanti	Juvenal Lamartine	Veríssimo Pinheiro de Melo	Oswaldo Lamartine
13. Luis Fernandes	Câmara Cascudo	-----	Oriano de Almeida
14. Joaquim Fagundes	Antonio Fagundes	Raul Fernandes	Armando Negreiros
15. Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Eloy de Souza Antonio Pinto de Medeiros	Umberto Peregrino
16. Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley	Maria Eugênia Montenegro
17. Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	-----	Aluizio Alves
18. Augusto Severo	Waldemar de Almeida	-----	Dom Nivaldo Monte
19. Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira	Murilo Melo Filho
20. Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mário Moacyr Porto	Dorian Jorge Freire
21. Antonio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luis Rabelo	Valério Mesquita
22. C. Leão Fernandes	Cônego Luis Monte	Dom José Adelino Cônego Jorge O'Grady de Paiva	Cônego José Mário Medeiros
23. Antonio Glicério	Bezerra Júnior	Otoniel Menezes Jaime do G. Wanderley	Iaperi Soares de Araújo
24. Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcanti	Antídio Azevedo Antonio Soares Filho	Tarcisio da Natividade Medeiros
25. Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires	João Wilson M. de Melo
26. Manoel Dantas	J. Augusto B. Medeiros	-----	Diógenes da Cunha Lima
27. Aurélio Pinheiro	Américo de O. Costa	-----	Vicente Serejo
28. Padre João Manoel	Paulo Viveiros	-----	Jurandyr Navarro
29. Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	-----	Itamar de Souza
30. Mons. Augusto Franklin	Manoel R. de Melo	-----	Aluisio Azevedo
31. Padre Brito Guerra	José Melquíades	-----	Pedro Vicente da Costa
32. Francisco Fausto	Tércio Rosado	-----	João B. Cascudo Rodrigues
33. Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	-----	Hypérides Lamartine
34. José da Penha	Alvamar Furtado	-----	Lenine Pinto
35. Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino	Ticiano Duarte
36. Benício Filho	João Medeiros Filho	-----	Olavo de Medeiros Filho
37. Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luis Carlos Guimarães	Élder Heronildes
38. Luis Antonio	José Tavares	-----	J. Vingt-un Rosado Maia
39. Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX	Raimundo Nonato Fernandes
40. Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX	Sanderson Negreiros

PRESIDENTES DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

1. Henrique Castriciano de Souza	14.11.1936 a 27.04.1938
2. Antonio Soares de Araújo	07.05.1938 a 27.05.1943
3. Juvenal Lamartine de Faria	27.05.1943 a 24.03.1949
4. Paulo Pinheiro de Viveiros	24.03.1949 a 26.12.1949
5. Américo de Oliveira Costa	26.12.1949 a 31.12.1949
6. Edgar Barbosa	09.03.1950 a 22.02.1951
7. Paulo Pinheiro de Viveiros	22.02.1951 a 13.01.1955
8. Manoel Rodrigues de Melo	13.01.1955 a 30.01.1976
9. Onofre Lopes da Silva	30.01.1976 a 13.07.1984
10. Dom Nivaldo Monte	13.07.1984 a 08.11.1984
11. Diógenes da Cunha Lima	08.11.1984 a

O dia-a-dia da ANL – resumo de atas

Ata da 1ª sessão preparatória da Academia Norte-rio-grandense de Letras em 14 de novembro de 1936.

Aos 14 dias do mês de novembro de 1936, no edifício do Instituto de Música do Rio Grande do Norte, à rua Vigário Bartolomeu, 630, presentes os senhores acadêmicos Henrique Castriciano, Sebastião Fernandes, Antonio Soares, Juvenal Lamartine, Câmara Cascudo, Ivo Filho, Edgar Barbosa, Floriano Cavalcante, Otto Guerra, Matias Maciel, Waldemar de Almeida, Clementino Câmara, Bezerra Júnior e Aderbal França, foi aberta às 19h 30 minutos, a primeira sessão preparatória da Academia de Letras Norte-rio-grandense. Pelo acadêmico Câmara Cascudo foi lido o projeto de estatutos, do qual distribuiu cópias dactiloscópicas aos acadêmicos presentes. Esse projeto submetido à discussão e votação foi aprovado com algumas emendas. O mesmo consórcio leu uma carta da poetisa Palmira Wanderley dirigida ao acadêmico Sebastião Fernandes, declinando de sua inclusão no quadro dos fundadores da academia. Esta, por unanimidade, resolveu não aceitar a renúncia, solicitando ao acadêmico Sebastião Fernandes que procurasse dissuadir a signatária, dando ciência à Academia em sua próxima sessão. Em seguida, o acadêmico Câmara Cascudo declarou ter se desincumbido da missão que lhe havia confiado a Academia Carioca de Letras, pelo seu presidente, para assumir a fundação de uma associação de letras no Rio Grande do Norte. Considerando aquela sessão como sendo a da fundação, congratulou-se com os presentes e sugeriu a necessidade de eleger-se imediatamente a diretoria. Distribuídas as cédulas, foram eleitos, em escrutínio secreto: Presidente, Henrique Castriciano; Secretário Geral, Luís da Câmara Cascudo; 1º secretário, Edgar Barbosa; 2º secretário Aderbal França; Tesoureiro, Clementino Câmara. Para a comissão do Regimento Interno: Sebastião Fernandes, Matias Maciel e Otto Guerra. Para a Comissão de Contas: Francisco Ivo, Virgílio Trindade e Francisco Palma. Para a Comissão de Redação da Revista: Juvenal Lamartine, Floriano Cavalcante e Antonio Soares. Passando a presidência ao acadêmico Henrique Castriciano, este concordou com a deliberação da Academia de que a diretoria eleita visitasse o senhor Governador do Estado, cientificando-o da fundação da Academia e solicitando os auxílios necessários para a instalação e publicação da Revista. Nada mais havendo a tratar foi marcada nova reunião para o dia 18 às 19 horas, no mesmo local. E para constar, eu, Aderbal França, 2º secretário da Academia, lavrei a presente ata que vai assinada por todos os acadêmicos presentes.

Ata da 2ª sessão preparatória da Academia Norte-rio-grandense de Letras em 21 de novembro de 1936.

Aos 21 dias do mês de novembro de 1936, no Edifício do Instituto de Música do Rio Grande do Norte, à rua Vigário Bartolomeu, 630, presentes os acadêmicos Henrique Castriciano de Souza, Antonio Soares de Araújo, Clementino Hermógenes da Silva Câmara, Luís da Câmara Cascudo, Otto de

Britto Guerra, Mathias Carlos de Araújo Maciel Filho, Virgílio Galvão Bezerra da Trindade, Joaquim Bezerra Júnior, padre Luiz Gonzaga do Monte, Waldemar de Almeida, Edgar Ferreira Barbosa e Aderbal de França, foi aberta a sessão às 19 e meia horas, pelo presidente, Henrique Castriciano. Lida a ata da primeira sessão preparatória, e posta em discussão, o acadêmico Antonio Soares observou que os estatutos da Academia haviam sido redigidos pelo acadêmico Mathias Maciel, assim como os nomes dos acadêmicos deveriam constar por extenso. O acadêmico Edgar Barbosa sugere se organizar uma lista de patronos, excluídos os já escolhidos, a fim de serem evitados nomes de pouco merecimento. A academia discute a proposta do acadêmico Edgar Barbosa, ficando resolvido que os acadêmicos fizessem livre escolha dos seus patronos, uma vez que saberiam fazer a seleção devida. O acadêmico pede a Academia um prazo de 15 dias para apresentar o regimento de que está incumbido de organizar. É concedido o prazo solicitado. A seguir o acadêmico Edgar Barbosa fala sobre o propósito do governo de subvencionar a Academia. Apresentadas várias sugestões a respeito, o presidente resolve que os membros da diretoria voltem à presença do senhor governador a fim de agradecer o auxílio. O acadêmico Antonio Soares lembra que a Academia deve tratar de estabelecer de seu lema, o que é aceito, sendo escolhido o acadêmico padre Luiz Monte para apresentá-lo. O presidente marca nova sessão para o dia 28 de novembro, à mesma hora e no mesmo lugar. Nada mais havendo a tratar é encerrada a sessão. E, para constar, eu, Aderbal de França, secretário, escrevi a presente ata, que fica assinada pelos acadêmicos presentes.

Ata da 3ª sessão preparatória da Academia Norte-rio-grandense de Letras em 28 de novembro de 1936.

Aos 28 dias do mês de novembro de 1936, no Edifício do Instituto de Música do Rio Grande do Norte, à rua Vigário Bartolomeu, 630, presentes os acadêmicos Henrique Castriciano de Souza, Antonio Soares de Araújo, Sebastião Fernandes, Juvenal Lamartine, Câmara Cascudo, Mathias Maciel, Edgar Barbosa, Virgílio Trindade, Francisco Ivo, Clementino Câmara, Waldemar de Almeida, Bezerra Júnior e Aderbal de França, foi aberta a sessão às 20 horas, pelo presidente, Henrique Castriciano. Lida aprovada pelos presentes a ata da sessão anterior, o acadêmico Câmara Cascudo declara que, incumbido pela Academia de convidar pessoalmente o Dr. Antonio José de Mello e Souza para ser um de seus membros fundadores, vinha dizer que o mesmo recusara aceitá-lo por motivos de saúde, prontificando-se, porém, a auxiliar a Academia da maneira que lhe fosse possível. Posta a votos pelo presidente a recusa do Dr. Antonio de Souza, foi esta aceita em virtude dos motivos alegados. O acadêmico Sebastião Fernandes informa que não obtivera ainda nenhuma resposta da poetisa Palmira Wanderley sobre se resolvera ou não aceitar uma das cadeiras da Academia. O acadêmico Antonio Soares diz que também estivera com a poetisa Palmira Wanderley falando sobre a sua inclusão no quadro da Academia, assim como com a poetisa Carolina Wanderley. Que ambas aplaudiram a fundação da Academia, tendo a poetisa Palmira Wanderley lhe declarado que não julgara que a sua recusa viesse criar

“caso” na organização da mesma. Assim sendo, punha a solução do caso ao critério do mesmo acadêmico Antonio Soares, que submete à Academia, que aceita a inclusão da poetisa Palmira Wanderley. O acadêmico Câmara Cascudo fala sobre novo entendimento da diretoria com o governo do Estado. O presidente, de acordo com os demais acadêmicos, acorda em aguardar o regresso do governador do Estado, que se encontra no Rio de Janeiro. Em nome do acadêmico padre Luiz Monte, que não pode comparecer, o acadêmico Câmara Cascudo submete ao julgamento da Academia quatro termos organizados pelo padre Luiz Monte, sendo o primeiro: **Ad lucem versus**; o segundo: **Dúctor in altum**; terceiro: **Viteus lumi, sidera corpe**; quarto: **Tellus premat artus, tráhant sidera vérticem**. Depois de discutidos, é aceito o primeiro. A seguir o acadêmico Adherbal França propõe para preencher a vaga existente no quadro dos sócios fundadores o professor Antonio Gomes da Rocha Fagundes, o que é aceito. O acadêmico Edgar Barbosa fala sobre a data da instalação da Academia. Depois de várias sugestões, o acadêmico Antonio Soares propõe tratar-se antes da aprovação do Regimento, o que é aprovado. O acadêmico Mathias Maciel propõe a reedição dos estatutos da Academia, com algumas modificações que promete apresentar na próxima sessão. Nada mais havendo a tratar, o acadêmico presidente anuncia nova sessão na próxima quarta-feira, 2 de dezembro, no mesmo local e hora. A seguir encerra a sessão. E, para constar, eu, Aderbal França, 2º secretário, escrevi a presente ata, que assina com os demais acadêmicos presentes.

Ata da 4ª sessão preparatória da Academia Norte-rio-grandense de Letras em 2 de dezembro de 1936.

Aos 2 dias do mês de dezembro de 1936, no Edifício do Instituto de Música do Rio Grande do Norte, à rua Vigário Bartolomeu, 630, presentes os acadêmicos Henrique Castriciano de Souza, Luís da Câmara Cascudo, Edgar Barbosa, Clementino Câmara, Antonio Soares, Sebastião Fernandes, padre Luiz Monte, Waldemar de Almeida, Virgílio Trindade, Bezerra Júnior, Otto Guerra, Mathias Maciel Filho e Aderbal França, foi aberta a sessão às vinte horas pelo acadêmico Henrique Castriciano, presidente. Lida pelo secretário a ata da sessão anterior, foi aprovada e assinada pelos acadêmicos presentes. A seguir o acadêmico Edgar Barbosa lê as modificações dos artigos 2 e 5 dos Estatutos da Academia, propostos pelo acadêmico Maciel Filho, na sessão anterior. São unanimemente aprovados e promulgados os Estatutos, que vão a ser republicados no órgão oficial do Estado. O acadêmico Otto Guerra passa a ler a proposta de Regimento Interno, de cuja confecção fora incumbido. Durante a leitura é discutido o artigo 20, que trata da perpetuidade dos membros da Academia. É aprovado o regimento com a sugestão do acadêmico Câmara Cascudo. A seguir trata-se da data da instalação da Academia. O presidente propõe a data de 1º de janeiro para essa solenidade. O acadêmico Antonio Soares lembra o dia 25 de dezembro corrente. Havendo opiniões discordantes, submete-se à votação nominal, sendo escolhido por maioria o dia 25 de dezembro. Quanto ao local nada é definitivamente resolvido. O acadêmico Câmara Cascudo propõe, de acordo com o Regimento aprovado, que se faça a eleição da Comissão de Publicações. A escolha recai nos

acadêmicos Otto Guerra, Mathias Maciel Filho e padre Luiz Monte, tendo renunciado o acadêmico Sebastião Fernandes. O acadêmico Câmara Cascudo lança um apelo aos acadêmicos para que procurem as publicações de que são autores e lhe entreguem os exemplares destinados ao início da formação do patrimônio da Academia, em vista de possuir local para esse arquivo e não ter ainda a Academia a sua sede. Nada mais havendo a se tratar, o acadêmico presidente marca para o dia 9 do corrente para a 5ª sessão preparatória e suspende a sessão. E para constar, eu, Aderbal França, 2º secretário, lavro a presente ata, que fica assinada por todos os acadêmicos presentes.

Ata da 5ª sessão preparatória da Academia Norte-rio-grandense de Letras em 12 de dezembro de 1936.

Aos 12 dias do mês de dezembro de 1936, no Edifício do Instituto de Música do Rio Grande do Norte, à rua Vigário Bartolomeu, 630, presentes os acadêmicos Henrique Castriciano de Souza, Edgar Barbosa, Otto Guerra, Virgílio Trindade, Bezerra Júnior, Mathias Maciel Filho e Aderbal França, foi aberta a sessão pelo acadêmico presidente Henrique Castriciano, às 20 horas, sendo a mesma sessão a 5ª, em virtude de não ter se realizado a anterior. Lida a ata foi aprovada e assinada pelos presentes, depois de ter o acadêmico Mathias Maciel Filho se referido à publicação dos Estatutos, por ter sido feita sem a assinatura dos membros da Diretoria. A seguir o acadêmico Edgar Barbosa participou a ausência do acadêmico Nestor Lima. O acadêmico Edgar Barbosa, 1º secretário, leu um telegrama que recebera do presidente da Academia Carioca de Letras felicitando a Academia pela sua fundação. O presidente passou a tratar da próxima instalação da Academia, ficando acertado não se realizar mais no dia 25 de dezembro em virtude de se acharem diversos acadêmicos fora da cidade passando o verão. Nada mais havendo para se tratar, o acadêmico Henrique Castriciano, presidente, determinou o dia 20 do corrente para outra sessão, à mesma hora e no mesmo lugar, suspendendo a sessão. E para constar, eu, Aderbal França, segundo secretário, lavrei a presente ata, que será assinada por todos os acadêmicos presentes.

Ata da sessão de instalação da Academia Norte-rio-grandense de Letras, em 15 de maio de 1937.

Aos quinze dias de maio de 1937, na sala “Waldemar de Almeida”, do Instituto de Música, à rua Vigário Bartolomeu, 630, presentes os senhores Henrique Castriciano, Luís da Câmara Cascudo, Antonio Soares de Araújo, Nestor dos Santos Lima, Mathias Maciel, Floriano Cavalcanti, Edgar Barbosa, Palmira Wanderley, Carolina Wanderley, Francisco Ivo Cavalcanti, Otto Guerra, padre Luiz Monte, Valdemar de Almeida, Clementino Câmara, Antonio Fagundes, Bezerra Júnior, Virgílio Trindade e Aderbal de França, foi aberta a sessão pelo presidente Henrique Castriciano, que convidou para tomar parte na mesa o senhor Petrarca Maranhão, escritor e Procurador da República no Rio Grande do Norte e um representante da Academia de Letras do Ateneu Norte-rio-grandense. Lida, pelo 2º secretário, a ata da sessão anterior, foi aprovada. O 1º secretário procedeu à

leitura de um telegrama do senhor Afonso Costa, de congratulações pela instalação da Academia. A seguir o presidente deu a palavra ao senhor Câmara Cascudo, secretário geral, que pronunciou eloqüente discurso, historiando a fase preparatória da Academia. O senhor Edgar Barbosa propôs que os Acadêmicos presentes declarassem os nomes dos seus Patronos, no que concordou o senhor Câmara Cascudo. Fazendo-se a chamada, responderam: o senhor Ivo Filho – **Gothardo Neto**; Carolina Wanderley – **Luiz Carlos Wanderley**; Palmira Wanderley – **Auta de Souza**; Virgílio Trindade – **Lourival Açucena**; padre Luiz Monte – **Padre Leão Fernandes**; Otto Guerra – **Conselheiro Brito Guerra**; Bezerra Júnior – **Antonio Glicério**; Mathias Maciel – **Isabel Gondim**; Antonio Soares – **Ferreira Nobre**; Nestor Lima – **Almino Afonso**; Antonio Fagundes – **Joaquim Fagundes**; Clementino Câmara – **Ferreira Itajubá**; Aderbal França – **Ponciano Barbosa**; Edgar Barbosa – **Moreira Brandão**; Câmara Cascudo – **Augusto Severo***; Henrique Castriciano – **Nísia Floresta**. O presidente, Henrique Castriciano, passou a ler um trabalho sobre a história literária no Rio Grande do Norte, em que se demorou quarenta minutos. A seguir declarou instalada a Academia Norte-rio-grandense de Letras. Pelo acadêmico Câmara Cascudo foi proposto que enquanto os acadêmicos não fizessem estudos sobre os seus patronos, comparecessem de 15 em 15 dias, na Academia, para reuniões ligeiras, como estímulo para os estudos literários. O presidente e demais acadêmicos aprovaram a proposta do acadêmico Câmara Cascudo. Depois encerrou a sessão. *Modificado posteriormente para Luís Fernandes (nota do autor).

A Academia em 1938

Ata de sessão ordinária de 9 de abril de 1938. Em hora e local agendados, reuniram-se os acadêmicos Luís da Câmara Cascudo, Nestor dos Santos Lima, Bruno Pereira, Virgílio Trindade, Bezerra Júnior, Edgar Barbosa, Carolina Wanderley, Clementino Câmara, Mathias Maciel, sendo, sob a presidência do primeiro, aberta a sessão. O presidente em exercício informou à casa que o acadêmico Henrique Castriciano havia renunciado seu cargo de Presidente efetivo, dirigindo-lhe uma carta onde afirmava sua decisão em caráter irrevogável e definitivo. Por unanimidade de votos foi aprovada uma proposta do acadêmico Bruno Pereira para que se telegrafasse ao renunciante, solicitando-lhe a retirada do pedido de renúncia. Foi encarregado de dirigir-se ao acadêmico Henrique Castriciano, o acadêmico Edgar Barbosa. O acadêmico Nestor Lima informou ter recebido carta do Dr. Afonso Costa, da federação de Academias Brasileiras, solicitando-lhes detalhes sobre os patronos. Não havendo mais sugestões foi encerrada a sessão e eu, Luis da Câmara Cascudo, Secretário Geral em exercício da Presidência, lavrei a presente ata, que assino.

Ata da sessão ordinária de 27 de abril de 1938

À hora habitual reuniram-se os acadêmicos Luís da Câmara Cascudo, Nestor dos Santos Lima, Mathias Maciel, Clementino Câmara, Antonio Fagundes, Carolina Wanderley, Virgílio Trindade, onde, sob a presidência do primeiro, aberta

a sessão. Foi informado à casa que o acadêmico Henrique Castriciano, alegando não mais residir em Natal, resignara-se retirar o pedido de renúncia. Foi unanimemente votado um pleito de louvor ao presidente resignado, pelo muito que produziu pela Academia. O acadêmico Nestor Lima leu a relação dos patronos, por ordem dos nascimentos*, pois, aprovado, vai enviado à Federação das Academias.

Foram trocadas várias sugestões para as leituras dos elogios dos patronos. Encerramos a sessão às 21 horas e eu, Luis da Câmara Cascudo, Secretário Geral, no exercício da Presidência, fiz lavrar a presente ata, que assino.

*A relação encontra-se nas primeiras páginas desse livro (nota do autor).

No dia 7 de maio de 1938, ata da sessão extraordinária, presentes os acadêmicos Luís da Câmara Cascudo, com procurações especiais dos acadêmicos Luis Monte, Sebastião Fernandes e Bruno Pereira, Clementino Câmara, com procuração do acadêmico Antonio Soares, Antonio Fagundes, Matias Maciel Filho, Carolina Wanderley, com procuração da acadêmica Palmira Wanderley, Virgílio Trindade, foi aberta a sessão sob a presidência do Secretário Geral. A finalidade era para a eleição para a vaga aberta com a irrevogável renúncia do acadêmico Henrique Castriciano. Todos os acadêmicos presentes à capital haviam sido avisados por intermédio dos presentes, havendo número legal para abrir a sessão. Procedeu-se a eleição em escrutínio secreto, sendo eleito, por maioria, o acadêmico Antonio Soares. O Presidente em exercício proclamou o novo Presidente em face do resultado da votação e designou uma comissão, dos acadêmicos Antonio Fagundes, Clementino Câmara e Virgílio Trindade para levar ao conhecimento do recém-eleito a escolha dos seus pares. E encerrando a sessão o Secretário Geral no exercício da presidência, fez lavrar a presente ata, que assino. Luis da Câmara Cascudo.

No dia 17 de maio de 1938, sessão para a posse do Presidente da Academia. Presentes os acadêmicos Luís da Câmara Cascudo, Antonio Soares, Carolina Wanderley, Clementino Câmara, Antonio Fagundes, Matias Maciel, Virgílio Trindade, foi aberta a sessão pelo Secretário Geral para anunciar a presença do Presidente eleito e declarou-o apossado, passando a presidência da sessão. O acadêmico Antonio Soares agradeceu a confiança da Academia e reafirmou suas esperanças de vida brilhante naquela associação cultural. Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a sessão e eu, Luís da Câmara Cascudo, lavrei a presente ata que lida e aprovada foi assinada pelo Presidente.

A Academia em 1939

No dia 18 de março de 1939, às dezenove e meia horas, no IHG, presentes os acadêmicos Antonio Soares, Câmara Cascudo, Edgar Barbosa, Sebastião Fernandes, Bruno Pereira, Matias Maciel, Bezerra Júnior, Francisco

Palma, Virgílio Trindade, Clementino Câmara, Francisco Ivo e Aderbal de França, foi aberta a sessão sob a presidência do primeiro. O expediente constou de vários ofícios do secretário da Federação das Academias de Letras do Brasil, tratando de assuntos referentes do intercâmbio da Academia, destacando-se os seguintes: solicitando que a Academia procedesse a eleição de dez nomes de cada uma das seguintes especialidades literárias, para o inquérito da Federação: romancistas, poetas, contistas, novelistas, críticos, teatrólogos, jornalistas, historiadores, sociólogos, filósofos, filólogos; recomendando fosse feita a habilitação perante o Ministério da Educação para o fim de a Academia merecer auxílio do Governo Federal, na forma do decreto-lei nº 527, de 1º de julho do ano passado; pedindo o prestígio da Academia junto aos seus membros e aos intelectuais do Estado para que destinem livros à exposição permanente do livro brasileiro, em Montevidéu, conforme o desejo do Embaixador do Brasil no Uruguai; solicitando providência no sentido de ser preenchido o quadro de representantes da Academia junto à Federação, fazendo-se a designação do acadêmico Henrique Castriciano; solicitando providências sobre a cooperação da Academia no V Congresso de Academias de Letras e de Intelectuais, a realizar-se de 20 de junho a 2 de julho, na Capital Federal; solicitando o pronunciamento da Academia para assuntos tratados em ofícios anteriores sobre a colaboração e noticiário para a “Revista das Academias de Letras”, órgão da FALB e uma relação dos acadêmicos e intelectuais do Estado, que pretendam receber a revista, cuja assinatura custa 30\$000; ... Carta do chefe de polícia da Capital Federal, capitão Felinto Muller, enviando a última publicação do serviço de divulgação da Polícia do Distrito Federal, sob o título: “Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manoel em 1º de maio de 1500”. O Presidente declarou que, se encontrado enfermo o acadêmico Nestor Lima, for por este incumbido de pôr a sede do Instituto Histórico à disposição da Academia para os seus trabalhos. A Academia aceitou o oferecimento do Presidente do Instituto Histórico, agradecendo ao consórcio Nestor Lima. O Presidente propôs que se lançasse um voto de louvor ao consórcio Waldemar de Almeida por ter cedido o Instituto de Música, de que era diretor, para as sessões anteriores da Academia, inclusive de instalação. ..., ata lavrada por Aderbal França, segundo secretário.

No dia 25 de março de 1939, presentes os acadêmicos Antonio Soares, Câmara Cascudo, Sebastião Fernandes, Edgar Barbosa, Bruno Pereira, Dioclécio Duarte, Antonio Fagundes, Bezerra Júnior, Clementino Câmara, Virgílio Trindade, Carolina Wanderley, Francisco Palma e Aderbal de França. O Presidente informou que convocara a sessão para se proceder a eleição da nova diretoria da Academia e das comissões – Contas e Revista, porém como a notícia não havia adiantado essa declaração, consultava se devia ou não ser feita a eleição no momento. O acadêmico Câmara Cascudo propôs, aprovado pelos demais, que se procedesse a eleição uma vez que havia número bastante. O Presidente lê os estatutos, na parte das eleições e distribuiu as cédulas. O resultado foi o seguinte: para Presidente, Antonio Soares 12 votos; Câmara Cascudo 1. Para Secretário Geral, Câmara Cascudo, 9; Edgar Barbosa, 1; Bruno Pereira, 2; Dioclécio Duarte, 1. Para primeiro Secretário: Edgar Barbosa, 10; Aderbal França, 1; Câmara Cascudo, 1; Sebastião Fernandes, 1. Para 2º Secretário: Aderbal França, 9; Virgílio Trindade,

1; Dioclécio Duarte, 1; Clementino Câmara, 1; Edgar Barbosa, 1. Para tesoureiro: Clementino Câmara, 6; Virgílio Trindade, 5; Antonio Fagundes, 2. Em seguida houve a eleição para a Comissão de Contas e de Redação da Revista, dando o seguinte resultado: Virgílio Trindade, 10; Bezerra Júnior, 5; Francisco Palma, 5; Antonio Fagundes, 5; Francisco Ivo, 4; Carolina Wanderley, 2 e Bruno Pereira, 2. Comissão de Redação da Revista: Sebastião Fernandes, 9; Dioclécio Duarte, 8; Nestor Lima, 3; Câmara Cascudo, 3; Carolina Wanderley, 3; Bruno Pereira, 2; Aderbal de França, 2 e Juvenal Lamartine, 2. Verificando-se empate em alguns resultados procedeu-se a um segundo escrutínio, resultando terem sido eleitos ainda para a Comissão de Contas o acadêmico Antonio Fagundes e para a Revista o acadêmico Câmara Cascudo, ficando assim constituídos: Comissão de Contas – Virgílio Trindade, Bezerra Júnior e Antonio Fagundes; Comissão de Redação da Revista – Sebastião Fernandes, Dioclécio Duarte e Câmara Cascudo. O acadêmico Câmara Cascudo solicitou anulação da sua eleição para a comissão da Revista, o que foi rejeitado pela Academia. Declarou-se empossada a nova diretoria e os membros das Comissões, foi encerrada a sessão que teve a ata lavrada por Aderbal França.

No dia 1º de abril de 1939, presentes os acadêmicos Antonio Soares, Câmara Cascudo, Edgar Barbosa, Matias Maciel, Clementino Câmara, Francisco Ivo, Carolina Wanderley, Antonio Fagundes, Virgílio Trindade, Bezerra Júnior e Aderbal França. O Presidente declarou que convocara a sessão para se tratar da eleição dos sócios correspondentes da Academia. Foram propostos: pelo acadêmico Nestor Lima, por intermédio do Presidente, o Sr. Francisco Garazzo Perry Vidal, em Lisboa; pelo acadêmico Câmara Cascudo: Dr. João José Maria Francisco Rodrigues de Almeida, em Lisboa; Henrique Jorge Hurley, no Pará; Edinor Avelino, em Macau e Palmério Filho em Assu, neste Estado; pelo acadêmico Antonio Soares: Joaquim de Araújo Filho, em Recife e Mário Filho, no Rio; pelo acadêmico Clementino Câmara: Jerônimo Pereira, em Recife; pelo acadêmico Matias Maciel: Dr. José Augusto Meira Dantas, no Pará; pelo acadêmico Francisco Ivo: dom José Pereira Alves, arcebispo de Niterói, no Estado do Rio; Sr. Vivaldo Pereira em Currais Novos, neste Estado. Em seguida o Presidente designou os acadêmicos Câmara Cascudo, Edgar Barbosa e Clementino Câmara para, em Comissão, reverem a lista dos novos indicados na sessão anterior e a completarem, referente ao inquérito solicitado pela Federação das Academias de Letras, no sentido de serem eleitos dez dos intelectuais brasileiros em cada uma das dez modalidades de atividade cultural representadas. Aderbal de França lavrou a ata.

No dia 12 de abril de 1939, presentes os acadêmicos Antonio Soares, Câmara Cascudo, Edgar Barbosa, Matias Maciel, Dioclécio Duarte, Virgílio Trindade, Antonio Fagundes, Carolina Wanderley, Bezerra Júnior e Aderbal de França. Falaram sobre a ata anterior os acadêmicos Antonio Soares e Câmara Cascudo, o primeiro lembrando que a proposta do poeta Araújo Filho fora também subscrita pelo acadêmico Bezerra Júnior e o segundo dizendo que também subscrevera a proposta do Dr. Frederico Garazzo Perry Vidal, feita na sessão anterior pelo acadêmico Nestor Lima e que tivera oportunidade de sobre o

proposto externar algumas considerações perante a Academia. O presidente se referiu à próxima sessão, na qual deveria ser feito o elogio do patrono da cadeira ocupada pelo acadêmico Edgar Barbosa. Lembra que se tratando de sessão solene, a Academia devia estabelecer de antemão um protocolo, para o que solicitava sugestões. O acadêmico Edgar Barbosa lembrou que se fizesse um apelo a todos os acadêmicos para que comparecessem no maior número possível a essa sessão. O acadêmico Aderbal França sugeriu que o presidente enviasse a todos eles, individualmente, um cartão, convidando-os. O acadêmico Matias Maciel achou que devia se proceder à chamada dos acadêmicos por ocasião dessa reunião. O acadêmico Cascudo propôs que essa chamada fosse por ordem alfabética. O acadêmico Cascudo lembrou que era praxe fazer-se o elogio do acadêmico novo, enquanto este fazia o elogio do seu patrono. Em vista da aprovação geral o presidente nomeou o acadêmico Câmara Cascudo para falar na sessão solene do dia 22 sobre o acadêmico Edgar Barbosa. Passa-se a tratar do local da sessão solene, ficando resolvido fosse no próprio salão do Instituto, às 20 horas do dia 22. O presidente comunicou que o seu entendimento pessoal com o Interventor Interino, este resolvera conceder à Academia um auxílio mensal de 100\$000 para o seu serviço de expediente e outros. Acrescentou que a primeira mensalidade, correspondente a março, já havia sido recebida pelo tesoureiro. O presidente propõe um agradecimento da Academia ao Secretário Geral, então interlocutor, por essa concessão, indo a diretoria no dia seguinte a palácio. O acadêmico Câmara Cascudo propôs para sócio correspondente no Rio de Janeiro, Peregrino Júnior, sendo aceito. O acadêmico Dioclécio Duarte propôs para a mesma classe o professor Angione Costa, no Rio; o acadêmico Matias Maciel propôs o Dr. Alberto Maranhão no Estado do Rio. O acadêmico Câmara Cascudo propôs um ato congratulatório com o presidente da Academia por haver conseguido reunir quatro vezes seguidas a Academia. E nada mais havendo a tratar, foi suspensa a sessão, lavrando o secretário a presente ata. Aderbal França.

No dia 22 de abril de 1939, realizou-se uma sessão extraordinária da Academia, em caráter solene, para a leitura do elogio de um dos patronos da Academia – Moreira Brandão – a ser feito pelo acadêmico Edgar Barbosa, ocupante da cadeira número cinco.

Presentes os acadêmicos e muitos outros foi procedida a chamada pelo Secretário, à qual responderam os acadêmicos Antonio Soares, Juvenal Lamartine, Câmara Cascudo, Edgar Barbosa, Januário Cicco, Matias Maciel, Clementino Câmara, Antonio Fagundes, Otto Guerra, Dioclécio Duarte, Bruno Pereira, padre Luis Monte, Nestor Lima, Carolina Wanderley, Palmira Wanderley, Francisco Palma, Virgílio Trindade, Waldemar de Oliveira, Floriano Cavalcanti, Francisco Ivo, Bezerra Júnior e Aderbal França, deixando de comparecer os acadêmicos Henrique Castriciano, e Aduato da Câmara por se encontrarem no Rio de Janeiro. O presidente leu um cartão do acadêmico Sebastião Fernandes participando a sua ausência. Dada a palavra ao acadêmico Edgar Barbosa, proferiu este um estudo do seu patrono, que deverá constar da Revista da Academia. Após o presidente concedeu a palavra ao acadêmico Câmara Cascudo, que fez uma saudação ao acadêmico Edgar Barbosa de acordo com o

que havia sido deliberado. A seguir o presidente encerrou a sessão. Aderbal França, secretário.

A Academia em 1941

Aos 19 dias do mês de junho de 1941, realizou-se, às 20 horas, na sede do Instituto Histórico, mais uma sessão da Academia Norte-rio-grandense de Letras, com a presença dos acadêmicos Antonio Soares, Aderbal de França, Virgílio Trindade, Câmara Cascudo, Juvenal Lamartine, Bruno Pereira, Carolina Wanderley e Clementino Câmara. Aberta a sessão, o presidente Antonio Soares esclareceu que a finalidade da reunião era a eleição da nova diretoria. O acadêmico Câmara Cascudo comunica haver sido designado para tomar parte na reunião do Conselho de Geografia, no Rio de Janeiro, devendo seguir no dia 24, no Mauá. Para assistir ao bota-fora do acadêmico Câmara Cascudo foi nomeada uma comissão composta dos acadêmicos Antonio Soares, Aderbal de França e Virgílio Trindade, convidando o presidente os demais membros da Academia que desejassem participar do bota-fora. Os acadêmicos Francisco Palma e Waldemar de Almeida se fizeram representar respectivamente por Antonio Soares e Câmara Cascudo. Em seguida, procede-se a eleição, sendo eleitos, presidente, Antonio Soares; secretário geral, Câmara Cascudo; 1º secretário, Aderbal de França; 2º secretário, Virgílio Trindade; tesoureiro, Clementino Câmara. O presidente Antonio Soares agradece a eleição e declara empossados os companheiros de diretoria. O acadêmico Juvenal Lamartine fala sobre vários assuntos que a seu ver precisa tratar a Academia. O presidente Antonio Soares fala sobre o falecimento do acadêmico Sebastião Fernandes, dizendo que designara o acadêmico Francisco Ivo para representar a Academia no enterro daquele companheiro. Lembrou que a Academia deveria fazer sessão especial para homenagear a memória de Sebastião. O acadêmico Juvenal Lamartine solicita que a mesa se dirija à família do morto pedindo o trabalho que o mesmo escrevera sobre Pedro Velho para figurar nos arquivos da Academia. O acadêmico Luis da Câmara Cascudo diz que tivera ocasião de ler o trabalho e propõe que o mesmo seja adquirido para figurar na Revista da Academia. O presidente promete se entender com a família sobre o assunto. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão do que para constar lavrou-se a presente ata que depois de lida e aprovada será assinada pela mesa. (Esta ata está datilografada, nota do autor).

A Academia em 1943

No dia 27 de maio de 1943, na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (I.H.G.RN), reuniram-se doze acadêmicos na Academia Norte-rio-grandense de Letras (A.N.R.L.), a saber, Câmara Cascudo, Juvenal Lamartine, Nestor Lima, Virgílio Trindade, Matias Maciel, Januário Cicco, Carolina Wanderley, Bezerra Júnior, Aderbal de França, Francisco Ivo, Oto Guerra e Antonio Fagundes.

Câmara Cascudo assumiu os trabalhos, enfatizando a necessidade de se restabelecer o ritmo da Academia, bem como de se eleger uma nova diretoria. Em

seguida procedeu a leitura de uma amistosa carta do acadêmico Antonio Soares, em que este se escusava em continuar na presidência da Academia em virtude de motivos imperiosos e de ordem privada.

Após os elogios a Antonio Soares e a aceitação dos motivos da renúncia, foi eleito presidente Câmara Cascudo que agradeceu a confiança dos acadêmicos, mas, alegando motivos de ordem pessoal, solicitou ser dispensado do honroso encargo.

Em novo escrutínio foi eleito Juvenal Lamartine, por maioria de votos, o qual, assumindo a direção dos trabalhos, procedeu a votação para os demais cargos da diretoria, ficando composta da seguinte maneira: Nestor Lima, secretário geral; Aderbal de França, 1º secretário; Antonio Fagundes, 2º secretário; Virgílio Trindade, tesoureiro; Nestor Lima, Câmara Cascudo e Oto Guerra, comissão de revista; Aderbal de França Carolina Wanderley e Bezerra Júnior, comissão de contas.

O presidente nomeou Januário Cicco, Nestor Lima e Câmara Cascudo para levarem, pessoalmente, ao acadêmico Antonio Soares os cumprimentos da Academia e agradecer os relevantes serviços por ele prestados durante o período de sua florescente administração.

Ficou deliberado para o aumento para trinta, o número dos membros da Academia, conforme solicitara a Federação das Academias de Letras. O presidente marcou para três de junho, a fim de tratar-se de assunto de grande relevância.

Esse é o resumo da ata assinada por Antonio Fagundes, segundo secretário.

No dia 3 de Junho estavam presentes Antonio Soares e Clementino Câmara e ausentes Câmara Cascudo, Matias Maciel e Januário Cicco, em relação à reunião anterior, portanto onze acadêmicos.

Antonio Soares apresentou a seguinte emenda aos estatutos:

“Art. 2º - A Academia, filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil, compõe-se de 30 membros efetivos e dos correspondentes que se fizerem necessários, uns e outros perpétuos e escolhidos dentre pessoas que tenham em qualquer dos gêneros de literatura, publicado trabalhos de reconhecido mérito, ou, fora desses gêneros, produções de valor cultural.”

Art. 9º - A Academia funcionará com cinco membros, deliberando com a presença de ao menos sete.

Art. 12º - Terá o parágrafo único transformado em § 1º, acrescentando-lhe o § 2º - no que lhe for aplicável e de harmonia com os presentes Estatutos, a Academia adota o Código das Academias de Letras, aprovado pela Federação.

O acadêmico Nestor Lima apresentou uma contra-proposta ao art. 9º da emenda apresentada pelo acadêmico Antonio Soares, no sentido de fixar-se em seis o número mínimo de sócios para a Academia reunir-se e deliberar, o que foi aprovado.

Ficou deliberado que o acadêmico Virgílio Trindade faria o elogio do seu patrono Lourival Açucena, na sessão do dia 10 do mesmo mês. Para saudar Virgílio Trindade foi escolhido Oto Guerra.

Antonio Fagundes lavrou a ata supra resumida.

Na sessão do dia 10 de junho estavam presentes doze acadêmicos: Juvenal Lamartine, Antonio Soares, Nestor Lima, Câmara Cascudo, Aderbal de França, Waldemar de Almeida, Carolina Wanderley, Virgílio Trindade, Bezerra Júnior, Clementino Câmara, Oto Guerra e Antonio Fagundes.

O acadêmico Nestor Lima apresentou a seguinte emenda aos Estatutos:

“Disposição Transitória” – “onde couber – Art. Para preenchimento das cadeiras criadas, em virtude da reforma dos Estatutos, a Academia reunir-se-á extraordinariamente em assembléia geral, em dia designado pelo presidente, e cada sócio apresentará uma lista de cinco nomes de pessoas nas condições previstas no art. 2º dos Estatutos para os lugares ora criados, indistintamente.

§ 1º - O candidato que obtiver a maioria absoluta de votos dos membros atuais da Academia, será considerado eleito membro efetivo.

§ 2º - Se da apuração resultarem mais de cinco nomes com a maioria absoluta ora exigida, far-se-á a escolha pelos mais votados, ou pelos que maior merecimento tiverem.

§ 3º - Será permitido ao acadêmico ausente enviar a sua lista em carta fechada, ao Presidente, que só a abrirá no momento de ser verificada a votação.

§ 4º - A recepção e proclamação dos novos acadêmicos eleitos na forma do artigo e parágrafos supra, obedecerá aos preceitos dos Estatutos e do Regimento Interno. Sala das sessões da A.N.L., em Natal, 10 de junho de 1943. Nestor Lima.”

Depois de amplamente discutida, a proposta do acadêmico Nestor Lima, foi inteiramente aprovada. O presidente declarou em seguida que se achava aberta a vaga que se verificara com o falecimento do acadêmico Sebastião Fernandes, para preenchimento da qual a Academia aceitaria propostas.

O acadêmico Virgílio Trindade fez o elogio ao poeta Lourival Açucena, durante sessenta minutos, sendo muito aplaudido. O acadêmico Oto Guerra saudou Virgílio Trindade e ao término foi bastante aplaudido.

Antonio Fagundes lavrou a ata supra resumida.

Aos 13 de julho de 1943 estavam presentes nove acadêmicos: Juvenal Lamartine, Nestor Lima, Aderbal de França, Francisco Ivo, Virgílio Trindade, Waldemar de Almeida, Edgar Barbosa, Bezerra Júnior e Antonio Fagundes.

Aos 15 de julho de 1943, presentes vários acadêmicos e intelectuais, o Dr. Dioclécio Dantas Duarte, representante do Sr. General Antonio Fernandes Dantas, Interventor Federal, teve lugar a sessão solene da A.N.L. para o fim especial de

fazer o elogio ao seu patrono, o poeta Gothardo Neto, o acadêmico Francisco Ivo. Em seguida o acadêmico Edgar Barbosa, em nome da Academia, recepcionou Francisco Ivo. Antonio Fagundes lavrou a ata.

Aos 22 de julho de 1943 estavam presentes os acadêmicos Juvenal Lamartine, Aderbal de França, Nestor Lima, Oto Guerra, Virgílio Trindade, Edgar Barbosa, Câmara Cascudo, Waldemar de Almeida, Clementino Câmara, Floriano Cavalcanti, Luiz Monte, Bezerra Júnior, Francisco Ivo e Antonio Fagundes, fazendo-se representar os acadêmicos Januário Cicco, Antonio Soares, Palmira Wanderley e Carolina Wanderley (18).

Foi objeto da ordem do dia a eleição dos cinco novos acadêmicos para as cadeiras recém criadas. Nestor Lima propôs que a eleição fosse realizada nominalmente e para cada uma das cadeiras em particular. Câmara Cascudo declarou que era contrário à proposta do acadêmico e apresentou uma contra-proposta no sentido de que se fizesse a eleição dos novos acadêmicos em escrutínio secreto e em lista completa. Encerrada a discussão e submetida a votos, a proposta do acadêmico Nestor Lima foi aprovada por maioria de votos.

Procedida a eleição verificou-se que foram eleitos os doutores José Augusto Bezerra de Medeiros, Américo de Oliveira Costa, Paulo Pinheiro de Viveiros, Esmeraldo Homem de Siqueira e o senhor Manoel Rodrigues de Melo para as cadeiras 26, 27, 28, 29 e 30, respectivamente.

O acadêmico Câmara Cascudo propôs uma homenagem ao Dr. Alberto Maranhão para o que lembrava a criação de uma classe de sócios honorários. Nestor Lima propôs que o assunto tivesse deliberação imediata, o que foi aprovado e lembrou que aquela homenagem devia tornar-se extensiva aos ilustre conterrâneos doutores Augusto Tavares de Lyra, Tobias Monteiro, Rodolfo Garcia e Camacho Santos. As propostas foram aprovadas por calorosa unanimidade.

O presidente fez elogiosas considerações ao Curso de Conferencias do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, feliz iniciativa do seu diretor, o Dr. Alvarar Furtado. Antonio Fagundes lavrou a ata ora resumida.

Aos 12 de agosto de 1943, presentes vários acadêmicos, intelectuais e pessoas gradadas, realizou-se uma sessão publica da ANL a fim de ser feito o elogio do poeta Antonio Glicério, patrono da cadeira ocupada pelo acadêmico Bezerra Junior. Após a substancial oração de Bezerra Júnior e os aplausos foi concedida a palavra ao acadêmico Aderbal de França para saudar, em nome da Academia, o acadêmico Bezerra Júnior. Após a brilhante alocução recebeu merecidos aplausos. Ata de Antonio Fagundes.

Aos 26 de agosto de 1943, em sessão publica, Antonio Fagundes fez o elogio a Joaquim Fagundes sendo saudado pelo acadêmico Nestor Lima. Ambos foram calorosamente aplaudidos.

Aos 02 de setembro de 1943, reuniu-se a ANL com onze acadêmicos: Juvenal Lamartine, Antonio Soares, Nestor Lima, Câmara Cascudo, Virgílio Trindade, Bezerra Júnior, Aderbal de França, Américo de Oliveira, Esmeraldo Siqueira, Manoel Rodrigues e Antonio Fagundes.

Américo de Oliveira Costa, Paulo Viveiros, Manoel Rodrigues e Esmeraldo Siqueira enviaram agradecimentos pela escolha dos seus nomes. O presidente comunicou ter recebido uma carta de Adauto da Câmara elogiando a entrada dos novos acadêmicos e solicitava que fosse enviada a relação destes e dos seus patronos ao General Souza Loca, presidente da Federação.

Nestor Lima lembrou que a Academia havia escolhido uma lista da qual se extraísse o nome de cada patrono. Câmara Cascudo declarou que era partidário da livre escolha do patrono pelos acadêmicos eleitos.

Manoel Rodrigues levantou uma preliminar se havia obrigatoriedade do Patrono ter nascido no Rio Grande do Norte. Câmara Cascudo fez um arrazoado defendendo a tese de que era suficiente ter prestado relevantes serviços ao estado. Citou o desembargador Vicente de Lemos, pernambucano pelo nascimento e que fez toda a vida pública no Rio Grande do Norte, tendo fundado o Instituto Histórico e realizado pesquisas que coligiram dados referentes aos limites entre o Rio Grande do Norte e o Ceará, documentos que instruíram as notáveis razões apresentadas à Suprema Corte do País pelo Conselheiro Rui Barbosa, pela qual foi a questão decidida em nosso favor.

Aderbal de França trouxe ao conhecimento da casa que Henrique Castriciano se achava bastante doente na cidade de Nova Cruz e propôs mensagem de pronto restabelecimento, o que foi aprovado. Antonio Fagundes lavrou a ata.

Aos nove de setembro de 1943, presentes 13 acadêmicos, Juvenal Lamartine, Nestor Lima, Aderbal de França, Câmara Cascudo, Bruno Pereira, Edgar Barbosa, Paulo Viveiros, Virgílio Trindade, Américo de Oliveira, Waldemar de Almeida, Bezerra Júnior, Manoel Rodrigues e Antonio Fagundes.

O presidente declarou que seriam escolhidos os Patronos dos novos Acadêmicos. A questão preliminar, levantada na reunião anterior, quanto à obrigatoriedade do Patrono ser norte-rio-grandense, foi posta em votação, ganhando por onze a dois a necessidade do Patrono ser norte-rio-grandense nato. Nestor Lima propôs colocar em votação a escolha do Patrono. Ficou decidido por maioria que o Acadêmico escolheria livremente o seu Patrono.

Sendo concedida a palavra a cada um dos Acadêmicos presentes verificou-se o seguinte resultado na escolha dos seus Patronos:

Paulo de Viveiros, Padre João Manoel;
Américo de Oliveira Costa, Aurélio Pinheiro;
Manoel Rodrigues, Monsenhor Augusto Franklin;
Esmeraldo Siqueira, Armando Seabra
José Augusto, Manoel Dantas

Ao serem declarados os novos Patronos eram saudados com prolongadas palmas pela assistência.

O acadêmico Nestor Lima solicitou que constasse da ata dos trabalhos a sua não aprovação à escolha do Acadêmico Esmeraldo Siqueira para o patrocínio da sua cadeira, no que foi deferido pelo presidente*.

Câmara Cascudo apelou para a Academia no sentido de se promover a reedição dos trabalhos do acadêmico Henrique Castriciano, com os quais a

Academia iniciaria a sua biblioteca, ao mesmo tempo que seria um estímulo ao esforço intelectual de um dos seus maiores literatos, que se poderia fazer uma edição das produções em prosa e outra das produções em verso. Consultando os presentes sobre se poderia ser objeto de estudo, a proposta do Acadêmico Câmara Cascudo foi unanimemente aplaudida. O presidente nomeou os acadêmicos Câmara Cascudo, Américo de Oliveira e Edgar Barbosa para, em comissão, escolherem e organizarem as publicações que haviam de constituir o volume em prosa e os acadêmicos Virgílio Trindade, Paulo Viveiros e Aderbal de França para constituírem outra comissão afim de organizar o volume das publicações em verso, que depois de um entendimento pessoal com Henrique Castriciano, determinou o presidente, o acadêmico Câmara Cascudo solicitasse a esse nosso confrade, em nome da Academia, a necessária autorização para adaptar os seus trabalhos à sintaxe atual.

O presidente autorizou o 1º secretário a publicar edital convocando candidato à vaga que se verificou com o falecimento do Acadêmico Sebastião Fernandes. Convocou o presidente sessão pública para o dia 30 de setembro, na qual o acadêmico Câmara Cascudo fará o elogio do seu patrono, Luiz Fernandes, e designou Américo de Oliveira para, em nome da Academia, recepcionar o Acadêmico Câmara Cascudo. Antonio Fagundes secretariou.

*Obviamente que por ser uma prerrogativa do sócio fundador da cadeira a escolha do seu patrono, permaneceu Armando Seabra como patrono da cadeira 29, escolhido que fora por Esmeraldo Siqueira, apesar dos protestos do seu confrade Nestor Lima (nota do autor).

Aos 13 de outubro de 1943, sob a presidência de Juvenal Lamartine, a Academia recepcionou os membros do Congresso de Neurologia e Higiene Mental, entre eles, Ulysses Pernambucano, Edgar Altino, Costa Carvalho, Alcides Codeceira, Garcia Moreno, Luiz Cerqueira, Luciano Moraes, Ovídio Duarte, Vandick Ponte, Rodolfo Aureliano, Jurandir Manfredini, José Lucena, Pedro Cavalcante, René Ribeiro, Arnaldo di Lascio, Pessoa de Campos e Sílvio Paes Barreto. O representante do Sr. Interventor Federal, o Dr. Secretário Geral do Estado, o Sr. Presidente do Tribunal de Apelação, e vários intelectuais e pessoas gradadas.

Saudou os congressistas em brilhante alocução o acadêmico Esmeraldo Siqueira. Em nome dos congressistas ocupou a tribuna o Dr. Garcia Moreno, que proferiu eloqüente discurso. Antonio Fagundes lavrou a ata.

Aos 04 de novembro de 1943, reuniram-se vários acadêmicos, autoridades estaduais, federais e municipais, jornalistas e pessoas gradadas, sob a presidência do acadêmico Juvenal Lamartine, a fim de ser feito o elogio do seu Patrono pelo acadêmico Câmara Cascudo, que ocupou a tribuna por cerca de noventa minutos discorrendo sobre a personalidade do desembargador Luiz Fernandes, sendo, ao término, calorosamente aplaudido.

Américo de Oliveira Costa saudou Câmara Cascudo em nome da Academia, ressaltando a sua bibliografia e valor intelectual, sendo, também, entusiasticamente aplaudido.

Aos 18 de novembro de 1943, reuniu-se a ANL afim de recepcionar o sócio honorário Alberto Maranhão, com a presença de vários acadêmicos e sob a presidência de Juvenal Lamartine. A essa reunião compareceu avultado número de pessoas gradas.

Concedida a palavra ao Dr. Alberto Maranhão, discorreu esse consócio, com o brilhantismo que lhe é peculiar, sobre “o governo nacional em face da democracia”, sendo, ao terminar, bastante aplaudido pela assistência. Em seguida o acadêmico Nestor Lima saudou Alberto Maranhão, o qual em estilo eloqüente discorreu durante quase sessenta minutos sobre a vida intelectual, social e política do notável filho do Rio Grande do Norte, agora mui justamente incluído entre os expoentes da cultura potiguar. Ao findar a sua oração foi Nestor Lima muito cumprimentado. Antonio Fagundes lavrou a ata.

A Academia em 1944

Aos 20 de janeiro de 1944, presentes Juvenal Lamartine, Nestor Lima, Câmara Cascudo, Paulo Viveiros, Aderbal de França, Carolina Wanderley, Clementino Câmara e Antonio Fagundes. Após alguns informes e deliberações, o presidente comunicou a Academia que havia escrito ao Dr. Augusto Tavares de Lyra convidando-o a inscrever-se na cadeira de Pedro Velho, ora vaga em virtude do falecimento do acadêmico Sebastião Fernandes, esperando que o nosso ilustre homem de letras acedesse ao convite.

O acadêmico Clementino Câmara ofereceu à Academia, em nome do poeta José Vitoriano de Medeiros, o livro de versos em original datilografado “Versos e Cantores” da autoria do nosso conterrâneo. O presidente declarou que “Versos e Cantores” ficava sobre a mesa para ulterior deliberação.

O presidente declarou que no próximo mês de fevereiro a acadêmica Palmira Wanderley de França teria a oportunidade de fazer o elogio de sua Patrona, a poetisa Auta de Souza.

Em seguida o presidente fez a reconstituição dos sócios correspondentes da Academia, cuja lista ficou assim constituída: D. José Pereira Alves – Niterói; Palmério Amorim Filho – Açú; Edinor Avelino – Macau; Prof. Jerônimo Gueiros – Recife; Dr. Alberto Pizarro Jacobino – Rio de Janeiro; Dr. João José Maria Francisco Rodrigues de Oliveira – Rua dos Ilhéus, 55 – Funchal – Ilha da Madeira; Dr. Cristóvão Dantas – Diário dos Associados – São Paulo; Desembargador Henrique Jorge Hurlen – Presidente do Tribunal – Belém; General Antonio Aranha – Rio; Dr. José Pacheco Dantas – Rio (Rua do Senado, 101); Monsenhor Paulo Herôncio – Currais Novos. Ata lida e aprovada. Ata redigida por Antonio Fagundes.

A Academia em 1946

Aos 21 de março de 1946, havendo número legal foi aberta a sessão pelo Secretário Geral Nestor Lima que se encontrava ladeado pelos acadêmicos Aderbal de França e Manoel Rodrigues de Melo.

Expediente: o acadêmico Aderbal de França leu o expediente constante de um exemplar da Revista da Academia Sobralense de Letras e de um número do Boletim Informativo do “Centro Caxias”.

Ordem do dia: passando a ordem do dia, o presidente facultou a palavra aos presentes, tendo o acadêmico ... Câmara Cascudo pedido esclarecimentos sobre os resultados da comissão enviada ao presidente eleito da Academia, acadêmico Juvenal Lamartine de Faria, com o fim de solicitar, do mesmo a ter permanência à frente da instituição. O presidente em exercício informou que tendo comparecido à residência do acadêmico Juvenal Lamartine de Faria, em companhia dos acadêmicos Paulo Pinheiro de Viveiros e Américo de Oliveira Costa, havia se desincumbido da missão para a qual fora designado, tendo o acadêmico Juvenal Lamartine se comprometido a permanecer à frente dos trabalhos da instituição.

O acadêmico Luiz da Câmara Cascudo, retomando a palavra propôs a continuação da leitura dos trabalhos sobre os patronos da Academia, lembrando ainda a necessidade que tinha a mesma de estimular os seus membros a fazerem os resumos das suas bibliografias inéditas e publicadas. Como corolário das atividades informou que, no seu livro recentemente publicado – *Lendas Brasileiras* – havia incluído duas produções de autores norte-rio-grandenses, não só com o intuito de homenagear os trabalhos intelectuais de nossa terra, mas ainda com o fim de valorizar o que é autenticamente nosso. Aproveitava pois a oportunidade, para solicitar constasse da ata um voto de louvor ao acadêmico Henrique Castriciano e Matias Maciel pelo interesse que sempre demonstraram pelas atividades da Academia e que atualmente estavam impossibilitados, pelo estado precário de saúde que se encontravam.

Prosseguindo propôs um voto de congratulações ao Acadêmico Manoel Rodrigues de Melo pela sua eleição para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, sendo aceito.

O Acadêmico Nestor Lima propôs em seguida uma moção de agradecimento aos Acadêmicos Américo de Oliveira Costa, Aderbal de França e Manoel Rodrigues de Melo, bem como aos jornais “O Diário”, “A República” e “A Ordem”, desta capital, pela colaboração desinteressada que vêm dando aos trabalhos da Academia, publicando constantemente notícias a respeito das suas atividades.

O Acadêmico Câmara Cascudo propôs para sócio correspondente da Academia, em Recife, o norte-rio-grandense Dr. Nilo Pereira, figura de destaque nos meios intelectuais de Pernambuco.

O acadêmico Manoel Rodrigues de Melo, solicitou constasse da ata um voto de congratulações ao Acadêmico Câmara Cascudo pela recente publicação do livro *Lendas Brasileiras*, sendo ratificado pelo Acadêmico Nestor Lima e demais confrades presentes.

Para reiniciar a nova temporada literária da instituição, comprometeu-se o acadêmico Nestor Lima a ler na próxima reunião de quinta-feira um trabalho sobre a poetisa Ana Lima, estudando a vida e a obra da beletrista norte-rio-grandense.

Encerrada a sessão. Ata lavrada por Manoel Rodrigues de Melo.

Aos 27 de março de 1946, com sede no I.H.G. - RN, reuniu-se com regular número de sócios a A.N.L. para tratar de vários assuntos de interesse social. Aberta a sessão pelo acadêmico Nestor Lima, este mandou fazer a leitura da ata da sessão anterior, a qual deixou de ser feita por motivos superiores, justificado na reunião pelo secretário *ad hoc*, acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Câmara Cascudo informou a presença do correspondente em Currais Novos, Vivaldo Pereira de Araújo, o qual foi convidado pelo presidente da mesa a tomar assento juntos aos demais acadêmicos.

Iniciou o acadêmico Nestor Lima a leitura do seu anunciado trabalho sobre a poetisa potiguar, Ana Lima, o qual mereceu ao terminar, uma prolongada salva de palmas.

Manoel Rodrigues de Melo sugeriu ao sócio correspondente Vivaldo Pereira dos Santos a apresentação de um trabalho escrito sobre a personalidade do jornalista sertanejo Eblisses Telêmaco de Araújo Galvão, para ser apresentado em uma de suas próximas viagens à capital. O confrade Vivaldo Pereira dos Santos agradeceu a saudação, comprometendo-se a desincumbir-se da missão.

Câmara Cascudo propôs em seguida que fosse convidada a Academia ali presente para a sessão do 44º aniversário do I.H.G do RN a realizar-se no dia seguinte, 24 de março de 1946. Encerrada a sessão e lavrada a ata por Manoel Rodrigues de Melo.

Aos 25 dias do mês de abril de 1946, ..., aberta a sessão pelo presidente, Dr. Juvenal Lamartine de Faria, este mandou fazer a leitura do expediente que constou da seguinte carta do acadêmico Antonio Fagundes, solidarizando-se com a nova temporada da Academia, ao mesmo tempo que solicitava dispensa do cargo de segundo secretário; cartas do snrs. Cônego José Adelino Dantas, Antonio Pinto de Medeiros e Padre Eimard L. Monteiro, o primeiro e o terceiro inscrevendo-se à cadeira número 23 (atual 22: **observação do autor**), ocupada pelo acadêmico Luiz Monte, havia pouco falecido, e o segundo à cadeira nº 13 (atual 15: **observação do autor**) ocupada até pouco tempo pelo acadêmico Sebastião Fernandes.

O acadêmico Bezerra Júnior pediu ao presidente reconsideração da carta do sr. Luis Patriota, solicitando inscrição à cadeira numero 13, da qual era patrono Pedro Velho (atual 15: **observação do autor**). Posto em discussão o pedido do confrade Bezerra Júnior ficou assentado que a divulgação dos nomes inscritos só seria feita depois de terminado o prazo de inscrição, isto é, depois de sessenta dias decorridos, ficando igualmente aprovado que Luis Patriota faria segunda inscrição.

Tomando conhecimento do pedido de dispensa do confrade Antonio Fagundes, a Academia deliberou aceitá-lo de vez que os motivos apresentados eram por demais justos. Em seguida o presidente formulou votos, no sentido de que, cessados os motivos do afastamento espontâneo do confrade Antonio Fagundes, voltasse ele às atividades da Academia, onde vinha prestando seus bons serviços.

Com a palavra o Dr. Nestor Lima, Secretário Geral da Academia, comunicou à Casa a posse do Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros na Federação das Academias, no Rio de Janeiro, achando-se presente o confrade

Paulo Pinheiro de Viveiros, que estava na capital federal, assistindo ali a solenidade em que tomava posse o acadêmico José Augusto Bezerra de Medeiros, deu-lhe a palavra o Dr. Nestor Lima, afim de expor o que assistira ali.

Com a palavra, o Dr. Paulo Viveiros disse que assistira à posse do Dr. José Augusto, bem como à conferência do Dr. Lamartine sobre Clovis Bevilacqua. Lembrou ainda que estivera com o Dr. Rodolfo Garcia, o qual se mostrara sensibilizado com a sua eleição para sócio honorário da Academia, apesar de não ter recebido comunicação.

O Dr. Câmara Cascudo propôs que a Academia reconstituísse o seu quadro de sócios correspondentes, lembrando os já eleitos, como Palmério Filho – Açú; Edinor Avelino – Macau; Nivaldo Pereira – Currais Novos; Dom José Pereira Alves – Niterói; Dr. João José Maria Francisco Rodrigues de Oliveira – Funchal, Portugal; Desembargador Henrique Jorge Hurley – Belém, Pará; Araújo Filho – Recife; Jorge O’Grady de Paiva – Mossoró; Dr. Nilo Pereira – Recife; Dr. Nehemias Gueiros – Recife.

Prosseguindo, o Dr. Câmara Cascudo propôs os nomes de Cosme Lemos e Raimundo Nonato para sócios correspondentes em Mossoró, sendo empossados.

Aderbal de França propôs o nome do Dr. Octacílio Alecrim para sócio correspondente, no Rio de Janeiro, sendo apossado.

O Dr. Câmara Cascudo lembrou que já haviam sido eleitos Sócios Honorários da Academia, os Drs. Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão, Augusto Tavares de Lira, Rodolfo Augusto de A. Garcia e Tobias Monteiro.

O Dr. Américo de Oliveira Costa propôs o nome do acadêmico Manoel Rodrigues de Melo para segundo secretário, sendo apossado.

O Dr. Câmara Cascudo propôs se relacionasse a bibliografia dos acadêmicos. O Dr. Manoel Rodrigues de Melo agradeceu a sua eleição para segundo secretário. Dr. Nestor Lima comunicou que passara um telegrama ao Cônsul Americano, no dia 14 do corrente, por ocasião do aniversário do Presidente Roosevelt, em nome do I.H.G e da A.N.L., tendo falado na Prefeitura, sobre a data, o Dr. Câmara Cascudo, a que estivera presente o signatário do telegrama, na qualidade de presidente do Instituto e Secretário Geral da Academia. Encerrada a reunião.

Aos 2 de maio de 1946, reuniu-se a Academia, tendo o expediente constado de um cartão do Serviço Nacional de Educação Sanitária, de um exemplar do “Exame Nupcial” e de uma carta de Adauto da Câmara. Mais alguns assuntos foram abordados e a reunião foi encerrada.

Aos 9 de maio de 1946, ... , carta do senhor Luis Patriota, solicitando inscrição na vaga de Sebastião Fernandes; cartas de Cosme Lemos e Raimundo Nonato, de Mossoró, agradecendo suas eleições para sócios correspondentes da Academia. Nestor Lima propôs o nome do Dr. João Albuquerque Gondim para sócio da Academia no Rio de Janeiro, sendo aceito. O acadêmico Américo de Oliveira Costa, fala sobre o poeta Manoel Bandeira, propondo um voto de congratulações pelo aniversário do poeta. Nestor Lima informou que a sessão de Augusto Severo contou com a presença do senhor Sérgio Severo e do seu filho

Augusto Severo Neto, fazendo representar a diretoria do Aeroclube. Encerrada a sessão.

Aos 16 de maio de 1946, ... , o acadêmico Nestor Lima comunica o falecimento do poeta Catulo da Paixão Cearense e propõe um voto de saudades e um voto de pêsames ao Brasil pela sua morte. Propõe em seguida um voto de congratulações ao acadêmico Câmara Cascudo pela sua viagem a Montevideu. Lembra o 64º aniversário de Ana Lima e pede que conste na ata dos nossos trabalhos. Nestor Lima leu um trabalho sobre Elias Souto, cujo aniversário de sua morte transcorrera recentemente. O sócio correspondente, João de Albuquerque Gondim, presente à reunião, falou sobre vários aspectos da vida de Elias Souto. Encerrada a reunião.

Aos 23 de maio de 1946, ... , o presidente em exercício, Nestor Lima, Secretário Geral da Academia, falou sobre o preenchimento da vaga do acadêmico Sebastião Fernandes, fundador da cadeira de Pedro Velho, marcando a eleição para o dia 6 de junho próximo. O acadêmico Aderbal de França leu um trabalho sobre o poeta Catulo da Paixão Cearense. Encerrada a sessão.

Aos 6 de junho de 1946, ... , Nestor Lima comunicou que a finalidade da reunião era o preenchimento das cadeiras de Sebastião Fernandes – candidatos Antonio Pinto de Medeiros (15 votos) e Luis Patriota (5 votos)-, e Leão Fernandes – candidatos Cônego José Adelino Dantas (21 votos) e Padre Eimard L'E. Monteiro (1 voto).

O acadêmico Nestor Lima, depois da proclamação dos dois candidatos eleitos, comunicou que no próximo dia 11 embarcaria no Rio de Janeiro com destino a Natal, o presidente da Academia, acadêmico Juvenal Lamartine, designando uma comissão composta dos acadêmicos Paulo Viveiros, Otto Guerra e Clementino Câmara. Encerrada a sessão.

Aos 13 de junho de 1946, ... , aberta a sessão por Nestor Lima que fez uma saudação ao Cônego José Adelino Dantas, em nome da Academia, em virtude de sua eleição para sócio efetivo, na sessão anterior. O acadêmico Virgílio Trindade lembrou a passagem de mais um aniversário da morte de Frei Miguelinho, no dia 12 de junho. Nestor Lima fala sobre a data de Santo Antonio no dia 13; o acadêmico Américo de Oliveira Costa fala sobre o poeta Raul de Leoni. O acadêmico Nestor Lima agradece a colaboração dos acadêmicos Américo de Oliveira Costa, Edgar Barbosa, Clementino Câmara, Otto Guerra e Adelino Dantas, nas semanas da Academia. Disse mais que a próxima reunião seria no dia 27, quando falaria o acadêmico Esmeraldo Siqueira. Ficou igualmente marcada para o dia 4 de julho uma palestra do acadêmico Edgar Barbosa. Encerrada a sessão.

Aos 27 de junho de 1946, ... , presidiu a sessão o acadêmico Juvenal Lamartine, que convidou o Dr. Manoel Onofre de Andrade para fazer parte da mesa. Falou sobre a sua viagem ao Rio de Janeiro, relatando que fora saudado por Adauto da Câmara, representante desta Academia naquele cenáculo.

Agradeceu a confiança e amizade dos seus pares não só na sua ausência, mas quando o receberam no cais do porto.

Esmeraldo Siqueira fez a leitura de vários versos de sua autoria. Manoel Rodrigues de Melo faz uma saudação a Juvenal Lamartine pelo seu regresso. Manoel Onofre é saudado por Juvenal e faz saudação de agradecimento. É encerrada a reunião.

Aos 11 de julho de 1946, ... , sob a presidência de Juvenal Lamartine, secretariado por Nestor Lima e Manoel Rodrigues de Melo. O presidente felicitou a Academia pela aquisição dos novos acadêmicos José Adelino Dantas e Antonio Pinto de Medeiros. O sócio correspondente João de Albuquerque Gondim discorreu sobre a vida e a obra da escritora Isabel Gondim, sendo calorosamente aplaudido. Encerrada a sessão.

Ao primeiro dia de agosto de 1946, ... , o presidente Juvenal Lamartine concedeu a palavra ao acadêmico Edgar Barbosa que falou sobre Luis Camões – o lírico. O acadêmico Luiz da Câmara Cascudo faz a leitura de um capítulo da *História da Cidade do Natal*, intitulado – “*Musa – Canta os Poetas, Escritores*”. O presidente anuncia para a próxima reunião discursos dos acadêmicos José Adelino Dantas e Antonio Pinto de Medeiros. Encerrada a sessão.

Aos 8 de agosto de 1946, ... , o presidente Juvenal Lamartine congratulou-se com os presentes pelo grande número de sócios e de pessoas convidadas. Em seguida concedeu a palavra a José Adelino Dantas que pronunciou uma palestra sobre tema de sua especialidade, sendo muito aplaudido ao concluir o seu discurso.

O acadêmico Antonio Pinto de Medeiros, agradeceu a sua eleição, passando depois a ler versos de sua autoria.

O presidente leu um telegrama do historiador Tobias Monteiro, agradecendo votos de congratulações. Anunciou para a próxima quinta-feira, uma palestra do acadêmico Clementino Câmara. Concitou a mocidade do Rio Grande do Norte a integrar o movimento de cultura que se fazia na Academia. Encerrada a sessão.

Aos 29 de agosto de 1946, ..., sob a presidência do Secretário Geral, Nestor Lima, foi concedida a palavra a Juvenal Lamartine que falou sobre “Sertão do meu tempo”, tendo sido calorosamente aplaudido.

Câmara Cascudo, fazendo comentários elogiosos à margem da conferência de Juvenal Lamartine, solicitou que inscrevesse o seu nome para falar na próxima sessão sobre “A dança de São Gonçalo”.

Nestor Lima comunicou que se achava sobre a mesa um cartão do Governo do Estado convidando a Academia para o concerto que se realizaria na noite do mesmo dia. Agradeceu a presença de todos e encerrou os trabalhos.

Aos 5 de setembro de 1946, ..., Nestor Lima concedeu a palavra a Câmara Cascudo que proferiu a sua anunciada palestra sobre “A dança de São Gonçalo”, sendo calorosamente aplaudido. Nestor Lima anunciou para a próxima

reunião a posse da acadêmica Palmira Wanderley, que fará o elogio do seu patrona, Auta de Souza. Continuou lembrando o transcurso do dia da Juventude e da Raça. Encerrada a reunião.

Aos 3 de outubro de 1946, ..., Câmara Cascudo declarou estar de viagem ao Uruguai, fazendo as suas despedidas. Esmeraldo Siqueira pronunciou a sua anunciada conferência, sendo calorosamente aplaudido. Encerrada a reunião.

Aos 10 de outubro de 1946, ..., o presidente Juvenal Lamartine concedeu a palavra ao acadêmico Januário Cicco que proferiu a sua anunciada conferência, sendo calorosamente aplaudido. Em seguida Paulo Viveiros propôs um voto de pesar pelo falecimento do ministro Valdemar Falcão, sendo aprovado por unanimidade. Encerrada a sessão.

Aos 17 de outubro de 1946, ..., o presidente Juvenal Lamartine concedeu a palavra ao acadêmico Paulo Viveiros para ler trabalho e saudar o acadêmico José Augusto que se achava presente. Falaram ainda os acadêmicos José Augusto e Virgílio Trindade. O presidente anunciou para a próxima sessão uma palestra do acadêmico José Augusto. Encerrada a sessão.

Aos 28 de novembro de 1946, ..., o presidente Juvenal Lamartine declara que está sobre a mesa um ofício da Academia de Letras da Bahia, acompanhado do discurso – Plataforma de Floriano. Em seguida, dá a palavra ao acadêmico Antonio Soares para ler o seu trabalho intitulado "No Domínio da Lenda", que é bem recebido pela assistência. O acadêmico Nestor Lima propõe que seja convocada eleição da diretoria para ao biênio de 1947/48. Lembra ainda que Câmara Cascudo está para chegar do Uruguai e pede comissão para recebê-lo. O presidente nomeia Nestor Lima, Aderbal de França e Manoel Rodrigues de Melo. Sobre a eleição da nova diretoria, autoriza publicação de Edital pela imprensa, a fim de que se realize de hoje a quinze dias. Encerrada a reunião.

A Academia em 1947

Ao primeiro dia de maio de 1947, em sessão extraordinária, sob a presidência do Sr. Nestor Lima, Secretário Geral, estavam presentes, Juvenal Lamartine, Antonio Soares, Cônego Adelino, Américo Costa, Virgílio Trindade, Antonio Fagundes, Bezerra Júnior, total de oito.

Presentes também Everton Cortez, Cel. Felinto, senhoritas e conselheiros e estudantes. Aberta a sessão e colocado o seu objetivo que seria ouvir uma conferência do acadêmico Lamartine sobre "Aspectos econômicos do Rio Grande do Norte", como fonte inicial de uma série que os acadêmicos deverão iniciar no futuro.

Encerrando o expediente, o Sr. Presidente apresentou à Casa um exemplar cartonado e autografado do livro *História da Cidade do Natal*, do acadêmico Luiz Câmara Cascudo e ofertado especialmente à Academia pelo Sr. Prefeito Sílvio

Pedrosa e pelo seu ilustre autor. Solicitou que ficasse consignado aos ofertantes o agradecimento sincero da Academia pela régia oferta ora apresentada.

Em seguida foi dada a palavra ao conferencista, Sr. Juvenal Lamartine, que se ocupou durante 55 minutos dos assuntos referentes às secas, ou à água, no território do Estado, estudando com critério e minúcia, o assunto que é vital para a nossa população. Referiu os planos e projetos dos açudes, alguns dos quais já construídos, mas não prosseguidos pela Distrito Federal Contra Secas.

Desenvolveu longa apreciação acerca do plano da açudagem, projetado pelo Dr. Novaes, quando chefe Distrito Federal Contra Secas, mostrando as grandes vantagens que adviriam para o povo do Nordeste, se executado com firmeza e exatidão. Terminou o conferencista pedindo a atenção dos nossos homens públicos para o grande problema que se for resolvido convenientemente, poderá se tornar assunto do passado, se não ficaremos permanentemente sujeitos aos rigores da seca ou estiagem.

Antes de encerrar a reunião o presidente fez referência ao dia do trabalho, consagrado ao operariado universal, acentuando que os homens que teriam de cuidar das letras também são trabalhadores do espírito, seja das letras, seja das artes, seja da ciência.

A Academia em 1949

Aos 24 de março de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidindo os trabalhos o acadêmico Juvenal Lamartine, servindo de secretários os Srs. Nestor Lima e Aderbal de França.

Eleição e posse da nova diretoria da Academia. Proclamado o resultado, verificou-se estarem eleitos: Presidente – Paulo Viveiros; Secretário Geral – Américo de Oliveira Costa; 1º Secretário – Hélio Galvão; 2º Secretário – Bezerra Júnior; Tesoureiro – Virgílio Trindade; Bibliotecário – Antônio Fagundes.

O Dr. Paulo Viveiros agradece a confiança e presta homenagem especial aos Drs. Nestor Lima e Juvenal Lamartine.

Ata secretariada pelo Dr. Hélio Galvão e aprovada em 31.03.49.

Aos 31 de março de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidindo os trabalhos o acadêmico Paulo Viveiros, servindo de secretários os Srs. Américo de Oliveira Costa e Hélio Galvão.

Votação do projeto de Regimento Interno organizado pelo Sr. Nestor Lima.

Ata secretariada pelo Dr. Hélio Galvão e aprovada em 31.04.49.

Aos 5 de maio de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidindo os trabalhos o acadêmico Paulo Viveiros, servindo de secretários os Srs. Virgílio Trindade e Hélio Galvão.

Pedido de inscrição do Sr. Eloy de Souza para a vaga de Sebastião Fernandes.

Ata secretaria pelo Dr. Virgílio Trindade e aprovada em 15.06.49.

Aos 12 de maio de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidindo os trabalhos o acadêmico Paulo Viveiros.

Convidados especiais: Governador do Estado – Dr. José Augusto Varela; Prefeito da Capital – Dr. Sylvio Pedroza, os Presidentes dos Tribunais de Justiça e Regional Eleitoral, do Instituto Histórico, entidades culturais, jornalistas e familiares. A sessão solene foi convocada para recepção oficial do acadêmico Aderbal de França, que foi saudado por Edgar Barbosa.

Ata secretariada pelo Dr. Virgílio Trindade e aprovada em 15.06.49.

Aos 26 de maio de 1949, na sede do Instituto Histórico. Presidindo os trabalhos o acadêmico Paulo Viveiros.

Convidados especiais: Prefeito Interino de Natal – Sr. Mário Lira, representantes do General Comandante do destacamento misto e do Sr. Bispo Diocesano – João da Mata Paiva e padres Ezequiel Monteiro e Eugênio Sales, jornalistas, advogados, estudantes, familiares, representação do Colégio Estadual (secção feminina) e da Escola Doméstica de Natal. A sessão solene foi convocada para a recepção oficial do acadêmico Hélio Galvão à cadeira nº 02, de Nísia Floresta e do seu fundador Henrique Castriciano. Saudação de Luis da Câmara Cascudo.

Sessão aprovada em 15.06.49

Aos 15 de junho de 1949, na sede do Instituto Histórico. Presidindo os trabalhos o acadêmico Paulo Viveiros, servindo de secretários os Srs. Bezerra Júnior e Virgílio Trindade.

Eleições das Comissões Regimentais. Realizada a eleição, verifica-se o seguinte resultado: Comissão de Revista – Juvenal Lamartine, Luís da Câmara Cascudo e Nestor dos Santos Lima; Comissão de Contas – Clementino Câmara, Aderbal França e Antônio Fagundes; Comissão de Sindicância – Januário Cicco, Palmira Wanderley e Edgar Barbosa. Os eleitos foram empossados pelo Presidente da Academia.

Sessão secretariada pelo Dr. Hélio Galvão e aprovada em 01.09.49.

Aos 13 de julho de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidindo os trabalhos o acadêmico Paulo Viveiros.

Convidados especiais: Governador do Estado – José Augusto Varela; o Prefeito da Capital – Sr. Sylvio Pedroza; o General Fernando Tavares; representante do Sr. Bispo Diocesano, jornalistas, advogados, estudantes e familiares. Sessão solene para a recepção oficial do acadêmico Waldemar de Almeida, na cadeira nº 20 de Augusto Severo. Foi saudado por Juvenal Lamartine.

Sessão secretariada pelo Dr. Hélio Galvão e aprovada em 01.09.49.

Aos seis de agosto de 1949, sede da Prefeitura Municipal. Presidindo os trabalhos o acadêmico Paulo Viveiros.

Homenagear a caravana de intelectuais pernambucanos em visita a Capital do Estado, formada por Nilo Pereira, Silvino Lopes, Andrade Lima Filho, Mauro

Mota e o Deputado Gilberto Osório de Andrade, e, comemoração do centenário de nascimento de Joaquim Nabuco.

Sessão secretariada por Dr. Hélio Galvão e Dr. Virgílio Trindade e aprovada a 01.09.49.

A 1º de setembro de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidindo os trabalhos o acadêmico Paulo Viveiros.

Comemoração do centenário de Amaro Cavalcanti, através de uma conferência do Des. Jorge Hurley; do Des. Travassos Sarinho, Presidente do Diretório Estadual do Partido de Representação Popular.

Sessão secretariada pelo Dr. Hélio Galvão e aprovada em 13.10.49.

Aos 13 de setembro de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidindo os trabalhos o acadêmico Paulo Viveiros.

Convidados especiais: Presidente do Tribunal de Justiça, Dr. Sinval Moreira Dias; Comandante do Destacamento Misto de Natal, General Fernando Fernandes Tavares; o representante do Comando da Base Naval; representante do Bispo Diocesano, Mons. João da Mata; representante do Presidente da Assembléia Legislativa, Deputado Antonio Soares Filho; Prefeito da Capital, Dr. Sylvio Pedroza. Objetivo da sessão: receber oficialmente o Cônego José Adelino Dantas na cadeira 22 de que é patrono o Cônego Leão Fernandes e fundador Cônego Luis Gonzaga do Monte. Saudado por Câmara Cascudo.

Sessão secretariada por Hélio Galvão e aprovada em 26.12.49.

Aos 27 de setembro de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidindo os trabalhos o acadêmico Paulo Viveiros.

Convidados especiais: Dr. Custódio Toscano, Secretário Geral do Estado; General Fernando Tavares, Comandante do Destacamento Misto de Natal; Sr. Olavo Galvão, Presidente da Câmara Municipal de Natal, Mons. João da Mata, representante do Bispo Diocesano; familiares e estudantes. Objetivo da sessão: recepcionar e empossar o acadêmico Otto Guerra na cadeira nº 3, cujo patrono foi o Ministro Luís Gonzaga de Brito Guerra, Barão do Açú.

Sessão secretariada pelo Dr. Hélio Galvão e aprovada em 26.12.49.

Aos 04 de outubro de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Paulo Viveiros.

Convidados especiais: General Fernando Tavares; Professor Severino Bezerra, Diretor do Departamento de Educação; Desembargador Seabra Fagundes e o representante do Comandante da Base Naval. Objetivo da sessão:

receber oficialmente o acadêmico Esmeraldo Homem de Siqueira, na cadeira 29 cujo patrono foi o escritor Armando Seabra.

Sessão secretariada pelo Dr. Hélio Galvão e aprovada em 26.12.49.

Aos 13 de outubro de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Paulo Viveiros.

Com 17 votos a favor e 2 votos brancos, foi proclamado eleito para a cadeira 17 vaga por Sebastião Fernandes o Sr. Eloy de Souza.

Sessão secretariada pelo Dr. Hélio Galvão e aprovada em 26.12.49.

Aos 27 de outubro de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Paulo Viveiros.

Convidados especiais: Dr. Custódio Toscano, Mons. João da Mata Paiva. Objetivo da sessão: receber oficialmente a acadêmica Carolina Wanderley na cadeira nº 6, cujo patrono é Luis Carlos Lins Wanderley. Saudação de Nestor Lima.

Sessão secretariada pelo Dr. Hélio Galvão e aprovada em 31.12.49.

A 1º de dezembro de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Paulo Viveiros.

Convidados especiais: Desembargador Adalberto Amorim, Presidente em exercício do Tribunal de Justiça; Dr. José Augusto Varela, Governador do Estado; Deputado Pedro Amorim, Presidente em exercício da Assembléia Legislativa; Dr. Sylvio Pedroza, Prefeito de Natal; Capitão de Fragata Ernesto de Melo Batista, Capitão dos Portos; General Fernando Tavares, Comandante do Destacamento Misto. Objetivo da sessão recepção solene do acadêmico Antônio Soares, cuja cadeira tem como patrono Manoel Ferreira Nobre. Saudação de Hélio Galvão.

Sessão secretariada pelo Dr. Hélio Galvão e aprovada em 31.12.49.

Aos 22 de dezembro de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Paulo Viveiros.

Convidados especiais: Dr. José Augusto Varela, General Fernandes Tavares, uma representação da Escola Doméstica de Natal, autoridades, familiares e intelectuais. Objetivo da sessão: receber e empossar o novo acadêmico Américo de Oliveira Costa, cujo patrono da respectiva cadeira é o romancista Aurélio Pinheiro. Saudação de Edgar Barbosa.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.07.51.

Aos 26 de dezembro de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Paulo Viveiros.

A sessão tem por finalidade a eleição da nova diretoria social, do período de 1950. Procedida a eleição verificou-se o seguinte resultado: Presidente, Américo de Oliveira Costa; Secretário Geral, Paulo Pinheiro de Viveiros; Primeiro Secretário, Aderbal de França; Segundo Secretário, Hélio Galvão; Tesoureiro, Antônio Fagundes; Bibliotecário, Clementino Câmara; Comissão de Sindicância: Januário Cicco, Waldemar de Almeida e Antônio Soares; Comissão de Finanças: Otto Guerra, Bruno Pereira e José Adelino; Diretor da Revista, Juvenal Lamartine; Comissão da Revista: Edgar Barbosa e Hélio Galvão. O acadêmico Hélio Galvão optou pela Segunda Secretaria e foi eleito membro da Comissão de Revista Virgílio Trindade.

Sessão secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.07.51.

Aos 31 de dezembro de 1949, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Paulo Viveiros.

Sessão de encerramento do mandato de Paulo Viveiros e posse da nova diretoria, presidida pelo acadêmico Américo de Oliveira Costa, o qual renunciou com todos que foram eleitos em 22 de dezembro. O Presidente Paulo Viveiros passou o exercício da Presidência ao acadêmico mais idoso que era Juvenal Lamartine, que fora incumbido de dar as devidas providências ao caso.

Sessão secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.07.51.

A Academia em 1950

Aos 17 de janeiro de 1950. Presidida pelo acadêmico Juvenal Lamartine de Faria. Declarou que havia recebido do acadêmico Paulo Viveiros um ofício lhe transmitindo a Presidência da Casa, por entender que o seu mandato havia terminado a 31 de dezembro de 1949. A Casa não aceitando a renúncia por unanimidade, entendendo que o mandato terminaria em 31 de dezembro de 1950.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.07.51.

Aos 02 de março de 1950, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Américo de Oliveira Costa.

O Presidente comunica que está em seu poder uma carta do acadêmico Paulo Viveiros reiterando, agora, em caráter irrevogável, a renúncia à Presidência da Academia. Diante do exposto a Academia aceitou a renúncia do Sr. Paulo Viveiros, convocando imediatamente sessão para eleição de nova presidência para o dia 09 de março de 1950.

Sessão secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.07.51.

Aos 09 de março de 1950, na sede do Instituto Histórico. Presidida pelo acadêmico Américo de Oliveira Costa.

Na sessão foi eleito para o cargo de Presidente da Academia, com 16 votos, o Sr. Edgar Barbosa. Proclamado eleito, assumiu o acadêmico eleito à presidência da Casa. Por encontrar-se em delicado estado de saúde foi declarado empossado na Academia o Sr. Francisco Palma, que estava impossibilitado de deslocar-se até a sessão.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.07.51.

Aos 23 de março de 1950, na sede do Instituto Histórico e geográfico. Presidida pelo acadêmico Edgar Barbosa.

Convidados especiais: Dr. José Emerenciano, Secretário Geral do Estado representando o Sr. Governador; General Fernandes Tavares; Mons. João da Mata; Dr. Sylvio Pedroza; Dr. Nestor Lima, Presidente do Instituto Histórico e geográfico e Dr. Rômulo Wanderley, titular do Departamento de Educação. Objetivo da sessão: posse do acadêmico Floriano Cavalcanti, na cadeira de nº 20 cujo patrono foi Antônio Marinho. Saudação de Câmara Cascudo.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.07.51.

Aos 13 de abril de 1950, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Edgar Barbosa.

Convidados especiais: Sr. Everton Cortez, representante do Sr. Governador do Estado; General Fernandes Tavares; os Srs. Adalberto Amorim e Luís Lira; o padre Eimar, representante do Sr. Bispo Diocesano. Objetivo da sessão: posse do acadêmico Manoel Rodrigues de Melo, na cadeira de nº 30 que tem por patrono o Mons. Augusto Franklin. Saudação de Câmara Cascudo.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.07.51.

Aos 21 de dezembro de 1950, na sede do Instituto Histórico e Geográfico, presidida pelo acadêmico Edgar Barbosa.

Sessão para eleição da nova diretoria, com os seguintes resultados: Presidente, Januário Cicco, eleito por unanimidade; Secretário Geral, Paulo Viveiros; 1º Secretário, Manoel Rodrigues de Melo; 2º Secretário, Edgar Barbosa; Tesoureiro, Clementino Câmara; Bibliotecário, Virgílio Trindade; Diretor da Revista, Nestor Lima; Comissão da Revista: Aderbal França, Carolina Wanderley e Américo de Oliveira Costa; Comissão de Sindicância: Antônio Fagundes, Floriano Cavalcanti e Esmeraldo Siqueira; Comissão de Contas: Palmira Wanderley, Ivo Filho e Bezerra Júnior; Comissão de Regimento: Hélio Galvão, Antônio Soares e Cônego José Adelino. Proclamado o resultado do pleito.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.07.51.

A Academia em 1951

Aos 11 de janeiro de 1951, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Edgar Barbosa.

O Presidente declarou haver recebido um ofício do acadêmico Januário Cicco, renunciando em caráter irrevogável o cargo de Presidente da Academia, para o qual fora eleito em 21 de dezembro de 1950. A assembléia acatou a renúncia e o Presidente designou a data de 22 de fevereiro de 1951 para o preenchimento da vaga e conseqüente escolha do novo titular.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.07.51.

Aos 22 de fevereiro de 1951, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Edgar Barbosa.

Sessão de eleição da vaga aberta com a renúncia do acadêmico Januário Cicco. Procedida a apuração, verificou-se o seguinte resultado: Paulo Viveiros, 16 votos; Nestor Lima, 01 voto. Proclamado o resultado o acadêmico Paulo Viveiros foi ovacionado.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 27.07.51.

Aos 15 de março de 1951, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Edgar Barbosa.

Convidados especiais: General Fernandes Tavares; Prof. Raimundo Nonato da Silva, representante do Sr. Governador do Estado; Desembargador Carlos Augusto, Presidente do Tribunal de Justiça; Sr. Mário Negócio, Secretário geral do Estado; Cônego José Adelino, representante do Sr. Bispo Diocesano, srs. Salomão Filgueira e Dioclécio Duarte; familiares; estudantes, outras autoridades e uma representação da Escola Doméstica de Natal. Tomou posse o acadêmico Paulo Viveiros no cargo de presidente da Academia e investiu nos cargos de 1º Secretário, Manoel Rodrigues de Melo; 2º Secretário, Edgar Barbosa; Tesoureiro, Clementino Câmara; Bibliotecário, Virgílio Trindade; Diretor da Revista, Nestor Lima; Comissão da Revista: Carolina Wanderley, Aderbal França e Américo de Oliveira Costa; Comissão de Contas: Bezerra Júnior, Francisco Ivo e Palmira Wanderley; Comissão de Sindicância: Antônio Fagundes, Esmeraldo Siqueira e Floriano Cavalcanti; Comissão de Regimento: Antônio Soares, Hélio Galvão e Cônego José Adelino.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.07.51.

A Academia em 1954

Aos 30 de outubro de 1954, às 20h na sede do IHG, à rua da Conceição, reuniu-se em sessão ordinária, sob a presidência do acadêmico Paulo de Viveiros, a ANRL, presentes os acadêmicos Nestor Lima, Américo de Oliveira Costa, Virgílio Trindade, Manoel Rodrigues e Bezerra Júnior. Estava presente também o acadêmico eleito, Rômulo Wanderley.

A Academia, tomando conhecimento dos processos existentes sobre a mesa, sobre preenchimento de vagas, resolveu designar o dia 7 de outubro para eleição de candidatos às vagas de Januário Cicco e Aduino Câmara, nas cadeiras patrocinadas pelos padre João Maria e Frei Miguelinho. Anunciou a presidência que ditos candidatos são os seguintes: para a vaga de Januário Cicco: Drs. Onofre Lopes, João Medeiros Filho, Boanerges Soares e cônego Eimar L'Erestre; para a vaga de Aduino da Câmara: Prof. Raimundo Nonato da Silva.

A casa tomou conhecimento, a seguir, do falecimento do acadêmico Clementino Câmara, deliberando realizar a 14 de outubro próximo, uma sessão especial em que falará sobre a personalidade do extinto o acadêmico Francisco Ivo. Resolveu também cobrir-se de luto até o referido dia 14 de outubro, tendo o acadêmico Nestor Lima informado que, na ausência do presidente, comparecera ao enterro, apresentando pêsames à família, proferido um discurso em nome da Academia e feito depositar uma coroa sobre o ataúde.

Deliberaram mais a Academia designar o próximo dia 7 de outubro para eleição à vaga de tesoureiro.

Por proposta do presidente, foi resolvido que a Academia oficiasse à Academia Pernambucana de Letras, ao Dr. Nilo Pereira e ao Centro Norte-riograndense, no Rio, agradecendo a cooperação sobre a transladação dos despojos de Nísia Floresta.

O presidente sugeriu que se lançasse em ata um voto de pesar pela morte da educadora Sinhasinha Wanderley e que se desse, por escrito, ciência da homenagem às acadêmicas Palmira Wanderley e Carolina Wanderley, sobrinhas da falecida, o que foi aprovado.

O acadêmico Manoel Rodrigues propôs, sendo aprovado, votos de pesar pelos falecimentos de D. Cecília Viveiros, mãe do presidente da casa, Angione Costa e Cônego Francisco Domingos Carneiro.

Por fim aprovou a Academia os dizeres a serem colocados na placa de bronze do túmulo de Nísia Floresta, no lugar de seu sepultamento, no município de seu nome. A inscrição que é da autoria do acadêmico Nestor Lima, é o seguinte: "1810 – 1885. De Ruão, na França, vieram os restos mortais de Nísia Floresta Brasileira Augusta, escritora, poetisa, educadora, para descansar, definitivamente, neste monumento, erigido por seus conterrâneos, na pequena terra do seu berço que ela tanto exaltou e amou. 12 – 9 – 1954."

O acadêmico Manoel Rodrigues declarou que, visitando a Igreja de Nísia Floresta, lá encontrou o ataúde da escritora, em perfeita ordem e em lugar especial.

Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão, lavrando, eu, Bezerra Júnior, a presente ata, para tal fim convocado pelo presidente, na ausência do secretário.

A Academia em 1955

Aos 13 de janeiro de 1955, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Ata da sessão de eleição e posse da diretoria da Academia Norte-rio-grandense de Letras para o ano de 1955. Presidida pelo acadêmico Paulo Viveiros.

Efetivado o pleito e apurados os votos o Presidente proclamou o resultado da eleição que foi o seguinte: Presidente, Manoel Rodrigues de Melo; Secretário Geral, Rômulo Wanderley; 1º Secretário, Bezerra Júnior; 2º Secretário, Carolina Wanderley; Tesoureiro, Virgílio Trindade; Bibliotecário, Antônio Fagundes; Diretor da Revista, Luís da Câmara Cascudo; Comissão de Contas: Otto Guerra, Nestor Lima e Palmira Wanderley; Comissão da Revista: Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Edgar Barbosa; Comissão de Sindicância: Eloy de Souza, Dioclécio Duarte e Antônio Soares de Araújo. Feita a proclamação o novo Presidente Manuel Rodrigues de Melo foi empossado.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e Manoel Rodrigues de Melo e aprovada em 20 de janeiro de 1955.

Aos 03 de fevereiro de 1955, na sede do Instituto Histórico e Geográfico.

A sessão teve como objetivo a eleição, de cadeira vaga com o falecimento de Januário Cicco, cujo patrono é o Padre João Maria. inscritos: Onofre Lopes e Boanerges Januário Soares de Araújo. Realizado o pleito e apurados os votos, o resultado foi o seguinte: Onofre Lopes 18 votos, Boanerges Soares 08 e 01 voto em branco.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Ata da inauguração do Mausoléu construído sob os auspícios da Academia Norte-Riograndense de Letras, para receber os restos mortais da escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta, na cidade de Nísia Floresta (ex-Papary) no dia 03 de abril de 1955.

Aos três dias do mês de abril de 1955, na cidade de Nísia Floresta.

Sessão destinada a receber os restos mortais da escritora Nísia Floresta vindos da França, e inauguração do Mausoléu que teve por iniciativa o Centro Norte-Rio-grandense do Rio de Janeiro, Academia Norte-Rio-grandense de Letras e do Presidente da República Sr. João Café Filho. Presentes o representante do Governador do Estado, do Prefeito de Natal, do Sr. Arcebispo Metropolitano, do Sr. Bispo Auxiliar, o Prefeito e Vice-Prefeito do município de Nísia Floresta.

Aos 19 de maio de 1955, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

A sessão teve como objetivo dar posse ao acadêmico Raimundo Nonato da Silva na cadeira que tem como patrono o Pe. Miguelinho. Saudação de Paulo de Viveiros.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e Aprovada em 26.05.55.

Aos vinte de seis de maio de 1955, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento de vaga na cadeira do acadêmico Clementino Câmara, cujo patrono é Ferreira Itajubá. Inscritos o Srs. Boanerges Soares de Araújo e Nilo Pereira. Realizada a eleição o Sr. Nilo Pereira obteve 14 votos contra 13 do Sr. Boanerges Araújo. Em face de dispositivo da Academia foi realizada nova eleição onde o Sr. Nilo Pereira obteve 18 votos contra 09 do Sr. Boanerges Araújo. Desta forma foi proclamado acadêmico o Sr. Nilo Pereira.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 07.06.55.

Aos 30 de agosto de 1955, no salão nobre do Palácio Potengi. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Com a presença de autoridades eclesiásticas e militares, delegação da Academia Pernambucana de Letras, familiares, intelectuais e o Governador Sylvio Pedroza. Objetivo da sessão: dar posse ao acadêmico Nilo Pereira na cadeira 17, cujo patrono é o poeta Ferreira Itajubá.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 01.09.55.

Aos 16 de setembro de 1955, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão com o objetivo de dar posse ao acadêmico Onofre Lopes, na cadeira 24 que tem como patrono o Padre João Maria. Saudação de Francisco Ivo Cavalcanti.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 14.11.55.

A Academia em 1956

Aos 19 de janeiro de 1956, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Objetivo da sessão: eleição da nova diretoria da Academia Norte-riograndense de Letras. Realizada a eleição e apurados os votos o resultado foi o seguinte: Presidente, Manuel Rodrigues de Melo; Secretário Geral, Rômulo Wanderley; 1º Secretário, Bezerra Júnior; 2º Secretário, Carolina Wanderley; Tesoureiro, Virgílio Trindade; Bibliotecário, Antônio Fagundes; Diretor da Revista. Luís da Câmara Cascudo; Comissão de Contas: Otto Guerra, Palmira Wanderley e Nestor Lima; Comissão da Revista: Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Edgar Barbosa; Comissão de Sindicância: Antônio Soares de Araújo, Dioclécio Duarte e Eloy de Souza.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.01.56.

Aos 23 de agosto de 1956, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

A sessão tem como objetivo a eleição e preenchimento da vaga do acadêmico Juvenal Lamartine. Realizado o pleito e feita a apuração dos votos o Sr. Veríssimo de Melo obteve 16 votos e, o Sr. Antônio Soares 11 votos e 01 voto em branco. O Sr. Veríssimo de Melo foi proclamado eleito novo acadêmico.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 29.08.55

A Academia em 1957

Aos 31 de março de 1957, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

A sessão tem como objetivo a escolha de novos 10 patronos da Academia. Os nomes escolhidos foram: José da Penha, José Leão Ferreira Souto, João Carlos Wanderley, Francisco Fausto, Tarquínio de Souza Amarante, Abner de Brito, Padre Brito Guerra, Comendador Joaquim Guilherme, Galdino Lima e João Lindolfo Câmara *.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 15. 08.57.

*Alguns desses nomes foram posteriormente modificados, pois os acadêmicos fundadores escolheram seus patronos (nota do autor).

A Academia em 1958

Aos 30 de janeiro de 1958, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão com o objetivo da eleição da nova diretoria da Academia. Realizado o pleito e apurados os votos, o resultado foi o seguinte: Presidente, Manuel Rodrigues de Melo; Secretário Geral, Rômulo Wanderley; 1º Secretário, Francisco Ivo Cavalcanti; 2º Secretário, Maria Carolina Wanderley; Tesoureiro, Virgílio

Trindade; Bibliotecário, Antônio Fagundes; Diretor da Revista, Aderbal de França; Comissão de Contas: Nestor dos Santos Lima, Onofre Lopes e Hélio Galvão; Comissão da Revista: Edgar Barbosa, Otto Guerra e Esmeraldo Siqueira; Comissão de Sindicância: Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Eloy de Souza. Os eleitos foram proclamados empossados em seus cargos.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 07.04.58.

A 1º de maio de 1958, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento da vaga da cadeira nº 26 que era ocupada pelo acadêmico Joaquim Bezerra Júnior. Após a eleição e apuração dos votos, o resultado foi o seguinte: Otoniel de Menezes (candidato único) 18 votos, sendo assim proclamado novo acadêmico.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

A Academia em 1960

Aos 28 de janeiro de 1960, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para eleição da nova diretoria da Academia. Realizado o pleito e feita a apuração dos votos, o resultado foi o seguinte: Presidente, Manoel Rodrigues de Melo; Secretário Geral, Rômulo Wanderley; 1º Secretário, Francisco Ivo Cavalcanti; 2º Secretário, Carolina Wanderley; Tesoureiro, Virgílio Trindade; Bibliotecário, Antônio Fagundes; Comissão da Revista: Diretor, Aderbal de França e membros da comissão: Edgar Barbosa, Otto Guerra e Raimundo Nonato; Comissão de Sindicância: Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Esmeraldo Siqueira; Comissão de Contas: Onofre Lopes, Palmira Wanderley e Hélio Galvão.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 04.02.60.

Aos 11 de fevereiro de 1960, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento da vaga de cadeira, em virtude do falecimento do acadêmico Nestor Lima. Apurados os votos o candidato único Cristóvão Dantas foi eleito com 14 votos.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 26.08.60

Aos 26 de agosto de 1960, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento das vagas à cadeira 15, cujo patrono é Pedro Velho, com o falecimento do acadêmico Eloy de Souza e à cadeira cujo patrono é Francisco Fausto, aberta com a reforma dos estatutos da Academia. Inscritos os Srs., Coronel Umberto Peregrino para a vaga do acadêmico Eloy de Souza; e o Sr. Tércio Rosado Maia para preenchimento da cadeira recém criada. Realizado o pleito e apurados os votos os dois Srs. foram eleitos com 16 votos cada um e proclamados novos acadêmicos.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 29.12.60.

Aos 29 de dezembro de 1960, na sede do Instituto Histórico e Geográfico. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão solene para recepção e posse do acadêmico Cristóvão Dantas, na cadeira cujo patrono é Almino Afonso. Saudado pelo acadêmico Luís da Câmara Cascudo.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

A Academia em 1963

Aos 27 de julho de 1963, na biblioteca da Academia Norte-rio-grandense de Letras, sito à Rua Mipibu. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para dar conhecimento ao andamento da construção da sede da Academia e de pesar pelo falecimento do acadêmico Tércio Rosado Maia, eleito para a cadeira de Francisco Fausto e que não chegou a tomar posse.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 10 de agosto de 1963, na sala da Biblioteca da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão com o objetivo da eleição da nova diretoria. O acadêmico Esmeraldo Siqueira propôs e antiga diretoria foi reeleita por aclamação e igualmente eleito por aclamação o acadêmico Raimundo Nonato para representar a Academia na Federação das Academias de Letras do Brasil.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

A Academia em 1964

Aos 08 de outubro de 1964, na sede da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento da vaga da cadeira de que é patrono o Padre Francisco de Brito Guerra, tendo como candidato único o Sr. José Melquíades. Depois de apurados os votos, o resultado foi o seguinte: o Sr. José Melquíades foi eleito com 16 votos, tornando-se novo acadêmico.

Aos 03 de novembro de 1964, presidida pelo acadêmico Francisco Ivo Cavalcanti.

Sessão solene para instalação do 1º Curso de Literatura Norte-riograndense, promovido pela Academia Norte-riograndense de Letras, entre os dias 03 e 14 de novembro. Cujos palestrantes foram: Manoel Rodrigues de Melo, com o tema Imprensa e Literatura; Dioclécio Dantas Duarte com o tema Poesia Lírica; Francisco Ivo Cavalcanti com o tema Estudos Jurídicos; Esmeraldo Homem de Siqueira com o tema Crítica Literária; Sandoval Wanderley com o tema Aula sobre Teatro; Jayme Wanderley com o tema Ficção; Francisco Amorim com o tema Imprensa e Literatura da Cidade do Açú; Rômulo Wanderley com o tema Poesia Parnasiana; Celso da Silveira com o tema Poesia Moderna; Enélio Petrovich com o tema Estudos Históricos do RN; Manoel Rodrigues de Melo com o tema Fundação da Academia Norte-riograndense de Letras.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

A Academia em 1967

Aos 19 de janeiro de 1967, no Salão da Biblioteca da Academia Norte-riograndense de Letras. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão de eleição e posse da nova diretoria da Academia. Após o pleito, o resultado dói o seguinte: Presidente, Manoel Rodrigues de Melo; Secretário Geral, Rômulo Wanderley; 1º Secretário Francisco Ivo Cavalcanti; 2º Secretário Carolina Wanderley; Tesoureiro, Virgílio Trindade; Bibliotecário, Antônio Fagundes; Diretor da Revista, Aderbal de França; Comissão de Sindicância: Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Otto Guerra; Comissão da Revista: Aderbal de França, Edgar Barbosa e Veríssimo de Melo; Comissão de Contas: Onofre Lopes, Esmeraldo Siqueira e Hélio Galvão.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 13 de abril de 1967, no Salão da Biblioteca da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para eleição das vagas abertas com a reforma dos estatutos. Realizada a eleição e efetuada a apuração, o resultado foi o seguinte: Edinor Avelino, 19 votos; Sanderson negreiros, 19 votos; João Medeiros Filho, 18 votos; Raimundo Nonato Fernandes, 18 votos; João Batista Cascudo Rodrigues, 17 votos; Newton Navarro, 17 votos; José Tavares da Silva, 15 votos e Osvaldo de Souza, 14 votos. Desta maneira proclamados acadêmicos.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 26 de agosto de 1967, no Auditório da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão solene para dar posse ao acadêmico José Melquíades, na cadeira vaga, cujo patrono é o Padre Francisco Brito Guerra. Sessão realizada com a presença dos representantes do Prefeito Municipal, da Câmara Municipal, o Diretor da Faculdade de Direito, intelectuais e familiares. Saudado por Veríssimo de Melo.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 19 de setembro de 1967, no Auditório da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão solene para dar posse ao acadêmico José Tavares da Silva, na cadeira vaga, cujo patrono é Luís Antônio dos Santos Lima. Convidados especiais: o Governador do Estado, Mons. Walfredo Gurgel; Magnífico Reitor, Onofre Lopes; o representante do Prefeito da Capital, Prof. Aldo Fernandes R. de Melo; Vice-Reitor, Alm. Tertius Rebelo, representante do Comandante da Polícia Militar; representante do Comandante do RI. Foi saudado por Onofre Lopes.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

A Academia em 1968

Aos 18 de janeiro de 1968, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para eleição da nova diretoria da Academia. A diretoria antiga foi reeleita por aclamação dos presentes, que foi proposta pelo acadêmico Paulo Viveiros.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

A Academia em 1969

Aos 23 de janeiro de 1969, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para eleição da nova diretoria. O acadêmico Francisco Ivo propôs a reeleição da antiga diretoria, no que foi acompanhado pelos presentes, sendo assim reeleita e empossada.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 31 de janeiro de 1969, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento da cadeira de nº 08, que tem como patrono Isabel Gondim. Realizada a eleição, o resultado foi o seguinte: Walter Fonseca Wanderley Albuquerque foi eleito com 20 votos e proclamado acadêmico.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 27 de agosto de 1969, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento da cadeira de nº 27, que tem como patrono Gothardo Neto. O candidato único Antônio de Azevedo obteve 25 votos elegendo-s acadêmico.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 14 de novembro de 1969, no Auditório da Academia ANRL. Presidida pelo acadêmico Manuel Rodrigues de Melo.

Sessão solene para dar posse ao acadêmico Alvamar Furtado de Mendonça na cadeira de nº 34, que tem como patrono o Capitão do Exército José da Penha Alves de Souza e 33º aniversário da Academia. Convidados especiais: Desembargador Paulo Soares de Souza, Presidente do Tribunal de Justiça; D. Nivaldo Monte, Arcebispo Metropolitano; Dr. Manuel Varela de Albuquerque, Procurador da República; Jorge O' Grady de Paiva, representante da Federação das Academias de Letras do Brasil; Fernando Viana, sócio da Academia Maranhense de Letras e do Dr. Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

A Academia em 1970

Aos 29 de janeiro de 1970, no Auditório da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para eleição e posse da nova diretoria da Academia. Procedida a eleição, o resultado ficou assim: Presidente, Manoel Rodrigues de Melo; Secretário geral, Rômulo Wanderley; 1º Secretário, Veríssimo de Melo; 2º Secretário, Carolina Wanderley; Tesoureiro, Hélio Galvão; Bibliotecário, Antônio Fagundes; Diretor da Revista, Aderbal de França; Comissão de Contas: Onofre Lopes, José Melquíades e Esmeraldo Siqueira; Comissão de Sindicância: Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Otto Guerra; Comissão da Revista: Edgar Barbosa, Alvamar Furtado e José Tavares da Silva.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 28 de maio de 1970, no Auditório da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento das vagas das cadeiras de nº 04, 09 e 23, abertas com o falecimento dos acadêmicos Virgílio Trindade, Cristóvão Dantas e Otoniel Menezes. Realizado o pleito, foram eleitos: Enélio Petrovich, para a cadeira de nº 04, com 22 votos; Humberto Bezerra Dantas, para a cadeira de nº 09, com 23 votos e Jaime dos Guimarães Wanderley, para a cadeira de nº 23, com 28 votos.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 12 de outubro de 1970, no Auditório da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para recepção e posse do acadêmico Jaime dos Guimarães Wanderley na cadeira de nº 23, que era ocupada por Otoniel Menezes. Foi saudado por Paulo Pinheiro de Viveiros.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 29 de outubro de 1970, no Auditório da ANRL. Presidida pelo Acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento de vaga da cadeira de nº 09, cujo patrono é Almino Afonso (uma vez que Humberto Bezerra foi eleito, mas faleceu sem assumir). Após a eleição, como candidato único, foi eleito com 25 votos o Sr. Peregrino Júnior.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

A Academia em 1971

Aos 18 de fevereiro de 1971, na sala da Secretaria da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para eleição da nova diretoria da Academia. O acadêmico Veríssimo de Melo, propôs e, a antiga diretoria foi reeleita por unanimidade dos votos. Na sessão foi feito um minuto de silêncio pelo falecimento do acadêmico Rômulo Wanderley. O Presidente anunciou o nome do acadêmico Esmeraldo Siqueira para substituir Rômulo Wanderley na Secretaria Geral e o nome de Jaime Wanderley para integrar a Comissão de Contas, em substituição a Esmeraldo Siqueira, os quais foram aprovados por unanimidade.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 08 de março de 1971, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para recepção e posse do acadêmico João Batista Cascudo Rodrigues na cadeira nº 32, cujo patrono é Francisco Fausto. Convidados especiais: Mons. Walfredo Gurgel, Governador do Estado; Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN e Desemb. Elias Borges, Presidente do Tribunal de Justiça. Foi saudado por Raimundo Nonato da Silva.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 27 de agosto de 1971, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão de recepção e posse do acadêmico João Medeiros Filho, na cadeira de nº 36, cujo patrono é o jurista Manuel Benício Filho. Convidados especiais: Desemb. Elias Borges, Presidente do Tribunal de Justiça; representante do Reitor da Universidade; Dr. Diógenes da Cunha Lima, representante do Governador do Estado; Dr. Francisco Coutinho Filho, representante da Academia Pernambucana de Letras; Dr. Francisco Nogueira Fernandes, Procurador Geral da Justiça; Dr. Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN; Vereador Antônio Felix da Silva, Presidente da Câmara Municipal. Foi saudado por Veríssimo de Melo.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 29 de dezembro de 1971, no Auditório da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento das cadeiras de nºs 16 e 26, vagas com o falecimento dos acadêmicos Rômulo Wanderley e José Augusto de Medeiros. Inscritos Maria Eugênia Montenegro, Diógenes da Cunha Lima Filho e Aluizio Alves. Para a cadeira de nº 16 foi eleita com 25 votos a Sra. Maria Eugênia Montenegro; para a cadeira 26 foi eleito o Sr. Diógenes da Cunha Lima Filho com 28 votos, sendo assim proclamados eleitos.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

A Academia em 1972

Aos 22 de janeiro de 1972, no Auditório da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para eleição da nova mesa diretora da Academia. O resultado, após o pleito e apuração dos votos, foi o seguinte: Presidente, Manoel Rodrigues de Melo; Secretário Geral, Esmeraldo Siqueira; 1º Secretário, Veríssimo de Melo; 2º Secretário, Jaime Wanderley; Tesoureiro, Osvaldo de Souza; Bibliotecário, Antônio Fagundes; Diretor da Revista, Aderbal de França; Comissão de Contas: Onofre Lopes, Newton Navarro e José Melquíades; Comissão de Sindicância: Paulo Viveiros, Otto Guerra e Américo de Oliveira Costa; Comissão da Revista: Edgar Barbosa, Alvamar Furtado e José Tavares da Silva.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley.

Aos 21 de julho de 1972, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão de recepção e posse da acadêmica Maria Eugênia Montenegro, na vaga deixada com o falecimento do acadêmico Rômulo Wanderley. Foi saudada por Veríssimo de Melo.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 28.09.72.

Aos 19 de outubro de 1972, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para recepção e posse do acadêmico Diógenes da Cunha Lima Filho. Convidado especial: o Governador do Estado, José Cortez Pereira. Foi saudado por Onofre Lopes da Silva.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 25.01.73.

A Academia em 1973

Aos 25 de janeiro de 1973, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para eleição e posse da nova mesa diretora da Academia. A proposta do acadêmico Enélio Petrovich foi aprovada e a chapa foi aclamada,

ficando assim a diretoria da Academia: Presidente, Manoel Rodrigues de Melo; Secretário Geral, Diógenes da Cunha Lima Filho; 1º Secretário, Veríssimo de Melo; 2º Secretário Jaime Wanderley; Tesoureiro, Osvaldo de Souza; Bibliotecário, Antônio Fagundes; Diretor da Revista, Aderbal de França; Comissão de Contas: Onofre Lopes, Newton Navarro e José Melquíades; Comissão de Sindicância: Paulo Viveiros, Otto Guerra e Américo de Oliveira Costa; Comissão da Revista: Edgar Barbosa, José Tavares da Silva e Alvamar Furtado.

Ata secretariada da pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 25.01.74

Aos 07 de dezembro de 1973, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão de recepção e posse do acadêmico Enélio Petrovich na cadeira nº 04, cujo patrono é Lourival Açucena. Foi saudado por Câmara Cascudo.

Ata secretariada pela Sra. Carolina Wanderley e aprovada em 31.05.74

A Academia em 1974

Aos 24 de janeiro de 1974, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para eleição e posse da nova mesa diretora da Academia. Por proposta do acadêmico Enélio Petrovich, toda a mesa diretora antiga, foi reeleita por aclamação.

Ata aprovada em 31.05.74.

Aos 31 de janeiro de 1974, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento da cadeira de nº 07, vaga com o falecimento do acadêmico Antônio Soares de Araújo. Foi eleito, como único candidato, o Sr. Mariano Coelho com 26 votos e desta forma proclamado acadêmico. Ata aprovada em 02.05.74.

Aos 05 de abril de 1974, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão de recepção e posse do acadêmico Mariano Coelho, na cadeira de nº 07, vaga com o falecimento do acadêmico Antônio Soares de Araújo, cujo patrono é Manuel Ferreira Nobre. Foi saudado por José Tavares da Silva.

Ata aprovada em 02.05.74

A Academia em 1975

Aos 30 de janeiro de 1975, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para eleição e posse da nova diretoria da Academia. A mesa ficou assim empossada: Presidente, Manoel Rodrigues de Melo; Secretário Geral, José Tavares da Silva; 1º Secretário, Veríssimo de Melo; 2º Secretário, Jaime Wanderley; Tesoureiro, Mariano Coelho; Bibliotecário, Antônio Fagundes; Diretor

da Revista, Enélio Petrovich; Comissão de Contas: Onofre Lopes, Newton Navarro e José Melquíades; Comissão de Sindicância: Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Otto Guerra; Comissão da Revista: Edgar Barbosa, Alvamar Furtado e Diógenes da Cunha Lima.

Ata aprovada em 10.05.75.

Aos 24 de abril de 1975, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão para preenchimento das vagas das cadeiras de nºs 21 e 25, vagas com o falecimento dos acadêmicos Floriano Cavalcanti e Aderbal de França. Realizado o pleito e apurados os votos, foram eleitos os Srs. Luís Rabelo para a cadeira 21, com 26 votos e o Sr. Inácio Meira Pires para a cadeira 25 com 19 votos, sendo proclamados acadêmicos.

Ata aprovada em 15.10.75.

Aos 22 de maio de 1975, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo.

Sessão solene para recepção e posse do acadêmico Edinor Avelino, na cadeira nº 35, cujo patrono é Juvenal Antunes. Convidados especiais: Dr. Waldson Pinheiro, representante da Universidade; José de Oliveira, Prefeito de Macau; Padre Penha Filho, Vigário de Macau; Dr. Bráulio do Nascimento, Presidente da Campanha Nacional de Defesa do Folclore; Afonso Barros, representante do Lions Clube de Macau e Arlindo Martins da Silva, representante da Maçonaria de Macau. Foi saudado por Veríssimo de Melo.

Ata aprovada em 15.10.75.

A Academia em 1976

Aos 30 de janeiro de 1976, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Manoel Rodrigues de Melo. Depois de consulta em sufrágio, ficou assim definida a nova diretoria: Presidente, Onofre Lopes; Secretário Geral, Otto Guerra; 1º Secretário, Veríssimo de Melo; 2º Secretário, Meira Pires; Tesoureiro, Enélio Petrovich; Bibliotecário, Osvaldo de Souza; Diretor da Revista, Edgar Barbosa; Comissão de Sindicância: Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa e Alvamar Furtado; Comissão de Contas: D. José Adelino Dantas, Diógenes da Cunha Lima Filho e Maria Eugênia Maceira Montenegro; Comissão da Revista: João Medeiros Filho, Mariano Coelho e José Melquíades. O novo presidente é declarado empossado.

Ata aprovada em 09.03.76.

Aos 24 de setembro de 1976, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para preenchimento da cadeira de nº 17, vaga com o falecimento do acadêmico Dioclécio Duarte. O Sr. Aluízio Alves, com única inscrição, foi eleito com 27 votos.

Aos 08 de dezembro de 1976, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para preenchimento das cadeiras de nºs 05 e 06, vagas com o falecimento dos respectivos acadêmicos, Edgar Barbosa e Carolina Wanderley. Na cadeira nº 05, cujo patrono é Moreira Brandão, foi eleito o Sr. Ascendino de Almeida, com 30 votos, na cadeira de nº 06, cujo patrono é Luís Carlos Lins Wanderley, foi eleito o Sr. Gumercindo Saraiva, com 31 votos, sendo proclamados acadêmicos.

Ata aprovada em 04 de junho de 1977.

A Academia em 1977

Aos 21 de janeiro de 1977, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão solene para recepção e posse do acadêmico Gumercindo Saraiva, na cadeira de nº 06, cujo patrono é Luís Carlos Lins Wanderley, vaga com o falecimento da acadêmica Carolina Wanderley. Foi saudado por Paulo Pinheiro de Viveiros.

Aos 25 de fevereiro de 1977, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão solene de recepção e posse do acadêmico Ascendino de Almeida, na cadeira de nº 05, cujo patrono é Moreira Brandão, vaga com o falecimento do acadêmico Edgar Barbosa. Convidados especiais: Franco Jazielo, representante do Governador do Estado; Domingos Gomes de Lima, Reitor da Universidade; General Walter Pinto de Moraes, intelectuais, outras autoridades e familiares. Foi saudado por José Melquíades.

Em 25 de maio de 1977, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para recepção e posse do acadêmico Antonio Soares Filho, na cadeira de nº 24, vaga com o falecimento do acadêmico Antídio Azevedo. Saudação de Veríssimo de Melo.

Aos 15 de junho de 1977, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão solene de recepção e posse do acadêmico D. Nivaldo Monte, na cadeira de nº 18, vaga com o falecimento do acadêmico Waldemar de Almeida. Convidados especiais: Vaubam Bezerra de Farias, Prefeito da Capital; D. Antônio Costa, Bispo Auxiliar; Secretário da Educação e Cultura do Estado, Prof. João Faustino Ferreira Neto; representante da Assembléia Legislativa, Deputado Iberê de Souza, Presidente da Câmara Municipal, Vereador Lourival Bezerra e um representante da Universidade. Saudação de Hélio Galvão.

Ata aprovada em 16 de setembro de 1977.

Aos 16 de setembro de 1977, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para preenchimento da vaga da cadeira de nº 35, com o falecimento do acadêmico Edinor Avelino. Foi eleito, com candidatura única, o Sr. Gilberto Avelino com 26 votos, sendo assim proclamado eleito.

Ata aprovada em 15 de janeiro de 1978.

Aos 11 de dezembro de 1977, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para dar posse ao acadêmico Sanderson Negreiros, na cadeira de nº 40, cujo patrono é Afonso Bezerra, e, conceder o título de Membro Honorário ao Governador Tarcísio Maia. Convidados Especiais; o Vice-Governador, Genivaldo Barros; o Deputado Alcimar Torquato, Presidente da Assembléia Legislativa; Desemb. Wilson Dantas, Presidente do Tribunal de Justiça; o Reitor da Universidade, Domingos Gomes da Silva, Senador Dinarte Mariz e outras autoridades. Saudação de Nilo Pereira.

Ata aprovada em 25 de janeiro de 1978.

A Academia em 1978

Aos 25 de janeiro de 1978, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para leitura de relatório do ano de 1977 e eleição da nova diretoria. Feita a leitura do relatório e aprovado pelos acadêmicos, passou-se a eleição onde foram eleitos: Presidente, Onofre Lopes; Vice-Presidente Nivaldo Monte; 1º Secretário, Veríssimo de Melo; 2º Secretário Luís Rabelo; Tesoureiro, Enélio Petrovich; Diretor da Revista, José Melquíades; Bibliotecário, Jaime Wanderley; Comissão de Sindicância: Otto Guerra, Alvamar Furtado e Américo de Oliveira Costa; Comissão de Contas: Diógenes da Cunha Lima Filho, João Batista Cascudo Rodrigues e Sanderson Negreiros. Os eleitos foram considerados empossados.

Ata secretariada por Luís Rabelo.

Aos 16 de outubro de 1978, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão solene para dar posse ao acadêmico Gilberto Avelino na cadeira de nº 35, vaga com o falecimento do acadêmico Edinor Avelino. Convidados especiais; Genivaldo Barros, Vice-Governador, representando o Governador do Estado; Armando Fagundes, Venerável da Loja Maçônica; Dr. José Fernandes Macho, representando o Prefeito Vaubam Bezerra de Farias; o Juiz de Direito da cidade de Macau. Saudação de Veríssimo de Melo.

Ata secretariada por Luís Rabelo.

A Academia em 1979

Aos 13 de setembro de 1979, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para preenchimento de vaga da cadeira nº 10, com o falecimento do acadêmico Bruno Pereira. Como candidato único, elegeu-se acadêmico, com 26 votos, o Sr. Paulo Macedo, sendo proclamado eleito.

A Academia em 1980

Aos 23 de janeiro de 1980, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para eleição da nova diretoria para o biênio 80-81. Por aclamação foi eleita a seguinte Diretoria: Presidente, Onofre Lopes; Vice-Presidente, D. Nivaldo Monte; 1º Secretário, Veríssimo de Melo, 2º Secretário, Luís Rabelo, Tesoureiro, Enélio Petrovich; Bibliotecário; Ascendino de Almeida; Diretor da Revista, Antônio Soares Filho; Conselho Editorial: Américo de Oliveira Costa, Gumercindo Saraiva, Esmeraldo Siqueira; Maria Eugênia Montenegro e Jaime Wanderley; Comissão de Sindicância: Alvamar Furtado, Otto Guerra e José Melquíades; Comissão de Contas: Diógenes da Cunha Lima, Sanderson Negreiros e Gilberto Avelino. Declarados empossados.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 07 de agosto de 1980, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para preenchimento da vaga da cadeira nº 28, com o falecimento do acadêmico Paulo Pinheiro de Viveiros. Com a candidatura única de Jurandy Navarro, foi realizado o pleito onde o inscrito, obteve 31 votos, sendo assim proclamado acadêmico.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rebelo.

A Academia em 1981

Aos 29 de janeiro de 1981, no Salão Nobre ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão solene de posse do acadêmico Mário Moacir Porto, na cadeira nº 20, cujo patrono é Auta de Souza, vaga com o falecimento da acadêmica Palmira Wanderley. Convidados especiais; Governador do Estado, Lavoisier Maia Sobrinho; Desemb. Newton Pinto, Presidente do Tribunal de Justiça; Magnífico Reitor, Diógenes da Cunha Lima, Reitor da Universidade Federal do RN; Deputado Garibaldi Alves, representante da Assembléia Legislativa do Estado; Dr. Valério Mesquita, Presidente da Fundação José Augusto; Brigadeiro Cruz, Comandante do CATRE; Comandante Geraldo Batista de Moraes, Comandante da Base Naval de Natal, familiares e intelectuais. Saudado por Nilo Pereira.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 26 de fevereiro de 1981, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão solene de posse do acadêmico Paulo Macedo, na cadeira de nº 10, cujo patrono é Elias Souto e que se encontra vaga pelo falecimento do acadêmico Bruno Pereira. Convidados especiais: Governador do Estado, Lavoisier Maia Sobrinho; Vice-Governador, Geraldo José de Melo; Desemb. Newton Pinto, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado; Vice-Almirante Luís Brígido Bittencourt; Brigadeiro Almeida Cruz; Prefeito de Natal, José Agripino Maia; Magnífico reitor da Universidade do RN, Diógenes da Cunha Lima, Deputado Teodorico Bezerra; General Diniz; Cláudio Noronha, Presidente da Academia Cearense de Letras; Domingos Tavares, Presidente da Academia Brasileira de Letras. O novo acadêmico foi saudado por Diógenes da Cunha Lima.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 12 de março de 1981, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para preenchimento da vaga da cadeira de nº 08, vaga com o falecimento do acadêmico Walter Wanderley. Realizada a eleição e feita a devida apuração, foi o seguinte o resultado: Nilson Patriota, 22 votos; Itamar de Souza, 19 votos e Clarice Palma 01 voto. Desta forma Nilson Patriota foi declarado novo acadêmico.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 25 de março de 1981, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão solene para dar posse ao acadêmico Jurandyr Navarro, na cadeira nº 28, cujo patrono é o Padre João Manoel. Convidados especiais: Capitão de Corveta, Fernando Antônio Aquino Albuquerque, representante do Almirante Comandante do III Distrito Naval; Vereador Antônio Godeiro, Presidente da Câmara Municipal; Deputado Carlos Augusto Rosado, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado; Dr. Lauro Bezerra, representante da Universidade Federal do RN; Desemb. Newton Pinto, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado; Dr. Valério Mesquita, Presidente da Fundação José Augusto; Dr. Odúlio Botelho, representante do Sr. Prefeito de Natal e o General Almino Diniz, Comandante da Guarnição Militar de Natal. Foi saudado por Enélio Lima Petrovich.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

A Academia em 1982

Aos 25 de janeiro de 1982, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para eleição de nova diretoria para o biênio 1982/83, empossada na seguinte forma: Presidente, Onofre Lopes; Vice-Presidente, D. Nivaldo Monte; 1º Secretário, Veríssimo de Melo; 2º Secretário, Luís Rabelo; Tesoureiro Enélio Petrovich; Diretor da Revista, Antônio Soares Filho; Diretor da Biblioteca, Ascendino Henrique de Almeida Júnior; Conselho Editorial: Américo de Oliveira Costa, Esmeraldo Siqueira e Maria Eugênia Montenegro; Comissão de Sindicância: Alvamar Furtado, Otto Guerra e José Melquíades de Macedo;

Comissão de Contas: Gilberto Avelino, José Melquíades de Macedo e Paulo Macedo.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo

Aos 14 de outubro de 1982, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para preenchimento de vaga da cadeira de nº 02, com o falecimento do acadêmico Hélio Galvão. Realizada a eleição e apuração dos votos, o resultado foi o seguinte: o Sr. Grácio Barbalho, com candidatura única, obteve 26 votos. Com esse resultado foi declarado acadêmico.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

A Academia em 1983

Aos 20 de abril de 1983, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para preenchimento da vaga da cadeira de nº 14, que era ocupada pelo acadêmico Antônio Fagundes. Com candidatura única do Sr. Raul Fernandes, o pleito foi realizado e depois de apurado o resultado foi o seguinte: o Sr. Raul Fernandes foi eleito com 32 votos, sendo assim declarado acadêmico.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

A 1º de junho de 1983, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão para preenchimento da cadeira de nº 25, vaga com o falecimento do acadêmico Inácio Meira Pires. Inscrito o Sr. João Wilson Mendes Melo. Após o sufrágio e conseqüente apuração, o resultado foi o seguinte: o Sr. João Wilson Mendes Melo foi declarado acadêmico com 32 votos.

Aos 25 de agosto de 1983, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão solene de posse do acadêmico Raul Fernandes, na cadeira de nº 14, antes ocupada pelo acadêmico Antônio Fagundes. Convidados especiais: Major Paulo Amorim, representante do Comandante da 7ª Brigada de Infantaria; Tenente Wellington Nascimento, representante do Vice-Almirante Dimas Lopes da Silva Coelho, Comandante do III Distrito Naval; Desemb. José Humberto Barbalho, Presidente do Tribunal de Justiça; Prof. Lúcio Teixeira, Secretário de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Natal e representante do Prefeito Marcos César Formiga; Aluizio Furtado, Presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste; Dr. Grácio Barbalho, representante do Conselho Estadual de Cultura do RN. O acadêmico empossado foi saudado por Veríssimo de Melo.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 04 de novembro de 1983, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão de preenchimento da cadeira de nº 22, vaga com o falecimento do acadêmico D. José Adelino Dantas. Inscrito como candidato único o Sr. Padre Jorge O'Grady de Paiva. O resultado da votação e apuração dos votos foi o seguinte: o Sr. Padre Jorge O'Grady de Paiva foi eleito com 29 votos, sendo assim declarado acadêmico.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 17 de novembro de 1983, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão de posse do acadêmico Nilson Patriota, na cadeira de nº 08, cujo patrono é Isabel Gondim. Convidados especiais: Prof. Hélio Vasconcelos, Secretário de Educação e Cultura do Estado e representante do Governador José Agripino Maia; Lúcio Teixeira, Secretário de Educação e Cultura do Município e representante do Prefeito da Capital; Dr. Daladier da Cunha Lima, representando o Magnífico Reitor da Universidade Federal do RN; Dr. Valério Mesquita, Presidente da Fundação José Augusto e intelectuais. Saudado por Paulo Pinheiro de Viveiros.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

A Academia em 1984

Aos 30 de janeiro de 1984, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão de leitura dos relatórios do biênio e eleição da nova mesa diretora para o biênio 1984/85. Lido o relatório e aprovado pelos acadêmicos, passou-se para a eleição que teve o seguinte resultado: Presidente, Onofre Lopes; Vice-Presidente, D. Nivaldo Monte; 1º Secretário, Veríssimo de Melo; 2º Secretário, Luís Rabelo; Tesoureiro, Enélio Petrovich; Diretor da Revista, Antônio Soares de Araújo Filho; Diretor da Biblioteca, Gumercindo Saraiva; Conselho Editorial: Américo Oliveira Costa, Esmeraldo Siqueira e Maria Eugênia Montenegro; Comissão de Sindicância: Alvarado Furtado, Otto Guerra e José Melquíades; Comissão de Contas: Gilberto Avelino, Paulo Macedo e José Melquíades. A mesa diretora foi declarada empossada.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 15 de março de 1984, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Onofre Lopes.

Sessão solene para posse do acadêmico João Wilson Mendes Melo. Cadeira que era ocupada pelo acadêmico Inácio Meira Pires. Convidados especiais: D. Antônio Costa, Bispo Auxiliar de Natal; Daladier da Cunha Lima, Vice-Reitor em exercício da Universidade Federal do RN e o Dr. Emanuel Pereira, Chefe da Casa Civil da Prefeitura Municipal de Natal, representando o chefe do executivo municipal. Foi saudado por Otto Guerra.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 30 de agosto de 1984, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico D. Nivaldo Monte.

Sessão solene para dar posse ao acadêmico Padre Jorge O'Grady de Paiva, na cadeira de nº 22, cujo patrono é Leão Fernandes e anteriormente ocupada pelo Padre Luís Monte. Convidados especiais: Dr. Valério Mesquita, representante do Governador do Estado; Dr. Genivaldo Barros, Magnífico Reitor da Universidade Federal do RN; Prof. Lúcio Teixeira, Secretário de Educação e Cultura do Município e representante do Prefeito da Capital; o Presidente da Câmara Municipal do Natal; Major Miranda, representante do Comandante da 7ª Brigada Militar de Natal; Dr. Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN e intelectuais. Foi saudado por Jurandyr Navarro.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 10 de outubro de 1984, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico D. Nivaldo Monte.

Sessão para preenchimento da vaga da cadeira de nº 09, cujo patrono é Almino Afonso e anteriormente ocupada pelo acadêmico Peregrino Júnior. Inscritos os Srs.: Dorian Gray e Carlos Borges. Realizada a eleição e apurados os votos, o resultado foi o seguinte: Dorian Gray, 20 votos e Carlos Borges 15 votos. Desta maneira foi declarado eleito o Sr. Dorian Gray.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 18 de outubro de 1984, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico em exercício D. Nivaldo Monte.

Sessão solene de necrológio à memória do acadêmico Onofre Lopes. Presentes as seguintes autoridades: Dr. Valério Mesquita, representante do Governador do Estado, Major do Exército Miranda, representante do Comandante da Brigada Militar de Natal; o Dr. Daladier Cunha, representante do Magnífico reitor da Universidade Federal do RN; o Dr. Emanuel Pereira, representante do Prefeito de Natal; o Dr. Mizael Araújo Neto, Secretário da Educação e Cultura.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 08 de novembro de 1984, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Dom Nivaldo Monte.

Sessão para eleição do novo Presidente da Academia, para substituição do antigo, Onofre Lopes, falecido. O resultado da votação foi o seguinte: Diógenes da Cunha Lima 18 votos, Mário Moacir Porto 03 votos, Paulo Macedo 01 voto, tendo sido declarado eleito o acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 23 de novembro de 1984, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico D. Nivaldo Monte, Presidente em exercício.

Sessão para dar posse ao novo Presidente, o acadêmico Diógenes da Cunha Lima e homenagear o escritor Gilberto Freyre. Convidados especiais; Dr. Valério Mesquita, representando o Governador do Estado; Desemb. Danilo Simonetti, Presidente do Tribunal de Justiça, General José Montezuma, Comandante da 7ª Brigada de Infantaria; Dr. Genivaldo Barros, Magnífico Reitor

da Universidade Federal do RN; Prof. Lucio Teixeira, Secretário de Educação da Prefeitura e representante do Sr. Prefeito Municipal; Deputado Leonardo Arruda, representante do Legislativo; Dr. Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN; escritor Gilberto Freyre.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

A Academia em 1985

Aos 07 de fevereiro de 1985, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para preenchimento da cadeira nº 11, vaga com o falecimento do acadêmico Onofre Lopes. Com único inscrito, houve a votação e conseqüente apuração dos votos: O Desembargador Seabra Fagundes foi eleito com 32 votos, e desta forma declarado eleito.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 02 de maio de 1985, no Salão Nobre da Academia Norte-Rio-grandense de Letras. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para dar posse ao acadêmico Grácio Barbalho, na cadeira de nº 02, cujo patrono é Nísia Floresta, vaga com o falecimento do acadêmico Hélio Galvão. Convidados especiais; Dr. Hélio Vasconcelos, Secretário de Educação e Cultura do Estado e representante do Governador do Estado; Prof. Lúcio Teixeira, Secretário de Educação e Cultura do Município de Natal, representando o Prefeito da cidade; Dr. Lavoisier Maia Sobrinho, Presidente da Fundação Dinarte Mariz; Dr. Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN; Dr. Valério Mesquita, Presidente da Fundação José Augusto; Deputado Kleber Bezerra, representante da Assembléia Legislativa do Estado; Desembargador Danilo Simonetti, Presidente do Tribunal de Justiça; Dr. Genivaldo Barros, Magnífico Reitor da Universidade Federal do RN. O novo acadêmico foi saudado por Ascendino de Almeida.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

A Academia em 1986

Aos 23 de janeiro de 1986, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para leitura de relatório anual e eleição da nova mesa diretora da casa. Lido e aprovado o relatório, a mesa ficou assim empossada: Presidente, Diógenes da Cunha Lima; Vice-Presidente, D. Nivaldo Monte; 1º Secretário, Veríssimo de Melo, 2º Secretário, Luís Rabelo; Tesoureiro, Enélio Petrovich; Diretor da Revista, João Wilson Mendes Melo; Diretor da Biblioteca, Gumercindo Saraiva; Conselho Editorial: Américo Oliveira Costa, Esmeraldo Siqueira e Maria Eugênia Montenegro; Comissão de Sindicância: Alvamar Furtado, Otto Guerra e José Melquíades; Comissão de Contas: Gilberto Avelino, Paulo Macedo e José Melquíades. Eleita e empossada.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 23 de fevereiro de 1986, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição da nova mesa diretora da Academia. A mesa foi reeleita com apenas uma alteração: a do Diretor da Revista Acadêmico Antônio Soares Filho, substituído por João Wilson Mendes Melo. Mesa empossada.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 26 de setembro de 1986, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico D. Nivaldo Monte.

Sessão solene para a posse do acadêmico Dorian Gray Caldas, na cadeira de nº 09, vaga com o falecimento do acadêmico Peregrino Júnior. Convidados especiais: Paulo Macedo, Presidente da Fundação José Augusto, representando o Governador do Estado; Prof. Cláudio Emerenciano, representante do Prefeito de Natal; o Major Oliveira, representante do CATRE; o Coronel Pedro Ernesto Bezerra, representante da 7ª Brigada de Natal; Dr. Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN e o Dr. Veríssimo de Melo, Presidente do Conselho de Cultura do Estado. Foi saudado por Diógenes da Cunha Lima.

Ata secretariada pelo Sr. Luis Rabelo.

Aos 29 de outubro de 1986, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para preenchimento da cadeira nº 07, vaga com o falecimento do acadêmico Mariano Coelho. Inscrição única do Sr. Nestor dos Santos Lima, que resultou em 29 votos, sendo assim proclamado eleito.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 03 de dezembro de 1986, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão solene comemorativa do Cinquentenário da ANRL, onde foram condecorados os Srs. Otto Guerra, Vingt-un Rosado e Jaime Hipólito Dantas com a "Medalha do Cinquentenário".

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

A Academia em 1987

Aos 29 de janeiro de 1987, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão solene à memória do acadêmico Luís da Câmara Cascudo na passagem do seu centenário.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 23 de abril de 1987, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão solene de posse do acadêmico Nestor dos Santos Lima, na cadeira de nº 07, cujo patrono é Ferreira Nobre, vaga com o falecimento do acadêmico

Mariano Coelho. Convidados especiais: Dr. Valério Mesquita, representante da Assembléia Legislativa; Dr. Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN; Prefeito Garibaldi Alves Filho; Jornalista Murilo Melo Filho; Prof. Otto Santana, representante do Governador do Estado; Magnífico Reitor Daladier da Cunha Lima; Veríssimo de Melo, Presidente do Conselho Estadual de Cultura; Vereador Américo Godeiro, representante da Câmara Municipal e Jornalista Woden Madruga, Presidente da Fundação José Augusto. Foi saudado por Raimundo Nonato Fernandes.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 13 de maio de 1987, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão solene de posse do acadêmico Miguel Seabra Fagundes, na cadeira de nº 11, vaga com o falecimento do acadêmico Onofre Lopes. Convidados especiais: Sr. João Ururahy, Chefe da Casa Civil do Governo, representando o Governador do Estado; Desemb. Meira Lima, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado; Deputado Valério Mesquita, representante da Assembléia Legislativa; Magnífico Reitor, Genivaldo Barros; Reitor eleito, Daladier da Cunha Lima; Dr. Adilson Gurgel, Presidente da OAB/RN; Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN; Comandante Oliveira Neto, representante do III Distrito Naval; Coronel Aragão, Comandante da 7ª Brigada Militar; Sr. Veríssimo de Melo, Presidente do Conselho de Cultura do Estado e Dra. Francisca Alves Gomes representante do Instituto de Advogados do Brasil. Foi saudado por Mário Moacyr Porto.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 23 de maio de 1987, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão de preenchimento da cadeira de nº 38, vaga com o falecimento do acadêmico José Tavares da Silva, sendo candidato único o Sr. Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, na qual foi eleito e proclamado acadêmico com 32 votos.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 14 de agosto de 1987, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão solene de posse do acadêmico Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia e de homenagem ao acadêmico Raimundo Nonato na passagem do seu octogenário aniversário. Convidados especiais: Otto Santana, representante do Governador do Estado; Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia, Prefeito de Mossoró; Jerônimo Vingt Rosado Maia, Deputado Federal; Dr. Antônio Capistrano, Reitor da Universidade de Mossoró; Dr. Daladier da Cunha Lima, Magnífico Reitor da Universidade Federal do RN; Veríssimo de Melo, Presidente do Conselho Estadual de Cultura; Dr. Pedro Fernandes, Diretor da ESAM e um representante do TER. Saudado por Raimundo Nonato Fernandes.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

A Academia em 1988

Aos 28 de fevereiro de 1988, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para leitura do relatório anual e eleição de nova diretoria da Academia. Depois de lido e aprovado o relatório, toda a mesa antiga foi reeleita e empossada.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 14 de setembro de 1988, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico D. Nivaldo Monte.

Sessão de preenchimento das vagas das cadeiras de nºs 36 e 29, com o falecimento dos acadêmicos João Medeiros Filho e Esmeraldo Siqueira. Após a eleição verificou-se o seguinte resultado: para a cadeira de nº 36, foi eleito o Sr. Olavo de Medeiros Filho, com 32 votos. Para a cadeira de nº 29, foi eleito o Sr. Itamar de Souza, com 29 votos. Desta maneira foram proclamados eleitos pelo Presidente da casa.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

A Academia em 1989

Aos 11 de setembro de 1989, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico D. Nivaldo Monte.

Sessão solene para dar posse ao acadêmico Olavo de Medeiros Filho, na cadeira de nº 36, cujo patrono é Benício Filho, vaga com o falecimento do acadêmico João Medeiros Filho. Convidados de honra: Veríssimo de Melo, Presidente do Conselho de Cultura do Estado; Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN; Woden madrugá, Presidente da Fundação José Augusto e representante do Governador do Estado; Sr. Iaperi Araújo, Secretário Municipal de Cultura e representante da Prefeitura Municipal; Desemb. Caio Alencar, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado; D. Aécio Vilar, Arcebispo de Natal e o General Lindolfo Peregrino. Saudação de Enélio Lima Petrovich.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

A Academia em 1990

Aos 15 de janeiro de 1990, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição da nova diretoria. Computados os votos, o resultado foi o seguinte: Presidente, Diógenes da Cunha Lima; Vice-Presidente, Paulo Macedo; 1º Secretário Veríssimo de Melo; 2º Secretário Luís Rabelo; Tesoureiro, Enélio Petrovich; Diretor da Biblioteca, Jurandir Navarro; Diretor da Revista, João Wilson Mendes Melo; as comissões de Contas e Sindicância foram reconduzidas. O Presidente foi declarado empossado.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

A Academia em 1991

Aos 29 de janeiro de 1991, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão solene conjunta com o Conselho de Cultura do Estado, para entrega da “Medalha do Cinqüentenário” da ANRL ao Sr. Homero Homem de Siqueira.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 04 de outubro de 1991, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição da cadeira de nº 05, cujo patrono é Moreira Brandão e vaga com o falecimento do acadêmico Ascendino de Almeida. A candidatura do Sr. Marcos Maranhão foi indeferida, ficando como candidato único o Sr. Manoel Onofre Júnior, sendo assim eleito com 26 votos.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

A Academia em 1992

Aos 30 de janeiro de 1992, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para preenchimento da cadeira vaga com o falecimento do acadêmico Jaime Wanderley e eleição da nova diretoria. Submetida ao plenário, a antiga diretoria foi reeleita. Para a vaga da cadeira de Jaime Wanderley foi eleito o Sr. Iaperi Araújo.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

Aos 05 de agosto de 1992, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para preenchimento da vaga deixada pelo acadêmico Nilo Pereira. Como candidato único, foi eleito com 32 votos, o Sr. Murilo Melo Filho.

Ata secretaria pelo Sr. Jurandyr Navarro.

A Academia em 1994

Aos 26 de janeiro de 1994, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição da mesa diretora para o Biênio 1994/96. Feita a apuração, constatou-se a reeleição à unanimidade dos presentes, a antiga mesa.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

Aos 15 de abril de 1994, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para preenchimento da cadeira de nº 06, vaga deixada com o falecimento do acadêmico Gumercindo Saraiva, tendo como ocupante anterior a poetisa Carolina Wanderley e como patrono Luis Carlos Wanderley. Foi eleito o Sr. João Batista Pinheiro Cabral com 26 votos.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

A Academia em 1996

Aos 22 de outubro de 1996, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição do candidato único Fagundes de Menezes na vaga deixada com o falecimento do acadêmico Seabra Fagundes, e, eleito com 26 votos.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

A Academia em 1997

Aos 15 de julho de 1997, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para preenchimento da vaga da cadeira de nº 30, cujo primeiro ocupante foi Manoel Rodrigues de Melo e cujo patrono e o Mons. Augusto Franklin. Foi eleito como candidato único o Sr. Aluízio Azevedo, com 26 sufrágios.

Ata secretariada pelo Sr. Luís Rabelo.

Aos 15 de julho de 1997, na sede da ANRL, presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição do candidato único José Anchieta Ferreira da Silva, na vaga do acadêmico Otto Guerra, cuja cadeira de nº 03 tinha como patrono o Conselheiro Brito Guerra. O candidato foi eleito com 26 votos.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

OBS: Apesar da mesma data as atas estão separadas.

Aos 14 de novembro de 1997, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição a vaga deixada pelo acadêmico Américo de Oliveira Costa na cadeira de nº 27, cujo patrono é Aurélio Pinheiro. Apurados os votos o

candidato Vicente Serejo obteve 28 votos e Dra. Vitória dos Santos Costa 05 votos. Desta forma o candidato Vicente Serejo foi declarado eleito.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandir Navarro.

A Academia em 1998

Aos 30 de janeiro de 1998, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição de nova diretoria para o biênio 1998-2000. Realizada a apuração, à unanimidade foi reconduzida a diretoria anterior.

Ata secretariada pelo Sr. João Batista Pinheiro Cabral.

Aos 17 de março de 1998, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição do candidato único, Sr. Valério Mesquita, na vaga de Luís Rabelo, na cadeira de nº 21, tendo como patrono Antônio Marinho. Apurados os votos o candidato foi eleito com 29 votos e proclamado.

Ata secretariada pelo Sr. João Batista Pinheiro Cabral.

Aos 16 de novembro de 1998, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão cuja finalidade foi a eleição do candidato único Osvaldo Lamartine de Faria para a cadeira de nº 12, cujo patrono é Amaro Cavalcanti, vaga com o falecimento do acadêmico Veríssimo de Melo. O candidato foi eleito com 29 votos, por unanimidade dos presentes, sendo assim proclamado eleito.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

Aos 16 de novembro de 1998, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleger o candidato único Dorian Jorge Freire, para a cadeira de nº 20, tendo como patrono Auta de Souza, vaga aberta com o falecimento do acadêmico Mário Moacir Porto. O candidato foi eleito com 25 votos.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandir Navarro.

A Academia em 1999

Aos 11 de junho de 1999, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Paulo Macedo.

Sessão solene para posse do acadêmico Dorian Jorge Freire na cadeira de nº 20, cujo patrono é Auta de Souza. Convidados especiais: Governador, Garibaldi Alves Filho, representante da Assembléia Legislativa, Deputado Valério Mesquita; Ministro Francisco Fausto do TST; Deputado Federal Lavoisier Maia Sobrinho; Magnífico Reitor da Universidade Federal do RN, Walter Fonseca; Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN, Enélio Petrovich; Prefeita de Mossoró, Rosalba Ciarlini e o Presidente da Fundação José Augusto, Woden Madruga. Saudação de Sanderson Negreiros.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

Aos 29 de outubro de 1999, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão solene para palestra do Presidente da Academia Brasileira de Letras, Dr. Arnaldo Niskier, ocasião em que foi entregue a Medalha João Ribeiro ao Presidente da ANRL, acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Ata secretariada pela Sra. Ana Maria de Miranda.

A Academia em 2000

Aos 31 de janeiro de 2000, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição da mesa diretora para o biênio 2000/2002. Apurados os votos, à unanimidade foi reconduzida a diretoria anterior, num total de 27 votos.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

Aos 30 de março de 2000, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão solene de posse do acadêmico Valério Mesquita, na cadeira de nº 21, vaga com o falecimento do acadêmico Luís Rabelo. Presentes as seguintes autoridades: Vice-Governador, Fernando Freire, representando o Governador, Deputado Ricardo Motta, representando a Assembléia Legislativa; Deputado Federal, Iberê Ferreira de Souza; Sr. Aluizio Lacerda, representando a Prefeita de Natal; Capitão Felipe Velasco, representante do CATRE; Coronel Erlon Mota, representante da 7ª Brigada; Mons. João Penha, representando o Arcebispo Metropolitano; Prof. Cláudio Emerenciano, Presidente do Conselho Estadual de Cultura e Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Foi saudado por Alvamar Furtado de Mendonça.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

Aos 27 de abril de 2000, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Nilson Patriota.

Sessão solene para dar posse ao acadêmico Hypérides Lamartine (Pery), na cadeira de nº 33, cujo patrono é Tonheca Dantas. Presente as autoridades: Desemb. Rafael Godeiro, representante do Poder Judiciário; Deputado Valério Mesquita, representante do Poder Legislativo; Dr. Cláudio Emerenciano, Presidente do Conselho Estadual de Cultura; Sr. Armando Leal, Grão Mestre da Maçonaria; Dr. Ernani Rosado, representante do Prefeito de Natal; Jair Figueiredo, Presidente da Academia de Trovas do RN e Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Foi saudado pelo acadêmico José Melquíades.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandir Navarro.

Aos 27 de junho de 2000, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição do candidato Tarcísio da Natividade Medeiros, para a vaga decorrente do falecimento do acadêmico Antônio Soares, na cadeira nº 24, cujo patrono é Gothardo Neto. O referido candidato foi eleito com 31 votos, sendo assim feita a proclamação.

Aos 14 de setembro de 2000, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão solene de posse do acadêmico José de Anchieta Ferreira da Silva, na cadeira de nº 23, vaga com o falecimento de do acadêmico Otto Guerra, cujo patrono é o Conselheiro Brito Guerra. Convidados especiais: Prof. Reginaldo Medeiros, Secretário Adjunto da Educação e representante do Governador do Estado; Deputado Valério Mesquita, representante do Poder Legislativo; Capitão de Corveta, Cláudio Moreira Medeiros, representante do Comandante do III Distrito Naval; Coronel Correia, representante do Comandante da 7ª Brigada; Brigadeiro do Ar, Vasconcelos de Andrade, Comandante do CATRE; Tarcísio Gurgel, representante da UFRN e o Deputado Federal Lavoisier Maia Sobrinho. Foi saudado por Enélio Lima Petrovich.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandir Navarro.

Aos 21 de setembro de 2000, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição do Sr. Paulo de Tarso Correia de Melo, na cadeira de nº 11, cujo patrono é o Padre João Maria. Realizada a eleição o Sr. Paulo de Tarso Correia de Melo foi eleito com 27 votos.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

Aos 19 de dezembro de 2000, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão solene de posse do acadêmico Vicente Alberto Serejo, eleito para ocupar a cadeira de nº 27, cujo patrono é Aurélio Pinheiro. Convidados especiais; Vice-Governador, Fernando Freire, representando o Poder Executivo; Deputado Álvaro Dias, Presidente da Assembléia Legislativa; Desemb. Aderson Silvino, representante do Tribunal de Justiça; Prefeita Wilma de Faria; Reitor da Faculdade Regional, Walter Fonseca; Reitor da FARN, Daladier da Cunha Lima; Vereador Renato Dantas, representante da Câmara Municipal de Natal e o Presidente do Conselho Estadual de Cultura, Cláudio Emerenciano. Foi saudado pelo acadêmico José Sanderson Deodato Fernandes de Negreiros.

Ata secretariada pelo Sr. Jurandyr Navarro.

A Academia em 2001

Aos 17 de abril de 2001, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para dar posse ao acadêmico Tarcísio da Natividade Medeiros, na cadeira de nº 24, cujo patrono é Gothardo Neto e tendo como último ocupante Antônio Soares Filho. Convidados de honra; Desemb. Ítalo Pinheiro, Presidente do Tribunal de Justiça do RN, Enélio Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN; Desemb. Ivan Meira Lima. Foi saudado pelo acadêmico João Wilson Mendes Melo.

Ata secretariada pela Sra. Ana Maria de Miranda.

Aos 14 de novembro de 2001, no Salão Nobre da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão solene de posse do acadêmico Osvaldo Lamartine na cadeira de nº 12, cujo patrono é Amaro Cavalcanti, vaga com o falecimento do acadêmico Veríssimo de Melo. Convidados especiais: Woden Madruga, Presidente da Fundação José Augusto, representando o Governador do Estado; Dr. Carlos Santa Rosa Castin, Procurador Geral do Município, representando a Prefeita de Natal; Deputado Valério Mesquita, representante da Assembléia Legislativa; Prof. Cláudio Emerenciano, Presidente do Conselho de Cultura do Estado e Dra. Natércia Campos da Academia Cearense de Letras. Foi saudado por Vicente Serejo.

Ata secretariada pela Sra. Ana Maria de Miranda.

A Academia em 2002

Aos 31 de janeiro de 2002, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição da diretoria para o biênio 2002-2004. Com 27 votos, a antiga diretoria foi reconduzida para mais um mandato.

Ata secretariada pela Sra. Ana Maria de Miranda.

Aos 21 de fevereiro de 2002, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição a vaga deixada pelo acadêmico Luis Carlos Guimarães na cadeira de nº 37, cujo patrono é Jorge Fernandes. Concorreram ao pleito os Srs. Nei Leandro de Castro e Elder Heronildes da Silva. Realizada a apuração e apurados os votos o resultado foi o seguinte: Elder Heronildes, 19 votos e Nei Leandro de Castro 13 sufrágios. Sendo assim proclamado eleito o Sr. Elder Heronildes da Silva.

Aos 02 de abril de 2002, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição da vaga na cadeira de nº 14, cujo patrono é Joaquim Fagundes e primeiro ocupante Antônio Fagundes, aberta com o falecimento do acadêmico Raul Fernandes. Concorreram ao pleito os Srs. Armando Aurélio Fernandes de Negreiros e Paulo Pereira dos Santos. Realizado o pleito e apurados os votos o resultado foi o seguinte: Armando Negreiros obteve 21 votos, enquanto Paulo Pereira dos Santos 11 sufrágios. O eleito foi proclamado acadêmico.

Ata secretariada pela Sra. Ana Maria Miranda.

Aos 09 de abril de 2002, na sede da ANRL. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão para eleição para a vaga deixada na cadeira de nº 22, cujo patrono é Leão Fernandes e o fundador é o Padre Luís Monte, aberta com o falecimento do acadêmico Jorge O'Grady de Paiva. Após a realização do pleito, houve contagem e recontagem dos votos onde o Monsenhor José Mário de Menezes obteve 14 votos, enquanto seu opositor o Monsenhor Francisco de Assis Pereira, obteve 13 sufrágios. O Presidente fez a proclamação do eleito.

Ata secretariada pela Sra. Ana Maria de Miranda.

Aos 25 de abril de 2002, na sede da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Presidida pelo acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Sessão extraordinária onde o Mons. Francisco de Assis Pereira, através de ofício à Presidência, pede para declarar nulo o pleito da eleição datada de 09 de abril de 2002. após vários acadêmicos discorrerem sobre o assunto o Presidente convocou a Assembléia para decidir sobre a validade ou não do mencionado pleito. Realizada a votação entre os presentes e abertos os sufrágios em carta. Houve 21 votos referendando o pleito anterior e dois votos divergentes e justificados. Dos acadêmicos Vicente Serejo e Manoel Onofre Júnior.

Ata secretariada pela Sra. Ana Maria Miranda Galisa.

Aos 26 de abril de 2002, necrológio do acadêmico José Melquíades de Macedo, tendo como orador o acadêmico João Batista Pinheiro Cabral. Estavam presentes José Anchieta, Jurandyr Navarro, Grácio Barbalho, Pery Lamartine, Nilson Patriota, Diógenes da Cunha Lima, Valério Mesquita, Olavo Medeiros Filho e Aluízio Azevedo.

Aos 10 de junho de 2002, necrológios dos acadêmicos Sylvio Pizza Pedroza e Alvarado Furtado de Mendonça. Falou em nome da Academia o acadêmico Murilo Melo Filho. Estavam presentes Diógenes da Cunha Lima, Nilson Patriota, Dom Nivaldo Monte, João Wilson Mendes Melo, Jurandyr Navarro, Raimundo Nonato Fernandes, Paulo Macedo, Aluízio Azevedo, Valério Mesquita, Olavo Medeiros Filho, Manoel Onofre Júnior, Pery Lamartine e José Anchieta.

Aos 25 de julho de 2002, eleição de Pedro Vicente da Costa Sobrinho, por 27 votos, para a cadeira número 31. Presentes Diógenes da Cunha Lima, Nilson Patriota, Olavo Medeiros Filho, Valério Mesquita, Enélio Petrovich, José Anchieta, Grácio Barbalho, Sanderson Negreiros, Dorian Gray Caldas e Jurandyr Navarro.

Aos 14 de agosto de 2002, posse de Armando Aurélio Fernandes de Negreiros na cadeira 14. Na ocasião o novo acadêmico foi saudado em nome da Academia pelo poeta Sanderson Negreiros. Estavam presentes Diógenes da Cunha Lima, Pery Lamartine, Nilson Patriota, Aluízio Azevedo, Olavo Medeiros Filho, Enélio Petrovich, Jurandyr Navarro, Dorian Gray Caldas, Grácio Barbalho, Manoel Onofre Júnior, Raimundo Nonato Fernandes e João Batista Pinheiro Cabral.

A Academia de Medicina do Rio Grande do Norte se fez presente através dos acadêmicos João Maria Monte, Ana Maria Medeiros, Jahyr Navarro da Costa, Onofre Lopes Júnior, Ernani Rosado e Aldo Medeiros.

Aos 29 de agosto de 2002 eleição de Cláudio José Freire Emerenciano, eleito por 30 votos para a cadeira número um. Acadêmicos presentes: Diógenes da Cunha Lima, Nilson Patriota, José Anchieta, Sanderson Negreiros, Valério Mesquita, Dorian Gray Caldas, Enélio Petrovich, Olavo Medeiros Filho, Grácio Barbalho, Armando Negreiros, Aluízio Azevedo e João Batista Pinheiro Cabral.

Aos 5 de setembro de 2002, festa dos patronos e pré-lançamento da cimeira da poesia. Participantes: Aniello Ovella, Vezania Amezena Esparza e Marco Lucchesi, acadêmicos Diógenes da Cunha Lima, Dorian Gray Caldas, Grácio Barbalho, Armando Negreiros, Enélio Petrovich, Valério Mesquita e João Batista Cascudo Rodrigues.

A nova galeria dos patronos consta de 40 retratos a óleo de autoria do artista plástico Francisco Iran.

Aos 10 de outubro de 2002, eleição de Lenine Pinto para a cadeira 34, com 30 votos. Acadêmicos presentes: Diógenes da Cunha Lima, Nilson Patriota,

José Anchieta, Jurandyr Navarro, Aluizio Azevedo, Enélio Petrovich, Olavo Medeiros Filho, Grácio Barbalho, Armando Negreiros, Dorian Gray Caldas e João Batista Pinheiro Cabral.

Aos 17 de outubro de 2002, necrológio de Gilberto Avelino. Na ocasião falou o acadêmico Jurandyr Navarro em nome da Academia. Presentes: Nilson Patriota, Olavo Medeiros Filho, Dorian Gray Caldas, Aluizio Azevedo, Grácio Barbalho, João Wilson Mendes Melo e José Anchieta.

Aos 14 de novembro de 2002, posse de Iaperi Soares de Araújo. Na ocasião o novo acadêmico foi saudado em nome da Academia pelo acadêmico Armando Aurélio Fernandes de Negreiros. Presentes: Diógenes da Cunha Lima, Nilson Patriota, Enélio Petrovich, Olavo Medeiros Filho, Aluizio Azevedo, José Anchieta, Grácio Barbalho, Dorian Gray Caldas, Jurandyr Navarro e Maria Eugênia Montenegro.

Aos 29 de novembro de 2002, posse do Cônego José Mario de Medeiros na cadeira 22. Na ocasião o novo acadêmico foi saudado por Jurandyr Navarro. Presentes: Diógenes da Cunha Lima, Olavo Medeiros Filho, Nilson Patriota, Grácio Barbalho, Armando Negreiros, José Anchieta, Paulo Macedo, João Wilson Mendes Melo, Itamar de Souza, Aluizio Azevedo, Dorian Gray Caldas, Pery Lamartine e Valério Mesquita.

Aos 4 de novembro de 2002, posse de Cláudio José Freire Emerenciano na cadeira número um, sendo saudado por Valério Mesquita. Presentes: Diógenes da Cunha Lima, Nilson Patriota, Aluizio Alves, Olavo Medeiros Filho, Aluizio Azevedo, Paulo Macedo, Jurandyr Navarro, Dom Nivaldo Monte, Grácio Barbalho, Dorian Gray Caldas, José Anchieta, Armando Negreiros, Manoel Onofre Júnior, Enélio Petrovich, Pery Lamartine e Cônego José Mário.

Aos 20 de dezembro de 2002, eleição de Ticiano Duarte para a cadeira 35, com 34 votos. Presentes: Diógenes da Cunha Lima, Nilson Patriota, Enélio Petrovich, Olavo Medeiros Filho, Armando Negreiros, Cláudio Emerenciano, Paulo Macedo, Dom Nivaldo Monte, Jurandyr Navarro, Aluizio Azevedo, José Anchieta e Dorian Gray Caldas.

A Academia em 2003

Aos 24 de fevereiro de 2003, posse do acadêmico Lenine Pinto na cadeira 34, sendo saudado em nome da Academia por Nilson Patriota. Presentes: Diógenes da Cunha Lima, João Batista Pinheiro Cabral, Grácio Barbalho, Jurandyr Navarro, João Wilson Mendes Melo, Manoel Onofre Júnior, Armando Negreiros, Dorian Gray Caldas, José Anchieta, Murilo Melo Filho, Cláudio Emerenciano, Olavo Medeiros Filho e Valério Mesquita.

POSSES E SAUDAÇÕES

DATA	EMPOSSADO	SAUDAÇÃO
12.05.1949	ADERBAL DE FRANÇA	EDGAR BARBOSA
26.05.1949	HÉLIO GALVÃO	CÂMARA CASCUDO
13.06.1949	WALDEMAR DE ALMEIDA	JUVENAL LAMARTINE
13.09.1949	D. JOSÉ ADELINO DANTAS	CÂMARA CASCUDO
27.10.1949	CAROLINA WANDERLEY	NESTOR LIMA
1º. 12.1949	ANTONIO SOARES	HÉLIO GALVÃO
22.12.1949	AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA	EDGAR BARBOSA
23.03.1950	FLORIANO CAVALCANTI	CÂMARA CASCUDO
13.04.1950	MANOEL RODRIGUES DE MELO	CÂMARA CASCUDO
19.05.1955	RAIMUNDO NONATO DA SILVA	PAULO DE VIVEIROS
16.09.1955	ONOFRE LOPES DA SILVA	F. IVO CAVALCANTI
29.12.1960	CRISTÓVÃO DANTAS	CÂMARA CASCUDO
28.08.1967	JOSÉ MELQUÍADES	VERÍSSIMO DE MELO
19.09.1967	JOSÉ TAVARES DA SILVA	ONOFRE LOPES
12.10.1970	JAIME DOS G. WANDERLEY	PAULO VIVEIROS
08.03.1971	JOÃO B. CASCUDO RODRIGUES	RAIMUNDO NONATO
27.08.1971	JOÃO MEDEIROS FILHO	VERÍSSIMO DE MELO
21.07.1972	MARIA EUGÊNIA MONTENEGRO	VERÍSSIMO DE MELO
19.10.1972	DIÓGENES DA CUNHA LIMA	ONOFRE LOPES
07.09.1973	ENÉLIO LIMA PETROVICH	CÂMARA CASCUDO
05.04.1974	MARIANO COELHO	JOSÉ TAVARES
22.05.1975	EDINOR AVELINO	VERÍSSIMO DE MELO
21.01.1977	GUMERCINDO SARAIVA	PAULO VIVEIROS
25.02.1977	ASCENDINO DE ALMEIDA	JOSÉ MELQUÍADES
25.05.1977	ANTONIO SOARES FILHO	VERÍSSIMO DE MELO
15.06.1977	DOM NIVALDO MONTE	HÉLIO GALVÃO
11.12.1977	SANDERSON NEGREIROS	NILO PEREIRA
10.10.1978	GILBERTO AVELINO	VERÍSSIMO DE MELO
29.01.1981	MÁRIO MOACYR PORTO	NILO PEREIRA
26.02.1981	PAULO MACEDO	DIÓGENES DA CUNHA LIMA
25.03.1981	JURANDYR NAVARRO	ENÉLIO PETROVICH
25.08.1983	RAUL FERNANDES	VERÍSSIMO DE MELO
17.11.1983	NILSON PATRIOTA	PAULO VIVEIROS
15.03.1984	JOÃO WILSON MENDES MELO	OTTO GUERRA
30.08.1984	PADRE JORGE O'GRADY PAIVA	JURANDYR NAVARRO
02.05.1985	GRÁCIO BARBALHO	ASCENDINO DE OLIVEIRA
26.09.1986	DORIAN GRAY CALDAS	DIÓGENES DA CUNHA LIMA
23.04.1987	NESTOR DOS SANTOS LIMA	RAIMUNDO NONATO
13.05.1987	MIGUEL SEABRA FAGUNDES	MÁRIO MOACYR PORTO
14.08.1987	VINGT-UN ROSADO MAIA	RAIMUNDO N. FERNANDES
11.09.1989	OLAVO MEDEIROS FILHO	ENÉLIO PETROVICH
11.06.1999	DORIAN JORGE FREIRE	SANDERSON NEGREIROS

30.03.2000	VALÉRIO MESQUITA	ALVAMAR FURTADO
27.04.2000	HYPÉRIDES LAMARTINE	JOSÉ MELQUÍADES
14.09.2000	JOSÉ DE ANCHIETA FERREIRA	ENÉLIO LIMA PETROVICH
19.12.2000	VICENTE SEREJO	SANDERSON NEGREIROS
17.04.2001	TARCISIO MEDEIROS	JOÃO WILSON M. MELO
14.11.2001	OSWALDO LAMARTINE FARIA	VICENTE SEREJO
14.08.2002	ARMANDO A. F. DE NEGREIROS	SANDERSON NEGREIROS
14.11.2002	IAPERI SOARES DE ARAÚJO	ARMANDO A. F. NEGREIROS
29.11.2002	JOSÉ MARIO DE MEDEIROS	JURANDYR NAVARRO
04.12.2002	CLÁUDIO EMERENCIANO	VALÉRIO MESQUITA
24.01.2003	LENINE PINTO	NILSON PATRIOTA

REGIMENTO INTERNO DA ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS

Art. 1.º - A Academia Norte-rio-grandense de Letras pautará os seus serviços pelo presente Regimento Interno, que é subsidiário dos seus estatutos.

DAS SESSÕES

Art. 2.º - As sessões da Academia Norte-rio-grandense de Letras distinguem-se:

- a) sessões de Diretoria;
- b) sessões de Plenário;
- c) sessões de Assembléia Geral.

Art. 3.º - As sessões a que se referem o artigo anterior soa convocadas e dirigidas pelo Presidente, tendo o 1.º Secretário à direita e, à esquerda, o 2.º **secretário dependendo da natureza**, podem ser públicas e secretas.

Art. 4.º - A diretoria, de acordo com os Estatutos em vigor, é constituída pelo Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, Tesoureiro, Diretor da Biblioteca e Diretor da Revista. Será eleita bienalmente, nos termos dos Estatutos (art. 6º, 1º), e é da sua competência dirigir administrativamente a Academia, nos termos deste Regulamento.

Parágrafo Único – As decisões da Diretoria, do Plenário e da Assembléia Geral são tomadas por maioria de votos.

Art. 5.º - As sessões da Diretoria serão iniciadas com a leitura da Ata da sessão anterior, seguindo-se a leitura do expediente a cargo do 1.º Secretário.

§1º - Do expediente, constarão correspondência, comunicações diversas, assuntos da Administração, apresentação de propostas;

§2º - **Nas sessões** de Diretoria e de Plenário, o 1º Secretário fará a leitura de trabalhos oferecidos a Academia, com uma análise rápida de relatórios e pareceres da Comissão de Sindicância, referentemente à inscrição de candidatos a vagas no quadro social, bem como às propostas para sócios correspondentes, honorários ou beneméritos.

§3º - Esgotada a matéria do Expediente, seguir-se-á a Ordem do Dia, que constará de:

- I – assuntos que foram designados para aquela sessão;
- II – discussão de propostas, requerimentos ou indicações lidos no expediente;
- III – assuntos referentes à língua ou à literatura;

IV – encerramento da ordem, devendo o Presidente, se possível, designar a Ordem do Dia da sessão seguinte.

Art. 6.º - A votação referente a assuntos constantes da Ordem do Dia só deixará de ser feita na mesma sessão em que forem lidos, se, através de requerimento, for solicitado seu adiamento para a sessão seguinte.

Art. 7.º - O Acadêmico que comparecer as sessões de Diretoria poderá pedir a palavra pela ordem, com a finalidade de encaminhar ou esclarecer assuntos da Ordem do Dia, para manifestar pontos de vista, para pedir adiamentos ou para solicitar encerramento de discussões e votações.

Art. 8.º - As sessões de Assembléia Geral, solenes ou não, serão realizadas simultaneamente com a Diretoria, mediante o comparecimento de Acadêmicos, convidados especiais, além de ser franqueada ao público. Destinam-se a conferências, comemoração de datas, recepção de novos acadêmicos, homenagem a personalidades e panegírico a acadêmicos falecidos.

§1º - Além dos convites impressos, ou verbais, feitos a autoridades, a homens de letras, a famílias e à sociedade, o Presidente convidará o Governador do Estado, pessoalmente ou através de acadêmicos por ele designados, podendo o novo Acadêmico integrar a Comissão. Por ofício, serão convidados os Presidentes do Poder Legislativo, da Assembléia Legislativa e os Oficiais Gerais existentes na área.

§2º - Confirmada a presença do Governador, o Presidente designará comissão que encarregará de recebê-lo à entrada do edifício da Academia e de acompanhá-lo à saída.

Art. 9.º - Quando se tratar de Assembléia Geral para a posse de novo Acadêmico, será cumprido um ritual próprio, que obedecerá à seguinte ordem:

- a) O Presidente abrirá a sessão e, em breves palavras, dirá o objetivo da reunião, convidando o Governador do Estado, quando presente, para assumir a Presidência dos trabalhos;
- b) O Presidente, a seguir, dará cumprimento a execução dos trabalhos de posse, designando, com essa finalidade, uma comissão de três acadêmicos;
- c) A Comissão conduzirá ao recinto o novo acadêmico, que deverá ser recebido de pé pelos componentes da Mesa e por toda a assistência. O Acadêmico e a Comissão ficarão diante do Presidente. Este, proclamando o resultado da eleição de preenchimento da cadeira vaga N.º....., convidará o novo Acadêmico para, da tribuna, pronunciar o seu discurso de posse, voltando os componentes da Mesa e a assistência a ocupar seus lugares;
- d) Concluída a leitura do discurso, o novo Acadêmico voltará a presença do Presidente que lhe determinará a leitura do compromisso praxe, seguindo-se a leitura do termo de posse pelo 1º Secretário. Será feita a imposição do capelo simbólico, pela comissão dos trabalhos. O Presidente fará entrega do diploma respectivo e convidará o recém empossado a ocupar a cadeira que lhe cabe entre os seus confrades.

- e) O Presidente concederá a palavra àquele que foi designado para, em nome da Instituição, saudar o novo Acadêmico;
- f) O 1º Secretário, por determinação do Presidente, procederá a leitura de mensagens e correspondências recebidas e alusivas à posse;
- g) O Presidente, concluído o cerimonial, consultará o Governador do Estado, quando presente, se deseja proferir as palavras de encerramento da sessão; caso contrário, ele próprio o fará, acrescentando os agradecimentos a todos os presentes.

Art. 10.º - A Academia promoverá sessões de Assembléia Geral em homenagem póstuma a acadêmicos ou a membros correspondentes, honorários e beneméritos, as quais se realizarão depois de trinta dias a partir do óbito. Os respectivos panegíricos serão proferidos por acadêmicos designados pelo Presidente, sendo, na oportunidade, facultadas palavras de agradecimento a representantes das famílias dos homenageados.

Art. 11.º - As sessões secretas do Plenário destinar-se-ão ao conhecimento, estudo, discussão e aprovação de assuntos internos ou de caráter privado, bem assim ao conhecimento e apreciação dos relatórios e pareceres da Comissão de Sindicância, relativos a pedidos feitos por candidatos ao preenchimento de vagas e respectivas eleições.

§1º - Das sessões secretas não haverá Ata, salvo daquelas que se referirem à eleição.

§2º - É permitido a qualquer Acadêmico propor, em sessão Plenária, a sua transformação em sessão secreta, segundo a importância da matéria a ser discutida, ou solicitar a convocação de uma sessão secreta para outra oportunidade, destinada ao estudo, discussão e votação, dessa matéria.

Art. 12.º - As sessões da Assembléia Geral, de caráter solene, realizar-se-ão no Salão Nobre, e somente os Acadêmicos tomarão assentos nas poltronas aos mesmos reservados.

Art. 13.º - De acordo com o artigo 20 dos Estatutos, a Academia entrará em recesso durante todo o mês de dezembro, só havendo sessões, nesse período, quando deliberadas pela Diretoria, atendendo a motivos especiais.

DOS ACADÊMICOS

Art. 14.º - Os ocupantes das cadeiras preenchidas nos Termos dos Estatutos e Regimento Interno são membros efetivos e perpétuos, com a denominação de Acadêmicos, reservado a eles o direito de renúncia ou desistência, quando:

- a) **comunicarem, por ofício, caso ainda não tenham tomado posse, a sua desistência formal de pertencer aos quadros da Academia;**
- b) **fizerem declaração, por escrito, à Diretoria da Academia, da sua determinação, alegando motivo de foro íntimo;**
- c) **não se pronunciarem, vencidos todos os prazos e prorrogações aos quais se refere este Regimento.**

Art. 15.º - A renúncia ou a desistência de posse será examinada pela Diretoria e pelo Plenário, em sessão conjunta, para a devida deliberação.

Art. 16º - Ocorrendo o falecimento de um Acadêmico, o Presidente comunicará o fato à Federação das Academias de Letras do Brasil e, previamente marcada, realizará sessão de Assembléia Geral, de caráter solene, em homenagem ao Acadêmico falecido, na qual um dos membros, designado pelo Presidente, fará a regimental saudação “in memoriam”.

§1º - No final da sessão, o Presidente proclamará aberta à vaga e mandará publicar edital na imprensa local, com o prazo de 60 dias para a inscrição de candidatos à cadeira vaga.

§2º - As inscrições deverão constar de requerimento, “curriculum vitae” e apresentação de, pelo menos, dois exemplares de livros publicados, material que deverá ser remetido à Comissão de Sindicância para a análise e parecer respectivos, cabendo-lhe ainda opinar sobre o aspecto formal das inscrições.

§3º - Findo o prazo das inscrições, o Presidente as encerrará e, com base nas informações da Comissão de Sindicância, dará a sua conclusão final, apontando o candidato ou candidatos, que poderão ser submetidos a votação, em sessão secreta de Plenário, negando esse direito àqueles que não preencherem as condições exigidas.

§4º - Nessas eleições, o Acadêmico ausente poderá votar, desde que, em envelope fechado, envie ao Presidente carta de apresentação de sua autoria acompanhada de três cédulas destinada ao primeiro, segundo e terceiro escrutínios, onde sufragará o candidato da sua preferência, sendo eleito aquele que obtiver metade mais um dos votos que correspondam ao total dos acadêmicos existentes.

§5º - É defeso ao Acadêmico comprometer-se com candidatos inscritos bem como fazer manifestações pró ou contra qualquer deles, ficando, se assim ocorrer, impedido do exercício do direito de voto.

Art. 17.º - A aceitação de membros correspondentes e honorários verificar-se-á mediante propostas de, pelo menos, três acadêmicos, acompanhada de justificativa, a qual, depois do parecer da Comissão de Sindicância, será submetido à discussão e votação, em sessão de Plenário.

Parágrafo Único – A proposta para a categoria de beneméritos será feita de modos idêntico, com a comprovação do fato ou fatos praticados pelo(s) candidato(s) que haja(m) concorrido para o engrandecimento do patrimônio material da Academia.

Art. 18.º - Para aceitação dos membros a que se refere o artigo anterior, a Comissão de Sindicância dará preferência a:

I – Brasileiros que, no Estado ou no País, se tenham destacados no campo das atividades literárias, artísticas ou científicas.

II – Sábios ou escritores estrangeiros que tenham publicado estudos relativos ao Brasil.

Art. 19.º - A Comissão de Sindicância terá prazo de 30 dias para emitir parecer sobre a viabilidade, ou não, de candidatos a serem submetidos à votação do Plenário em qualquer categoria de membro do quadro social.

Art. 20.º - O 1º Secretário comunicará ao novo membro da Academia a sua eleição, convidando-o a tomar posse em sessão solene, cuja data será combinada.

Art. 21.º - A Comissão de Sindicância, na análise do documento de inscrição, verificará o estrito cumprimento do artigo 2º, §2º e §3º dos Estatutos e apreciará também, em caráter reservado, o conceito moral de cada candidato.

Art. 22.º - De acordo com os Estatutos, artigo 4º, não haverá discriminação de sexo para a admissão de membro, em qualquer categoria.

Art. 23.º - Somente depois de empossados, os acadêmicos gozarão das prerrogativas de membros da Academia.

Art. 24.º - O prazo para a posse do acadêmico eleito, após ter sido comunicado por ofício, ou verbalmente, será de um ano, salvo caso de força maior, devidamente comprovado, justificando requerimento de prorrogação por igual tempo, que será examinado e votado em sessão do Plenário.

Parágrafo Único – Concluído o prazo de prorrogação, sem que o eleito tenha sido empossado, a Academia, em sessão de Plenário, poderá conceder uma terceira e última prorrogação de, no máximo, seis meses. Caso se esgotem os três prazos, sem que o eleito requeira a data de posse, o Presidente, de acordo com o Plenário, declarará vaga a cadeira e aberta a inscrição para a nova eleição, para o qual o eleito não poderá mais inscrever-se.

Art. 25.º - No discurso de recepção, o novo Acadêmico estudará a personalidade e a obra literária do seu antecessor e do patrono da cadeira.

Art. 26.º - O Acadêmico encarregado de saudar o novo empossado apreciará, em nome da Academia, a personalidade e a obra literária do recipiendário.

Art. 27.º - Os acadêmicos, nas sessões de Assembléia Geral, usarão, como distintivo, o capelo simbólico, cujas características foram aprovadas em Assembléia Geral.

Art. 28.º - Em caso de doença ou invalidez, a Academia promoverá meios de ajuda financeiramente aos acadêmicos reconhecidamente necessitados.

Art. 29.º - Logo que seja possível, a Academia abonará aos membros efetivos cédulas de presença nas sessões de qualquer natureza a que compareçam.

Art. 30.º - Em nenhuma hipótese, são remunerados os cargos de Diretoria, de comissões ou de serviços prestados à Academia.

Art. 31.º - Os acadêmicos que publicarem livros devem enviar à Biblioteca um exemplar, pelo menos, da obra publicada.

Art. 32.º - Os membros de qualquer categoria do quadro social poderão participar das sessões, sem direito a voto, que é privado do Acadêmico.

Art. 33.º - Pessoalmente, ou através de correspondência, será dado aos acadêmicos o tratamento de Vossa Excelência.

DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 34.º - A administração da Academia Norte-rio-grandense de Letras ficará a cargo de uma Diretoria constituída de acordo com o artigo 4º deste Regimento.

Art. 35.º - Compete a Diretoria:

- a) dar cumprimento às atribuições e deveres previstos nos Estatutos, neste Regimento e nas resoluções de Assembléia Geral e de Plenário;**
- b) criar e preencher cargos indispensáveis ao serviço, cuja nomeação e demissão serão feitas pelo Presidente, atendidas as exigências da legislação e da previdência social;**
- c) desenvolver esforços no sentido de conseguir recursos financeiros, no Município, no Estado, na União, que assegurem o funcionamento regular da Instituição e desenvolvam programas de expansão cultural.**

Art. 36.º - As deliberações da Diretoria serão tomadas por maioria de votos, cabendo ao Presidente o voto de desempate.

Art. 37.º - Havendo renúncia coletiva da Diretoria, a Academia reúne-se, automaticamente, no 3º dia útil, às 17 horas, presidida pelo Acadêmico mais antigo, para eleição da nova Diretoria.

Art. 38.º - O Presidente representará a Academia em juízo, ou fora dela, ativa ou passivamente, perante os poderes públicos ou terceiros.

Art. 39.º - Além de atribuições e deveres previstos nos Estatutos e neste Regimento, compete ao Presidente dirigir sessões de Diretoria, sessões de Plenário e sessões de Assembléia Geral. Assinará o expediente, nomeará comissões, indicará acadêmicos para representar a Academia, autorizará pagamento de despesas, manterá relação com a Federação das Academias de Letras do Brasil, dará seu voto de desempate nas eleições de diretoria e de plenário, advertirá, repreenderá, suspenderá e demitirá empregados, de acordo com as leis trabalhistas.

Art. 40.º - Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos, revestido de todas as prerrogativas estabelecidas no Estatuto e neste Regimento.

Art. 41.º - Compete ao 1º Secretário:

- a) cumprir as atribuições que lhe são previstas no Estatuto e neste Regimento;**

- b) *encaminhar ao Presidente todo o expediente recebido que, após o despacho do Presidente, será convenientemente providenciado;*
- c) *ter sob sua guarda e responsabilidade os arquivos da Academia;*
- d) *servir de escrutinador, juntamente com o 2º Secretário, na apuração das eleições de qualquer natureza.*

Art. 42.º - Compete ao 2º Secretário:

- a) *lavrar as atas das sessões de Diretoria, de Plenário e de Assembléia Geral e proceder a sua leitura quando determinada pelo Presidente;*
- b) *cumprir, com o 1º Secretário, o funcionamento da secretária, inclusive a supervisão dos funcionários;*
- c) *substituir o 1º Secretário em suas faltas e impedimentos.*

Art. 43.º - Compete ao Tesoureiro:

- a) *guardar e administrar o patrimônio material da Academia, de acordo com as normas aprovadas pela Diretoria;*
- b) *apresentar a Diretoria o balanço geral da receita e despesa de cada ano financeiro;*
- c) *assinar, juntamente com o Presidente, cheques de conta bancária para os diversos pagamentos.*

Art. 44.º - Compete ao Diretor da Biblioteca:

- a) *ter, sob sua guarda e direção, a Biblioteca da Academia, promovendo a sua organização e desenvolvimento, especialmente, no que se relacione com a literatura nacional e, mais particularmente, com a do Rio Grande do Norte;*
- b) *solicitar dos sócios da Academia um exemplar de cada uma das suas obras publicadas;*
- c) *fazer registrar, em livro especial, as doações e compras de livros, apresentando, na última sessão do ano da Diretoria, um relatório do movimento da Biblioteca;*
- d) *promover a permuta de publicações feitas pela Academia Norte-rio-grandense de Letras, com as suas congêneres, ou outras associações culturais.*
- e) *Elaborar e propor alterações no Regimento da Biblioteca a ser, futuramente, organizado, com a aprovação da Diretoria.*

Art. 45.º - Compete ao Diretor da "Revista", que ao mesmo tempo, será um dos membros da respectiva comissão:

- a) *redigir com os outros membros da Comissão e com os acadêmicos que, para isso, se prontifiquem, uma publicação semestral, ou anual, da Revista da Academia, a qual constituirá o seu Órgão Oficial;*
- b) *estabelecer o plano da "Revista", distribuindo-a em sessões, de forma que se constitua numa expressão da cultura do nosso Estado;*

c) sugerir à Academia, por intermédio da Diretoria, tudo quanto possa melhorar as condições da “Revista”, intelectual e materialmente, inclusive a regularidade de sua publicação.

Art. 46.º - A Academia fará o hasteamento de sua bandeira na frente do edifício e ao lado da mesa das sessões, situando-a à esquerda da Bandeira Nacional, enquanto, ao lado direito desta, ficará a Bandeira do Estado.

Parágrafo Único – Do mesmo modo, e onde for aplicado, serão usados o escudo, o selo, o carimbo e o “ex-libris”.

Art. 47.º - O presente Regimento, devidamente adaptado aos Estatutos, entrará em vigor na data de sua publicação.

ESTATUTOS DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

CAPÍTULO I

DAS FINALIDADES E SEDE

Art. 1.º - A Academia Norte-rio-grandense de Letras, com sede e fôro na cidade do Natal, Capital do Estado do Rio Grande do Norte, tem por finalidade a cultura da língua, da literatura, ciências e artes, notadamente da história, sociologia, folclore, crítica, poesia, ficção e comunicações sociais de modo geral.

Parágrafo Único – A Academia manterá biblioteca e, quando possível, teatro acadêmico, cinema educativo, museu e outras iniciativas da cultura

CAPÍTULO II

DOS PATRONOS E ACADÊMICOS

Art. 2.º - A Academia Norte-rio-grandense de Letras é constituída de quarenta (40) Cadeiras, patrocinadas por nomes notáveis da cultura do Estado, preenchidas nos termos destes Estatutos e do Regimento.

§1º - Os titulares, de acordo com o que dispõe estes Estatutos e o Regimento, são membros efetivos e perpétuos, com a denominação de

Acadêmicos, ressalvando o Direito de renúncia, segundo dispuser o Regimento.

§2º - Do total das Cadeiras, oitenta e cinco por cento (85%) só poderão ser preenchidas por titulares residentes no Estado.

§3º - São condições para membro efetivo:

- a) Ser Norte-rio-grandense ou residir por mais de dez anos no Estado;**
- b) Ter publicado livro de reconhecido mérito em qualquer ramo da literatura, da ciência ou da arte;**
- c) Atender a outras determinações contidas no Regimento.**

Art. 3.º - Além dos titulares, acadêmicos efetivos e perpétuos, o quadro social compreende ainda as seguintes categorias de membros:

- a) Correspondentes;**
- b) Honorários;**
- c) Beneméritos.**

§1º - Para a eleição de membro correspondente serão exigidos os requisitos constantes do Art. 2.º, 3º dos presentes Estatutos.

§2º - A Academia poderá eleger membro honorário pessoa que, por seu notável saber ou relevantes serviços prestados a causa da cultura, se torne merecedor da homenagem.

§3º - O título de membro benemérito é reservado 'aqueles que hajam prestado serviços relevantes à instituição ou contribuição para o aumento do seu patrimônio.

Art. 4.º - A Academia não faz discriminação de sexo para a admissão de membro de qualquer categoria.

CAPÍTULO III

DOS ÓRGÃOS DE DIREÇÃO E COMISSÕES PERMANENTES

ART. 5.º - São órgãos de direção da Academia a Assembléia Geral e a Diretoria.

§1º - A Assembléia Geral é o poder máximo de decisão da Academia e será convocada mediante edital publicado na imprensa com indicação expressa da matéria a ser tratada.

§2º - As atribuições da Assembléia Geral serão especificadas no Regimento.

Art. 6.º - A Diretoria é o órgão de execução dos dispositivos estatutários e regimentais, bem como das Resoluções da Assembléia Geral.

§1º - A Diretoria é composta de Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, Tesoureiro, Diretor da Biblioteca e Diretor da Revista, eleita bienalmente em sessão de Assembléia Geral, permitida a reeleição.

Art. 7.º - Compete a Diretoria dirigir administrativamente a entidade nos termos destes Estatutos e do Regimento.

Art. 8.º - A eleição da Diretoria será processada em escrutínio secreto, na segunda quinzena de janeiro, devendo a posse verificar-se no mesmo mês.

Art. 9.º - A Academia elegerá comissões permanentes, especificadas no seu Regimento, bem assim comissões especiais designadas pelo Presidente para os fins que especificar.

Art. 10.º - Os membros da Diretoria e das comissões permanentes ou especiais não percebem qualquer remuneração dos cofres da Academia.

Art. 11.º - A Academia será representada pelo seu Presidente em suas relações com terceiros e, igualmente, em juízo ou fora dele, ativa ou passivamente.

Art. 12.º - O Regimento disporá sobre as sessões acadêmicas, ordinárias ou extraordinárias, que tenham por objetivo tratar de assuntos concernentes às atividades da instituição.

Art. 13.º - A Academia manterá junto à Federação das Academias de Letras do Brasil, uma Delegação, constituída de três dos seus membros, de qualquer categoria, residentes na sede daquela instituição.

Art. 14.º - Os serviços administrativos da Academia, diretamente subordinados à Presidência, serão estabelecidos no Regimento, atendidas as disponibilidades de recursos materiais e humanos para a sua execução.

Art. 15.º - O Regimento Interno da Academia conterá normas referentes:

- a) à eleição da Diretoria e das comissões permanentes;**
- b) à eleição dos Acadêmicos e demais membros;**
- c) ao funcionamento administrativo da entidade;**
- d) à especificação dos direitos e deveres dos membros da Academia;**
- e) ao funcionamento da Biblioteca, teatro acadêmico, cinema educativo, museu e demais órgãos e serviços integrantes da instituição;**
- f) à utilização das diversas dependências da Academia para finalidades essenciais ao desenvolvimento e projeção cultural da entidade;**
- g) à proteção e estímulo aos escritores norte-rio-grandenses;**
- h) à criação de prêmios literários;**
- i) à nomeação e admissão de servidores;**
- j) à construção para o Mausoléu dos acadêmicos, quando possível;**
- k) à regulamentação do uso dos símbolos acadêmicos;**
- l) a qualquer outra matéria de interesse da Academia.**

DO PATRIMÔNIO

Art. 16.º - O patrimônio da Academia é constituído:

- a) do edifício sede da entidade e respectivo terreno;**
- b) de legados ou doações;**
- c) de rendas de qualquer natureza.**

CAPÍTULO V

DA REFORMA DOS ESTATUTOS E DA EXTINÇÃO DA ACADEMIA

Art. 17.º - A reforma total ou parcial destes Estatutos só poderá ser feita em Assembléia Geral Extraordinária, depois de, pelo menos, cinco anos de sua vigência, salvo motivo de força maior devidamente justificado e aprovado nos termos do Regimento.

Art. 18.º - A extinção da Academia só poderá ser efetivada por decisão unânime dos académicos, em Assembléia Geral Extraordinária, convocada especialmente para esse fim.

CAPÍTULO VI

DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 19.º - O Regimento da Academia será adaptado aos presentes Estatutos, no prazo de noventa (90) dias.

Art. 20.º - A Academia entrará em recessão durante todo o mês de dezembro.

Art. 21.º - O atual cargo de Secretário Geral passará a constituir o de Vice-Presidente da Academia, mantidas as demais denominações.

Art. 22.º - Fica prorrogado até 31 de janeiro de 1978 o mandato da Diretoria empossada a 31 de janeiro de 1976.

Art. 23.º - Estes Estatutos entrarão em vigor na data do seu registro no ofício próprio da comarca, ficando revogadas as disposições em contrário.

(Aprovado em sessão de Assembléia Geral no dia 4 de janeiro de 1977 e de 27 de novembro de 1979).

**DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA 14
(POR ARMANDO NEGREIROS)**

Excelentíssimo Senhor Presidente, Diógenes da Cunha Lima,
Excelentíssimas Autoridades aqui presentes ou representadas
Ilustres Acadêmicos,
Meus senhores, minhas senhoras,

Logo após a minha eleição, no final do ano passado, para a Academia Norte-rio-grandense de Medicina, onde tomei posse na cadeira de número 36, cujo Patrono é João Cabral Neto, alguns colegas médicos começaram a dizer que o meu próximo passo seria a Academia Norte-rio-grandense de Letras, para atingir a bi-imortalidade.

Por mais enfático que eu fosse, tentando dissuadi-los do que eu julgava ser uma ironia socrática, eles insistiam com uma persistência que me deixava preocupado, pois jamais havia pensado em tão ousada pretensão.

Até que um dia o assunto veio à baila na presença de um acadêmico que, de pronto, apoiou a idéia, estimulando-me a inscrever-me na cadeira 14, que fora ocupada por Raul Fernandes. Encaminhou-me a Sônia Cavalcanti, competente secretária da Academia Norte-rio-grandense de Letras e amiga *in corde*.

Aceitei o desafio, e hoje, neste momento magno, desejo iniciar este breve discurso agradecendo aos amigos, Araken Irerê Pinto, Expedito Fernandes Gurgel, falecido precocemente aos 43 anos em 8 de março passado, e Kleber de Melo Moraes. Agradeço ao acadêmico Hypérides Lamartine, meu querido e leptossômico amigo, magro de alma gorda, por ter deflagrado a minha inscrição e posterior eleição.

Dos 40 patronos desta Academia apenas 4 eram médicos: Luiz Carlos Lins Wanderley – cadeira 6; Pedro Velho – cadeira 15; Segundo Wanderley – cadeira 16; Luiz Antonio Ferreira Souto dos Santos Lima – cadeira 38.

Entre os fundadores e demais ocupantes, incluindo os que faltam tomar posse, temos um total de 106 acadêmicos, dos quais dez médicos, o que mantém a proporção em torno de dez por cento da nossa Academia ocupada por médicos.

A saber: Januário Cicco – cadeira 11; Esmeraldo Siqueira – cadeira 29; José Tavares – cadeira 38 (Fundadores); Mariano Coelho – cadeira 07; Onofre

Lopes da Silva – cadeira 11; Raul Fernandes – cadeira 14; Grácio Barbalho – cadeira 02; José de Anchieta Ferreira – cadeira 03; Iaperi Araújo, cadeira 23; Armando Negreiros, cadeira 14.

Podemos observar que médico sucedendo a médico tivemos: Onofre Lopes na cadeira 11, a Januário Cicco e Armando Negreiros na cadeira 14, a Raul Fernandes.

Luís da Câmara Cascudo foi o criador da nossa Academia Norte-rio-grandense de Letras. Reproduzo as suas próprias palavras, no ano de 1949:

“Há treze anos, 9 de agosto de 1936, Aderbal de França e eu ficamos o domingo juntos, debatendo, escrevendo nomes dos futuros imortais e seus padroeiros. Acertamos mais ou menos a lista, original pela letra de Aderbal, em meu poder. Fui começando a conversar com as minhas vítimas. Umas riam. Pilheriavam outras. Um deles, humorista nato, perguntou se já havíamos contado com o testamento de Fortunato de Aranha, o nosso maior livreiro, e cujas iniciais coincidiam com as de Francisco Alves, padrinho da Academia Brasileira. Aceitavam, entretanto, a imortalidade que lhes oferecia. Todos os acadêmicos fundadores foram, sem exceção, convidados por mim. Em nossa casa, ou melhor, na sala e alpendre, fizemos as primeiras sessões preparatórias, acertando dois pontos iniciais e definitivos. Primeiro: eu jamais seria presidente da Academia; segundo: aceitaria a secretaria geral na primeira diretoria. ... Finalmente, na noite de um sábado, 15 de maio de 1937, no Instituto de Música, declarou-se a Academia instalada regularmente e fiz as comunicações, desafogado da missão”.

Dessa forma o seu primeiro Presidente foi Henrique Castriciano, que tem como patrono Nísia Floresta. A cadeira número um coube a Adauto Câmara, patrono Padre Miguelinho. Cascudo ficou com a cadeira número treze, cujo patrono é Luís Fernandes.

Reflexões sobre a imortalidade.

Sabemos que o conceito da imortalidade se fundamenta na lembrança sempre renovada daqueles que um dia ocuparam aquela cadeira. Isso nos remete a algumas citações:

“A imortalidade é certamente um sentimento agradável, especialmente enquanto a gente está viva.” – **Theodor Herzl (1860 – 1904)**.

“Se a mortalidade da alma pode ser terrível, não menos terrível pode ser a sua imortalidade.” – **Unamuno (1864 – 1936)**.

“A vida é pobre demais para não ser também imortal.” – **Jorge Luis Borges**.

“A imortalidade é a arte de se morrer em tempo.” – **Sofocleto**.

“Juro que nunca a honra acadêmica esteve entre os meus sonhos e propósitos” – **Dorian Jorge Freire**.

“E assim, graças à generosidade dos senhores acadêmicos, hoje tenho a honra e a alegria imensa de me tornar um dos integrantes da associação mais prestigiosa das letras potiguares”. – **Fagundes de Meneses**.

“A láurea que hoje recebo é de estar nesta Casa, nesta Academia, à qual cheguei sem alarde, embora sentindo a mesma emoção de quem entra pela primeira vez em uma grande catedral, mas com a plena convicção de que farei o que for possível por ela e por merecê-la”. – **Valério Mesquita**.

“Agradeço aos ilustres acadêmicos o sufrágio do meu nome cuja votação muito me honra e desvanece, por conferir-me o privilégio de pertencer a esta Casa de Cultura, e de conviver com a elite intelectual do Rio Grande do Norte. Não me considero merecedor desta distinção máxima...” – **José de Anchieta Ferreira da Silva**.

“Agora, mercê de vossa generosidade, vim para ficar. Para integrar-me de vez no convívio dos mais altos expoentes da inteligência do Rio Grande do Norte, guardiões e continuadores do imenso patrimônio da cultura, de que se orgulha a nossa terra.” – **Sylvio Piza Pedroza**.

“Na verdade é um raro privilégio, concedido a um feliz cidadão – o de se tornar imortal... antes de ser mortal”. – **Oriano de Almeida**.

“A verdadeira generosidade dos integrantes desta Casa da Cultura e da inteligência traz-me hoje, ainda atônito pela distinção, a ocupar uma de suas cadeiras... Confesso, nesta ocasião, que tive receio em transpor os umbrais desta Casa, em virtude de minhas próprias limitações.” – **Aluizio Azevedo**.

“A qualificação da imortalidade acadêmica, ironizada por tantos, atesta apenas a permanência da instituição, sua atividade e contribuição intelectual, significando motivação cultural na consciência de sua época vivida por seus integrantes. ... Enfim, o cumprimento da vida humana no que ela tem de passageira, efêmera, transitória.” – **Luis Carlos Guimarães**.

“Eu de mim repetiria: a cadeira se preenche mas o lugar continua devoluto” – **Mário Moacyr Porto**.

“Sinto-me envaidecido em pertencer a este templo que mantém aceso o fogo sagrado da cultura, em cujas labaredas é queimado o incenso à musa Calíope e à deusa Minerva”. – **Jurandy Navarro**.

“Jamais imaginei em pertencer a mais alta Casa de nossa cultura. Título dignificante que muito me sensibilizou, em particular ao ver-me envolvido numa seara diversa do meu labor cotidiano”. – **Raul Fernandes**.

“É este, sem dúvida, um grande momento para mim. E até mais que isto: um dignificante e comovente júbilo, um superlativo prazer”. **Nilson Patriota**.

“Jamais se inseriu entre as minhas aspirações a magnificência deste momento, até porque elas não têm sido muitas nem ousadas.” – **Miguel Seabra Fagundes**.

“Nesta noite memorável vivo um dos momentos culminantes da minha existência!” – **Olavo de Medeiros Filho**.

“Parece que chego tão cedo, com esse resto de juventude que ainda trago no rosto; no entanto, é tão tarde. Demorei pelos caminhos.” – **Vicente Serejo**.

“Sou grato aos que, em eleição democrática, sufragaram o meu nome, ..., nunca pelo valor pessoal que se possa atribuir ao eleito.” - **Paulo Macedo**.

“Ao penetrar nos propileus da Acrópole das letras potiguares assomam ao painel da minha lembrança pessoas queridas às quais, nesta hora de júbilo e emoção, quero agradecer o muito que fizeram por mim.” – **Itamar de Souza**.

“Desprovido de eloquência, devo ser breve, para não cansar os presentes.” – **Manoel Onofre Júnior**.

“Tenho a felicidade de proclamar, inicialmente, que estou transpondo os umbrais deste Teatro e desta Academia com 33 votos a favor e nenhum contra, dados pela generosa unanimidade dos acadêmicos. ... Verifico e reconheço hoje que a vida me deu muito mais do que mereço” – **Murilo Melo Filho**.

“Cheguei. ... Não porque tivesse eu o projeto, muito honroso, de participar desta instituição, como um de seus membros efetivos.” – **Aluisio Alves**.

“Ao transpor os umbrais desta Colenda Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ..., o faço com imenso gáudio e em presença das mais dignas, honradas e cultas figuras que simbolizam e representam o talento, a cultura e a respeitabilidade nas múltiplas funções que exercem nessa terra potiguar.” – **João Batista Pinheiro Cabral**.

“_Despem-se e despedem-se de mim, nesta hora, todos os títulos, honras, glórias e lauréis que porventura esta hora carregue consigo, emparedada de emoções.” – **Sanderson Negreiros**.

O PATRONO JOAQUIM FAGUNDES

O Professor Antonio Fagundes escolheu para patrono da cadeira quatorze, Joaquim Fagundes. Filho de um vigário, o Vigário Bartolomeu da Rocha Fagundes que, no dizer de José Melquiádes, “deixou uma prole robusta, catolicamente veneranda, maçonicamente venerável.” Fundador da Maçonaria no Rio Grande do Norte foi, juntamente com o Padre Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos, suspenso das ordens sacras por suas atitudes firmes e independentes.

Joaquim Fagundes, adolescente, precoce, era jornalista, dramaturgo, advogado e poeta, nasceu no dia 19 de março de 1856 e morreu em 21 de agosto de 1877 com 20 anos, 5 meses e dois dias de idade, o que levou o Dr. Moreira Brandão, patrono da cadeira de número cinco, seu amigo íntimo e admirador, a afirmar: “Joaquim Fagundes não teve tempo de passar de uma grande esperança”.

Autodidata, primava pelo convívio entre os intelectuais, se destacando como líder do seu tempo, fundando sociedades literárias, revistas e jornais, como “O Eco Miguelino”, órgão literário, filosófico, educativo e polêmico; “Íris”, revista bimensal, feminista, que batalhava pelos direitos da mulher; “Luz”, periódico maçônico.

Pronunciou conferências e escreveu artigos de crítica social, onde, devido aos arroubos próprios da juventude, atacava a tudo e a todos que julgava responsáveis pelas injustiças sociais.

Conforme consta no livro *Patronos e Acadêmicos*, de Veríssimo de Melo, “Era temperamento violento, arrogante, não poupando ninguém na defesa dos seus pontos de vista. Fez críticas terríveis à sociedade do seu tempo, insurgindo-se até mesmo contra o governo e a igreja. Foi maçom exaltado e participou ativamente da questão entre a Igreja e a Maçonaria. Em certas áreas do estado, apesar de suas manifestações como abolicionista e republicano, era tido como agitador, individuo perigoso e agressivo”.

Foi advogado provisionado, participando de sessões do júri na capital e no interior. Compôs o hino Miguelino, musicado por dona Joana Carolina Seabra de Melo. Teatrorólogo, escreveu e levou à cena os dramas “A mão de Deus”, “A queda de um anjo” e “A queda de Lusbel”.

Vejam os senhores a atualidade de alguns trechos de um artigo de Joaquim Fagundes intitulado “O povo tem nobres e gigantescas aspirações...”

- “O povo tem nobres e gigantescas aspirações, que não consegue realizá-las pela barreira ingente que encontra no governo.

- Não há progresso na indústria, na agricultura e na ciência; de tudo é falta o Brasil; seus filhos adormecidos no remanso da ociosidade vão se afogar no oceano da estupidez.

- Quem tem meios bastantes, compra à custa de ouro um título e, se é diligente, instrui-se; ... mas a pobreza, os esquecidos talvez da Providência são condenados a sepultar-se no abatimento da estupidez e, debalde, na aridez dos arábicos desertos da ignorância, imploram uma gota d'água, instrução, sem que haja outro Moisés que a faça brotar da pedra.

- Despreza-se o povo, não se cuida da sua educação; depois, quando ele se torna intratável pelas maneiras bruscas, é atirado à lama do aviltamento.

- Querem o povo para degrau, somente; todos os direitos lhe roubam; e fazem-se seus intérpretes e advogados!

Joaquim Fagundes, com enormes dificuldades financeiras, era uma personalidade ímpar. Adoeceu de beribéri - doença decorrente da deficiência de vitamina B1 (tiamina), e que apresenta polineurite, edema e cardiopatia -. Compôs os seguintes versos:

“Já pressinto da morte a negra sombra
A seguir pressurosa os passos meus!
Mas, é tão cedo ainda! Sinto na alma
Tanto fogo e amor! Tanta esperança!”

Pelo seu temperamento agitado e radical a sua morte provocou tumulto na Cidade do Natal, pois as autoridades negavam autorização para o seu sepultamento no cemitério do Alecrim.

Ainda em Veríssimo: “Amigos, revoltados, queriam demolir o muro da necrópole, para que passasse o cortejo fúnebre. O Vigário Bartolomeu pensou na solução de levar o corpo para a Redinha, sepultando-o ali, no velho cemitério dos ingleses. Afinal, cederam as autoridades às pressões populares, indo Joaquim Fagundes repousar no Campo Santo do Alecrim”.

Armando de Lima Fagundes, bisneto do Vigário Bartolomeu, ofertou-me gentilmente um livro de autoria de Antonio Fagundes, intitulado “O Vigário Bartolomeu – Traços Biográficos”, onde o autor se refere a Joaquim Fagundes: “jovem de 17 anos, de rara inteligência, alma ardente, amante das tragédias em cena, ..., espírito combativo, desassombrado, atrevido, que chamou a si a defesa da causa do Vigário Bartolomeu, de quem era descendente perfilhado.”

O FUNDADOR ANTONIO FAGUNDES

Nasceu no dia 09 de dezembro de 1896, no sítio Paul, um engenho de açúcar, situado em Vila Flor, nas proximidades de Canguaretama. Filho de Pedro Regalado da Rocha Fagundes e Leonor Miquilina da Rocha Fagundes. Começou a trabalhar em Natal como escrevente, no cartório do tabelião Salustiano Peregrino da Rocha Fagundes, seu tio. Estudou no Colégio Santo Antonio, dirigido pelo padre Irineu Joffly, em seguida no Atheneu fez o curso de Madureza.

Insatisfeito com a Reforma Rivadávia ingressou na Escola de Aprendizes Artífices (hoje CEFET), diplomando-se em alfaiate. Na Escola Normal de Natal, recebeu o diploma de professor primário.

Destacou-se trabalhando à maneira de alfaiataria inglesa, recebendo o título de Oficial de Alfaiate. Mas foi como o *Professor* Fagundes que ele levou a vida, iniciando no Grupo Escolar Tenente José Correia, na cidade do Açu, entre 1916 e 1923, onde escreveu “História e Geografia do Município de Açu”, publicado em 1923, ano em que foi transferido para o Grupo Escolar Frei Miguelinho, em Natal e no ano seguinte para o Grupo Escolar Augusto Severo.

Casou-se com a prima Maria de Almeida Fagundes, Maroquinha, não teve filhos, mas adotou três sobrinhos, órfãos de pai, José Waldenício, advogado e Gilvan, comerciante, que o chamavam de *padrinho* e Terezinha, funcionária da UFRN, que o chamava de *papai*, acolhendo ainda sua cunhada, Antonia de Almeida Fagundes, Nazinha, que enviudara de José de Sá Leitão. Educou também a afilhada Maria da Graça Guanabara.

Em 1927 foi nomeado diretor da Escola Normal de Mossoró, assumindo também a cadeira de Francês e as classes do Grupo Escolar 30 de Setembro. Em 1930 assumiu a Escola Normal de Natal, regendo a cadeira de Português até 1935. Ministrou aulas particulares, voltando à direção da Escola Normal em 1937 até assumir o cargo de Diretor Geral do Departamento de Educação em 1939. Na Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, instituição mantenedora da Escola Doméstica, participou do Conselho Administrativo e passou a reger a cadeira de Matemática, em 1933. Ocupou a cadeira de Português no Atheneu por dez anos.

De outubro de 1943 a fevereiro de 1959 dirigiu o Ginásio Sete de Setembro, que foi transferido da Princesa Isabel para a rua Seridó, para prédio projetado e administrado por ele, sendo inaugurado no dia 12 de outubro de 1944.

Militou na imprensa de Mossoró e Natal, foi fotógrafo e marceneiro amador. Escreveu vários livros didáticos. *História e Geografia do Município de Açu*, o credenciou para esta Academia, tendo sido o fundador da cadeira de número catorze. *Leituras Potiguares*, 1935, *Educação e Ensino*, *O Cruzeiro*, *Os Símbolos Nacionais*, *O Rio Grande do Norte*.

Faleceu no dia 10 de outubro de 1982, aos 86 anos de idade, deixando a publicar “Notas sobre Canguaretama”, “Vigário Bartolomeu”, “Cento e vinte crônicas sobre educação”, “Marcelo e sua casa”, “Dúvidas e dificuldades da língua vernácula”. Costumava afirmar “os livros que estão inéditos ficarão aguardando o tempo que tudo destrói”.

Agradeço a José Waldenício, a Mário e a Aldenita de Sá Leitão, poeta, cronista e membro da Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte, as fotos e os dados biográficos aqui relatados.

Meus Senhores, minhas Senhoras,

Neste momento me ocorre uma indagação que deve também estar na mente de cada um dos senhores:

- O que levou o Professor Antonio Fagundes a escolher como seu Patrono uma personalidade tão distinta da sua?

Inspiro-me no mundo grego, isto é, no período pré-socrático, época em que o gênio grego migrou da submissão mítico-religiosa da cosmogonia e despertou para o entendimento da natureza através da cosmologia, com uma visão teórico-filosófico-científica postulada pela razão.

Desse modo, entre tantas teorias explicativas para entender o homem e a natureza dos pensadores pré-socráticos, anoro-me na doutrina de Heráclito, no sentido de que esta possibilitara um diálogo que levava a rupturas e novas conexões do pensamento.

Segundo o grande filósofo alemão Hegel, foi Heráclito o pai da Dialética. Foi ele que nos mostrou que *tudo muda, tudo flui, nada é fixo ou eterno*. Heráclito mostrou que a natureza é um *vir-a-ser contínuo* e que o homem é também natureza. A doutrina de Heráclito teve muita influência na antiguidade e vem a ser retomada na metafísica de Platão.

Platão compreendeu a Dialética como sendo a saída do homem da ignorância para o iluminismo, metaforicamente mostrada na alegoria da caverna. Em sendo assim, a saída da caverna – terra da ignorância e do senso comum – para o sol que representa a região da luz, ou esclarecimento, dá-se pelo processo da *Dialética Ascendente* e o retorno do homem iluminado à caverna para resgatar os outros que estão na ignorância, é concebido como *Dialética Descendente*.

A visão filosófica de Platão foi a que mais influenciou o pensamento ocidental, chegando até nossos dias. Na modernidade, há o renascimento da dialética heraclitiana à luz do sistema filosófico de Hegel.

Na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel vem nos ensinar que a razão é possuidora de um movimento dialético, compreendida a partir de três momentos:

A *tese*, que equivale ao espírito subjetivo – antropologia, razão e psicologia;

A *antítese*, o espírito objetivo – o Estado, o Direito e a Ética;

A *síntese*, o espírito absoluto – a religião revelada, a arte estética e os conceitos filosóficos.

Dessa forma, a Razão efetiva um movimento triádico: tese, antítese e síntese, onde o real é obra da razão, a história da humanidade é a história da razão.

Após Hegel a dialética foi rediscutida magistralmente por Karl Marx, ao escrever *A Ideologia Alemã*, permitindo um exame profundo da sociedade, ao longo dos tempos, concluindo ser a história dos homens a história das lutas de classes.

Retorno a Hegel para utilizar a lógica dialética que possibilita diálogo e conexões entre o novo e o velho, entre o morto e o vivo, para retroceder no tempo e unir os elos da cadeira catorze.

Ouso descrever o Patrono, Joaquim Fagundes, como a Tese, por se tratar de um ser social portador da transgressão, por ter uma história singular.

O seu contrário, Antonio Fagundes, que aqui eu trato como a Antítese, cuja história de sua vida, conservadora e formal, bem o revela.

Na seqüência, vem a cadeira a ser ocupada por Raul Fernandes, que eu nomeio como Síntese e cujas características acoplam a permanente inquietude sonhadora, com realizações palpáveis, inimagináveis para uma época.

E, hoje, seguem-se novas teses, como é o caso de eu ter sido escolhido para ocupar esta cadeira, que serão seqüenciadas por novas antíteses e sínteses.

A lógica dialética hegeliana vem nos mostrar que é a Razão que cria os conceitos numa posição subjetiva e que os consolida no meio social. Portanto, a criação de uma Academia de Imortais é obra da Razão que os categorizou como intelectuais portadores do espírito de um tempo.

Entretanto, todos morrem, e, ao morrerem, novos intelectuais aparecerão para efetivar, mais uma vez, o princípio de que o real é o *vir-a-ser* do velho Heráclito.

RAUL FERNANDES, O ÚLTIMO OCUPANTE

Resumo biográfico

Raimundo e Vicente Fernandes, prósperos empresários da cidade de Mossoró, com filiais de suas firmas no Rio de Janeiro, se preocuparam com trazer para a primeira, os parentes mais pobres, principalmente de Pau dos Ferros.

Dessa forma, chegaram a Mossoró os pais de Raul Fernandes, depois de terem se aventurado por quatro anos tentando a vida nos seringais amazonenses, o que era comum naquela época e aconteceu, também, com os meus avós.

Raul Fernandes, filho de Rodolfo Fernandes de Oliveira Martins e Isaura Fernandes Pessoa, nasceu em Mossoró aos nove de setembro de 1908 e faleceu em 14 de agosto de 1998, próximo de completar 90 anos de idade. Estudou interno no Colégio Nóbrega, em Recife, onde fez, com os Jesuítas, o Curso Preparatório.

Podemos observar a vida de Raul Fernandes de três ângulos distintos.

Do ponto de vista profissional preferiu exercer a medicina, embora fosse graduado também em Direito. Especializou-se em otorrino-oftalmo-laringologia na Alemanha, na Áustria e nos Estados Unidos, onde chegou a ser professor de medicina. Um verdadeiro pioneiro, introduziu novos métodos e técnicas no Brasil, publicou inúmeros trabalhos e é citado em vários tratados médicos.

No aspecto cultural, Raul interessou-se pelos assuntos mais diversos. Escreveu sobre suas inúmeras viagens à Europa, Estados Unidos, Jerusalém, Israel, Jordânia, Líbano, Síria, Turquia, Grécia e Egito. Relatou minuciosamente as visitas ao vulcão Vesúvio, à prisão Sing-Sing e a travessia do atlântico no dirigível Hindenburg. É referência obrigatória na história do cangaço, com dois livros definitivos: *A Marcha de Lampião* e *Antonio Silvino no RN*.

O terceiro e principal ângulo, onde Raul atinge a maior dimensão e o maior destaque é como humanista. Cultivador dos valores morais, que se definem a partir das exigências concretas, psicológicas, históricas, econômicas e sociais que condicionam a vida humana. Todos os que conviveram com ele atestam os seus valores ético-deontológicos, a solidariedade humana e o saber filosófico-existencial.

Encontrou em Maria Fernandes, Lília, sua prima, e esposa durante 54 anos – de 1944 a 1998 -, uma companheira culta, amiga e co-responsável por tudo que ele produziu. Lília era interessada em astronomia, cultura afro-brasileira, parapsicologia e malacologia, ou seja, conquiologia – estudo de conchas e moluscos.

O pai do nosso antecessor, Rodolfo Fernandes de Oliveira Martins, de Portalegre, prefeito de Mossoró em 1927, foi um dos poucos a acreditar no ataque de Lampião àquela cidade, ainda que muitos considerassem impossível a concretização de tal ameaça. Diligentemente organizou a defesa, com bravura e sacrifício pessoal, tendo como pontos estratégicos as torres das igrejas, principalmente a de São Vicente. Empresários, funcionários, homens de todos os credos e raças ombrearam-se nessa missão histórica de resistência cívica que emocionou todo o país.

No dizer de Vingt-un Rosado, “este episódio da resistência à investida de Lampião, nos idos de 1927, pode ser classificado como a Saga Heróica da Família Fernandes, tão numerosos foram os seus participantes na defesa da cidade.”

Raul Fernandes fez na Bahia o curso de Direito, tendo se formado em 1930, quando declinou do convite do Ministro do Exterior, Otávio Mangabeira, para seguir a carreira diplomática. Paralelamente cursava Medicina que concluiu no Rio de Janeiro em 1932. Especializou-se em otorrinolaringologia e oftalmologia o que era comum na época, tendo, posteriormente, optado apenas por otorrinolaringologia.

No ano de 1936 foi para a Europa, onde fez cursos de aperfeiçoamento nas Universidades de Berlim e Viena. Voltou para o Brasil no mesmo ano, numa memorável viagem no Zepelim Hindenburg, que descreveremos adiante.

Em 1939 a convite da Academia Ibero-americana de Berlim, visitou, juntamente com outros brasileiros, entre eles o médico natalense José Tavares, os mais adiantados centros médicos da Alemanha e da Áustria.

O seu regresso ao Brasil foi dramático, em pleno início da Segunda Grande Guerra Mundial, com as fronteiras fechadas por Hitler após a invasão da Polônia e a declaração de guerra pela Inglaterra. Transcreveremos mais na frente as próprias palavras de Raul Fernandes a esse respeito.

De volta ao Brasil chefiou em Natal, no Hospital Miguel Couto, hoje Hospital Universitário Onofre Lopes e que antes se chamara Juvino Barreto, o serviço de sua especialidade.

Em 1940, fez pós-graduação na Universidade de Temple, na Filadélfia, onde chegou a Professor Assistente. O ilustre mossoroense proferiu, em 1942, na Associação Pan-Americana de Filadélfia, a conferência com o título: "Some Brazilian Contributions to Medicine". No Hospital Policlínico de Nova Iorque serviu ao esforço de guerra dos americanos.

Voltou novamente ao Brasil em 1944, fixando-se desta vez no Rio de Janeiro, onde chefiou o serviço de Broncologia e esofagologia do Hospital Miguel Pereira, dirigido pelo Professor Fernando Paulino. Raul foi o primeiro a realizar broncoscopia com retirada de material para diagnóstico de patologias pulmonares, principalmente o câncer, tendo sido citado em vários compêndios médicos como pioneiro na técnica em toda a América do Sul.

Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte desde 1954, tornou-se o seu Titular, então Professor Catedrático, em 1961, aposentando-se em 1978.

Raul Fernandes foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e tomou posse nesta Academia Norte-rio-grandense de Letras no dia 05 de agosto de 1983, sendo saudado por Veríssimo de Melo. Pertenceu, também, à Academia de Medicina do Rio Grande do Norte.

Um homem além do seu tempo, Raul Fernandes formou-se também em advocacia, porém atuou como advogado uma única vez: para fazer uma defesa em Mossoró.

Como médico otorrinolaringologista e oftalmologista, realizou cirurgias com técnica e habilidade, difundiu métodos e procedimentos, obteve renome internacional.

Viajante corajoso com acurado senso de observação, memorialista cuidadoso, dedicou-se à tarefa de pesquisa na área do cangaço, publicando dois livros de suma importância.

Sobre o seu livro *A Marcha de Lampião*, alguns depoimentos:

“Este é livro de investigação e ternura, raciocínio e entendimento sociológico. Um livro de quem sabe olhar e ver.” Câmara Cascudo.

“... o livro é interessantíssimo.” Carlos Drummond de Andrade.

“... depoimento imprescindível ao conhecimento de um homem e de uma época, tanto quanto do fenômeno do cangaço.” Edson Nery da Fonseca.

“Com *A Marcha de Lampião*, Raul Fernandes contribui, de modo decisivo, para um conhecimento melhor do banditismo no Nordeste e acredito que, a partir de agora, não se poderá escrever sobre o assunto sem recorrer a essa obra.” Fran Martins.

“Raul é um historiador que o Brasil inteiro respeita e admira, tudo é narrado pelo autor como uma saga, uma epopéia.” (***** autor da citação?)

Veríssimo de Melo destaca o rigoroso fundamento histórico do livro; Dorian Jorge Freire projeta o valor literário e histórico, da sua obra; Ascendino Leite ressalta a veracidade do depoimento de Raul.

Conferências e trabalhos:

Enumeramos na seqüência algumas das produções científicas do nosso antecessor, publicadas no Brasil e nos Estados Unidos:

1. "Considerações sobre o tratamento do estrabismo", Rio de Janeiro, 1946; (Nos *Anais da Sociedade de Medicina e Cirurgia do RN*, entre 1939 e 1941):
2. "Limpeza da câmara anterior pela insuflação de ar";
3. "Difteria nasal primitiva";
4. "Etmoidectomia pela via maxilar";

5. "Cisto folicular paradentário do maxilar superior"
(Na *Revista Brasileira de Medicina*, nº 9, 1944, Rio de Janeiro):
6. "Indicações de Broncoscopia em Cirurgia Torácica";
(Na *Revista Brasileira de Odontologia*, 1944, Rio de Janeiro):
7. "Mixocarcinoma do palato mole", em co-autoria com o cirurgião dentista José Bicudo Júnior; (***** em revista, livro, anais?)
8. Capítulo do livro *Cirurgia Torácica*, do Professor Fernando Paulino, 1947.
9. Colaboração ao livro *Manual de Oftalmologia* do Professor Paiva Gonçalves, 1960.

São também da sua autoria os seguintes artigos para a imprensa e as palestras proferidas sobre os temas mais diversos:

10. "Hindenburg, a Aeronave Monumental";
11. "Sing-Sing", a Penitenciária Famosa";
12. "Vesúvio, o Vulcão Traíçoeiro";
13. "A terra Santa";
14. "Riquezas Arqueológicas do Egito";
15. "Lampião na Fazenda Veneza".

Raul Fernandes teve publicados em vida os seguintes livros:

16. *A Marcha de Lampião – assalto a Mossoró* (Coleção Mossoroense, Editora Universitária, 2ª edição, 1985);
17. *Antonio Silvino no RN* (Clima, 1990).

Transcrevemos do seu livro **MEMÓRIAS** alguns fragmentos :

DA ALEMANHA AO BRASIL NO MAIOR DIRIGÍVEL (1936):

Em 1929, o Graf Zepelin deu a primeira volta ao mundo. Faça uma memorável. Iniciava suas viagens, conduzindo 25 passageiros.

Em 1936, construíram o superdirigível Hindenburg. Jamais superado até nossos dias. Além da tripulação, transportava de 50 a 100 passageiros. Capacidade para 20 toneladas de carga. Navegava entre 200 a 600 metros de altitude, numa velocidade média de 130 quilômetros por hora. Parado, flutuava no ar quase indefinidamente. Parecia um charuto prateado com 246 metros de comprimento.

Estava em Berlim e trabalhava no Hospital Universitário. Em 21.10.1936, em Frankfurt-am-Main, tomei o superdirigível que, num vôo direto, alcançaria o Rio em 3 dias. Para decolar, abriram uma grande torneira, que lançava água no solo. À medida que perdia peso o balão elevava-se na vertical, em silêncio. Através das

janelas de vidro observávamos as pessoas em terra, diminuindo de tamanho. Todos a bordo sentiam mal-estar, devido a vertigem das alturas. Ouviu-se um grande estrondo seguido de outros, com estremecimentos. Eram os motores a óleo diesel funcionando, dos lados, girando enormes hélices. Sobrevoou o Reno em direção à Holanda e ao canal da Mancha. A França não permitia vôos em seu território.

(...)

Dois andares da nave serviam de alojamento aos passageiros. No primeiro havia camarotes para duas pessoas.

(...)

Viajavam 56 passageiros, sendo 5 brasileiros, 13 tripulantes e o comandante, Capitão Max Pruss.

(...)

Em 1937, o Hindenburg fazia a linha dos Estados Unidos. A seis de maio, em uma noite tempestuosa, aterrissava em Lakehust, quando se incendiou com 97 pessoas a bordo. 37 morreram. Atribui-se a catástrofe ao santelmo. (***** RF ou AN?)

Cerca de 1.200 pessoas tiveram o privilégio de viajar no Hindenburg. No Graf, umas 18.000, em mais de 650 vôos normais, durante oito anos. Após esse desastre, deixaram de navegar, sendo desmontados em 1940.

Terminaram assim as viagens de luxo, conforto e romantismo. Encerrou-se o ciclo dos dirigíveis.

VESÚVIO, O VULCÃO TRAIÇOEIRO

“Em 1936, parti de Nápoles com destino ao Vesúvio.

(...)

Da borda da cratera do antigo Vesúvio, a pouca profundidade, extenso vale circular, de uns 600 metros de diâmetro. Longas e profundas rachaduras de onde emanavam línguas de fogo e de vapor d'água. Fumarolas em profusão. Montículos de terra incandescentes. Reboavam estrondos, como trovoadas. Céu nublado de fumaça e cinza. Na cratera semimorta destacava-se o cone do jovem vulcão, em atividade. Fumegava e arremessava lavas ao ar. Espetáculo dantesco, inesquecível. Lembrei-me do inferno descrito pelos jesuítas, em suas pregações na minha juventude escolar.

(...)

De súbito ouviu-se o estrondo, semelhante a atroada de canhão. O topo da cratera voou pelos ares, com violência incomum. A terra estremeceu. O céu tornou-se escuro.

(...)

Muitas vidas sucumbiram dessa maneira. Em 1891, o brasileiro, escritor e político, Antonio da Silva Jardim, aos trinta e um anos de idade, visitou o Vesúvio. Estava na caldeira da velha cratera. Teve morte instantânea quando a terra abriu-se a seus pés.”

“Em 1939 fui convidado juntamente com outros médicos brasileiros pela Deustch Ibero-American Academy a fazer um novo estágio na Alemanha.

(...)

Foram do Brasil diversos médicos famosos, como Abreu Fialho, Lutero Vargas... Daqui eu levei José Tavares. Eu saí disposto a passar seis meses na Alemanha. Quando eu cheguei em Berlim, via passar todos os dias pela manhã pela avenida Kursfurstendamm aqueles batalhões enormes, armados até os dentes, acompanhados pelos tanques... E Hitler dizendo que não ia haver guerra!

(...)

José Tavares por exemplo saiu muito antes da guerra começar... Eu me vi numa situação muito difícil, pois com a declaração de guerra não se vendiam mais passagens, e as fronteiras do país foram todas fechadas.

Trechos de uma entrevista ao jornal Dois Pontos:

- Como o senhor conseguiu sair da Alemanha com a Guerra declarada?

- Eu procurei a embaixada da Holanda, tentando viajar para aquele país. Informaram-me que era impossível. Com ajuda do embaixador terminei conseguindo autorização para entrar na Suécia, que era o único país ainda aberto.

O problema era conseguir passagem, pois não existia linha regular. Eu fiz o seguinte: me dirigi para o campo de aviação de Berlim, levando a minha maleta, e fiquei ali esperando que passasse algum avião a caminho da Suécia com lugar disponível.

Eu só via sair avião carregado de bombas para bombardear a Polônia! Terminei conseguindo lugar num avião, sendo antes alertado que poderíamos ser derrubados...

Mas eu queria era sair do país. Viajamos a pouca altura, sobrevoando as tropas alemães, num vôo totalmente controlado pelo pessoal da terra, para não sermos abatidos. Assim eu cheguei na Suécia que, também, estava em pé de guerra, adotando medidas como o black-out...

Passei uma semana procurando sair da Suécia, sem conseguir. Navio não tinha. Eu lutava para conseguir um vôo para a Holanda, pois de lá havia navio saindo para o Brasil. Lá no aeroporto me diziam: "Todos os aviões que saem daqui são abatidos. As pessoas não querem mais viajar, com medo."

Aí eu disse: "O avião em que eu for, não vai ser derrubado, não. Eu aceito seguir no primeiro que aparecer."

(...)

O fato é que fomos desviados para a Dinamarca.

(...)

Nisso, apareceu um avião vindo da Polônia, trazendo um ministro daquele país e sua família, que fugiam da guerra.

(...)

Aí um camarada me disse: "Esse avião vai para a Holanda. Se vocês quiserem ir, tem lugar." Eu imaginei: se os alemães deixaram esse avião vir da Polônia até aqui, é sinal de que eu posso viajar nele, pois ele não foi abatido porque não quiseram... Foi assim que eu cheguei à Holanda.

Lá chegando, hospedei-me no Paland Hotel. As ruas estavam cheias de canhões, baterias anti-aéreas ... O fato é que chegou um navio brasileiro em Rotterdam. ... Procurei o comissário e falei: "Sou Raul Fernandes. Gostaria que o senhor me encaminhasse ao meu camarote." Ele olhou para mim, achou graça, e disse: "Camarote, coisa nenhuma! Os milionários do Rio de Janeiro estão todos aí deitados no convés, no porão... Só médicos existem seis no porão do navio!"

(...)

Quando expliquei ao Comandante que o Embaixador da Suécia reservara um camarote para mim, ele pensou e disse: "É verdade. Eu tenho um telegrama pedindo reserva para o Embaixador Raul Fernandes." Eu disse: "É meu esse camarote!" Eles pensavam que a reserva era para um embaixador que tinha o mesmo nome que eu!

(...)

Os ingleses prenderam o navio. A rota era toda minada e tínhamos que seguir fielmente a orientação dos ingleses para escaparmos de ir a pique. O navio transportava uma carga muito grande de armamentos, encomendada pelo general Cordeiro de Farias. Os ingleses resolveram tomá-la. ... Terminamos na Bélgica, trocando a carga de armamentos por carvão, pois de qualquer maneira ela seria tomada pelos ingleses. ... Os ingleses prendem a gente de novo e nos levam para o porto de Havre. Lá os alemães do navio foram todos presos e todos os passageiros do navio foram minuciosamente interrogados.

O fato é que passamos quinze dias para atravessar o Canal da Mancha. Só tivemos sossego quando o navio chegou em Lisboa, onde passamos uma semana. Tínhamos notícias de outros navios torpedeados, alguns até bem perto de nós. Mas não podíamos fazer nada..."

*

(Raul Fernandes faleceu aos 14 de agosto de 1998, a exatos quatro anos de completar 90 anos de idade, deixando viúva Dona Lilia, que hoje, enferma, vive sob os cuidados da sua sobrinha, a senhora Elizabeth Fernandes, em sua residência de Ponta Negra.)

HOMENAGEM À FAMÍLIA

Desejo homenagear a minha mãe, aqui presente e que hoje completa 72 anos. São 51 anos de convivência e cada dia admiro mais essa figura bondosa, líder carismática, enérgica e afetiva. Prima legítima de Rafael Bruno que, se não houvesse partido em 4 de abril de 1994, completaria 78 anos em 15 outubro.

Seu Rafael, como eu o chamava, era um homem de uma memória prodigiosa e tinha uma verdadeira compulsão pela leitura. Excelente datilógrafo, do que muito se orgulhava, escrevia e conversava, simultaneamente. Quando viajava deixava cerca de quarenta artigos prontos, para serem publicados em jornal, abordando desde a política local até a internacional, passando por crítica literária, cinema, teatro, segunda guerra mundial, enfim, escrevia sobre tudo. O colega acadêmico Vingt-un Rosado publicou em livro uma coletânea de artigos de seu Rafael com o título *Retratos de Amigos*.

Escreveu diariamente durante mais de cinquenta anos, muitas vezes publicando, em mais de um jornal, artigos diferentes.

Temperamentos completamente díspares, foram casados 46 anos quando, biblicamente, a morte os separou. Solon, pai da minha mãe, era irmão de Manuel, meu avô paterno. Sinhá e Julinha, minhas avós, eram primas, de forma que posso me considerar, juntamente com meus irmãos, produtos de um quase incesto.

Da prole, o mais velho, Paulo Eduardo, é dermatologista; o segundo sou eu; o terceiro, Ricardo Rômulo, nos deixou aos quase 18 anos e levou uma parte do coração de cada um da família; o quarto, Rafael Filho, cardiologista; o quinto Fernando Gabriel, patologista e, finalmente, Glenda Elizabeth, assistente social, é a caçula de 37 anos que, também, está aniversariando hoje. Homenageio, aqui, o genro, as noras e os netos de Rafael e Elizabeth, todos muito queridos.

Como já referi, o conceito da imortalidade nas academias se fundamenta na lembrança dos que já se foram, sempre renovada pelos sucessores. Por isso quero dividir com Rafael Negreiros, imortal pela academia mossoroense, a imortalidade na Academia Norte-rio-grandense de Letras, de vez que a sua produção literária ultrapassa em muito, tanto em quantidade como em qualidade, a do acadêmico que hoje toma posse como titular da cadeira de número quatorze.

Finalmente desejo homenagear Kátia – lá se vão trinta anos entre namoro e casamento -, Carla – essa jovem advogada de 23 anos de idade e Bruna, minha colega no primeiro ano do Curso de Direito, pela paciência com que exercitam a difícil tarefa de me aturarem. Esse núcleo familiar mais próximo é o responsável pelo humor, às vezes insuportável – nem eu mesmo agüento -, deste que vos fala. Não sei fazer poesia, embora, por aqui, quem escreve qualquer coisa é chamado de poeta, e eu, também, o sou, indevidamente, mas se soubesse faria um belo poema para essas três pérolas. Fico devendo.

Muito Obrigado pela paciência que tiveram em me ouvir.

DISCURSO DE RECEPÇÃO DO ACADÊMICO (POR SANDERSON NEGREIROS)

Sempre é lembrado o nome do artigo de Tristão de Athayde, nos fins dos anos vinte, saudando a aparição do romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida. Em tom de entusiasmo, dizia o grande crítico a frase que ficou famosa: “São os do norte que vêm”. Nesta noite, a noite populosa e densa do Tirol, em uma Natal que nasceu na grande festa noturna e cristã, exclamemos até como se fora uma elegia: “São os de Mossoró que chegam, que vêm e que enriquecem nosso destino cultural”.

À frente, sob o comando generalíssimo de Vingt-Un Rosado, a essa altura verdadeiro patriarca de nossa cultura, potiguar e nordestina, chega também o jornalista Dorian Jorge Freire, que se tivesse tido tempo para escrever tudo o que sabe e pode — tempo que foi roubado na sobrevivência das redações de jornal —, poderia ter construído uma obra de memorialista à altura de um Pedro Nava ou de um Afonso Arinos de Melo Franco. Sem esquecer João Batista Cascudo Rodrigues, que se exilou em Brasília, no momento em que o Rio Grande do Norte mais precisava de sua exemplar capacidade de semear e colher, plantando limites e inaugurando espaços de ação na área cultural. Ele e seu irmão, Jorge Ivan, devolveram à história de sua geração o prestígio da palavra decência, hoje tão menosprezada e descabida. Depois, vem Élder Heronildes, dono de simpatia circulante e um caráter de bondade, que ainda não vestiu as chamadas vestes talares desta Academia e, agora, a vez é de Armando Negreiros, o mais jovem dos acadêmicos e o mais anti-acadêmico até por sua juventude militante.

Eu sou o último dos que entraram nesta Academia por ordem de escolha, e não por eleição. Eu e Newton Navarro. Certa vez, quando ainda vaquejava a vida, sendo repórter do Diário de Natal, na velha avenida Rio Branco, exatamente na ladeira que se entrega à Ribeira libérrima, Manuel Rodrigues de Melo e Veríssimo de Melo procuraram-me na redação e me intimaram: “Por sistema de escolha, você, a partir deste instante, é imortal por nossa Academia Norte-rio-grandense de Letras”. Eu tinha 27 anos. Lembrei-me da *boutade* de Olavo Bilac: “É-se imortal porque não se tem onde cair morto”. Passei dez anos para tomar posse e, usando como hoje uso, esta beca azul com imenso medalhão medieval, tenho sido talvez o que mais tenha feito desta tribuna discursos de saudação, recepcionando os imortais que chegam, até que Vicente Serejo — conforme sua promessa a mim feita — faça o discurso de despedida.

Agora, tenho que empregar, em meio à prática estatutária e sentencial desta Casa, uma maneira menos convencional possível: saúdo um primo em segundo grau, filho de dois primos legítimos, raiz do meu chão mais verdadeiro, filho de um Rafael, numeroso de idéias e rasgos de inteligência, e de Elizabeth, madona de ternura e priora de santidade comum e cotidiana. O que me lembra o

verso famoso de um poeta potiguar que devia ser famoso no mundo inteiro, chamado João Lins Caldas, que sentenciava: “Eu tenho um mundo de primos no mundo”. Todos nós somos descendentes de um tio que eu muito amei, avô de Armando. Seu nome era Manuel, que nunca foi aluno sequer do curso primário, mas era capaz de recitar *Os Lusíadas*, de maneira tão encantatória e eloqüente, como se estivesse apostrofando de uma tribuna de júri. Vi-o, inesquecivelmente, quando eu era menino, e minha mãe me levou de Ceará-Mirim para passear em Mossoró, recitando poemas para um passarinho de sua criação e estima, parece que um concriz; recitando e dialogando como um devoto reza a Oração da Manhã. Tenho a impressão que aquela visão me encaminhou definitivamente para a Poesia.

Manuel Fernandes de Negreiros era seu nome todo; vivia como uma dessas árvores, poderosas e solitárias, que aparecem em meio ao deserto, capazes de receber tempestades e devolver raios. Era um homem de temperamento forte como só se via antigamente nos Negreiros, misturados aos Maia e Fernandes. Morreu de uma doença violenta, mas ele, com coragem e paciência, já domado pela prática habitual da Yoga, suavizava tudo e todos com encantamento, tanto foi que se tornou exemplar registro do grande mestre espiritualista José Hermógenes de Andrade, em um seu livro de testemunhos sobre os que mudaram a vida através da prática de paz e saúde que o Oriente tanto nos tem ensinado.

Armando é filho de Rafael Negreiros, a mais infatigável memória que conheci — tudo que lia, retinha para a posteridade. Possuía, como era de se esperar, uma voracidade incrível de leituras. Aliás, os três maiores leitores que conheci são mossoroenses: Rafael Negreiros, Dorian Jorge Freire e Joaquim Silveira Borges Júnior, meu sempre lembrado e fraternal amigo Borginho. Os dois últimos foram as únicas pessoas, que conheci, capazes de ler, como realmente leram, os doze volumes inteiros das memórias de Casanova. Rafael, certa vez, para surpresa de Grácio Barbalho, foi capaz de dizer, na sala de música do bravo Grácio, o nome de mais de cem filmes, seus diretores, atores, e títulos das músicas, para espanto de todos nós. Aliás, bem cabia em Rafael o nome de “o homem do espanto”.

Perdoem-me esta crônica familiar. Mas o que é a vida se não a crônica do dia-a-dia, dos que conhecemos e que tantas vezes passam a nos desconhecer; dos parentes que se foram e dos que se tornaram para nós distantes pontos de exclamação; dos amigos que se ausentaram de nosso convívio, amigos que eram confidentes e se tornaram inconfidentes; de pais e irmãos que já saíram desta romagem terrena, hoje tão inóspita e chata em sua curvatura, que quer à força tornar a vida uma resultante de geometria anti-euclidiana, na oscilação das ações de dois entes que residem no empíreo ou em um trono, chamados Nasdaq ou Dow Jones, figuras típicas de minha antipatia pessoal. A vida deixou de pertencer aos desígnios de Deus; ao humor dos comediantes gregos e latinos; aos versos de Fernando Pessoa e Manuel Bandeira; às orações de João Paulo II e Chico Xavier; ao encanto dos ventos nordestinos e às auroras boreais; ao sorriso de

Irmã Dulce e do amor aos leprosos, no quente coração da África, de Albert Schweitzer — a Vida deixou tudo isso, para pertencer unicamente a um senhor que ninguém vê nem pode tocar, intangível e incorpóreo, chamado Mercado. Esse Mercado tem uma filha chamada globalização e uma neta apelidada de corrupção, ou hedonismo, ou desaparecimento de valores antigamente chamados altruístas. Hoje, é conhecida apenas pela designação de “ausência total de todo valor que inspire e engrandeça o homem”. O resto é literatura. Literatura que pode ser definida também como cultura literária, escondida sob os arcanos desta Academia, construída com invencível amor, pedra sobre pedra, pedidos de humildade e fortaleza de sertanejo, de seu grande presidente, escritor Manuel Rodrigues de Melo, por quem e para quem, com saudade e reverência multiplicadoras, enviamos nosso mais puro pensamento de gratidão.

Senhoras e senhores, ainda há quem mereça — não sejamos pessimistas —, alvíssaras e entusiasmos, neste planeta que os grandes físicos descobriram, agora, que diminuiu um milionésimo de segundo em sua rotação. Mas que não despenará no espaço eterno. Tenhamos confiança e paciência.

Meu caro acadêmico Armando Negreiros: Só existe um caminho, eu sei, e o resto são veredas. Estava andando pelas veredas para chegar até você, na celebração deste instante que tanto o engrandece. Quando você sucede ao também médico, Raul Fernandes, que não só atravessou o Oceano Atlântico em um zepelim, como teve uma vida de riquezas pioneiras, desde sua especialidade clínica, trazida da Alemanha para o Brasil — citado em obras científicas do mundo inteiro, mas do escritor e humanista inegáveis, a partir de seus livros sobre o cangaço, que os especialistas consideram insuperáveis, até a conversa cordial, pitoresca, memorialística, mesclados ao prazer e ao conteúdo de transformarem a realidade em objeto de sonho. Esta Academia teve e tem grandes médicos, desde Onofre Lopes e José Tavares — daquele tempo luminoso em que o médico tinha o chamado “olho clínico”, a intuição devassadora, a sensibilidade de urgência como se tivesse nos olhos um permanente aparelho de radiografia.

Você, como médico anesthesiologista, não tem apenas uma visão especialista e especializada, mas pelos manuais e livros que publicou e vai publicar ainda, revela-se uma inteligência aberta à curiosidade de tudo que na vida palpita como indagação, dúvida, interesse filosófico. É uma sensibilidade profundamente aberta aos acontecimentos do dia-a-dia, professor de amigos e amigo e estudioso dos mais diversos saberes que tocam o destino do homem. De onde vem a palavra filósofo? Vem do grego *filos*, que significa amigo, e *sofia*, que é sabedoria. Portanto, diríamos: Infeliz do homem que não seja um filósofo.

Esta noite utilizou-se, rarefez-se, com a presença de tantas gerações, visíveis e invisíveis. Mas que tem, principalmente, a presença daquele que você chamava de “seu Rafael”. Chame-o agora. E peça que ele lhe vista a toga azul dos imortais. Ele, o menos imortal, e o mais generoso dos homens, sob o olhar diáfano de Elizabeth, do amor de Kátia, Carla e Bruna, da amizade dos seus

irmãos, da ternura de suas tias Ivy e Maria Luzia, e do mundo de primos e amigos que você tem neste mundo.

E, ao final de tudo, senhor Presidente Diógenes da Cunha Lima: se real e belamente é como dissestes — que só o que passa, permanece —, pelo menos permaneça a alegria desta minha crônica familiar, menos discurso possível, e mais afetividade transbordante. E que o resto passe, passe mesmo.

A PROPÓSITO DE RAUL

(Necrológio de Raul Fernandes, pronunciado em 20 de dezembro de 2001, pelo Acadêmico Jurandir Navarro)

Raul Fernandes foi um cidadão que marcou a sua época. No Rio Grande do Norte, um pioneiro em viagens ao exterior. Viagens bem aproveitadas, por serem de estudos e ao mesmo tempo de turismo, numa época em que raras as pessoas de instrução de nível superior e de condições pecuniárias para tal empreendimento. Daí, ter ele arejado o espírito e ampliado os seus conhecimentos culturais. Assim, visitou a Europa, Estados Unidos e Oriente Médio.

Raul Fernandes era formado em Ciências Sociais e Jurídicas, pela Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, diplomação em 1930. Simultaneamente fazia medicina, cujo Curso terminou na Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, em 1932.

Dedicou-se somente à Medicina, de corpo e alma. O curso de direito serviu-lhe para uma visão mais ampla da vida em sociedade. Especializou-se em otorrinolaringologia e oftalmologia. Fez curso de aperfeiçoamento em Viena e Berlim, em 1936, retornando, depois, a estas famosas capitais européias. Em 1940 fez pós-graduação na Universidade de Temple, em Filadélfia.

Citado como pioneiro no Brasil, no diagnóstico do câncer pulmonar pela endoscopia e biopsia brônquica. Citação esta, no livro do Dr. Newton Bethlen, intitulado *Pneumologia*, conforme mencionou Vingt-un, na obra dedicada ao grande filho de Mossoró.

Inúmeros os seus trabalhos de cunho científico, como, por exemplo, “Difteria Nasal Primitiva”; “Etmoidectomia pela Via Maxilar”; “Cisto Folicular Parodontário do Maxilar Superior”; “Recentes Aquisições da Oftalmologia na Alemanha”; “Mixo carcinoma do Palato Mole”; “Bronco-esofagoscopia para Extração de Corpos Estranhos”; “Considerações Sobre o Tratamento do Estrabismo”; “Considerações Sobre Tráqueo-bronquite Tuberculosa”, e outros. Todos estes na década de 1940, publicados pela Imprensa Oficial do Estado e por revistas.

Apresentou também um Estudo sobre “Toxoplasmose” no IV Congresso Médico Brasileiro, 1957, dentre outros, noutros Congressos.

Fez estágio e curso de aperfeiçoamento de otorrinolaringologia e oftalmologia na Alemanha e Áustria. Foi estagiário do Hospital São Francisco de Assis, do Rio de Janeiro.

Pertenceu, Raul Fernandes, a diversas instituições médicas, sociais e culturais, dentre as quais, como sócio correspondente da Sociedade de Oftalmologia do Rio de Janeiro; Sócio do Rotary Club de Natal, tendo sido presidente três vezes; Sócio do Rotary Club do Rio de Janeiro; Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; Membro da Academia de Ciências do Rio Grande do Norte; da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte.

Por ocasião de sua posse nesta Academia de Letras foi ele saudado pelo Acadêmico Veríssimo de Melo, de saudosa memória.

Foi, Raul Fernandes, docente da Faculdade de Medicina de Natal desde 1954 e depois Professor Fundador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo se aposentado em 1978.

Escritor dos melhores do Estado. Filho de Rodolfo Fernandes, bravo defensor da investida de Lampião, em Mossoró; Raul, com o cérebro povoado dos lances da resistência heróica, gravou em livros a memória da brava gente mossoroense. E vieram *A Marcha de Lampião – Assalto a Mossoró*; *Antonio Silvino no Rio Grande do Norte*. O livro *Memórias* evoca os lugares amenos da sua vida.

Escreveu outras obras: “Sing-Sing, a Penitenciária Famosa”, que ele visitou lembrando as aulas de direito; escreveu também sobre o vulcão italiano: “Vesúvio, o Vulcão Traíçoeiro”; “As Aventuras Internacionais de um Médico de Província”; sobre a viagem empreendida no dirigível alemão: “Hindenburg, a Aeronave Monumental”.

Para muitos a sua obra maior é que narra *A Marcha de Lampião – Assalto a Mossoró*, que é elogiada pelo mundo cultural. Dela, assim se exprimiu Nilo Pereira: “Tudo é narrado pelo autor tal uma saga, uma epopéia”.

Ocupou lugar destacado na Academia Mossoroense de Letras, na Sociedade Brasileira de Médicos Escritores e, dentre inúmeros títulos recebidos, pode-se citar o de Professor Emérito da nossa Universidade Federal e a Medalha Cultural da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, do Recife.

Teve, o doutor Raul Fernandes, uma existência das mais ricas, em oportunidades por ele idealizadas e conquistadas, por seu espírito desbravador de horizontes científicos e culturais. Isso, porque ele tinha, lembrando Louis Pasteur, a “expressão determinada” assinalada por Beverley Birch, no seu livro sobre o grande cientista francês.

Raul Fernandes muito viajou para muito aprender da cultura universal da ciência e da vida. A medicina, aprendeu, dentre outros, na área de sua especialização, com o célebre Dr. Professor Eichen, cirurgião que operou Hitler, de um nódulo na corda vocal.

A outra fase importante de sua existência tumultuada ele dedicou à higienização espiritual no intermitente périplo que fez pelo planeta, especialmente Oriente, Europa e América. O único norte-rio-grandense que viajou no famoso super-dirigível Hindenburg, orgulho da aeronáutica germânica, feito da Alemanha ao Rio de Janeiro, passando por Natal. Cruzou os mares em transatlânticos de longo curso; conheceu, pessoalmente, quatro pontífices da Igreja Católica; pisou nas crateras do Vesúvio; visitou Pompéia, a cidade do pecado; viu o machado que degolou a meiga Ana Bolena; molhou os pés nas águas santas do Jordão e discursou em auditórios estrangeiros com a palavra cabocla, franca e desassombrada.

Pertenceu a esta Academia de Letras que a honrou com o seu saber e educação universitária. Nela, ocupou a Cadeira número quatorze, cujo Patrono é Joaquim Fagundes, tendo como membro fundador Antonio Fagundes, emérito cultor do vernáculo.

Omiti a data do seu falecimento, já octogenário, obviamente: o fator tempo não conta para a imortalidade acadêmica.

A Academia Norte-rio-grandense de Letras está precisando de outra personalidade tão marcante como a do grande *causer*, do pesquisador da ciência de Hipócrates e do incansável viajor da Cultura, que foi Raul Fernandes.

Primeira entrevista de Raul à TV Universitária¹

Apresentador:

O programa *Memória Viva* pretende preservar o que merece ser preservado na memória do Rio Grande do Norte. Hoje, o nosso convidado é o Professor Raul Fernandes. Setenta e dois anos de idade, nascido em Mossoró e uma parte muito importante da Memória Viva do Rio Grande do Norte. Para conversar com ele, nossos convidados são Dr. João Maria Monte, oftalmologista, Dr. Gley Nogueira, otorrinolaringologista, Dr. Jahyr Navarro, otorrinolaringologista, Dr. Alvamar Furtado de Mendonça, escritor e professor de direito, Dr. Clovis Travassos Sarinho, cirurgião e professor da Faculdade de Medicina, Dr. Manoel Rodrigues de Melo, escritor, pesquisador e imortal e Dr. Oswaldo de Souza, escritor, folclorista e também imortal.

Professor Raul Fernandes, vamos começar com a sua infância em Mossoró. Quais são as suas memórias mais antigas, de criança?

Raul Fernandes:

Na minha terra, a principal diversão lá, na minha terra, naquela época, era justamente, quando criança, era ter um carneiro, para passear no carneiro. Então, poucos meninos, uns três ou quatro, tinham bicicleta. Eu não tinha bicicleta. Então, no dia que eu ganhei esse carneiro, foi uma festa, foi uma das maiores alegrias, o carneiro tinha sela, um negócio muito alinhado. Então eu passeava no carneiro, isso é muito comum no interior, isso no passado. Uma grande recordação que eu tenho do meu tempo.

Apresentador:

Há poucos dias nós fizemos uma entrevista a propósito do seu livro, *A Marcha de Lampião* e o senhor contava a sua memória desse ataque. Foi um fato muito marcante na sua vida?

Raul Fernandes:

Foi. Eu sempre gravei bem as coisas que vi, tive a ocasião de ver, de assistir. De modo que marcou perfeitamente, inclusive aquele fato, aquele episódio que eu relatei, está na minha memória, vivo, que foi o êxodo da população de Mossoró, quando Lampião se aproximou, quando foi dado o alarme. Semelhante, eu quando vejo um filme de guerra, eu vejo uma população evacuando uma cidade, foi o espetáculo igual aquele, a população saía em massa, crianças, mulheres, todos andando na rua, procurando o trem. A estação de estrada de ferro, o trem, ficou à disposição da população. Então, retirando a população, porque o número de automóveis era pequeno e então quem podia, tivesse um cavalo ou tivesse

¹ (Programa *Memória Viva*, de 14 de outubro de 1980. Apresentador - Luiz Lobo. Transcrição - Elizabeth Fernandes.)

automóvel, ia saindo. E caminhões, mas a Estrada de Ferro foi quem evacuou mesmo a cidade de Mossoró, não parou.

Apresentador:

Professor, eu queria um retrato do seu pai, o Coronel Rodolfo Fernandes, em breves palavras.

Raul Fernandes:

Um resumo do início da vida dele. Meu pai era um homem pobre. Ele nasceu na cidade de Portalegre e foi para Pau dos Ferros, onde se empregou numa loja, rapazinho, dos seus dezessete anos. Depois, naquela época, a única salvação que havia era emigrar para o Amazonas. Ele foi seringueiro no Amazonas, que era a última coisa que o sujeito podia fazer na vida. Tomou um navio daqueles e foi para o Amazonas. Isso durante uns três ou quatro anos. Voltou e, voltando, foi trabalhar na Companhia Comércio de Macau. Ele construiu então salinas lá, para a Companhia de Comércio e Navegação, em Macau. Depois foi para Mossoró e na firma Tertuliano ele construiu parte das salinas de Tertuliano Fernandes. Depois de alguns anos da vida dele, passou a construir uma salina própria. De forma que é esse mais ou menos o episódio da parte comercial do seu trabalho. Naquela época a instrução era pequena, de forma que ele era um homem que não tinha grande instrução, mas sempre muito trabalhador, perspicaz, acreditava nas pessoas - ele tinha isso com ele, acreditava nos seus amigos, de forma que era um laço, uma coisa que o caracterizava e depois as suas atitudes eram todas decisivas, por isso que ele não era político, o meu pai. Entretanto, ele foi escolhido prefeito lá de Mossoró, não sei como. Ele não era político.

Apresentador:

Como era Mossoró nesta época, Professor?

Raul Fernandes:

Mossoró era uma cidade de mais ou menos de vinte mil almas. Tranqüila. O espetáculo maior, a festa maior de Mossoró, no dia de domingo, era o futebol. Dois times haviam lá, o Humaitá e o Ipiranga. De noite havia aqueles saraus dançantes, aquelas festas. A festa principal era de Santa Luzia, que atraía gente de todo o município, de toda parte para assistir os festejos de Santa Luzia, com aqueles fogos de artifício, quermesses... A vida na cidade era tranqüila, o que caracterizava bem a cidade eram as carroças carregando pipas enormes, vendendo água, de porta em porta. O drama de Mossoró era a água. A água vinha de longe, afastada da cidade. Era uma água que não era boa, mas era a melhor. Aqueles que tinham uma situação privilegiada, tinham uma cisterna, mas a água de cisterna é uma água condenada, porque é uma água parada. E o pessoal abria cacimba no rio, no leito do rio seco e bebia aquela água. De forma que o drama da água em Mossoró era tremendo. Então isto está bem vivo na memória da gente, estes fatos lá de Mossoró.

Apresentador:

Por que é que o senhor foi estudar no Recife?

Raul Fernandes:

Foi meu pai que me mandou estudar no Colégio Jesuíta, era o Colégio Nóbrega. Eu fiquei interno neste colégio. Às vezes passava as férias lá, passava um ano, dois, sem ir a Mossoró. Eu fiz todo o meu curso de humanidades no Colégio Jesuíta. Eram todos padres portugueses, não tinha nenhum brasileiro. Eram jesuítas. A educação era ainda muito antiga.

Apresentador:

FTD. E como é que era o seu relacionamento com os jesuítas?

Raul Fernandes:

Era bom porque eu era acostumado. Eu fui criado num regime muito sério de obedecer aos meus pais, minha mãe, de forma que eu obedecia. Eu era um aluno que obedecia, não era um aluno mau, que fazia determinadas coisas. De forma que eu era um bom aluno dentro do colégio, porque eu não era insubordinado, não fazia desordens no colégio. De forma que eu gozava de uma situação boa. Passei quatro anos interno lá no colégio.

Apresentador:

E quais eram as alegrias de menino no Recife, por esta época?

Raul Fernandes:

As maiores alegrias lá eram os campeonatos de futebol nos colégios. Eu tive a ocasião até de jogar no colégio.

Apresentador:

Em que posição o senhor jogava?

Raul Fernandes:

Ah, a minha posição foi de *half* esquerdo.

Apresentador:

E era bom de bola?

Raul Fernandes:

Não, era ruim. Não era bom, não.

Apresentador:

Combatia muito?

Raul Fernandes:

Não, eu não era bom, não. Mas, joguei na meia-esquerda, era animado, jogava-se muito isso e tinha um outro jogo parecido muito com o beisebol que se jogava no colégio, eu me esqueço o nome, mas joga-se da mesma maneira quase que o

beisebol. Esse a gente jogava, tinha campeonato, a gente jogava no colégio... eram as nossas alegrias maiores. E os piqueniques que os padres faziam, levavam para - tinha um rio lá, o rio Fundão, o rio Jaguaribe, não sei qual era, e lá então a gente passava o dia nadando naquele rio. Era o nosso encanto. E às vezes a gente ia para um engenho daqueles, de açúcar, também muito interessante, passava o dia no engenho, que eu não conhecia. Então, a coisa que mais me empolgou quando estive lá em Pernambuco – isso eu tenho gravado na minha memória – foi ver uma mata. Eu nunca tinha visto uma mata, eu vinha de Mossoró, seco, uma região árida. Então, quando chegava no engenho e via aquela mata colossal, os pássaros cantando e animais, caças, eu nunca tinha visto isso, aquilo, eu fiquei com aquilo muito vivo, nunca tinha visto, para mim foi uma novidade, ver uma mata.

Apresentador:

Então o senhor foi para a Bahia para estudar Direito. Por que Direito?

Raul Fernandes:

Não. Eu fui para a Bahia estudar Medicina. Estava lá na Bahia, me estabeleci, preparando para fazer o curso de vestibular. Então, morava, na mesma pensão que eu morava, era Hermes Lima, que depois se tornou um grande líder, deputado. E Hermes Lima era jovem naquela época e Hermes Lima disse assim: “Você que está aí por que não vai fazer exame amanhã na Escola de Direito?” “E Direito por quê?” “Não, você não vai perder nada, só vai lucrar. Eu vou lhe matricular, me dê seus dados. Apareça amanhã lá.” Aí eu cheguei lá na Escola de Direito, assinei lá uns papéis, “Tem exame de manhã”. Aí eu digo, “Mas, Hermes, e o programa? Todo mundo está estudando e eu não abri no livro.” Ele disse: “Mas rapaz, você lê muito, o exame é literatura, português”. De forma que eu não estudei coisa nenhuma, fiz exame, entrei e me formei e assim acompanhei, fiz o curso paralelo para o vestibular, porque tinha experiência já de leitura. Na minha época, os jovens liam muito. Sempre andava com os livros de baixo do braço, de literatura ou qualquer coisa, sempre discutindo e lendo. De forma que, com a idade de dezessete anos, eu já tinha mais ou menos passado uma vista nos nossos literatos, do Brasil

Apresentador:

O curso de Direito lhe valeu?

Raul Fernandes:

Muitíssimo. Porque eu acho que a gente não perde nada em saber. Ajudou muito, nas coisas, na minha vida.

Apresentador:

Um ano depois então o senhor fez vestibular?

Raul Fernandes:

E entrei em Medicina. Eu gostava de Medicina. Então fiz, me transferi para o Rio, formei-me em 30 na Bahia e me transferi para o Rio. E lá no Rio, então, me formei em Medicina. Em 32.

Apresentador:

Quais foram os professores assim que o senhor tem melhor na lembrança e que contribuição eles lhe deram?

Raul Fernandes:

Bom, teve o Hermes Lima que me botou lá dentro. Ele era professor de Direito Constitucional, Hermes Lima. Tinha... eu me esqueço o nome dele, teve o Prisco Paraíso, uma série de figuras famosas de direito que estava lá, naquela época, que eram nossos professores. Tinha Aloisio de Carvalho, que foi senador pela Bahia. Ele foi meu professor. E com ele eu tive que fazer excursões para o estudo sobre regime penitenciário. Foi justamente uma parte que eu gostei mais. Então nós fomos a São Paulo, por conta do governo – que era muito bom isso – estudamos naquelas penitenciárias, depois o Rio de Janeiro, depois na Bahia e depois em Recife, estudando regime penitenciário.

Apresentador:

E o senhor não pretendeu ficar no Rio?

Raul Fernandes:

Não, eu ia ficar no Rio de Janeiro. Minha vida, eu ia ficar no sul, não vinha para o norte. Eu jamais imaginei de viver aqui no norte. Mas a minha mãe estava aqui no norte e fazia quatro anos que eu não vinha ao norte. Tinha me formado, estava lá no sul. Então ela mandou dizer que não me via há quatro anos, não era possível ter formado um filho e não viesse. Então ficou naquela luta. Eu tinha medo de chegar aqui e ficar. E foi o que aconteceu.

Alvamar Furtado:

Eu gostaria, mesmo revolucionando a cronologia das nossas perguntas, eu gostaria que você me desse um depoimento sobre a sua experiência médica no Rio Grande do Norte. Você é um homem que viajava, você fez cursos em Viena, você fez curso em Berlin, você foi para os Estados Unidos, foi interno em um dos hospitais da Pensilvânia, se não estou enganado, e eu gostaria que você me desse a sua impressão sobre a medicina que você encontrou no Rio Grande do Norte, logo que você voltou dessa longa peregrinação de caráter científico, que você deu à sua vida profissional. Quem você encontrou aqui como médico, quais eram as condições da medicina do seu tempo aqui em Natal?

Raul Fernandes:

Naquela época o médico que mais se destacava era José Tavares, que viajava também, estudioso. Tinha Aderbal de Figueiredo, que veio de Caicó e foi um grande cirurgião aqui em Natal. Ele fez cursos, estudou em Paris muito tempo, de

forma que ele era... – Sarinho conheceu. Eram esses médicos e todos eles eram muito bons. Naturalmente, a medicina, naquela época, era muito limitada, limitada pelas nossas condições, como ainda hoje ela é. Nós não podemos fazer determinadas coisas que se faz nos países mais adiantados, mas não por falta de conhecimento dos médicos. Nós não temos as condições para realizar aquilo que os outros realizam lá fora. Mas se fazia já uma medicina boa para o momento. Eu achava que era muito boa. Eu, por exemplo, na minha especialidade, eu fazia toda cirurgia. Toda cirurgia. Era tudo. Eu tinha o meu material. Mas pode-se fazer perfeitamente. Sarinho também realizou, que está aqui a meu lado, ele fez suas cirurgias muito bem aqui no Rio Grande do Norte. As deficiências que haviam na época não eram só deficiências do hospital nem do Rio Grande do Norte. Eram deficiências universais. O problema da anestesia. O salto da medicina partiu com a anestesia, porque a anestesia que se fazia antigamente era com clorofórmio, altamente tóxica, facilmente o doente morria na mesa com o choque anestésico. Isso no mundo inteiro. Então, o salto da medicina veio com a anestesia. A anestesia melhorou, deu um impulso, possibilitou que o doente permanecesse anestesiado horas e horas, sem nenhum problema. Depois veio o grande salto. Depois da anestesia, o maior salto da medicina foi a transfusão de sangue. Possibilitou as grandes cirurgias, a falta de sangue já não perturba a vida da pessoa... Foi isso que eu encontrei no Rio Grande do Norte. Aos poucos ele foi se aproximando e veio progredindo. Não achei falta assim das coisas.

Apresentador:

Professor, e como é que o senhor escolheu a sua especialidade?

Raul Fernandes:

A gente escolhe a especialidade... é aquilo, a gente trabalha no hospital e vai vendo aquilo tudo. Pediatria eu não gostava e até hoje não gosto.

Apresentador:

Por que, não gosta de criança?

Raul Fernandes:

Gosto de criança, mas não para tratá-la, porque ela não diz nada, não informa nada. De forma que quem fala mais... tem que lidar com a mãe ou com a madrasta, é uma coisa horrorosa... ou com as sogras, eu não dou para isso. E assim as outras especialidades, eu não gostava. A cirurgia... é muito pesado. O cirurgião, geralmente, a estatística mais alta no mundo de mortalidade, de menos vida, é do cirurgião geral, nos Estados Unidos. Eu vi as estatísticas. Morre mais depressa, porque ele sofre muitas emoções e é puxada a cirurgia geral. De forma que essa especialidade, eu não quero. Quero uma especialidade de cirurgia de menos prazo, menos riscos. Então escolhi. Eu fazia oftalmologia, fiz também otorrino e depois fiquei fazendo otorrino.

Alvamar Furtado:

Raul, eu gostaria, na condição de professor universitário, eu gostaria que você me descrevesse, comparativamente, as suas condições de estudante de Medicina, na Bahia e no Rio de Janeiro, com as condições do estudante de medicina hoje, em Natal.

Raul Fernandes:

Não é interessante falar sobre isso, porque...

Alvamar Furtado:

Interessante é.

Raul Fernandes:

Porque o ...

Alvamar Furtado:

... para a história do Rio Grande do Norte.

Raul Fernandes:

Para a história é que naquele tempo a Medicina era puxada, nós tínhamos que estudar muito. Tanto assim que reprovava-se 40% dos alunos. Era difícil passar. Anatomia Patológica. Difícilimo, passar em Anatomia. Eram três anos de estudo. Hoje não se estuda mais Anatomia. Então todo mundo que entra na escola passa, está aprovado. Então era puxado, precisava estudar muito naquela época. E era difícil encontrar um médico que não soubesse bem o francês, era muito difícil. Todos sabiam mais de um idioma, naquela época.

Alvamar Furtado:

Mas essa sua resposta que todo mundo falava bem o francês, não dá um caráter muito livresco ao estudo de Medicina do seu tempo?

Raul Fernandes:

Não, porque o ...

Alvamar Furtado:

De consulta, de compêndio, de Medicina, fugindo um pouco à parte prática

Raul Fernandes:

Não, a prática, pelo contrário. A prática era intensíssima, a gente passava a manhãs todas operando em cadáver, tudo, fazendo preparações, em anatomia patológica era a mesma coisa. Agora, os livros tinham que ser em francês, porque em português não tinha nada escrito. Não há nada escrito.

Alvamar Furtado:

E pelo aspecto atual do estudo de Medicina, na nossa universidade? Você nota que o estudante tem mais acesso aos conhecimentos profissionais de que ele precisa? Sob o ponto de vista teórico, sob o ponto de vista prático?

Raul Fernandes:

O lado teórico está muito bom. Mas o lado prático, não.

Apresentador:

O senhor vivia em Berlim, na época do começo da guerra. Quais são suas lembranças da vida na Alemanha e do nazismo?

Raul Fernandes:

Bom, a vida na Alemanha era adorável. Foi um dos países que eu adorei, foi a Alemanha, porque é um povo culto, um povo que sabia viver, um povo amante da boa música. Então a música, nas cervejarias, depois da meia-noite eram operetas, óperas, todos cantavam e tocavam, era a música popular deles. Independente disso, quanto à parte do nazismo, toda a parte intelectual e o povo alemão não recebia bem aquilo, era todo fechado contra aquilo que estava acontecendo. Mas nada podiam fazer, porque era um ditador forte, um homem forte, ninguém pode fazer nada. Mas aquilo não era olhado com simpatia.

Apresentador:

O senhor teve o sentimento de que ia haver, ia estourar a guerra e que a guerra teria a amplitude que teve?

Raul Fernandes:

Tive. Eu mesmo fui convidado, quando estava na Alemanha, para ficar lá trabalhando com os alemães, porque era médico, eles precisam de médicos. Mas eu mesmo não aceitei de maneira nenhuma, porque eu sabia que ela ia perder a guerra, porque não era possível ela fazer guerra contra o mundo, com aquele programa, não era possível, de maneira nenhuma.

Apresentador:

Que personalidades do governo alemão o senhor conheceu naquela época?

Raul Fernandes:

Bom, o que eu conheci melhor foi Goebels, que era o Ministro da Propaganda. A segunda viagem que eu fiz à Alemanha, eu fui convidado pela Academia Ibero-Americana, então nós fomos hóspedes do governo alemão e do governo austríaco. Nós visitamos toda a Alemanha por conta dele, com aqueles cientistas, tivemos banquetes, tivemos um banquete magnífico em Heidelberg e outro em Nürenberg, num castelo lindo, uma coisa excepcional. E erradamente eu fui até o orador para agradecer e tive que agradecer em alemão. Então quero dizer...

Apresentador:

O senhor conheceu Goebels e quem mais?

Raul Fernandes:

Goebels era muito simpático. Conversador, foi ao coquetel, nos ofereceu um coquetel lá na Alemanha, era baixinho, muito conversador, daí ele ser o Ministro

da Propaganda. Outro que eu conheci, esse era um homem sério, era o Ministro das Finanças. Eu levei uma carta do Embaixador para ele, que eu precisava retirar uns marcos.

Apresentador:

Absolvido em Nürenberg

Raul Fernandes:

Ele foi absolvido em Nürenberg, ele não tinha crime. Mas os outros amigos meus foram todos liquidados, que eu conheci, oficiais do Exército Alemão. Todos os meus amigos morreram na guerra na Alemanha.

Apresentador:

O estágio na Alemanha foi muito proveitoso do ponto de vista profissional?

Raul Fernandes:

Sim, porque a Alemanha é líder, não há dúvida nenhuma, de toda a medicina. A otorrinolaringologia é alemã. Noventa por cento, essas cirurgias todas, a origem é lá. Tudo que há, parte de lá. Nos outros, a produção, a parte criadora é pequena, eles têm os grandes centros, há grande afluência dos Estados Unidos, é cheio de médicos americanos, todos fazendo cursos na Alemanha, em Viena, em particular em Viena, que é a mesma coisa. Isso antes da guerra. Esse episódio foi antes da guerra. Hoje mudou, as coisas mudaram.

Apresentador:

O senhor voltou da Europa em que ano?

Raul Fernandes:

Eu saí durante a guerra. Com grande dificuldade. Dificílimo. As fronteiras todas fechadas. Então como é que saí? Não pode sair. Foi difícil. Eu tive que voar sobre a Polônia num avião, arriscado a ser derrubado, sem nenhuma segurança. Voei para a Suécia. E então fui na zona de guerra, muito perigoso. E lá na Suécia ninguém podia sair também, porque não tinha como, os navios eram todos torpedeados. Era difícil. Lá na Suécia tinha milhares de pessoas, todas querendo fugir. Cheio. Mas acontecia que às vezes passava um avião fugindo com pessoas. Então eu disse ao embaixador que pegaria um avião desses. “Você tem coragem? Porque os outros, chega na hora e desistem, não têm coragem”. E eu tomei um avião desses. Esse avião foi preso, quase que derrubam, os alemães derrubam. Prenderam o avião e mandaram baixar na Dinamarca, onde eu não tinha nem passaporte, e fiquei preso no aeroporto. Isso durante a guerra, já invadido por tropas alemãs. De forma que a gente tinha de ir arriscando, e assim eu cheguei até a Holanda.

Apresentador:

O senhor assistiu cenas de guerra? Cenas de retirada?

Raul Fernandes:

Não, o que eu assisti foram as tropas, isso a gente via, quando passei no avião, todas aquelas tropas enormes, batalhões imensos, tanques, contra a Polônia, invadindo a Polônia, ao norte. Quando eu tomei o avião para sair do campo de aviação, só havia aviões de guerra. Eles botando bombas e bombardeando a Polônia. Estavam em atividade franca.

Apresentador:

Como é que o senhor saiu da Holanda?

Raul Fernandes:

Da Holanda eu saí milagrosamente. No dia que eu cheguei na Holanda, a polícia me procurou para eu me retirar imediatamente. Disse que eu tinha vinte e quatro horas para sair. Eu digo, "Sair, quero eu! Eu não quero ficar aqui. Mas como?" A Holanda estava em pé de guerra, canhões, as ruas todas esburacadas, trincheiras em todo lugar, estavam esperando a invasão da Alemanha. Passou um navio brasileiro lá. Então foi neste navio que eu embarquei, nesse navio brasileiro, lá em Rotterdã. Eu passei uns seis dias na Holanda.

Apresentador:

Eu queria quebrar mais uma vez a cronologia desta história, pedindo ao Professor Oswaldo de Souza que formulasse perguntas ao nosso entrevistado.

Oswaldo de Souza:

A sua pesquisa a respeito de Lampião, você deu início onde? Em Mossoró, mesmo?

Raul Fernandes:

Daqui mesmo eu comecei a ver as coisas, com documentos que tinha. Eu mandei apanhar todos os jornais de Mossoró. Eu tive todos os jornais da época na minha mão. Dos anos de 16, 17, 18, todos esses jornais estiveram na minha mão. Os jornais do ano inteiro. Eu ia a Mossoró sempre, não podia ficar muito tempo, ficava quatro dias, cinco, ia ao município de Mossoró, ia à fronteira do Ceará, ali, naquela zona. E mandando chamar pessoas do interior, "Mande buscar fulano de tal, que foi preso por Lampião, que sofreu, que ele venha aqui em Natal". O sujeito vinha.

Oswaldo de Souza:

Agora, o que você acha de toda essa gente que escreveu milhares de coisas a respeito de Lampião? Você acha aquilo autêntico, verdadeiro?

Raul Fernandes:

O quê?

Oswaldo de Souza:

Toda essa gente que escreveu a respeito de Lampião, porque todo mundo escreveu.

Raul Fernandes:

A autenticidade é de quem assistiu, quem viu, quem participou. Fora disso, não é mais autêntico.

Oswaldo de Souza:

Porque eu sei que o seu trabalho de pesquisa foi realmente um trabalho muito bem feito, muito consciencioso. Agora, a maioria das pessoas fala sobre Lampião, mas eu acho muito fantasioso tudo quanto escreveram.

Apresentador:

Estilizaram.

Raul Fernandes:

Não há mais autenticidade.

Apresentador:

Transformaram num guerrilheiro.

Raul Fernandes:

Eu hoje já não poderia escrever se fosse começar agora sobre Lampião, porque todos os participantes já faleceram. Não tem mais ninguém. Não poderia mais.

Apresentador:

Professor, entrando nesse assunto mais a fundo, o senhor nos dizia em conversa que Lampião nunca usou chapéu de couro, nunca usou roupa enfeitada, nunca usou punhal a não ser para atacar pessoas que já estavam feridas... O senhor fez a demolição do mito do Lampião? Lampião era realmente um mito, na sua opinião?

Raul Fernandes:

Não, um mito, não. Ele era mau. Ele era um ladrão. Perigosíssimo. Isso ele era. Era um homem de alta periculosidade. Agora ele como cavalheiro, corajoso, de enfrentar de homem para homem, isso ele não tinha essas virtudes, não. Ele funcionava como um...

Apresentador:

Ele não funcionava como um homem Robin Hood.

Raul Fernandes:

Não, nada. Era um assaltante, um ladrão. Tanto assim que tudo dele, ele atacava as fazendas, sem ver ninguém, mandava procurar, pegava a pessoa à traição.

Apresentador:

Mas o senhor conhece um gesto de generosidade dele?

Raul Fernandes:

Existiram. Raros. Tem, naturalmente. Todo homem... não há nada totalmente mau, há sempre uma coisinha, muito pequena, mas tem gesto de generosidade.

Apresentador:

Se ele não usava chapéu de couro, e não andava todo enfeitado, como é que ele andava normalmente?

Raul Fernandes:

Ele se vestia como se vestia, na época, a polícia. Andava de polainas. A polícia andava a cavalo, naquele tempo andava-se de burro. Então tinha que usar polainas, para poder encostar, senão feria a perna. E usava culote igual ao da polícia. E um paletó comprido, que tinha um nome especial, uma túnica por dentro. Era isso que ele usava. O chapéu era de massa, todo mundo no interior usava. E ele usava chapéu de massa.

Apresentador:

O senhor nos disse também que ele tinha excelente vista.

Raul Fernandes:

Tinha.

Apresentador:

Como é que ele aparece nas fotografias de óculos?

Raul Fernandes:

Bom, é considerado um status. Ninguém tinha óculos no interior, não tinha oculista. Quem é que ia receitar óculos? Ninguém. Então ele roubava uns óculos daqueles, achava que era importante. Só um coronel tinha uns óculos, geralmente era para ler, ninguém tinha óculos para longe. Não tinha oculista, eles compravam um grau qualquer, saía um vendedor no interior e comprava uns óculos desses. E quando ele ia tirar retrato, só tirava de óculos. Mas a vida normal dele era sem óculos. Isso eu sei absolutamente. E ele ainda mais não podia ter nada, ele não foi examinado, como é que podia usar óculos? Segundo, ele devia ser um hiperométrico, porque Lampião era um mestiço, mais da raça negra. Eles são todos hiperométricos, vêem bem demais de longe.

Apresentador:

O senhor disse também que ele nunca conheceu Maria Bonita. Maria Bonita é uma invenção romanceada. Como é que ele chamava a mulher que vivia com ele?

Raul Fernandes:

O nome verdadeiro dela era Maria Déa. Mas ela era chamada por Santinha. Os bandidos todos chamavam de Dona Santinha e ele também chamava de Santinha. Ele nunca conheceu Maria Bonita. Foi um intelectual em Alagoas que fez, porque essa literatura de cordel que existe sobre Lampião, a maioria é para-cordel, foi feita por intelectuais. Ele então cantou os amores de Lampião por Maria Déa,

Maria Santinha e chamou Maria Déa de Maria Bonita. Aí, ficou. Essa é que é a história verdadeira.

Apresentador:

Dr. Manoel, eu queria agora que o senhor fizesse perguntas ao nosso convidado.

Manoel Rodrigues de Melo:

Estou gratificado com as explicações do Dr. Raul, especialmente na parte que ele falou sobre a Alemanha, deu um depoimento muito interessante, de forma que eu não tenho nada a perguntar, não, porque estou plenamente satisfeito com as explicações que ele deu.

Apresentador:

Quando o senhor foi aos Estados Unidos?

Raul Fernandes:

Justamente. Eu desejava terminar os estudos sobre broncologia e então em 1939 eu fui para a América. Em 39. Lá eu fiz questão de trabalhar na clínica do Jackson, que é o maior serviço, o mais famoso do mundo. Então eles exigiam, para trabalhar lá, ter pós-graduação. Eu tive que fazer pós-graduação. Eu fui para a Michigan University, fiz pós-graduação. Feita a pós-graduação – fazendo aquele ciclo básico sobre a vida nos Estados Unidos, que é obrigatório, tem que fazer um curso de inglês, também – aí eu fui. Quando cheguei lá, ele disse: “Você para trabalhar aqui tem que ter pós-graduação, aqui, agora”. É um curso normal, para os americanos. Então eu me matriculei neste curso. Fiz o curso. Então eu disse para ele “Eu não quero ficar aqui, eu não vim fazer curso, eu vim trabalhar”. Ele disse: “A gente vai ver se você sabe.” Eles não dão valor a título. Eu mostrei meus títulos, eles olharam assim. Não importa. Eu estudei na Alemanha, eles acharam muito bom, mas... Então eu fiquei. Depois de três meses, o serviço é muito grande, dá para ele perceber o que o sujeito sabe. Depois de três meses, eles me nomearam assistente.

Apresentador:

O que lhe impressionou mais, a Alemanha ou os Estados Unidos?

Raul Fernandes:

São coisas diferentes. A civilização europeia funciona diferente. O que me chamou a atenção na América do Norte é a capacidade de trabalho do homem. O americano trabalha por três europeus, folgado. O trabalho na Europa é mais lento, tanto assim que na Europa ainda existe artesanato. Eles me chamaram a atenção que na América não tem mais artesanato. O sujeito pode ter um *hobby* pequeno. Mas não constitui mais nada. Tudo lá é produzido em série, em massa, em volume, tudo em grande produção, ao passo que na Europa ainda há muito daquela coisa antiga, dá muito valor ao artesanato, ao trabalho individual. O americano, não. Mudou tudo isso. Eles são velozes. Agora, a Alemanha me chamou a atenção pela sua cultura. O povo mais culto que há.

Alvamar Furtado:

Raul, quando esteve nos Estados Unidos, você teve a ocasião de testemunhar a participação da Medicina européia na Medicina americana, levada pelos médicos judeus, fugindo do nazismo?

Raul Fernandes:

Certamente. Eu, quando estudei em Viena, meus professores quase todos eram judeus. Eles eram as maiores autoridades do mundo. Foi a clínica de Neumann. Ali estavam os pais da otorrinolaringologia. Ali estava a Clínica de Bar(?) - nosso companheiro aqui ao lado conhece de nome. No serviço, eu estudei labirinto e tudo isso, estudo completo, uma coisa fantástica. Eles tinham um serviço só para isso. Não havia no mundo. Então eles queriam vir, em parte, para o Brasil. Eu trouxe a mensagem deles. O Brasil negou, não aceitou. Disse que não queria, não precisava de médicos. Todos eles foram para os Estados Unidos e talvez dez por cento para a Inglaterra. Depois tive a oportunidade de me encontrar com alguns deles, que tinham sido meus professores, na Columbia University. Inclusive o homem, a maior autoridade no mundo, o homem que estudou a retina, descolamento de retina, toda a patologia da retina, um trabalho definitivo, foi Zauckmann, que era meu professor em Viena, na época eu estudei lá essa especialidade, com o Professor Abreu Fialho. E ele depois foi para os Estados Unidos. O Brasil não quis Zauckmann. Ele queria vir para o Brasil. O Brasil não aceitou.

Apresentador:

Qual foi a alegação para não aceitar esse médico no Brasil?

Raul Fernandes:

O Brasil tem fobia, tem xenofobia, ao estrangeiro. Tendo isso, não é possível, não é possível. Então disseram que não precisavam de médico. Eu digo: "Não são médicos, são cientistas". A América aceita. A América está de braços abertos. Foram todos para os Estados Unidos. Quando estive lá, as universidades todas estavam cheias de médicos estrangeiros, isso que você perguntou. Lá não olham, lá não olham. Eu não era estrangeiro nos Estados Unidos. Eu não fui tratado na América como um brasileiro, eu era americano, tanto assim que eu fui assistente e eles me convidaram: "Fique, que com mais quatro anos você será professor aqui na Universidade". Para mostrar, que lá não existe nada de estrangeiro. Não é isso. Eles atraem tudo.

Gley Nogueira:

Eu gostaria de fazer um depoimento também assim, na hora que o Dr. Raul faz o depoimento para o futuro, porque eu fui seu aluno e hoje em dia eu sou seu substituto na cadeira. Tive a oportunidade de viver com ele durante um período muito longo. E nessas conversas aqui eu vejo que nós nos prendemos mais às viagens dele e também ao livro de Lampião. Mas o Professor Raul, na cadeira de otorrino, que foi onde eu mais convivi com ele, deixou marcos assim... porque Raul Fernandes é um homem de uma visão muito ampla, um homem de múltiplas

facetas. E ele deixou, além dos conhecimentos da otorrinolaringologia, também essa deontologia médica. A deontologia médica, o tratamento, o bom tratamento médico/paciente, médico com médico, a ética médica. Isso ele deixou bem marcado lá na cadeira onde ele dirigiu.

Apresentador:

Como ele era como professor?

Gley Nogueira:

Era aquele professor que a gente pode dizer não só um professor, quase uma mãe. Os alunos todos o adoravam e os seus comandados também o tinham como um amigo. Ele, acredito que introduziu aqui em Natal o ensino sob a forma de *slides*. Ele dava, desde que quando eu tive as minhas primeiras aulas com ele, em 1964, na Faculdade de Medicina, ele já dava aula com *slides*, todos projetados, porque otorrinolaringologia é uma especialidade que não se pode mostrar mais de uma pessoa de uma vez, porque nós estudamos cavidades, vai olhar dentro do nariz, vai olhar dentro de uma boca, vai olhar dentro do ouvido, se não for através de projeções, o aluno não terá nunca oportunidade de ver. E ele foi o primeiro professor aqui na faculdade que trouxe essa inovação, aulas mostrando tudo em fotografia, como se fosse uma aula teórico-prática.

Apresentador:

E ele reprovava muito?

Gley Nogueira:

Pouco. Muito pouco. O problema de reprovar... mas hoje em dia sabe-se que a reprovação não é só dependência do aluno. Depende também do ensino. Se o professor ensina mal, ele terá muita gente reprovada. Se ele é um bom professor, ele terá poucas pessoas reprovadas. Então também prende-se a isso o fato, não só devido à generosidade dele. E também quando ele falou aqui no fato das transfusões de sangue, como adiantamento da medicina do Estado, eu queria lembrar que aqui no Estado, se eu não me engano, ele confirmará, parece que a primeira transfusão de sangue foi feita com uma seringa que tem um *bypass* que foi trazida por ele. Ao mesmo tempo que se tira do paciente, se injeta no que está recebendo. Tira-se do doador ao receptor, na mesma hora. E através dessa seringa, que ele trouxe numa das suas viagens, salvaram-se algumas pessoas.

Apresentador:

Dr. Gley, o senhor trabalhou com ele também?

Gley Nogueira:

Trabalho com ele. Comecei como aluno, depois como professor assistente e hoje em dia estou substituindo...

Apresentador:

E como é ele no trabalho?

Gley Nogueira:

O professor Raul tem muita experiência. Trouxe grande experiência no que faz. Então com ele a gente leva desvantagem. É que tudo para ele é fácil. Então às vezes a gente vai fazer uma cirurgia, uma coisa, e ele diz: “Isso aqui eu faço assim, é muito fácil...” E nós depois vamos repetir aquilo e então é que vamos verificar a dificuldade daquele procedimento. Muitas vezes uma coisa que a gente não chegava a valorizar, “Ah, isso é fácil” e, quando vai realizar o ato é que percebe. Então, com ele sempre as coisas são mais fáceis, ao menos quando ele descreve.

Apresentador:

Dr. Gley, desculpe estar insistindo, se fosse lhe dado só um adjetivo para fazer o retrato do Professor Raul Fernandes, que adjetivo o senhor escolheria?

Gley Nogueira:

O professor Fernandes é, antes de tudo, um grande observador. E, melhor ainda, é o grande poder de transmissão também que ele tem. Observa e transmite. Essas duas características

Jahyr Navarro:

Meu depoimento sobre o dr. Raul é muito interessante, porque, quando eu fui aluno, eu era dentista aqui em Natal e por notícias da fama de viver do Dr. Raul, um homem muito assim... vivia sempre no exterior, eu entrei por acaso na medicina e procurei, já tinha a tendência de ser otorrino. E quando cheguei na cadeira de otorrino, Dr. Raul foi um homem altamente... muito amplo, dava muita liberdade, ensinava tudo com a maior dedicação. Depois disso eu fui para o Rio de Janeiro fazer pós-graduação, e por intermédio dele eu conheci o melhor otorrino aqui da América do Sul, da época, que exercia, no campo de especialidade, o Dr. de Lima e ele sempre perguntava pelo Dr. Raul, dizendo que foi o maior broncoscopista que tinha no Brasil, na América do Sul. Então, o depoimento que dou sobre o Dr. Raul é o melhor possível. Voltei do Rio para Natal, fiquei frequentando a cadeira de otorrino, até me submeter ao concurso. Ele foi o Presidente da mesa e eu fui aprovado e até hoje estou na cadeira. Hoje, naturalmente, com a ausência sentida, porque ele se aposentou e nós estamos todos sob outra orientação, que também é a mesma, porque nós somos discípulos do Dr. Raul Fernandes.

Apresentador:

Vamos voltar um pouquinho à cronologia. Em 1942 o senhor publicou um trabalho sobre algumas contribuições de brasileiros à Medicina. Que contribuições o senhor acha que foram importantes dos brasileiros para a Medicina?

Raul Fernandes:

É. Na verdade, eu fui convidado pela Academia, eles me pediram, porque eles ignoravam tudo a respeito do Brasil. Totalmente. O Brasil era totalmente desconhecido nos Estados Unidos. Então eu achei que devia dizer alguma coisa, alguma coisa que tinha sido feito no Brasil. Então eu me recordo que eu falei, eu

descrevi um trabalho de Manoel de Abreu, no Brasil, que tem fama mundial, falei de Mauricio Godin, que foi o homem que fez a sala de cirurgia completamente asséptica, o Professor Sarinho o conhece. Então isso de Maurício Godin aqui no Brasil, que ele criou, se faz na América do Norte, eles têm salas assépticas e tudo o mais, mas foi criação nossa. E depois falei do trabalho de Carlos Chagas, sobre a Doença de Chagas. O estudo é nosso, do Brasil, e é uma coisa muito consagrada no mundo inteiro. Então foram esses três homens que eu focalizei para mostrar que nós temos também... Eles pensavam que não havia nada, coisa nenhuma.

Apresentador:

Dr. Monte, o seu depoimento, por favor.

João Maria Monte:

Bom, talvez eu tenha sido, a minha turma tenha sido uma das últimas turmas a ter tido o privilégio de ser aluno do professor Raul Fernandes. Uma das coisas que mais caracterizava o professor era a sua maneira como chegava para dar aula., com duas bolsas grandes, pareciam bolsas de feira, onde ele trazia um projetor de slide que tinha um ventilador que talvez tenha sido ele mesmo que tinha planejado e começava a mostrar aquilo. E, além de tudo, eu me lembro como se fosse hoje, no dia que ele abriu uma caixinha e dentro dessa caixinha tinha um prego e uma pedra. Aí ele prendeu o prego na parede para pendurar um cartaz. Quando tinha um aluno mais afoito que fazia uma pergunta e ia tentar discutir com ele, dizia: “Professor, segundo a revista *assim...*”. Ele dizia: “Meu filho, eu estive lá.” E muitas e muitas vezes mostrava o retrato dele como professor, os dois, e não tinha quem conseguia trazer nada de novidade, nem conseguir discutir nada com o professor, tudo para ele, ele sabia.

Apresentador:

Setenta e dois anos bem vividos, forte, sacudido, corado, pouco cabelo branco, rosado... como é que se consegue chegar aos 72 anos com esta disposição toda?

Raul Fernandes:

Bom, eu não sou um homem de grande saúde, porque eu sou hiper-alérgico. O alérgico é uma pessoa que não tem defesas. Não tenho imunidade. Então eu vivo tomando vacina e procurando me defender, porque não tenho defesas. Tanto assim que a minha família é de asmáticos, que é uma doença alérgica. Mas uma coisa eu fiz, e tenho certeza que foi isso que eu consegui sobreviver nessa luta. Eu sempre pratiquei exercícios. Fiz esporte. Eu jogava, o esporte era futebol, era esse tal de... uma espécie de beisebol no colégio, eu jogava. Quando fui para o Rio e para a Bahia eu remava, tenho até medalhas – eu ganhei medalha na Bahia, num campeonato. Remei sempre. Fui para o Rio, remava, remei lá no Rio de Janeiro, no Guanabara Clube, até me formar, eu remava no Guanabara Clube e patinava também, tinha muito ringue de patinação e tinha também o ginásio de esporte na Associação Cristã de Moços, eu ia sempre. De forma que eu vivia sempre praticando esporte. Nunca deixe de praticar. Já joguei tênis. Nos Estados Unidos meu esporte maior era patinar, que é o mais fácil. Mas é um exercício

muito grande. E aqui no Brasil eu faço o que posso, tenho bicicleta fixa, hoje se faz dentro de casa, eu remei muito, já tive um remo fixo. Eu tinha no Rio de Janeiro e tive aqui também. E exercícios também. De forma que eu sempre pratiquei esporte. Eu atribuo a isso.

Apresentador:

E os seus hábitos em matéria de fumo, bebida, comida...

Raul Fernandes:

Em matéria de alimentação, eu tenho cuidado. Muito cuidado. Minha alimentação, toda a vida, em casa, é no sistema americano. Também a minha comida é toda em água e sal, não tem tempero em comida nenhuma. Coloque se quiser, está em cima da mesa. É tudo nessa base, procurando mais verduras e coisas assim. Sempre foi assim. Isso é muito bom. Mas na parte de beber, eu sou franco: não. Sempre eu gostei de um uísque, fui permanente no uísque, a minha vida toda. Toda a vida. E hoje tomo vinho. Eu me lembro, quando estive na Alemanha, eu não senti o gosto da água, porque lá só se bebe cerveja. E na França também, só se bebe vinho. Então eu passei muito tempo, um ano, e não bebi água na Alemanha. E é difícil beber água na Alemanha, porque não tem mesmo, tem cerveja. De forma que eu sempre tomei meu uísque, meu vinho, a vida toda. Sempre fui assim. Agora, na parte de alimentação, não. Isso eu sempre tive cuidado.

Gley Nogueira:

Eu gostaria de abordar aqui mais dois temas que são muito característicos da vida do professor Raul, de quem convive com ele. Um foi muito recente, saiu na revista Manchete, se não me engano, foi a viagem dele no Zepelin, no Hindenburg. E também outro fato muito interessante, quem conviveu com ele, já viu as apresentações, é a viagem dele ao Egito.

Apresentador:

Como foi então a viagem no Hindenburg?

Raul Fernandes:

A viagem no Hindenburg foi deliciosa. Primeiro, ele voava baixo. Então ele tinha uma paisagem magnífica, porque a gente estava sentado e do lado era envidraçado e então a gente podia ver perfeitamente, até ouvir, se gritassem, porque ele voava, geralmente, a duzentos e pouco metros, então voando devagar, a velocidade média de 100 quilômetros, era uma maravilha. E em alguns lugares ele parava para a gente ver melhor. Então eu pude ver perfeitamente, detalhadamente, o norte da África. A travessia do Deserto do Saara, aqueles países do norte da África, até Dacar.

Apresentador:

O senhor voou de onde para onde?

Raul Fernandes:

Eu vim da Alemanha, de Frankfurt, da Alemanha para o Rio de Janeiro. Foram três dias de viagem, mas lentamente.

Apresentador:

E quanto custou a passagem?

Raul Fernandes:

Custo oito contos e quinhentos. Oito contos e quinhentos na época, não sei quanto seria hoje, não, mas muito alto... porque, naquela época uma passagem de navio custava, para a Europa, três contos e quinhentos. Eu comprei várias passagens. Eu paguei oito contos e quinhentos nele, era a passagem mais cara. Agora, ele fazia a linha, o Zepelin, em volta no mundo também, eles tinham para o mundo inteiro. A navegação aérea foi feita em Zepelin.

Alvamar Furtado:

As condições de conforto? Excelentes?

Raul Fernandes:

Excelentes. Semelhante a um navio. Quem conhece um navio... tinha camarote, banheiro, bar para fumar, salão de refeição, biblioteca, tinha um piano...

Apresentador:

As restrições ao fumo é que eram pesadas.

Raul Fernandes:

Somente lá no bar é que podia fumar, porque ele estava viajando com hidrogênio. Eu não sabia disso. Eu não sabia disso, que a gente estava voando com hidrogênio, pensei que ele estava com hélio.

Apresentador:

E a viagem? Houve alguma turbulência, houve algum problema de ventos, etc.?

Raul Fernandes:

Ele, na tempestade, se ele cair dentro de uma tempestade, ele joga muito, é idêntico a um navio. Joga muito. Em todos os sentidos e ele perde altura, pode cair. Então logo que ele saiu de Dacar, pegou uma tempestade. Ele desceu tanto, que eu estava vendo que podia cair dentro d'água, ele ficou mais ou menos a uns seis ou oito metros do mar. Eu dizia, "ele vai cair". Mas aí ele ligou os motores a toda e saiu da tempestade. Eles desviam. Mas ele cai porque perde peso, são 245 metros que ele tem de comprimento, então, na chuva, isso pesa, ele é mais leve do que o ar, qualquer coisa influi muito. Então com a chuva, ele perde peso.

Apresentador:

Quantas pessoas viajavam a bordo?

Raul Fernandes:

Quando eu viajei, iam poucos passageiros, parece que uns cinqüenta e poucos.

Alvamar Furtado:

Vinham brasileiros com você?

Raul Fernandes:

Vinham muitos brasileiros. A maioria descendente de alemães. Agora, vinham mais ou menos uns oito brasileiros. Ele joga e pára. Ele chegou aqui em Natal, por exemplo, parou, jogou correspondência de pára-quadras, deu uma volta e se dirigiu para o sul.

Apresentador:

Qual foi o seu sentimento quando soube do acidente com o Zepelim?

Raul Fernandes:

Bom, eu nesse ponto, se eu disser, fica interessante, mas eu olho a humanidade como má, de modo geral. Boa parte é má. Uma pequena parte é que é boa. O Zepelim foi destruído pelo fenômeno guerra. Foi o boicote feito. Os Estados Unidos não venderam mais o hélio para a Alemanha, já era a pré-guerra. E as limitações contra a Alemanha. Então ele foi derrubado por isso.

Apresentador:

Professor Clovis, o senhor se manteve calado, mas é contemporâneo do professor Raul Fernandes.

Clovis Sarinho:

Daqui, creio, dessa turma toda, quem conheceu Raul talvez antes, tenha sido eu. Em primeiro lugar. Eu conheci o dr. Raul em 1934. Iniciava eu a minha vida de médico em Caicó e vim para Natal e encontrei dr. Raul. De Caicó eu mudei para Natal. Cheguei aqui no dia 1º, ocupei o lugar que foi ocupado antes pelo meu ilustre colega, dr. José Tavares, que foi o primeiro cirurgião do Rio Grande do Norte, e um grande cirurgião que foi ele. Há tempos que ele não trabalha mais. E conheceu Raul. O hospital tinha um grupo de médicos muito pequeno. Raul me ajudava nas operações de cirurgia geral. E eu o auxiliava, algumas vezes, nas cirurgias da especialidade dele. Agora, eu apenas – você se lembra, não sei se recorda disso – encontramos aqui uma Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio Grande do Norte que tinha sido fundada a 1º de agosto de 31 e que apenas tinha feito duas reuniões. A primeira delas em 31, no mesmo ano, com uma conferência de Luis Antonio sobre o primeiro médico do Rio Grande do Norte, Luis Carlos Wanderley, que nasceu em Açú. E a segunda conferência, pronunciada pelo Januário Cicco, com o título “A Questão da Eutanásia”. Em 33. Cessaram as atividades. Chego eu aqui em 35, com 25 anos, tendo sido residente interno de hospitais, quando estudante e, me entusiasmando, insisti com o dr. Raul Fernandes, que chefiava a clínica de otorrino e de oftalmologia, para que ele, que era filho da terra e já estava aqui há algum tempo, em Natal, assumisse a

Presidência da Sociedade de Medicina, que fizesse um movimento para completar a sociedade. E o dr. Raul aceitou, a contra-gosto, mas aceitou, porque os médicos mais antigos não se interessavam. Fizemos um movimento muito grande e insistimos com o dr. Ernesto Fonseca, que era o mais antigo, para assumir a presidência. Ernesto não aceitou e o dr. Raul assumiu. Então, esse período, eu chamo o período áureo da Sociedade de Medicina e Cirurgia, porque, com o dr. Raul Fernandes, a Sociedade de Medicina fundou, criou, editou uma revista com o nome de Anais da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Essa revista publicou mais de sessenta trabalhos científicos, que eram apresentados em sessões. Agora, saíamos eu no meu carro – quando eu pude comprar automóvel, quando eu cheguei, não tinha automóvel, eu andava a pé, mas depois comprei um carrinho – saía eu no meu carro e Raul no dele, procurando os colegas, à noite, para fazer número para abrir a sessão da Sociedade de Medicina. E então isso, o movimento foi, com o dr. Raul Fernandes, na qualidade de Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia, quem movimentou a Sociedade

Apresentador:

Mas eu quero mais do senhor. Eu queria que o senhor me desse um retrato do amigo, do professor, do homem de cultura Raul Fernandes.

Clovis Sarinho:

A política também dividiu os médicos no Rio Grande do Norte. Eu, chegando de Caicó, no dia 7 de julho de 35, assumi o lugar de cirurgião, de chefe do Centro Cirúrgico do Hospital Juvino Barreto, lugar que tinha sido ocupado pelo meu amigo dr. Tavares. Então, encontrei o hospital Juvino Barreto, que mais tarde mudou de nome para Miguel Couto e muito marcou, hoje é Hospital das Clínicas, tinha um corpo médico pequeno. E dificilmente o médico ingressava no hospital. dr. Raul sabe muito bem disso. O dr. Raul Fernandes, filho da terra, tinha tido dois chefes de grandes escolas do Rio de Janeiro, um de otorrinolaringologia, que foi o professor Marinho e, o outro, o professor Abreu Fialho, de oftalmologia. Veio e ele já explicou porque veio para Natal, aqui se fixou e começou então a trabalhar, fazendo as duas especialidades no hospital Juvino Barreto. Então, dizia eu, ele há pouco referiu-se ao problema da anestesia. Naquela época havia anestesia, mas não havia anestesistas. De forma que o anestesista era improvisado, era uma freira, era um enfermeiro, uma enfermeira, então todos trabalhavam nisso muito tempo. Mas, em duas palavras, que eu não quero me prolongar mais, para não tomar o tempo de outros e mais do dr. Raul, para abrilhantar mais a nossa conversa com o que ele pode dizer. Então, vejo o dr. Raul como amigo, não porque esteja na sua presença, porque o dr. Raul representava o moço no hospital e uma ocasião, na presença do dr. Rafael Fernandes, quis bancar o mais moço, dizendo que, entre os dois, quem era o mais moço, se era ele ou eu – eu sabia que era eu. Então ele disse “Não, você deve ser mais velho do que eu”. Ele era mais velho do que eu, está com 72 anos e eu com 70. A prova é essa. Então, Raul era mais moço, com vinte e sete anos de idade. Os médicos se dividiram. Os médicos da Saúde Pública não entravam, não trabalhavam no hospital Juvino Barreto e os do Juvino Barreto não se davam com os da Saúde Pública. Para

movimentar a Sociedade de Medicina, foi preciso que aqueles médicos da Saúde Pública, que tinham sido nomeados por uma sucessão de interventores, entrassem também na Sociedade de Medicina e Cirurgia. Então o dr. Raul serviu para isso, demonstrando nesta época, muito moço, essa grande qualidade de amigo. Raul não tinha inimigos na classe. Sempre foi um grande amigo de todos os colegas, como profissional como médico, como colega, excelente colega. Isso eu não me canso de dizer, porque é uma verdade. Como profissional, competente. Muito capaz e há pouco o Gley relatou esse fato. Mesmo naquela época, as operações maiores da especialidade, Raul realizava com muita correção, com muita capacidade, com muita competência. De forma que um excelente profissional e ainda mais, sob outro aspecto, do médico propriamente, nunca se precisou de Raul para se falar, Raul, tem um paciente pobre, não tem recursos que Raul se negasse a atender. Jamais. Ele estava pronto para atender da mesma maneira que o paciente rico, aquele que dispunha de recursos, que podia remunerar muito bem. Ele atendia da mesma maneira o paciente pobre, no leito do hospital, se chamava de indigente – hoje esta palavra está condenada – mas o fato é que Raul fazia tudo isso. Então era um médico, não era apenas um profissional competente, capaz. Era um médico no sentido humano da profissão. Um exemplo e um modelo.

Apresentador:

Ainda não falamos de sua vida familiar. E eu queria que o senhor desse um testemunho sobre a sua vida familiar.

Raul Fernandes:

Isso é uma pergunta muito interessante. Eu não tenho nenhum ... eu sou um indivíduo muito feliz. Eu acho que a maior felicidade que o homem pode ter na terra é ser bem casado. Eu acho. É uma lei natural. E eu vivo nesse paraíso. E, além do mais, minha mulher comunga comigo, porque ela estuda. Tudo o que eu leio, ela lê, não só as aulas, medicina, tudo mais. Com todos esses trabalhos, ela bate à máquina, ela faz, ela sabe, ela corrige, ela lê, ela participa totalmente da minha existência, dos meus negócios e da minha vida. Nós comungamos, como uma pessoa só. Então, sou muito feliz.

Apresentador:

Aposentado compulsoriamente, na flor da idade, na flor da disposição, o que o senhor pretende fazer? Quais são os seus sonhos, qual é a sua expectativa de vida para o futuro?

Raul Fernandes:

Bom, eu nunca olho a minha idade, se eu olhasse já estava morto, já tinha morrido há muito tempo. De forma que eu me comporto como se não tivesse aposentado. Eu leio, faço trabalho, agora mesmo estou fazendo um outro trabalho, me pediram, já vai, estou sempre cheio, não tenho tempo para coisa nenhuma, tenho até dificuldade de ler jornais, passo por cima, só as coisas que me interessam. Não ouço discursos, nem essas coisas de rádio. Minha vida é cheia, eu não tenho tempo para ver a minha idade.

Segunda entrevista de Raul à TV Universitária¹

Apresentadora:

... em Medicina. Fez pós-graduação na universidade nos Estados Unidos, na Filadélfia. Fixou residência nos Estados Unidos. Em 42, foi convocado e serviu ao esforço de guerra no Hospital Policlínico de Nova York. Em 44 ele volta ao Brasil e aqui ele é citado como pioneiro no diagnóstico do câncer pulmonar. Participou da criação da Faculdade de Medicina aqui em Natal. Tomou posse na Academia em 83, escreveu vários livros sobre medicina e dois outros livros, *A Marcha de Lampião* e *Antonio Silvino no Rio Grande do Norte*. Além de tudo isso, ele é um ótimo contador de histórias e vai conversar com a gente hoje sobre a sua vida e contar algumas histórias.

Boa Noite, Dr. Raul Fernandes.

Raul Fernandes:

Boa Noite.

Apresentadora:

Boa Noite, Alvamar, Boa Noite, Diógenes da Cunha Lima. Podemos começar.

Alvamar Furtado:

Raul, você é um homem de Mossoró...

Raul Fernandes:

Muito bem.

Alvamar Furtado:

... da família Fernandes...

Raul Fernandes:

Sim.

Alvamar Furtado:

... família tradicional. Você podia localizar a sua infância em Mossoró?.

Raul Fernandes:

Posso. Foi muito curta, porque eu vivi até a idade de doze anos em Mossoró. Com doze anos fui para Recife, para Olinda, interno em um colégio – naquele tempo

¹ (Programa *Espaço Cultural*, ano de 1990, aos 82 anos de idade. O cuidadoso trabalho de transcrição foi feito por Elizabeth Fernandes, sobrinha de dona Lília, esposa de Raul.)

era interno – e eu tirava as minhas férias, quase todas, lá mesmo em Recife, na casa de uns parentes, em um engenho perto de Jaboatão. De modo que a minha infância lá, quando jovem, foi até os doze para treze anos. Uma coisa que me recordo muito bem, é que eu ia à escola em Mossoró, para ter aula, eu ia montado num... papai tinha um sítio perto e eu ia lá para a escola mesmo, na cidade, entrava, num burro, um burrinho manso, montava nele e lá atrás já tinha aquelas cocheiras para os meninos guardarem os burros. Ainda alcancei diligência. Eu me lembro de um médico lá, andava na diligência. Tinha diligência. Automóvel, tinha aparecido um, de um milionário, que foi Delfino Freire, mas era o único carro que tinha em Mossoró. Não tinha automóvel quando eu era menino lá. E eu me lembro que era tão difícil, que o chofer dele – é incrível, hoje não parece nem verdadeiro, mas foi – ele teve que mandar buscar o chofer na França, porque ninguém no Brasil sabia dirigir automóvel. Não havia automóvel. Então, esse chofer veio. O chofer, chegando em Mossoró, fez uma exigência. Todo mundo sabia disso e era verdade. Ele disse: “Eu não bebo essa água. Essa água não presta e eu não bebo água. Eu bebo vinho, eu sou francês”. Então Delfino Freire comprava vinho, comprava em Aracati, que era o porto principal do nordeste, era Aracati, naquela época, e então ele bebia só vinho, o chofer.

Alvamar Furtado:

Isso o único carro em Mossoró?

Raul Fernandes:

Era esse. Depois apareceu um outro também. Naquele tempo era...

Alvamar Furtado:

Você fez o curso secundário em Recife.

Raul Fernandes:

Em Recife.

Alvamar Furtado:

Lembra-se de alguém de sua geração no Recife, do tempo de ginásio, que se sobressaiu na vida, que ocupou posições de destaque, intelectuais, profissionais, médicos, advogados, lembra-se de alguém do seu tempo de ginásio?

Raul Fernandes:

Tive muitos, mas estou meio esquecido, mas tive muitos, todos se projetaram, muitos deles... Por exemplo, os Oiticica estudaram comigo lá no colégio em Recife. Os Oiticica são importantes.

Alvamar Furtado:

Os Oiticica?

Raul Fernandes:

Oiticica. Muito meu amigo. Nós estudamos juntos. Ele era um pouquinho mais velho do que eu e, então, mais adiantado. Eles eram ricos, importantes. Depois

vinha um outro irmão, o Fernando, e depois vinha um outro mais moço, que foi para uma classe mais baixa. Eram importantes. Os Oiticica sempre tiveram projeção. E outros na política também. De forma que...

Alvamar Furtado:

Você saiu de lá para Salvador?

Raul Fernandes:

Salvador. Justamente pela razão seguinte, não havia escola de Medicina em Recife. Tinham fundado há pouco tempo e não valia nada. Não adiantava estudar lá. Então, as universidades médicas, escolas médicas importantes no Brasil eram Bahia, Rio de Janeiro; São Paulo, mais ou menos e tinha uma no Rio Grande do Sul. O resto não tinha nada, estava começando e por isso todo mundo ia estudar na Bahia.

Alvamar Furtado:

Mas você começou primeiro Direito ou Medicina?

Raul Fernandes:

Foi o seguinte: eu cheguei na Bahia e vi que era difícil o vestibular, não estava preparado para aquilo e comecei a estudar para o vestibular. Ia ficar um ano estudando para o vestibular e eu, como não paro... Então Hermes – você falando agora em amigos – na pensão que eu estava, fiquei amigo de Hermes Lima, eu acho que você conheceu de nome.

Alvamar Furtado:

Ah, o jurista...

Raul Fernandes:

Foi importante, foi deputado, foi político, foi isso, foi aquilo, foi professor da escola de Direito muito moço. Então ele estava lá e disse: “Raul, você vai ficar aqui um ano, entra para a escola de Direito”. Eu digo: “Quando?”. Ele disse: “Vai lá e se inscreve, porque daqui a uns três dias vai haver exame”. Eu digo: “Mas eu não estudei, nem tenho programa, nem tenho...” “Não, mas você lê muito, você pode, não precisa de programa nem de coisa nenhum para você, não. Vá lá e se inscreva”. Eu fui lá me inscrevi, fiz o vestibular e entrei. Aí eu estudei Direito e continuei estudando, entrei na escola de Medicina e continuei fazendo os dois cursos juntos. E às vezes acontecia que eu tinha – isso é muito curioso, já que você quer saber dessas coisas, isso eu não me esqueço – o curso de medicina é muito puxado, direito é mais fácil, que é mais teórico... Mas acontecia, às vezes, que eu tinha um exame, às nove horas, na escola de Direito e tinha outro, vamos dizer, às nove horas também na escola de Medicina. Eu chegava na hora do exame na escola de Medicina, e como a turma era grande na escola de Medicina, era maior, eu dizia: “Professor, eu tenho um pedido a fazer”. Ele dizia: “Qual é?” “Eu queria ser um dos primeiros a ser chamado”. E acontecia que a maior parte dos alunos queria ser os últimos, porque era mais fácil, tornava-se mais fácil sendo o último, porque aqueles pontos que saíam, o sujeito estava livre daquilo, já

tinham sido tirados e o sujeito ficava lendo nos livros os pontos que pudessem cair. E eu era dos primeiros. Então, o professor tinha a impressão, e os outros estudantes, que eu sabia muito – sabia nada – é que eu tinha que fazer um exame na escola de Direito. Eu então fazia o exame dali e saía correndo para a escola de Direito para fazer exame lá. E assim eu consegui me formar em Direito, em 1930. Aí fiz até o quarto ano de medicina e então fui para o Rio. Foi assim.

Alvamar Furtado:

Da sua turma de medicina, quem era do Rio Grande do Norte naquele tempo?

Raul Fernandes:

Os nomes todos... Um deles é Onofre Lopes. Isso eu sei.

Alvamar Furtado:

Onofre foi seu colega de turma?

Raul Fernandes:

Colega de turma no Rio de Janeiro. E teve um outro também – estou esquecido... – teve um outro que trabalhou aqui muito tempo e depois foi para a Paraíba. E outros mais moços que ficaram por aqui, mas morreram logo, morreram logo, esses.

Apresentadora:

A partir daí o senhor resolveu ir para os Estados Unidos, por que?

Raul Fernandes:

Pelo seguinte, porque eu estudava muito, modéstia à parte, e no Brasil não tinha onde. Os livros eram todos... Primeiro eu tive que estudar alemão. E, quando eu me formei em Medicina, o meu professor estudou na Alemanha. E a Medicina vinha toda da Alemanha. Vinha da França também.

Alvamar Furtado:

Mas você, antes de viajar para o estrangeiro, você teve a oportunidade de clinicar aqui em Natal, não?

Raul Fernandes:

Tive. Justamente. Eu fui, tendo clinicado aqui em Natal, já. Aí, eu vim. Eu não conhecia ninguém aqui em Natal. Se eu disser isso...

Alvamar Furtado:

Você não passou por Mossoró quando clinicou, não? Logo que você voltou...

Raul Fernandes:

Não, nada disso. E aqui aconteceu de eu vir a Natal, porque fazia mais de quatro anos que eu não via a minha mãe. E a minha mãe disse: “Não é possível, meu filho se formou, quer ficar lá no sul e eu não o vejo”. Eu, com medo que ela morresse, disse: “É uma coisa muito triste, eu vou visitar a minha mãe”. Arrumei

as malas, preparei tudo e vim a Natal. Isso, em 1933. Cheguei aqui em Natal – lá em frente à maternidade, ali era a casa dela – “Eu vim passar aqui três meses para ver a senhora. Vou embora para o sul, não fico aqui, não”. Eu não conhecia ninguém em Natal. Aconteceu até o seguinte: quando eu estava no Rio, em Santa Tereza, o Dr. José Tavares – que eu não conhecia, eu não conhecia nenhum médico aqui, ninguém – queria viajar à Argentina. Então a pessoa disse, procure Raul Fernandes, deu o endereço, que ele conhece a Argentina, ele esteve lá, etc. Aí José Tavares me apareceu. Eu dei os endereços da Argentina e disse: “Tavares, eu vou a Natal, me apresente a um médico”. Ele então fez uma carta para Luis Antonio. Eu trouxe uma carta, não conhecia ninguém. E assim é o mundo, vai andando. Aí eu fui ficando. E começaram a chegar doentes para operar, ninguém operava nada aqui.

Alvamar Furtado:

Você já saiu com a especialidade de otorrino?

Raul Fernandes:

Eu fazia toda cirurgia de otorrino e de olhos, porque eu sempre trabalhei, nunca tive feriado.

Alvamar Furtado:

Naquele tempo era admissível misturar oftalmologia com otorrino?

Raul Fernandes:

... com otorrino, as clínicas eram juntas... E eu sempre trabalhei no hospital. O que adianta é a prática. Eu trabalhava nas férias, trabalhava em tudo, então, quando eu me formei, eu sabia operar.

Diógenes da Cunha Lima:

Fiquei curioso, dr. Raul. É sobre ... o senhor foi colega de turma do dr. Onofre Lopes...

Raul Fernandes:

Fui. Um momento. Mas eu não tive relacionamento nenhum com ele lá. Porque na minha turma, foram 380. Então, cada um... 380.

Alvamar Furtado:

Era uma turma de 380?

Raul Fernandes:

Sim, porque todo mundo do Brasil ia para lá.

Alvamar Furtado:

Como era possível estudar Medicina com 380 alunos?

Raul Fernandes:

É possível, porque a Medicina era prática, e então era dividida em turmas que ficavam trabalhando em determinados hospitais do Rio, porque era justamente a parte prática e ficavam todos trabalhando nos hospitais. Vamos dizer, trinta iam para o hospital tal, trinta para o hospital tal, distribuídos com os professores.

Diógenes da Cunha Lima:

Mas aulas teóricas para 380?...

Raul Fernandes:

Aulas teóricas, davam também.

Alvamar Furtado:

Eram aulas discursivas, não?

Raul Fernandes:

Não, não. As aulas eram mais práticas. Era um sistema muito bom. Sistema americano, porque na América é assim, a aula é mais prática, é pouco teórica, teórica é uma coisa resumida, porque o que é teórico o sujeito pode ler em casa em livro. Então, deve aprender na prática. Então, tínhamos mais prática.

Diógenes da Cunha Lima:

Outra coisa, para não esquecer. O senhor... Hermes Lima que foi...

Raul Fernandes:

Éramos muito amigos. Moramos juntos um ano...

Diógenes da Cunha Lima:

Moraram juntos...

Raul Fernandes:

Juntos...

Diógenes da Cunha Lima:

Que tal esta figura aí? Como era o jeito dele?

Raul Fernandes:

Hermes Lima, foi o seguinte: ele foi logo um dos primeiros funcionários do governo. Isso eu sei. Ele tinha muito prestígio junto ao governo, porque ele falava muito, era orador. Então houve uma vaga na escola de Direito e ele foi colocado na escola de Direito, e foi ser professor, mas não tinha nem tempo de preparar as aulas, ele chegava e dizia: "Eu não preparei a aula..." Não tem importância... Aí ficava fumando, batia um papo e ia embora. Ele não dava aula.

Diógenes da Cunha Lima:

Mas o senhor chegou a exercer, a fazer alguma atividade como profissional de Direito, também, não?

Raul Fernandes:

Atividade, não. Mas cheguei, alguma coisa. Uma coisa aconteceu em Direito. Essa é muito boa... (rindo)... Passando em Mossoró, tinha lá um preso, um possesso, era um assassino. O juiz nomeava. O promotor disse: “Raul Fernandes está aí, ele está formado”. Eu tinha passado para visitar meus pais, para ver não sei o quê... tinha ido visitar minha mãe, para ver um negócio de Salinas. Ele disse: “Raul, a gente pode nomear uma pessoa, eu botei você para ser o advogado dele”. Eu digo: “Mas, não é possível!” “Não, vai. Você vai demorar aqui...” E o promotor me orientou tudo e eu fiz uma defesa dele. Foi só isso que eu fiz.

Alvamar Furtado:

Foi a única coisa que o senhor fez no campo do Direito?

Raul Fernandes:

É. Era um assassino. Nunca mais me esqueci disso. E outra coisa que eu tive de experiência, mas aí não tem nada que ver com ser formado em Direito. Eu fui jurado no Rio de Janeiro. Não tem nada a ver. É independente.

Alvamar Furtado:

Raul, me diga, quem foram os seus professores de maior renome na Medicina, naquela época. Você foi aluno de Miguel Couto?

Raul Fernandes:

Fui. Ele me examinou em Clínica Médica. Foi Miguel Couto. É... Já tinha um nome enorme. Miguel Couto era muito boa pessoa. Eu vou lhe contar até um episódio. Eu não tinha tempo, porque eu trabalhava muito no hospital. E aqueles estudantes mais vadios, quando chegava na época do exame, iam lá na enfermaria e escolhiam os doentes mais fáceis, porque lá o candidato podia escolher o doente para examinar para o professor, as aulas práticas e teóricas eram feitas. Então, eu tinha uns amigos, “Raul, você não foi lá escolher um doente. Já está tudo escolhido, só tem um lá que ninguém quer, porque está difícil, ninguém sabe o diagnóstico”. E eu... o que vou fazer? Eu trabalhava no hospital, tinha operação, tudo mais... em outro hospital, era o São Francisco e esses exames todos eram feitos na Santa Casa da Misericórdia, que era o maior centro de estudo do Brasil, a Santa Casa da Misericórdia. Lá estavam os maiores médicos, era Miguel Couto... todos os grandes médicos do Brasil. Aí eu cheguei, olhei, estava tudo tomado. Tinha um doente. O que ele tem? Ninguém sabia. Doente... já tinha sido examinado pelos médicos, professores... não tinha diagnóstico. “Só tem esse sujeito, tenho de ficar com ele. Pois vou ficar”. Chegou Miguel Couto. Miguel Couto chegou junto de mim e disse: “Você escolheu esse doente? O que ele tem?” “Professor, eu examinei muito, mas não sei o que ele tem”. Ele disse: “Muito bem. Você disse uma verdade. Nós não sabemos também...” Ótimo... isso

é verdade. É interessante, você falando em Miguel Couto, eu me lembro muito disso.

Alvamar Furtado:

Raul, você podia... você que estudou a Medicina em uma época em que o médico tinha uma presença mágica na sociedade... você podia estabelecer uma comparação entre a Medicina que você aprendeu... o seu ambiente médico do seu tempo e a Medicina de hoje, como se aprende nas nossas faculdades... você pode estabelecer uma comparação entre essas duas técnicas de ensinar Medicina no Brasil?

Raul Fernandes:

A Medicina caiu, a meu ver. Primeiro, é que eu levei a vida ensinando, também. Quando eu estava no Rio de Janeiro, eu tive uma grande experiência porque eu, muito moço, fui professor. Não era nomeado por escola nenhuma, foi Fernando Paulino, que era um dos maiores cirurgiões do Brasil, na época. Ele dava curso de Medicina para médicos e professores, não era para alunos. Então vinham de São Paulo... onde não tivesse escola, iam para lá. Inclusive daqui, uma vez, José Tavares foi lá no curso... achei uma graça, o encontrei lá. E eu dava aulas lá. Então eu sofria muito, porque tinha que estudar muito, eu era moço, não tinha experiência para isso... sofria muito. Mas acontece o seguinte, a Medicina, você perguntou, a de hoje, daquele tempo, é que naquele tempo nós fazíamos Medicina seguindo as normas mais ou menos hipocráticas. A Medicina é uma profissão que o sujeito tem que se dedicar de corpo e alma, não pode haver interesses especulativos, dinheiro...

Alvamar Furtado:

Não existia o INPS ainda...

Raul Fernandes:

Nada disso. Os médicos, então, naquela época, que não sabiam Medicina, procuravam emprego. Então dizia-se, na época, quando o médico era empregado, que não sabia nada.

Diógenes da Cunha Lima:

Era um profissional liberal...

Raul Fernandes:

Tinha que ser liberal e lutar mesmo. Agora, com a socialização da Medicina, que justamente hoje está todo mundo no INPS, não precisa saber nada. A questão é ter o emprego. Isso eu dizia em aula e disse até terminar de ser professor aqui. Eu dizia em aula, vocês não precisam saber nada de Medicina, precisam apenas, quando se formar, arranjar um emprego. E é mesmo. Porque aí vai ser médico do INPS, disso, daquilo. Antigamente não, ele ia passar mal...

Apresentadora:

Como foi o senhor como médico nos Estados Unidos, qual a sua participação?

Raul Fernandes:

O mundo é complicado. Tudo acontece sem a gente esperar. Eu nunca esperei me demorar na América do Norte. Eu só fui à América do Norte porque... naquela época, no Brasil, ninguém falava na América do Norte. Ninguém ia estudar na América do Norte. A América do Norte era considerada um país atrasado, onde só havia filme de *cowboy*. Era essa a mentalidade. Aí eu fui para a Alemanha, que era o grande centro. Estudei alemão, sofri muito... depois... voltei para o Brasil e fui convidado depois pela Academia da Alemanha e aí houve mordomia. Eu voltei à Alemanha. Quando eu estava lá, arrebentou a guerra. E eu não terminei um estudo que eu queria fazer, de laringe. Aí é que está. E se fazia muito bem na América do Norte. Era uma coisa que eles faziam muito bem, laringe. Tinham os maiores serviços. Eu voltei para o Brasil. Cheguei no Brasil, já tinha começado, a guerra estava na Europa, aí eu falei com o Secretário da Embaixada, que era Ellison Shoner, que veio aqui bem um ano, foi quem organizou essas bases, tudo isso. "Ellison Shoner, eu quero ir à América para aprender essa parte cirúrgica de laringe, porque eu não vou aprender em lugar nenhum, só onde se faz é na América..." "Você quer ir?" "Quero". "Pois eu lhe arranjo". Arranjou e lá vou eu para a América. Aquela coisa casual, que acontece. E eu fui trabalhar. Quando cheguei lá, eles falam pouco nos Estados Unidos. Cheguei lá e falei com o professor e disse a ele os meus títulos, tudo o que eu tinha. Ele disse: "Não interessa título. Nada, nenhum. Interessa o que você sabe. Só isso. E a gente fica sabendo logo o que você sabe, quando o sujeito está trabalhando aqui". Eu disse para ele: "Mas eu queria trabalhar aqui". "Você tem pós-graduação aqui nos Estados Unidos?" "Não". "Só pode com pós-graduação". "E quando é que tem isso?" "Vai começar uma pós-graduação agora na Universidade, você pode entrar".

Diógenes da Cunha Lima:

Universidade de Temple?

Raul Fernandes:

Temple. Aí eu entrei, me matriculei. Era barato, entrei. Fiz o curso de pós-graduação. Passei no curso e, depois de terminado, que é todo prático, o ensino na América é todo prático, diferente do Brasil... tudo prático. Cirurgia, laringe, eu tinha que operar cadáveres, animais mortos, depois examinar animais vivos, cachorros, cães vivos e depois daquilo tudo, de já ter treinado, é que podia examinar um adulto. Tudo isso fazendo na prática. As aulas teóricas eram bem curtinhas. Eles diziam "Não, isso você pode ler em livro". Bom, mas eu digo, "Eu quero trabalhar, porque se não trabalhar, não sei..." "Você vai ficando aqui, vai trabalhando, depois a gente diz se você pode ficar ou não". E eu trabalhei. Fiquei trabalhando, trabalhando, trabalhando, uma coisa horrorosa, eles trabalham demais... e eu então, um belo dia, para surpresa minha, chego lá olho no quadro e diz: Professor Assistente Raul Fernandes. Chamei a enfermeira: "Por que colocaram aqui Professor Assistente? Não sou professor... sou estrangeiro, vim aqui..." "Não senhor, o senhor está nomeado professor pela universidade". Eu estranhei demais... me arrasaram... resultado: me deram um trabalho enorme e eu

fiquei como Professor Assistente. Isso me serviu muito depois, porque todos os hospitais eram abertos a mim. Em Nova York eu não tive dificuldade em canto nenhum. O primeiro hospital que eu entrei – porque eu queria trabalhar porque eu tinha sido convocado pelas Forças Armadas nos Estados Unidos, e então eu conversei com os médicos e eles disseram “Raul, vê se você trabalha no hospital, está havendo falta de médico, tremendamente. Estão todos convocados nas Forças Armadas, está havendo falta”. E eu já estou nas Forças Armadas. “Vê se você vai trabalhar no hospital aqui”. O primeiro hospital que eu entrei – não conhecia ninguém – subi, cheguei no serviço de Otorrino, tinha um professor que estava operando. Quando ele acabou eu me apresentei: “Sou Raul Fernandes”. “Muito bem. De onde você vem?” Eu digo: “Venho de Filadélfia”. “O que você é lá?”. Eu digo: “Eu sou assistente do Professor Jackson”. Ele aí me deu as costas. Virou para a enfermeira e disse – foi só isso – “Tudo o que ele quiser aqui ele faz, ele já é professor aqui. Até logo, passe bem” - me deu a mão, só isso. E eu fiquei... trabalhava na hora que queria, tendo tudo, fui nomeado para lá. Uma coisa tremenda. Depois foi que eu vim saber porquê. Porque eles tinham um respeito enorme por qualquer médico que viesse do Temple University, porque era o ponto de base do saber na especialidade. Era lá. E, como eu tinha vindo de lá e era Professor Assistente, os hospitais eram todos abertos para mim. Aonde eu chegava, era uma facilidade...

Alvamar Furtado:

Raul, você, pelo que você disse aí, você foi primeiro para a Alemanha...

Raul Fernandes:

Primeiro para a Alemanha.

Alvamar Furtado:

Depois foi para os Estados Unidos.

Raul Fernandes:

Da Alemanha eu fui para os Estados Unidos por causa da guerra que tinha começado.

Alvamar Furtado:

Aí é que está. Você estava na Europa, na Alemanha, quando começou a guerra. então você deve ter uma experiência curiosíssima, que é a sua presença na fase hitlerista. O ambiente da Alemanha naquela época, você poderia descrever como era a Alemanha na pré-guerra, na fase já de Hitler?

Raul Fernandes:

Eu passei em 1936 um ano lá estudando. A Alemanha era a nação mais adiantada da Europa. A ciência médica vinha toda da Alemanha. Todo o saber. Toda cirurgia de cabeça e toda cirurgia de laringe, que é a minha especialidade, vinha tudo da Alemanha. Os outros países iam copiando, fazendo, estudando... mas vinha tudo de lá, porque eles estudavam muito, na Alemanha. Eu verifiquei isso lá, quando trabalhei. Agora, tudo muito bem, mas o Hitler assumiu, e com aquela política.

Mas, a parte intelectual na Alemanha era toda contra. Todos. O Hitler sabia disso. O que ele fez? Fez a *Hitlerjüden*, quer dizer, a Juventude Hitlerista, colocando os jovens e doutrinando, fazendo batalhões de crianças de doze anos e treze. E com isso ele fazia tudo na cidade, nas ruas, com esses batalhões de jovens, porque os intelectuais, adultos, todo mundo ia sair. E achavam que a Alemanha ia ser destruída, os intelectuais.

Alvamar Furtado:

O anti-semitismo já estava instalado? Já violento?

Raul Fernandes:

Não. Não aparecia nada assim. Nem se falava. Mas, já tinha, quando começou a guerra, ele bloqueou o dinheiro dos semitas que estava no banco. Eu era amigo de um judeu, passei dois meses na casa de um judeu, muito amigo, que tinha sido coronel do exército alemão e eu disse para ele: “Meu amigo, você vai embora daqui, porque já bloquearam o seu dinheiro...” Ele disse: “Não, mas não vão fazer nada com a gente”. Qual nada! O negócio foi piorando, piorando, foi aquela calamidade que você conhece, muito grande.

Diógenes da Cunha Lima:

Mas Dr. Raul, o senhor estava em Berlim?

Raul Fernandes:

Estava em Berlim. Mas o melhor é o seguinte: os professores que estavam lá em Berlim eram sábios. Eu tenho livros deles aí, um colosso! E na América, e no mundo! São pioneiros da cirurgia, de tudo isso. Todos saíram da Alemanha. A América do Norte recebeu todos. Depois eu encontrei, quando fui à América, encontrei vários que tinham sido meus professores, estavam lecionando nas universidades americanas. E outros foram para a Inglaterra. Eu trouxe uma lista de sábios, professores médicos alemães e falei aqui com o Ministro – me esqueço o nome dele – Ministro da Educação. “Olha, eu estou com uma lista aqui, são uns sábios. Os americanos, russos, todo mundo vai estudar lá, quem quer aprender medicina, vai estudar lá. Então eles vêm para o Brasil, eles querem sair da Alemanha”. Ele disse: “Nós não precisamos de médico”. Não quis nenhum. Então eles foram para os Estados Unidos e Inglaterra, encontrei com vários que eram meus amigos, lá nos Estados Unidos, quando voltei. Eu me lembro de um que foi para a Columbia University, eu me dava muito com ele. O Brasil não se interessou.

Alvamar Furtado:

Raul, e a vida em sociedade naquela época?

Raul Fernandes:

Então eles saíam, se inscreviam em um programa feito pelo governo. As crianças saíam e escreviam nas portas, nas janelas: “Aqui não é permitida a entrada de judeus.” Em todo restaurante escreviam isso. Eu tinha amigos alemães, muitos, e então eu entrava nesses restaurantes e eles ficavam indignados. “Escrevem tudo

isso, tudo feito pelo governo, não somos nós, e a propaganda é que é o povo alemão que não quer o judeu. É feito pelo governo, que está tomando tudo que eles têm". Era o dinheiro que eles queriam, só o dinheiro. E a coisa era desse jeito.

Diógenes da Cunha Lima:

Havia manifestações militares nesta época?

Raul Fernandes:

Não.

Diógenes da Cunha Lima:

Manifestações civis, militares...

Raul Fernandes:

É o seguinte: é que os jovens faziam parte de batalhões, chamava-se a Juventude Hitlerista. Isso é que tomou conta das cidades. O Mussolini tinha também, fez coisa semelhante. Era isso que fazia o eco. Mas a parte intelectual achava que era destruído. Eu era muito amigo – esse eu ia a tudo que era restaurante e tudo o mais – com um alemão de idade, que tinha servido na guerra, ele era da Gestapo – muito meu amigo. Então ele contava tudo. Dizia: “Nós estamos arrasados. O pessoal está achando que vai ganhar a guerra, o Hitler invadiu a Polônia, a Inglaterra declarou guerra e nós vamos ser arrasados. Mas eu não posso dizer nada disso, só estou dizendo a você”. Eu digo: “Está certo”. “E eu estou dentro disso, senão eu morro de fome. Eu estou na Gestapo”. Mas ele era contra.

Alvamar Furtado:

E aquele entusiasmo popular... era aparente?

Raul Fernandes:

Aparente. Ou morria de fome.

Alvamar Furtado:

Era um entusiasmo simulado...

Raul Fernandes:

Quem fosse contra ele seria punido, o governo tinha campo de concentração, enviava para outro canto... uma coisa tremenda.

Alvamar Furtado:

Raul, me diga uma coisa: quando explodiu a guerra, como você conseguiu sair da Alemanha?

Raul Fernandes:

Ah, isso aí foi difícil! Isso daí, foi.

Alvamar Furtado:

Eu gostaria de saber dessa dificuldade.

Raul Fernandes:

Foi difícil mesmo. O primeiro lugar que eu procurei para sair da Alemanha foi a Embaixada da Holanda, muito amiga do Brasil, os holandeses aqui, tudo mais... Quando cheguei lá, “As fronteiras estão fechadas, não damos mais passaporte a ninguém. Se você tem chegado aqui antes de estourar a guerra, nós dávamos, com todo prazer, para brasileiro, pode entrar...” Moral da história: todos os países estavam com a fronteira fechada. Como é que eu podia sair? As agências estavam fechadas – de avião. E como é que eu ia sair da Alemanha? Eu digo: estou ruim, mesmo, aqui. Aí eu notei que, no campo de aviação – eles estavam bombardeando a Polônia – estava cheio de avião. Passei por lá. Só botando bombas... e eu, conversando com um alemão, com outro, disseram: “Às vezes passa um avião aí vazio, se você quiser comprar uma passagem, vai para outro país, mas você não poderia entrar em outro país porque não tinha visto”. Aí eu corri para a Embaixada Brasileira, fui falar com o Embaixador. “Embaixador, eu preciso de um visto para sair da Alemanha. Não tem país que aceite mais nada que vai da Alemanha, porque eles não confiam”. Aí ele olhou assim e disse: “Mas eu sou amigo ainda da Suécia, e eu vou falar com o Ministro da Suécia”. Falou, telefonou para o Ministro da Suécia. “Pois não”. “Raul, você tem um visto para entrar na Suécia”. E me deu.

Alvamar Furtado:

De brasileiro só tinha você?

Raul Fernandes:

Não, eram vários. Todos com problemas. Vários brasileiros. Alguns ficaram, se liquidaram, entraram na guerra. Outros saíram, fugindo assim, como eu fugi. Então, quando eu saí, saiu outro também, outro brasileiro. Ai eu cheguei no campo de aviação só estavam colocando bombas e bombardeando a Polônia. Eu falei “Eu quero uma passagem”. “Não tem avião. Mas está, vez por outra, passando um avião vazio. Agora, não tem segurança, pode ser derrubado. Agora, sendo um avião neutro é mais difícil ser derrubado, ele faz um vôo rasante, você vai, reconhece e deixam. Você quer ir assim? Não tem segurança”. “Quero, eu preciso sair. Vou nesse”. Aí lá, fiquei tomando chop – que é o que se bebe na Alemanha, é cerveja – e quando deu onze horas ele me chamou: “Raul Fernandes, tem um avião aí que tem lugar, para ir para a Suécia. É perigoso. Tem que voar por cima da zona de guerra, por cima do exército alemão”. Mas era um avião neutro. E, de fato, eu voei por cima do exército alemão. Ele voando baixo e eu vendo o exército alemão embaixo. Uma coisa terrível aquilo. Mas eles não atiraram, não fizeram nada. O avião desceu na Suécia.

Diógenes da Cunha Lima:

Era um avião sueco?

Raul Fernandes:

Era um avião sueco. Mas eles derrubavam também um avião desses, se voasse alto, se não obedecesse... e se eles precisassem de um avião, mandavam descer. Agora, como você está procurando minha saída da Europa, para eu sair da Suécia foi difícil também. Eu era muito amigo do Embaixador. “Senhor Embaixador, eu quero ir embora daqui”. “Raul, não dão mais visto para você não, porque todos os brasileiros que eu dei visto para sair da Suécia não tiveram coragem. Desistiram”. Isto porque todo o mar em torno daquela península, do Báltico, estava tudo bloqueado com submarinos, aviões de combate, de guerra – a luta, era a guerra ali, foi na Polônia ... justamente pegava o sul da Suécia. Ele disse: “O brasileiro desiste”. Eu digo: “Me dê um visto que eu não desisto, me dê a passagem que eu não desisto”. “Eu vou dar, Raul”. Fui a muita festa na Suécia. Aconteceu uma coisa até bem interessante: a maior festa da Suécia eu assisti, porque ele me levou, eu sentei lá na mesa: a Festa das Debutantes da Suécia. Eram mais de quarenta, cinqüenta moças, milionárias, fazendo os quinze anos de idade... uma festa! Dancei muita valsa. Eu dancei muito. Foi muito bom. Enquanto isso, de noite, a cidade era toda no escuro, em blecaute. Havia aqueles holofotes... esperando um ataque alemão. E na costa, a luta. Mas o fato é que eu peguei um avião. Peguei um avião, já sabe: bagagem uma coisinha de nada, não pode levar tudo, a minha bagagem ficou quase toda na Alemanha, ainda teve essa. Levei só umas coisinhas. “Você vai para a Holanda”. Na Holanda, eu pego um navio brasileiro, que deve ter uns navios brasileiros lá, é mais fácil sair. Quanto mais ao sul... eu quero é sair disso. Quando o avião subiu, não demorou nem vinte minutos, o piloto chamou a atenção: “Passageiros, prestem atenção: os senhores estão presos. O avião está preso no ar, já. Apertem o cinto, estamos presos”. Aí veio a ordem para o avião descer na Dinamarca. O avião desceu na Dinamarca. Chegando na Dinamarca, nós desembarcamos e eles tomaram o avião. Os alemães tinham ocupado esse porto na Dinamarca, esse campo de aviação. Eu fiquei lá e disse: “eu vou ficar aqui? Que negócio é esse?” E eu disse, “sabe de uma coisa, eu tenho que sair daqui”. E eu estava com um brasileiro, que era o Professor Lemos Torre de São Paulo. Ele foi comigo nesta trajetória. Eu disse “Lemos Torre, eu vou sair daqui e eu vou parar lá na Embaixada Brasileira, para dizer que estamos presos aqui... não é possível, que eu não vim para a Dinamarca, eu não tenho visto para a Dinamarca, tenho coisa nenhuma e estamos aqui presos no campo de aviação. *Péra aí* que eu vou passar”. Estava a polícia alemã, a guarda, mais ao canto. Eu me profilei, dei aquela passada de alemães e saí andando. Quando passei na frente dele levantei o braço e disse “*Heil Hitler*”, todo mundo fez continência. Quando eles fizeram continência, eu aí passei. Agora estou livre! Eu passo! Vou pegar um carro aí e vamos logo procurar o embaixador. Mas nada! Depois que eu cheguei mais adiante um desconfiou, correu atrás de mim e disse: “Mostre o seu passaporte. Não senhor, o senhor está preso”. Quase que eu passo... Aí voltei de novo, falei de novo com os alemães, “Olha nós não somos daqui, não temos nada com isso, queremos ir para a Holanda”. Ele olhou e disse “Vocês esperem aí que vem um avião fugindo com o Ministro da Polônia, ele vem fugindo para cá”. Bom, se ele vem para cá fugindo, é porque deve estar de acordo com os alemães e deve ter lugar. “Você quer ir neste avião?” “Quero”. Também, só nós dois fomos neste avião. O resto que estava por lá não quis ir,

todo mundo ficou com medo. Quando o avião desceu, nunca mais eu me esqueço! Um senhor e uma senhora, muito bem vestida, um vestido de luxo, com uma filha moça, cobertos de lama. Era o Ministro da Polônia, que vinha fugindo da Polônia, da guerra, da ocupação. E esse avião ia deixá-los em outro país, ia passar pela Polônia, ia para a Holanda, da Holanda ia não sei para onde... E então eu tomei esse avião e me deixaram na Holanda. Na Holanda, a coisa já ficou mais fácil, mas, também, problemas de novo, para sair. Cheguei na Holanda não demorou um segundo, quando eu cheguei no hotel, a polícia bateu na porta: “Me entrega o passaporte, o senhor está preso... já tem mais dois mil estrangeiros aqui, não tem lugar... na rua, de noite, nós estamos de prontidão esperando um ataque”. Tudo cheio de canhões antiaéreos no meio da rua, tudo cavado na cidade... Eu digo: “Eu não lhe dou o passaporte, não”. O ministro já tinha me aconselhado: “Nunca dê passaporte à polícia, senão depois você... tem brasileiro aqui que está enrascado por causa disso. Deixe ele lhe prender, mas não entregue”. “Não senhor, não dou o passaporte”. “Então o senhor vai ser preso”. “Quero ser preso, mas não entrego o passaporte. O senhor não me dá. Você quer ver, eu vou falar com o Embaixador do Brasil”. Eu liguei o telefone para o Embaixador do Brasil, do hotel. Quando atendeu ele disse: “Não entregue”. Ai eu chamei a Polícia e disse: “Olha aqui o que ele está dizendo”. Ele ouviu e disse “Está certo, então vá lá, você está entregue à Embaixada do Brasil”. E assim foi. E foi esse rolo. Deu trabalho.

Diógenes da Cunha Lima:

Como é que saiu da Holanda para cá?

Raul Fernandes:

Da Holanda já foi fácil. Um navio brasileiro que estava no porto – durante a guerra ele foi se arrastando e foi passando e chegou até a Holanda.

Diógenes da Cunha Lima:

Isso, em Amsterdã. Rotterdã, Amsterdã?

Raul Fernandes:

Em Rotterdã. Era um navio brasileiro. A viagem aí é que foi horrorosa. Foram quinze dias, todos condenados à morte. Todos nós. Pelo seguinte: a viagem no Canal da Mancha seria de três dias de navio, atravessava o Canal da Mancha e ia embora. O Canal da Mancha estava todo minado. Os submarinos alemães afundavam todos os navios. Era afundando. Afundavam uma média de dez navios. E o navio não podia andar. Era preso toda hora. Os ingleses prendiam porque se você caminhar, vai bater numa mina e se acaba. E o Comandante – eu me dava com ele - dizia: “É Raul, uma situação difícil. O que a gente vai fazer?” Eu digo: “É isso mesmo”. Agora, a gente dormia com a porta do camarote aberta, todos de salva-vidas, já prontos. Assim passei quinze dias. O que me salvou foi o uísque, que tinha a bordo. Mas quero dizer o seguinte: o medo, o pessoal todo com medo, não tinha onde dormir. Dentro do navio, os milionários do Rio de Janeiro. Cheio, milionários, esse povo importante... tudo dormindo no tombadilho, não havia lugar para ninguém. Coisa terrível. E eu fui privilegiado, porque o Embaixador da Suécia, que era muito meu amigo, pediu uma reserva de um

camarote para mim e quando eu cheguei a bordo eu pedi, eu disse: “Eu tenho uma reserva no camarote”. Aí o Comissário disse: “Não, aqui tem milionário do Rio, gente importante, não tem, não”. Não é possível! Cheguei para o Comandante: “Senhor Comandante, tem um camarote reservado para mim”. Ele disse: “Tem um aí para Raul Fernandes”. Ele pensava que era o Embaixador. Eu disse: “Não, sou eu”.

Alvamar Furtado:

Porque tinha um embaixador com o seu nome.

Raul Fernandes:

Com o meu nome... Então nós, no navio, o navio foi preso e foi levado para Dover, na Inglaterra. Quando chegamos em Dover, o navio não atracou, ficou distante, mas existiam mais de quarenta navios, presos já. Eles queriam os navios todos para tirar a carga. O nosso navio foi preso porque tinha uma carga de armamentos comprados na Alemanha, que vinha para o Brasil. Então o inglês disse: “Vocês estão presos e vamos levar vocês para Liverpool para tirar a carga”. Vejam só! Tudo minado, tudo lento... o navio andava quinze minutos, parava... não podia andar... era um problema. Dali, faltou combustível. O Comandante explicou para os ingleses: “Nós estamos sem combustível, vocês nos vendem?” “Não, nós não vendemos combustível”. “Então nós vamos comprar na Bélgica”. Aí ele deixou. Mas controlando. De vez em quando chegava um navio de guerra pequeno, inglês, cercava o nosso navio com metralhadora, com aquilo tudo, subiam a bordo. Era controlado, o navio. Nós fomos até a Bélgica. Chegamos no porto da Bélgica, o comandante disse: “Vou dar essa carga todinha para os belgas e eles nos dão o combustível que precisamos para o navio”. Eu sei que ele passou dois dias lá só botando combustível e entregou a carga. Quer dizer, o inglês perdeu a carga, o inglês estava interessado na carga. Aí o navio saiu, preso de novo. E assim continuou e depois não tinha mais carga. Os ingleses disseram “E a carga?” “Está perdida. Nós deixamos lá”... “Oh...” E continuou-se assim... Depois estivemos no Havre, presos. Tiraram mais ou menos uns dez brasileiros, que foram presos e levados para um campo de concentração, porque as mulheres eram alemãs casadas com brasileiros. Eles consideravam alemão, prenderam e colocaram no campo de concentração. Lembro-me, porque assisti tudo isso. Então a polícia, no Havre, toda gente eles chamavam e investigavam. E fizeram perguntas: “O senhor, Dr. Raul, o senhor conhece a Alemanha?” “Conheço todinha”. “Eles estão com muita raiva dos franceses?” “Não. Eles não consideram vocês adversários lá não. Isso não consideram não”.

Alvamar Furtado:

Isso a França não tinha sido ocupada, ou já tinha sido?

Raul Fernandes:

Não, não. Foi o começo da guerra. No começo da guerra a França ocupou um pequeno território alemão. No começo da guerra. Quando a Alemanha invadiu a Polônia, a França invadiu um pequeno pedacinho. Logo depois a Alemanha veio e botou tudo para fora...

Alvamar Furtado:

De lá você veio direto para o Rio de Janeiro?

Raul Fernandes:

Não, passei em Portugal seis dias. O navio parou lá. Passamos seis dias em Portugal. De Portugal foi fácil, aí foi bom. E diziam que só tinham... quando cheguei no Brasil o rádio anunciava – até hoje a Inglaterra, a rádio da Inglaterra dizia que só tinha prendido dois navios neutros. Somente em Dover, na cidade de Dover, nós vimos no porto mais de quarenta navios presos. Eles disseram que só tinham prendido dois. Isso é para mostrar como são as coisas... Enfim...

Alvamar Furtado:

Raul, me diga uma coisa: depois você fez uma viagem maravilhosa. Outra viagem à Europa, à Alemanha, já depois da guerra, você viajou no Hindenburg...

Raul Fernandes:

No Hindenburg, não, foi na primeira viagem. Na primeira viagem, em 36...

Alvamar Furtado:

Antes da guerra?

Raul Fernandes:

Antes da guerra.

Alvamar Furtado:

Quer dizer que a sua viagem no Hindenburg foi antes da guerra?

Raul Fernandes:

Foi antes da guerra. Aí eu peguei o Hindenburg e vim para o Brasil. Foi uma viagem maravilhosa, isso daí, não tem *pra* onde, porque ele voava baixo, lento, mostrando tudo. Então eu tive oportunidade de ver a África, ele cortou o deserto de Saara, ele parava no ar e ficava a cento e poucos metros, duzentos metros de altura, nós ouvíamos o pessoal gritando lá em baixo, passando por aqueles povoados, nós pudemos ver tudo aquilo. Muito interessante.

Alvamar Furtado:

Você fez outra viagem no Zepelim?

Raul Fernandes:

Não. Foi essa. Já estava em guerra, logo depois esses Zepelins, todos que voltaram para a Alemanha passaram a fazer transporte, com aliança feita com a Rússia, da Rússia para a Alemanha. Depois, eles precisaram de alumínio e destruíram tudo. Foram todos destruídos. Foi assim. Esses balões todos foram destruídos.

Alvamar Furtado:

Você, depois da guerra, voltou à Alemanha ainda?

Raul Fernandes:

Não. Não voltei mais. Eu ainda pensei. Eu estava com minha esposa lá em Paris e eu tinha vontade de ir à Alemanha. Mas eu fui em Paris a um cinema mostrando como estava a Alemanha. E digo: “não quero mais vê-la”. Tudo destruído!

Alvamar Furtado:

Quando você esteve na Áustria, em Viena, foi na mesma época que você estava na Alemanha? Você saiu da Alemanha para ir para a Áustria?

Raul Fernandes:

Eu saí da Alemanha e passei uma temporada na Áustria estudando, em Viena. A Áustria é muito interessante, é um país muito bonito, tem um parque no centro que é uma maravilha e toda tarde, começa às duas horas da tarde e vai até alto tempo, orquestras enormes tocando valsas... uma beleza!

Alvamar Furtado:

Raul, me diga...

Raul Fernandes:

... sim, e tem um tablado para dançar!

Alvamar Furtado:

... Na sua volta, com a sua experiência médica, você foi aproveitado no Rio de Janeiro? Essa experiência toda, você teve a oportunidade de usar?

Raul Fernandes:

A coisa é o seguinte: eu cheguei no Rio de Janeiro e o Rio de Janeiro não tinha condições para nada, para fazer nada disso que eu aprendi. Não tinha. Mas Paulino, que estudava muito, lia muito – eu não conhecia Paulino - ele me telefonou. Ele foi informado... “Raul, me apareça aqui”. Logo quando eu cheguei no Rio. “Eu sei que você faz tudo isso, mas eu preciso disso aqui no hospital, porque eu quero fazer cirurgia torácica, eu só estou fazendo cirurgia abdominal. Você vem?” “Vou”. Aí pronto, ele me nomeou lá no serviço e eu fiquei uma temporada no Rio e trabalhei muito com ele nisso. Mas tudo isso é difícil, fazer alta cirurgia e coisas assim no Brasil...

Alvamar Furtado:

Mas dessa sua experiência, desse seu trabalho cirúrgico lá no Rio de Janeiro, o que foi que representou um ponto digno de você registrar nesse seu depoimento?

Raul Fernandes:

O importante é que eu criei...

Alvamar Furtado:

A intervenção pulmonar...

Raul Fernandes:

Eu criei prestígio, eu fiquei ... Todos os professores e esses médicos importantes, quando tinham problema, mandavam para eu resolver. Todos eles. Eu tinha, modéstia à parte, eu tinha doente do Brasil inteiro. Mas só tinha os abacaxis, porque o que eles pudessem resolver, eles resolviam.

Alvamar Furtado:

Houve um processo que você adotou, que ainda hoje não se repete isso, uma endoscopia pulmonar para efeito de coletar material para biópsia e para intervenção direta dos tumores...

Raul Fernandes:

É isso mesmo, isso eu fazia.

Alvamar Furtado:

Você fez isso?

Raul Fernandes:

Fiz isso à larga mão. Está aí no livro publicado.

Alvamar Furtado:

Está no livro publicado?

Raul Fernandes:

Isso eu fiz em larga escala. E depois eu fiquei clinicando no Rio, mas fiquei vendo um problema muito sério. Eram os nossos laboratórios de análises que eram fracos. Então eu tinha que mandar as lâminas e os exames para serem feitos nos Estados Unidos. Eu clinicava no Rio e mandava fazer lá, porque aqui tinha muito erro, muito difícil. Essa parte científica, técnica, nós estamos um bocado distantes.

Diógenes da Cunha Lima:

Como foi o seu retorno a Natal?

Raul Fernandes:

Justamente foi isso. Foi minha mãe que eu vim visitar. Então eu aqui, na casa dela, começa a vir doente do interior, o pessoal mandava para eu operar. Ninguém operava. Eu ia lá no hospital, era o Januário Cicco que era o diretor. E eu operando, operando. Ai Januário disse: “Você não quer trabalhar aqui, não?” Eu digo: “Não, não quero não”. Mas operando doentes, operando, operando... aí, no fim de uns três meses, eu ganhei um dinheirinho. Tinha doente rico, tinha de todo canto. Não tinha quem operasse... Aí eu disse para minha mãe: “Vou embora. Meu lugar não é aqui não, vou embora, vou lá para o sul, vou lá para o Rio, do Rio vou embora para outro canto, mas não fico aqui não”. Ela disse: “Quanto você queria” – isso é verdade – “quanto você... para você ficar em Natal, se ganhar,

quanto você queria?”. Eu digo, “Ah, mamãe, se eu fizesse três mil cruzados aqui em Natal, eu ficava”.

Alvamar Furtado:

Três mil réis.

Raul Fernandes:

É, três mil réis. “Eu ficava em Natal”. “E você, quanto fez agora?” “Fiz cinco. Mas não sei se vou ficar fazendo isso. Fiz cinco”. Tinha ganho cinco mil, era dinheiro à beça, uma fortuna. “Não, meu filho, então fique, faça caridade, demore mais”, mamãe pediu. Aí eu fui demorando, demorando, demorando...

Alvamar Furtado:

Quis sair e não pôde mais.

Apresentadora:

Professor, eu estou curiosa pela parte literária do senhor, esses dois livros *A Marcha de Lampião* e *Antonio Silvino*. Dá para o senhor fazer uma análise dos dois? Qual a diferença entre Antonio Silvino e Lampião?

Raul Fernandes:

Eu acho que eles são diferentes, muito diferentes.

Apresentadora:

Eles são, vamos dizer, são bandidos.

Raul Fernandes:

Sim, eram fora-da-lei, todos os dois, bandidos. Mas, os temperamentos e as pessoas, completamente diferentes. O Lampião não tinha instrução, nenhuma. O Lampião não sabia ler, ele mal escrevia uma coisinha, mal feita. Isso é a verdade. Tanto assim que logo cedo ele começou a praticar crimes e os irmãos dele foram mortos. Eram quatro irmãos. Dois, foram logo mortos. Um outro não entrou nesta parte. Ele, com dezesseis anos, já era assassino, roubando. Já Antonio Silvino é um caso diferente. Era de uma família importante. O pai dele tinha uma fazenda. Ele tinha recursos, era da família Moraes, uma família importante de Pernambuco, da Paraíba, inclusive no Rio Grande do Norte. Então, era uma família importante. E o pai dele era tão importante, que o pai dele tinha sido delegado na cidade, perto de onde tinha a fazenda. O pai tinha sido delegado na cidade. Muda a política, muda daqui para acolá, terminou o pai dele sendo assassinado. Eles então, para mostrar que tinham certa educação, certa cultura, eles não mataram os assassinos do pai deles, prenderam e entregaram à polícia. Julga daqui para acolá, eles foram absolvidos, mandados para Recife e depois voltaram para novo julgamento e aí soltaram. Quer dizer, tinha sido a mando... Os mandantes soltaram. Aí, ele revoltou-se e resolveu se vingar desses mandantes que mandaram matar o pai dele. Aí foi que ele entrou no cangaço. Foi assim. Há esta diferença.

Apresentadora:

O senhor conheceu Antonio Silvino?

Raul Fernandes:

Antonio Silvino, conheci.

Alvamar Furtado:

Há uma coisa curiosa. Você foi sempre um homem de ciência, um pesquisador, um estudioso, preocupou-se com a sua profissão, com a sua especialidade, como você despertou o interesse pelo estudo do cangaço no nordeste? O que foi que o levou a mudar a sua curiosidade de um plano para o outro?

Raul Fernandes:

Justamente. O que há é o seguinte, a correnteza leva o homem. A coisa é o seguinte, eu jamais pensei nisso e quando médico eu jamais escrevi sobre cangaço. Tanto assim, que todos os escritos que eu tenho aí são coisas assim, mas não cangaço. Mas aconteceu justamente que Lampião atacou a casa do meu pai. E ninguém foi entrevistado na casa do meu pai. Ninguém. E todo mundo escreveu sobre Lampião, no Rio Grande do Norte, sem ter entrevistado aquele pessoal lá de casa, que lutou, foi quem lutou, foi o pessoal lá de casa.

Alvamar Furtado:

Seu pai foi quem chefiou...

Raul Fernandes:

É. E o pessoal que lutou, que eu conhecia todo, ninguém foi entrevistado. Então, tudo o que estava escrito era errado. E a minha mãe dizia lá em casa: “meu filho, escreva contando a história. Olha aqui, escreveram agora, saiu um artigo, nada disso é verdade, nada disso é verdade, escreva”. “Não, não posso, sou médico e se eu escrever qualquer coisa vão me chamar de literato, e eu não sou...” (**risos**) Então, a coisa foi passando, mas eu fui pegando documentário e fui entrevistando todos, um por um, pegando documento em todo lugar. Depois que eu me aposentei, então, pronto, fiz o livro.

Alvamar Furtado:

Você se dedicou...

Raul Fernandes:

Porque pediam. Todo mundo pedia a história.

Diógenes da Cunha Lima:

Sanderson Negreiros me disse hoje do entusiasmo de Frederico Pernambucano, que é um grande estudioso do cangaceirismo do nordeste, sobre a sua obra. Realmente, parece que era uma figura má o Lampião, enquanto que Antonio Silvino tinha alguns gestos...

Raul Fernandes:

Antonio Silvino não matava ninguém para roubar, nem nada. Era vingança, só.

Alvamar Furtado:

Mas as fontes de Lampião foram mais fáceis para você do que deste seu outro livro, não?

Raul Fernandes:

Aconteceu o seguinte: esse segundo livro...

Alvamar Furtado:

Porque você pegou muita gente viva ainda que lhe deu depoimento...

Raul Fernandes:

Sim, que me deu o depoimento todinho. Não, mas de Lampião, também lá em casa, tem aquele pessoal todo. O Jararaca, que era o bandido mais importante de Pernambuco – Lampião não era conhecido, ninguém sabia o que era Lampião, Lampião, para o pessoal lá em Mossoró, era um candeeiro, ninguém sabia de bandido, não se falava nele, não. Falava-se em Jararaca, que era o terror de Pernambuco. Tanto assim que, quando Jararaca foi preso e baleado lá em Mossoró, papai recebeu dois telegramas do governador de Pernambuco pedindo para ele confirmar se tinha sido mesmo Jararaca, querendo acreditar que ele tivesse sido preso e baleado, porque era um bandido importante. Não era Lampião, não. Lampião, depois, ficou famoso.

Alvamar Furtado:

Raul, não havia uma versão de que este bandido foi enterrado vivo?

Raul Fernandes:

Quem, Jararaca? Não, não. Eu estive com os dois, os três camaradas que o mataram e o chofer que o levou. Eu conheci Jararaca muito bem, porque eu ia com o médico que era João Marcelino, morava na frente da minha casa, eu ia com ele de automóvel à cadeia para tratar de Jararaca. Jararaca estava muito doente, muito mesmo. Estava com um pulmão perdido, um braço sem movimento e uma perna com um tiro na coxa, muito grave. Inflamação. Ele não andava, não tinha força nenhuma, nem nada. E estava anêmico, porque ele teve hemoptise gigantesca, porque uma bala atravessou o pulmão. Então ele foi levado às onze horas. Eu sei exatamente, porque os três camaradas que o mataram me contaram tudinho. Eu conversei com um, depois com outro, com outro e foi exato. E o chofer também que o levou. Ele foi levado para o cemitério. Quando chegou lá os dois camaradas que estavam sentados ao lado dele, ele estava sentado no chão do automóvel. Automóvel, naquele tempo, tinha duas cadeiras na frente, tiraram – não era? Tinham cinco lugares, tinha automóveis com cinco lugares atrás. Então tiraram aquilo e ele estava sentado embaixo, no chão. Foi colocado, porque ele não tinha condições. E quando o automóvel parou, um outro disse: “Está na hora”.

Era para matar. Aí um outro pegou o rifle, meteu o rifle na cabeça dele. Meteram o rifle... *pá, pá, pá...* Ele aí...

Alvamar Furtado:

Quer dizer, mataram o homem para depois enterrar.

Raul Fernandes:

É. Aí arrastaram...

Alvamar Furtado:

Não enterraram vivo.

Raul Fernandes:

Eu sei com minúcias. Arrastaram-no de dentro do carro e jogaram no chão. E, naturalmente, o sujeito morre, mas fica ainda o coração batendo, fica estrebuchando. Aí viram ele estrebuchando e disseram: ele está vivo. Outro foi lá, pegou um punhal e meteram o punhal no coração.

Alvamar Furtado de Mendonça:

Isso foi um ritual de ...

Raul Fernandes:

Aí levaram para o cemitério e enterraram

Alvamar Furtado:

... barbarismo

Raul Fernandes:

Barbarismo. Foi uma coisa errada. Meu pai não sabia, ficou horrorizado quando soube.

Alvamar Furtado:

E isso ficou correndo mundo...

Raul Fernandes:

Sim, certo. Eu me lembro que quando o meu pai soube, ficou horrorizado, "Não deviam ter feito isso..." Deviam ter mandado para Recife, em Recife ele tinha crimes para ser morto...

Alvamar Furtado:

E as condições dele eram muito precárias para ele sobreviver...

Raul Fernandes:

É, ele estava gravemente doente. Tanto assim que na cadeia ele ficou solto. Eu mesmo falei lá com o chefe da cadeia, eu e João Marcelino. Nós falamos com o chefe da cadeia, para tirá-lo de dentro do quarto, onde ele estava preso com os outros. Ele não tinha condições de andar, não respirava direito, nem coisa

nenhuma, porque ele não tinha sangue, estava anemiado, perdeu sangue à beça...

Diógenes da Cunha Lima:

Dr. Raul, outros cangaceiros chamaram também a sua atenção, além desses aí, por exemplo, Jesuíno Brilhante?

Raul Fernandes:

Não. De Jesuíno Brilhante eu não conheci nada, é de outra geração para trás.

Alvamar Furtado:

É anterior a Antonio Silvino.

Raul Fernandes:

A Antonio Silvino. É anterior. Agora, sim, quando eu escrevi sobre Lampião, eu fui a esses lugares ali perto de Mossoró e entrevistei esse pessoal todinho, para não contar história errada.

Alvamar Furtado:

Toda gente viva ainda

Raul Fernandes:

É, gente viva, que esteve presa, tanto que o retrato está aí, o camarada que ficou tomando conta do burro de Lampião, quando ele foi atacar lá em casa, conversei muito com ele, tirei o retrato, está aí no livro... toda essa gente eu estive nas casas, tudo o mais, fiz pesquisa... Mas, uma coisa me chamou a atenção: muita gente que eu entrevistei, todo mundo só falava em Antonio Silvino. Então eu colhi um bocado de coisa sobre Antonio Silvino. Chegando aqui em Natal, encontro Rômulo Wanderley, que você conheceu muito, que era muito meu amigo, Rômulo Wanderley. Eu digo: "Rômulo, você vai escrever sobre Antonio Silvino, porque eu estou com o livro..." "Não, mas eu não tenho nada, nem eu vou pesquisar, eu gosto de escrever copiando de jornal, de coisa assim, mas esse negócio de fazer pesquisa como você faz, eu não quero não". Eu digo: "Não, mas eu estou com um material muito grande já de Antonio Silvino aqui no Rio Grande do Norte. Eu lhe ajudo". Aí ele aceitou. Mas logo depois, bem uns dois meses, ele adoeceu e morreu. Ai eu fiquei com a obrigação, muita gente... foi por isso que eu escrevi.

Alvamar Furtado:

Raul, há outra versão também sobre o ataque de Lampião a Mossoró que ele entrou numa fria. Ele psicologicamente, dizem que ele ficou chocado com o número de torres de igreja.

Raul Fernandes:

É...

Alvamar Furtado:

É verdade isso?

Raul Fernandes:

É, é verdade. Ele disse que cidade que tem mais de uma torre, ninguém ataca não. Cidade que tem mais de uma torre... Mossoró tinha umas três torres de igreja, é cidade que tem mais de uma torre. E, segundo, Lampião jamais quis atacar Mossoró.,

Alvamar Furtado:

Ele não chegou a entrar em Mossoró, não é?

Raul Fernandes:

Não, ele ficou atrás da casa do meu pai e entrou dentro do cemitério. Eu estive no lugar onde ele ficou, dentro do cemitério. Mossoró foi atacado pelo bando de Jararaca e Massilon e outros dois... foram cinco bandos.

Diógenes da Cunha Lima:

Parece que eram bandos, mas subordinados à orientação dele.

Raul Fernandes:

Não. Eram cinco bandos independentes. Aí se uniram para atacar e o colocaram como sendo o chefe. Só isso. Tanto assim que ele quis voltar, quando estava perto, eu digo no livro, teve gente que assistiu tudo isso. Eu conversei com pessoas que assistiram o diálogo. Lampião quis voltar, disse, “Não vou atacar Mossoró”. No começo ele reagiu muito para voltar.

Alvamar Furtado:

Ele hesitou, não é?

Raul Fernandes:

Porque papai mandou dizer pelo portador que esteve lá em casa – teve um portador que foi lá em casa – papai mandou dizer que tinha dois mil homens. Enganou, mostrou um caixão cheio de bala e disse “Tudo isso aqui é bala”. Não era não. Só tinha um caixão. Ele mostrou e disse: “Está todo mundo armado, a cidade todinha, diga a Lampião que eu tenho é bala para ele”. Ele contou para Lampião, e Lampião ficou assim, tal, “não acredito nisso não”, mas ficou com medo.

Alvamar Furtado:

Raul, me diga uma coisa: naquela altura, Mossoró ficou entregue à sua própria sorte. Organizou a sua resistência com rapazes, com a juventude... sob o comando de seu pai?

Raul Fernandes:

Não. Não foi bem assim. Papai foi informado, quase um mês antes, que os bandidos iam atacar Mossoró, estavam se reunindo...

Alvamar Furtado:

Houve um pré-aviso.

Raul Fernandes:

Ele tinha um amigo na Paraíba, um compadre dele, fez uma carta a ele – eu digo tudo isso no livro – fez uma carta a ele dizendo que ele se preparasse que esses bandidos todos iam se unir e atacar Mossoró. Porque no interior não havia dinheiro e os bandidos queriam achar um lugar que tivesse dinheiro. E Mossoró tinha fama de ser a cidade mais rica do nordeste. E na época era. Basta dizer que havia navios que iam para lá, muitos... Então eles precisavam de dinheiro. Então, tem de atacar o lugar que tem dinheiro. O que adianta ele tomar esse povoado aí, brigar, e não ter dinheiro? Mas papai falou na prefeitura, ninguém acreditou. Pediu ao Governador força para Mossoró, ele não acreditou. Aí... eu disse a ele: “Papai dá o fora daqui, vai embora daqui, porque ninguém está acreditando no Prefeito, se acha que ele vem, o senhor vai ficar aqui só para brigar com isso?” Então, a notícia que vinha é que ele tinha mais de duzentos homens, aí é que está. Pelo seguinte, o bando dele é pequeno, mas quando caminha para atacar, para roubar, começa a ingressar gente no caminho, vai entrando. “Venha, venha, venha!” Vão dando armamento e vêm.

Apresentadora:

Dr. Raul, o que o senhor acha que provocou, que foi a causa do banditismo no nordeste?

Raul Fernandes:

O banditismo sempre existiu no mundo onde não há policiamento de espécie alguma. Não havendo policiamento de espécie alguma, o fazendeiro, tudo mais, só se defende se armando e tem de colocar gente armada para defender. É o banditismo. Como está havendo agora...

Alvamar Furtado:

Injustiça social, também.

Raul Fernandes:

É como está atualmente na Baixada Fluminense. Sabe que matam lá uma média de 30 a 40 pessoas na Baixada Fluminense? Sabe quem mata? São os próprios da Baixada Fluminense, matando aqueles bandidos, porque não tem polícia...o sujeito para morar lá, como é que se defende? Tem que pagar um camarada, ele se arma e mata.

Diógenes da Cunha Lima:

Mais uma observação, que pode ser interessante: você disse que tinha medo de ser chamado... queria ser médico ... como foi o seu ingresso na Academia?

Raul Fernandes:

Onde, qual academia?

Alvamar Furtado:

Norte-rio-grandense de Letras.

Raul Fernandes:

Ah! Nunca pensei nisso não. Eu não sou literato. Eu leio muito, modéstia à parte, toda a vida, estudei, mas...

Alvamar Furtado:

Quem é o seu patrono?

Raul Fernandes:

É Fagundes, Joaquim Fagundes. Aí meu livro saiu, houve aquele negócio, e Veríssimo chegou e disse: "Raul, você vai entrar na Academia". "Vou nada, Veríssimo, que coisa nenhuma, eu sou nada, coisa nenhuma..." "Não, vai, vai, vai". E colocaram e pronto, fui eleito.

Alvamar Furtado:

Você está fazendo outra pesquisa agora, nesse momento?

Raul Fernandes:

Assim, objetivo, não, mas tenho outros assuntos para escrever. Eu estou pensando em uma coisa, escrever coisas... uma delas é o que vocês reclamaram aí e tocaram aqui em um assunto, é mostrar alguns dados quando estive na Alemanha, a minha saída da Alemanha. Eu nunca escrevi sobre isso nem nenhum amigo meu escreveu, porque eles tinham medo de escrever, na época não era interessante escrever. Mas agora já se pode escrever alguma coisa.

Diógenes da Cunha Lima:

Mas eu acho que podia reunir, Dr. Raul, já tem pensado assim num livro de Memórias, com toda essa memória rica, que é a sua? Por exemplo, agora mesmo, Mossoró começou a apresentar esse trabalho bonito da sua viagem ao Egito.

Alvamar Furtado:

Você podia fazer um livro de Memórias sobre a sua vida, abrangendo tudo, porque você tem uma vida muito rica... e você faria um excelente livro de memória.

Raul Fernandes:

Isso é bondade de vocês.

Alvamar Furtado:

Não, você tem bom estilo, o seu estilo é enxuto, é um estilo bom de ler.

Apresentadora:

Parece um roteiro de cinema, é muito bom.

Alvamar Furtado:

Muito bom, o seu estilo.

Diógenes da Cunha Lima:

Depois, o registro das grandes figuras, das suas grandes amizades. Por exemplo, eu sei da amizade com Tavares.

Apresentadora:

É uma pena...

Alvamar Furtado:

Às vezes eu tenho a impressão que a sua amizade com o Dr. José Tavares dá um capítulo...

Apresentadora:

Dr. Alvamar, é uma pena, mas está chegando ao final. O senhor tem alguma coisa para concluir, Dr. Raul Fernandes? Para terminar o papo?

Raul Fernandes:

Terminar o papo assim, contando história?

Apresentadora:

Não, para o senhor se despedir...

Raul Fernandes:

Ah, bom. Eu quero agradecer a bondade... Eu agora estou lendo, estou bancando o literato, como você está dizendo. Estou escrevendo e continuo estudando e lendo, escrevendo alguma coisa e eu pretendo continuar assim. Então, você vê o seguinte, numa reunião como essa, eu tenho ao meu lado dois literatos aqui. Eu fico honrado com isso. É uma honra para mim, porque eu sou humilde diante deles. Eu me sinto honrado com isso e quero agradecer essa distinção.

Alvamar Furtado:

Não cabe gozação...

Raul Fernandes:

Não, é isso mesmo. Eu me sinto muito honrado com tudo isso. É uma satisfação.

Apresentadora:

Então, obrigada ao senhor. Obrigada a Alvamar, obrigada ao Dr. Diógenes da Cunha Lima.

A propósito de seu Rafael

Armando Negreiros

Um homem apaixonado por todas as causas em que se metia. Nunca vi seu Rafael frio, ao opinar sobre um tema polêmico. Exaltado, partia sempre para o tudo ou nada. Assim foi com a família, para quem deu tudo, como para os amigos, a quem nunca faltou. Na política, da qual nunca quis nada, sempre tomou partido de forma incendiária, sem, contudo, nunca fazer inimizade pessoal. Adversário eventual, sim, inimigo, nunca. Era um homem radical, inclusive contra o radicalismo.

Lembro-me muito bem das discussões acaloradas que tinha com Manuel Negreiros, seu pai, a quem chamava de Seu Negreiros. Coincidência ou não, eu só o chamava de Seu Rafael. Desde a morte do seu pai em 1970, ele sonhava quase que diariamente em situações conflituosas, comentando em tom de brincadeira:

- Seu Negreiros não me deixa dormir... quando a insônia cede um pouco, começamos a brigar a noite inteira.

Lembro-me muito bem quando Seu Negreiros reclamava da sua maneira de falar, aberta e sem meias-palavras, contando algumas aventuras da forma mais franca possível. Respondia às admoestações de forma insolente, recordando a juventude do genitor:

- Mas quando Marquise Branca, a vedete mais cortejada da sua época, vinha se apresentar em Mossoró, o senhor ficava jogando champanha francês nela...

Seu Negreiros sorria com a resposta irrefutável, aliás uma das características dele: não deixar nada para dar o troco depois, era na hora, em cima da bucha, utilizando a sua memória, da qual se orgulhava com muita razão, pois era privilegiadíssima.

Com dona Elizabeth, sua prima legítima, tinha uma atitude incrivelmente ingênua para o seu temperamento: contava absolutamente tudo o que fazia fora de casa. Com certeza, por conta dessa sinceridade conseguia sempre o perdão por algum eventual escorrego. Personalidade tão forte quanto a do primo, as discussões não eram raras, mas sempre chegavam a bom termo, prevalecendo, na grande maioria das vezes, a opinião de Dona Elizabeth.

Assim foi quando resolvemos estudar no Rio de Janeiro. Pelo gosto dele teríamos ficado debaixo das suas generosas asas. Os quatro filhos homens lá se formaram em medicina, o que era um motivo de merecido orgulho. Passava os negócios à mulher – não tolerava o nome esposa e quando queria irritá-la chamava-a de *criatura* – e se mandava para o Rio onde ficava em férias totais durante dois, três e até quatro meses seguidos. A rotina era invejável: de manhã vestia um calção, uma camiseta, um capacete de engenheiro, colocava um enorme rádio no ombro, jornais e revistas debaixo do braço e ia para a praia de Copacabana, pertinho do nosso apartamento. Com o vento importunando, ele ia lendo os jornais e jogando as páginas fora, o que deixava alguns banhistas

furiosos. O jornalista, um italiano que se tornou seu amigo, ele só chamava de baitola.

- O que é baitola, Seu Rafael?

- É um sujeito forte, trabalhador e disposto como você!

- Ah, então eu sou um grande baitola, realmente!

À tarde tirava a sua sesta, que seu irmão Gabriel chamava *a hora do terror*, pois ninguém podia fazer o menor barulho, e depois ia assistir a filmes e tomar chope com os filhos até a hora de dormir. Visitava os parentes que são muitos no Rio, quando conversava até altas horas da madrugada.

Depois da leitura, seu lazer predileto, o que mais gostava era conversar e escrever. E, como consequência do primeiro era inigualável nos outros dois. Era difícil, difícilíssimo, alguém conseguir falar numa roda onde Seu Rafael estava: emendava um assunto no outro, sem dar trégua para os interlocutores, aliás, ouvintes. Quando alguém queria intervir, ou dar uma opinião, ele dizia rápido:

- Um minutinho, deixe-me só concluir...

Não tolerava quem concordava com tudo, dizia sim a todas as suas idéias. Certa vez reclamando de um funcionário que não discordava absolutamente de nada, pediu a minha opinião, ao que respondi:

- Eu acho que o funcionário está certo...

Faltei pouco apanhar porque fui de encontro ao que ele dizia, mas, no fundo, estava querendo adotar o que ele propunha.

Criei a fama de contestador, o que o levava muitas vezes a avisar logo no início da conversa:

- Quero vocês iguais a lagartixa, só balançando a cabeça afirmativamente e dizendo: sim, senhor! Sim, senhor!, sim, senhor!

Quando ele gostava de uma pessoa, esta que se preparasse, pois as suas demonstrações de afeto eram na base da porrada: bofete, chave de pescoço e empurrão para tudo que era lado, além de alusões não muito elogiosas à mãe e pai... Quando não gostava era um cumprimento formal. Quando se intrigava, às vezes o indivíduo nem tomava conhecimento, pois ele simplesmente ignorava.

Lia tudo em primeira mão. Quando escrevia para os filhos no Rio de Janeiro – era uma carta só, com cópias para todos – contava novidades que ainda não havíamos tomado conhecimento.

- Quer alguma coisa de tal lugar, Rafael? Tem alguma encomenda?

- Tenho: jornais. Todos os que conseguir, principalmente os do sul.

E, assim, quando nos perguntavam se queríamos alguma coisa para Mossoró, a resposta era a mesma: leve jornais para Seu Rafael.

Escreveu durante quarenta anos diariamente para jornais. Ia para o Rio e ficava um mês sem escrever porque já havia deixado trinta, quarenta artigos prontos. Excelente datilógrafo, não relia o que fazia e podia entrar e sair quem quisesse que ele enquanto conversava batia à máquina, sem interrupção. Gostava de parênteses longos, mas não perdia o fio da meada. Raramente perguntava:

- Onde eu estava?

E relembando a velha piada, respondíamos:

- Com a boca cheia de cabelos!

Um grande contador de anedotas, não tolerava estórias compridas e contava-as ao seu modo: conciso, objetivo e ilustrado.

Cultura vastíssima, entendia em profundidade de literatura, história, geografia e cinema. Da Segunda Guerra sabia até o nome dos generais japoneses. As suas leituras preferidas eram sobre a Segunda Guerra Mundial, ocasião em que citava dia, mês, ano e hora dos principais acontecimentos, bem como o nome dos personagens; História da Civilização; contos policiais, tipo X-9, Suspense, Mistério Magazine – tinha a coleção inteira – e todos os clássicos, sempre estava relendo os que mais admirava.

Não tolerava modismos, principalmente os vernaculares. Hoje, quando ouço falar em reengenharia, qualidade total, neurolingüística, terceirização, planejamento estratégico, lembro-me dele, ironizando a terminologia da época, dirigindo-se a um recém formado em Ciências Econômicas:

- O que você pensa do reequacionamento bem planejado das estruturas polivalentes, analisando do ângulo do liberalismo Keynesiano em contraposição a mais valia marxista, sem esquecer Adam Smith e a paleocivilização?

Ou falando com um jovem advogado:

- O que você pensa da interdição de um filho putativo, havendo primariamente a interpelação judicial? Ou, se preferir, fale-me sobre o vício redibitório...

Gravava todas as datas e quando não se lembrava de um nome, não descansava, nem deixava ninguém em paz, enquanto não se recordava e era sempre o primeiro a fazê-lo. Ia letra por letra do alfabeto até achar.

Tinha um arquivo, com recortes de jornais, com comentários e críticas sobre filmes, de forma que, quando passava determinada película, ele já sabia diretor, atores, produtor, se prestava, ou não.

- Eu posso ser irreverente, inconveniente, jamais!

Costumava dizer, quando acusado, de não ter papas na língua. Às vezes, por dispersão, não identificava parentescos e falava de um na frente do outro. Quando advertido da gafe, não perdia o rebolado:

- Mas, não é verdade mesmo!?

Tinha a propriedade de brincar com pessoas imbrincáveis e ninguém se aborrecia com ele. Era extremamente afetivo, embora não aparentasse. Ajudou dezenas de comerciantes que hoje são prósperos, políticos e amigos. Teve uma profunda decepção com alguns que não corresponderam no momento de um insucesso comercial. Veio uma depressão que deixou apreensiva toda a família. Mas o seu poder de recuperação era enorme e conseguiu superar a crise.

Negociou com açúcar, cerveja, madeira, motores, material de construção, ferro, arame farpado, estivas, cereais, secos, molhados, tudo em geral e usava como slogan: “desde suspensórios para cobra até freio para gato, temos de tudo”.

O humor sempre presente, satirizava, ironizava, mas nunca ofendia. Pelo seu espírito aberto, sem subterfúgios, sem mentiras, sem disfarces, foi vítima de algumas calúnias: escritos anônimos que as pessoas ofendidas atribuíam a ele. Pura calúnia. Sempre foi corajoso e assinou tudo o que escreveu. Era um homem sem medo. Se dizia frio, mas era um vulcão. Suas reações eram exponenciais,

tanto de afeto como de raiva. Raivas essas extremamente efêmeras. Se dava num filho, cinco minutos depois vinha beijar, arrependido.

Brigava e desbrigava na mesma hora. Mas, papai, o senhor ontem não estava defendendo exatamente o contrário?

- Estava, mas hoje não estou mais. Não sou estátua para ficar a vida inteira na mesma posição, sem nunca mudar. Eu mudei de opinião, não sei se para melhor ou para pior, mas a verdade é que não sou estátua!

Frustrou-se terrivelmente com Figueiredo – costumava defendê-lo dizendo que era tríplice coroadado -, e com Collor, que apoiou até as últimas evidências.

Um curioso em medicina, talvez o que nos tenha estimulado. Costumava surpreender médicos com perguntas insólitas. No início da década de oitenta, me perguntou:

- O que é sarcoma de Kaposi?

Surpreso, indaguei se não seria a reação variceliforme de Kaposi, que ocorre em pessoas que se vacinam contra varíola.

- Não, não é isso. É uma doença do sistema imunológico, relacionada com o sexo e que atinge apenas homossexuais masculinos.

Era a AIDS que tomei conhecimento por seu intermédio, nas suas leituras sobre todos os assuntos, sendo que ele levava uma vantagem enorme – a memória. Fixava nomes e datas com uma facilidade incrível. Escrevia sobre qualquer assunto como uma metralhadora, sem consultar absolutamente nada, só na memória. Quando indagado em que era formado, respondia:

- Em datilografia, com uma vantagem, nunca dei o último lugar a ninguém...

Há pessoas que vivem em grande agitação, aceleradas, alternando com fases de silêncio e depressão. São chamadas de ciclotímicos ou portadores de distúrbio afetivo bipolar. O normal de papai era apenas a primeira fase: sempre muito acelerado, dinâmico, transbordando energia. Presenciamos raras e tristes depressões, mas sempre reativas, sempre com um motivo muito forte.

Teve alguns episódios de forte dor abdominal e mais algumas crises, que acabou com o diagnóstico de cálculo biliar. Foi operado no Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro. Na época estava se sentindo otimamente, emagreceu para a cirurgia, tendo o cuidado de deixar por escrito a doação dos órgãos que pudessem ser aproveitados na eventualidade de um insucesso.

Já recuperado, muito satisfeito, certa vez me perguntou:

- E agora? Qual a doença que eu vou inventar? Porque eu tenho que ter alguma coisa para vocês me dedicarem maior atenção! Acho que vou inventar uma doença cardíaca, um problema no coração... riu um pouco e completou – mas como, se a minha pressão é 12 por 8?

Outra doença que ele tinha verdadeiramente pavor era a diabetes. Quando sabia que alguém sofria da doença, fazia logo o seu vaticínio, que era o mais sombrio possível. Tão sombrio que, se discordávamos ele insistia ao ponto de a gente pensar que ele estava torcendo contra.

Se tivesse câncer – acompanhou o sogro e o pai com tal patologia – não iria até o fim, arranjaría uma solução mais rápida. Edema agudo de pulmão era a pior morte, devia ser horrível, comentava.

Mas quis o destino, com a sua crueldade peculiar que seu Rafael viesse a ter um infarto do miocárdio silencioso, o que provocou um aneurisma de ventrículo que paulatinamente foi-lhe tirando a capacidade física numa associação com uma diabetes que lhe agravava o quadro. A diabetes lhe dava uma dor lancinante nos pés, o que piorava a sua insônia. A cardiopatia inibia o físico e limitava as suas atividades, contra a vontade e a força da mente.

Todos nós sentíamos que aquele vulcão, aquele poço de energia estava se apagando, contra a vontade de todos, inclusive a dele, que consciente, comentava:

- Estou bem pertinho de morrer... e olhava para a gente com uma ponta de esperança.

Mesmo assim ia abrir a sua loja, BRUNO FERNANDES & CIA., mas sabiamente foi passando as responsabilidades para a CIA, dona Elizabeth, a companheira de mais de 45 anos, de quem já estava quase totalmente dependente, pois, rebelde, só tomava os remédios se ela os desse.

Depois que, no ano de 1970, perdeu Seu Negreiros e a morte de um filho, Ricardo, com 17 anos, lhe levou uma banda, Seu Rafael tornou-se mais fechado, menos social, acabaram as rodas de conversa que varavam a madrugada da sua casa. Em 86 morreu Gabriel, o irmão mais velho. Seu Rafael cada vez mais curtido pela dor e pelo sofrimento.

Na sua doença comportou-se com um estoicismo inacreditável para quem o conhecia. Um carinho especial com os 16 netos que o adoravam, mostrava um homem bondoso que, apesar de ateu, estava resignado e consciente do seu destino.

A chama da sua energia não consegue sair da nossa lembrança, a idéia e a conscientização da morte só o tempo nos imporá, apenas o conforto de uma morte suave, durante o sono, sem o temível edema agudo de pulmão, graças às rezas diuturnas de Dona Elizabeth.

Vai ser difícil se acostumar com a idéia de que Seu Bruno está morto. A chama não se apaga.

Gostava de recitar um poema de Manuel Maria Barbosa du Bocage. É como se estivesse escutando a sua voz:

***Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões que me arrastava
Ah, cego eu cria; ah, mísero eu sonhava
Em mim, quase imortal a essência humana***

***De que inúmeros sóis a mente ufana
A existência falaz me não dourava
Mas, eis, sucumbe a natureza escrava!
Ao mal que a vida em sua origem dana***

***Prazeres, sócios meus e meus tiranos
Esta alma que sedenta em si não coube***

No abismo vos sumiu de desenganos

***Deus, oh Deus, quando a morte a luz me roube
Ganhe momentos o que perderam anos
Saiba morrer o que viver não soube***

Freqüentemente recitava alguns poemas, numa demonstração de memória fantástica. Reproduziremos alguns.

A SOMBRA, de Raimundo Correia:

***O corpo que hoje viste ao fim do dia,
Seguir para a cova que o esperava,
Oitenta anos viveu e não cansava;
Quem cansou foi a sombra que o seguia***

***Oitenta anos em sua companhia,
Arrastada por terra como escrava,
Só quando no escuro ele repousava,
Ela no escuro repousar podia.***

***Oitenta anos, liberta finalmente,
Agora, que o meteram num jazigo,
Sai, lesta e leve a espairecer contente***

***E parece que diz em júbilo profundo:
Enfim, só, depois de haver contigo,
Errado quase um século no mundo.***

Velha Anedota, de Artur de Azevedo

**Tertuliano, frívolo peralta,
Que foi um paspalhão desde fedelho,
Tipo incapaz de ouvir um bom conselho,
Tipo que, morto, não faria falta;**

**Lá um dia deixou de andar à malta,
E, indo à casa do pai, honrado velho,
A sós na sala, diante de um espelho,
À própria imagem disse em voz bem alta:**

**- Tertuliano, és um rapaz formoso!
És simpático, és rico, és talentoso!
Que mais no mundo se te faz preciso? -**

**Penetrando na sala, o pai sisudo,
Que por trás da cortina ouvira tudo,**

Severamente respondeu: - Juízo. -

As Pombas... Raimundo Correia

**Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...**

**E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...**

**Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;**

**No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...**

Olavo Bilac

**"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto ...**

**E conversamos toda a noite, enquanto
A via láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.**

**Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"**

**E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."**

O Velho Rafa Negreiros **Antonio Rosado Maia**

Escrevo sobre esta máquina que foi dele. Conversávamos sobre computador e máquinas de escrever. Tinha várias, e quis lhe comprar uma. Mandou que eu fosse comprar numa loja. Insisti que queria uma usada, dele, por dois motivos: primeiro, porque se um dia a gente brigasse de verdade, eu escreveria numa máquina que fora sua, descendo-lhe o sarrafo; depois que morresse, quem sabe, o seu espírito continuaria impregnando este teclado, inundando-o de inteligência e cultura.

- Nunca a gente vai brigar, e eu não acredito em alma. Sou ateu. Venha buscar a porra dessa máquina, seu merda!

O velho Rafa Negreiros. No primeiro parágrafo que escrevo as lágrimas vêm aos olhos, num soluço incontido a saudade é dor pungente. E como dói. Acaricio as letras desta máquina, como se ele fizesse um gesto de carinho. Ele que um dia chorou na minha casa, bebendo comigo e recordando o seu filho morto. Um amplexo de pai e filho, quando as coronárias são cordas de violino dilaceradas, no dizer do poeta.

Uma vez eu escrevi que dona Elizabeth tinha a paciência de quem se acostumou a conviver, por longos anos, com um louco varrido, um doido de pedra. E é verdade. O velho Rafa Negreiros tinha a centelha da loucura genial. Não fosse um homem de uma cultura monumental, certamente teria vivido interno num manicômio, jogando pedras na lua.

O velho Rafa viveu a plenitude da angústia metafísica do ser e do existir. Os livros não lhe saciaram a sede do saber, a curiosidade patológica. E escrevia para não se matar, para estar em intimidade com a vida, para não explodir. Era um desvairado supremo.

Quando argumentava, a sua lucidez impressionava, a força dos seus argumentos era demolidora. Assumiu uma perpétua posição anticomunista, vociferando permanentemente contra Stalin, a quem acusava, com estatísticas, de ser o mais sanguinário criminoso da história. Para Rafa Negreiros, Hitler era café pequeno, perto de Stalin. Prenunciou a queda dos países da Cortina de Ferro. O velho era profeta; visionário, enxergava além das ideologias aprisionadoras do intelecto.

Polígrafo, sabia de tudo, escrevia sobre tudo. Tinha o visceral gosto da polêmica, e uma linguagem desabrida, desabusada, irreverente. Dessacralizava os mitos, sem dó e sem piedade. O meu velho Rafa Negreiros era ainda melhor conversando que escrevendo. Ficava mais solto, sem qualquer vestígio de censura. Os palavrões tinham cadência, ritmo, harmonia, na sua voz. Especialmente quando carinhosos.

Eu discordava da maioria das incertezas absolutas do velho Rafa Negreiros, mas lhe queria um bem de filho pra pai. Penso que a recíproca era verdadeira. Sentia isso. Conversávamos longas horas, pessoalmente ou por telefone. Ultimamente lhe evitava, pois percebia que o simples esforço de falar muito tempo fazia mal ao seu coração dolorido. Agora o velho Rafa é apenas saudade. Habita o panteão dos meus mortos queridos. O universo intelectual potyguar está mais pobre. E eu me sinto órfão.

Rafael Negreiros

Breve biografia

Nasceu aos 15 de outubro de 1924 em Mossoró, filho de Manoel Fernandes de Negreiros e Maria Adelaide Gurjão de Negreiros. Manoel, seu pai, era filho de Porfírio Antunes de Negreiros e de Maria Fernandes Maia de Negreiros, conhecida como Cocota. Eram irmãos de Manoel, Solon, Diogo, Carolina, Margarida, Maria, Francisco, que morreu aos dois anos na floresta amazônica, José, Seledon e Fenelon.

Em 29 de outubro de 1948, Rafael viria a se casar com Elizabeth Fernandes de Negreiros, filha de Solon, portanto sua prima legítima, namoro iniciado no pós-guerra imediato, em 25 de agosto de 1945.

Com Elizabeth teve seis filhos: Paulo Eduardo, Armando Aurélio, Ricardo Rômulo, que morreu precocemente aos 18 anos, Rafael Bruno, Fernando Gabriel e Glenda Elizabeth, todos Fernandes de Negreiros.

A família Negreiros tem ramificações pelo Ceará, na cidade de Iracema e morou algum tempo no Amazonas, cidades de Manaus e Maués, atraída pelo eldorado da borracha. Com os objetivos frustrados, grande parte da família voltou, se instalando inicialmente em Pau dos Ferros e posteriormente em Mossoró.

A chegada em Pau dos Ferros foi dramática. Manoel, um dos mais novos, comandando a família de retirantes, faminta e sem abrigo definido, dirigiu-se inicialmente para a igreja, até que as coisas clareassem.

Manoel Negreiros acabou próspero comerciante em Mossoró, casado com Maria Adelaide, conhecida por Sinhá, tiveram cinco filhos: Gabriel, Ruth, Rafael, Rômulo e Maria Luzia.

Rafael terminou o curso de contabilidade na União Caixeiral, depois reconhecido como curso de nível superior. Sempre foi um leitor voraz de tudo, desde os clássicos até o almanaque capivarol. Se vangloriava de ser um excelente datilógrafo e quando lhe perguntavam em que era formado, brincava:

- Sou formado em datilografia, mas, tem um detalhe, nunca dei o último lugar a ninguém...

Possuidor de memória privilegiada e de uma inteligência fulgurante que, associadas a uma irreverência contundente, perfaziam uma personalidade forte, com respostas imediatas para qualquer tipo de provocação, aparentando um homem seco e rude, na realidade era um tímido carinhoso, de gestos largos e de coração mole, que nunca guardou rancor ou raiva de quem quer que fosse. Um cordeiro em pele de lobo.

Estudou no Colégio Diocesano Santa Luzia e depois foi interno num colégio de padres em Fortaleza de onde sempre se referia com amargas lembranças da disciplina castrense por lá adotada. Acabou abandonando o internato à revelia, surpreendendo o seu pai ao chegar em Mossoró em pleno período de aulas.

Logo cedo optou por trabalhar com o pai no comércio, tendo gerenciado um escritório de representações e depois montou o seu próprio negócio, a firma Bruno Fernandes & Cia. Ltda., fundada em maio de 1950, inicialmente tendo como sócios seus irmãos Gabriel e Rômulo e depois apenas a própria esposa, Elizabeth.

Foi convocado pelo exército na Segunda Grande Guerra Mundial, ocasião em que se deslocou para Natal e a seguir foi designado para servir na cidade portuária de Areia Branca. Sempre avesso à disciplina rígida, teve vários problemas com os superiores radicais e sempre se referia a um tal de Nilo Horácio de Oliveira Sucupira, como a caixa da intolerância, da truculência, da ignorância e do autoritarismo.

Ávido leitor, acabou se tornando especialista na Segunda Guerra. Quando esta começou em 1939 ele, aos quinze anos de idade, acompanhava todos os acontecimentos pelos jornais e rádios. Sabia todas as datas, nomes dos generais alemães, russos, japoneses, americanos franceses, ingleses, italianos e até dos brasileiros.

Em 6 de junho de 1945 o seu pai fez uma grande festa pela sua volta ao lar paterno ao final da guerra que, segundo ele, foi um herói em Areia Branca:

- Se peito fosse buzina, ninguém conseguia dormir, pois eu pagava a um colega para tirar o meu serviço e ia namorar...

No comércio trabalhou com uma grande diversidade de produtos: açúcar, cerveja, estivas e cereais, madeira, ferragens e o fatídico sal. Em 1965 deixou de comercializar madeira e passou a trabalhar com sal. No ano seguinte o governo autorizou a importação de sal e houve uma grande quebradeira nos comerciantes do ramo. A depressão foi grande, grave e profunda, mas foi vencida pelo seu ânimo inquebrantável.

Escreveu diariamente durante mais de cinqüenta anos em tantos jornais quantos tivessem na cidade: Diário do Oeste, O Mossoroense, Gazeta do Oeste e outros que a memória não me permite citar. Escrevia sobre tudo e sobre todos. Quando criança eu escutava diariamente comentários dos leitores:

- Seu pai escreveu exatamente o que eu gostaria de ter escrito!

Escrevia para a seção de cartas de revistas e jornais que sempre publicavam as suas missivas: Visão, Veja, Jornal do Brasil, O Globo, etc. Amante de livros, jornais e revistas, sempre que alguém ia viajar e perguntava se ele queria alguma encomenda, a resposta era a mesma:

- Jornais, todos e revistas, todas.

Era capaz de criar uma inimizade se não fosse atendido. Era viciado em jogar conversa fora com os amigos até altas horas da madrugada. Evito citar nomes para não cometer falhas.

Na política nunca se candidatou a nenhum cargo, mas sempre manteve posição definida. Amigo de Duarte Filho, sempre o acompanhou nas muitas derrotas. Grande amigo de Dinarte Mariz, foi o primeiro orador em Mossoró a favor de Aluizio Alves. Amigo de Djalma Marinho, apoiou Agenor Maria. Acusado de incoerente, rebatia:

- Eu não sou é estatueta para passar a vida inteira numa única posição com os passarinhos fazendo cocô na minha cabeça...

Além de ler, escrever e conversar era um cinéfilo que colecionava crítica da grande imprensa, principalmente do Correio da Manhã. Entre suas leituras preferidas o gênero policial se sobressaía, tendo toda a coleção do Mistério Magazine.

Dentre os seus grandes amigos constam os nomes de Padre Guido Tonelotto e Monsenhor Huberto Brüening. Quando lhe perguntaram se em Mossoró tinha intelectualidade, a resposta não foi outra:

- Deve ter... Dorian Jorge Freire, Jaime Hipólito Dantas, que hoje mora em Natal. Eu não me considero um intelectual. Me considero um sujeito inexpressivo. Não sou um homem rico e nem invejo fortuna de ninguém. O que eu tenho visto é que, em certas ocasiões, dinheiro faz é prejudicar mais...

Rafael Bruno Fernandes de Negreiros ocupou a cadeira 27 da Academia Mossoroense de Letras que tem como patrono o médico e ex-governador Rafael Fernandes Gurjão, irmão da sua mãe. O seu sucessor, em 22 de agosto de 1994 foi o advogado Antonio Rosado Maia – ver artigo.

Teve um infarto cardíaco silencioso que foi diagnosticado anos depois. Desenvolveu aneurisma de ventrículo e insuficiência cardíaca que limitava suas atividades. Bateu a tristeza e o silêncio. Dizia adorar a obscuridade. Partiu dois anos depois de parar de ter vontade de fazer as coisas, em 04 de 04 de 1994, dormindo.

Na escadaria do Instituto Histórico e Geográfico.

Da esquerda para a direita e de cima para baixo:

Virgílio Trindade, Otto de Brito Guerra, Paulo Viveiros,
Américo de Oliveira Costa;

Onofre Lopes, Edgar Barbosa, Nestor Lima, Francisco Ivo
Cavalcanti, Raimundo Nonato da Silva;

Hélio Galvão, Antonio Fagundes, Manuel Rodrigues de Melo,
Aderbal França, Eutiquiano Reis;

Floriano Cavalcanti, Bruno Pereira, Palmira Wanderley,
Carolina Wanderley

Mathias Maciel, Eloy de Souza, Juvenal Lamartine, Antonio
Soares de Araújo